

AVES MIGRATÓRIAS OCORRENTES NO PANTANAL: DIVERSIDADE, ROTAS E CONSERVAÇÃO



ALESSANDRO PACHECO NUNES

ANGÉLICA VILAS BOAS DA FROTA

BRENO DIAS VITORINO

DALCI MAURICIO MIRANDA DE OLIVEIRA

FERNANDO COSTA STRAUBE

GABRIEL OLIVEIRA DE FREITAS

JOÃO BATISTA DE PINHO

JÉSSICA ANDRADE DE OLIVEIRA

LUIZ ALBERTO PELLEGRIN

MARISTELA BENITES

RUDI RICARDO LAPS

SIMONE MAMEDE

WALFRIDO MORAES TOMAS

AVES MIGRATÓRIAS OCORRENTES NO PANTANAL: DIVERSIDADE, ROTAS E CONSERVAÇÃO



Eduardo Riedel

GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

José Carlos Barbosa

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

APOIO INSTITUCIONAL

Jaime Elias Verruck

SECRETÁRIO DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO,
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Artur Henrique Leite Falcette

SECRETÁRIO ADJUNTO DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO,
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Ana Cristina Trevelin

SECRETÁRIA EXECUTIVA DE MEIO AMBIENTE

Samuel Kaywá Arruda Pereira

SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE ATIVOS AMBIENTAIS

Leticia Siqueira Walter

COORDENADORA

Bruna Gomes de Oliveira

COORDENADORIA DE INCENTIVOS AOS SERVIÇOS AMBIENTAIS

Pedro Mendes Neto

COORDENADOR

Hemilly Thalia Ferreira da Silva

COORDENADORIA DE NORMAS E GOVERNANÇA AMBIENTAL

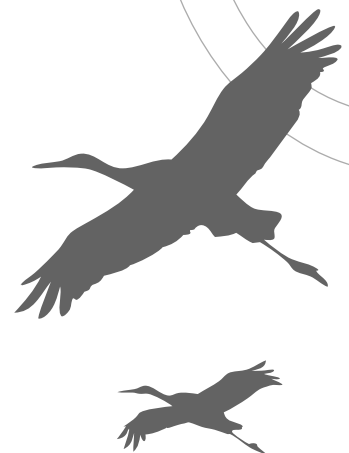


AVES MIGRATÓRIAS OCORRENTES NO PANTANAL:

DIVERSIDADE, ROTAS E CONSERVAÇÃO

CAMPO GRANDE, MS
2026

ALESSANDRO PACHECO NUNES
ANGÉLICA VILAS BOAS DA FROTA
BRENO DIAS VITORINO
DALCI MAURICIO MIRANDA DE OLIVEIRA
FERNANDO COSTA STRAUBE
GABRIEL OLIVEIRA DE FREITAS
JOÃO BATISTA DE PINHO
JÉSSICA ANDRADE DE OLIVEIRA
LUIZ ALBERTO PELLEGRIN
MARISTELA BENITES
RUDI RICARDO LAPS
SIMONE MAMEDE
WALFRIDO MORAES TOMAS



AUTORES

Alessandro Pacheco Nunes

Bolsista CNPq (Projeto Indicadores de Saúde Única no Pantanal), Fiocruz/Embrapa Pantanal, Corumbá, MS.

Angélica Vilas Boas da Frota

Centro de Pesquisa de Limnologia, Biodiversidade, Etnobiologia do Pantanal, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT.

Breno Dias Vitorino

Centro de Pesquisa de Limnologia, Biodiversidade, Etnobiologia do Pantanal, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT.

Dalci Mauricio Miranda de Oliveira

Acquavis Socioambiental Ltda. Cuiabá, MT.

Fernando Costa Straube

Organização Não Governamental ISIS Brasil, Curitiba, PR.

Gabriel Oliveira de Freitas

Icterus Ecoturismo, Corumbá, MS

João Batista de Pinho

Laboratório de Ecologia de Aves - Centro da Biodiversidade, Instituto de Biociências – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT.

Jessica Andrade de Oliveira

Plataforma Institucional Biodiversidade e Saúde Silvestre (Pibss/Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ.

Luiz Alberto Pellegrin

Laboratório de Geoprocessamento, Embrapa Pantanal, Corumbá, MS.

Maristela Benites

Instituto Mamede de Pesquisa Ambiental e Ecoturismo, Campo Grande, MS.

Rudi Ricardo Laps

Laboratório de Ecologia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS.

Simone Mamede

Universidade Federal do Tocantins, Arraias, TO.

Walfrido Moraes Tomas

Laboratório de Vida Selvagem, Embrapa Pantanal, Corumbá, MS.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aves migratórias ocorrentes no Pantanal [livro eletrônico]: diversidade, rotas e conservação. - Campo Grande : Ed. dos Autores, 2026.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-01-98123-9

1. Aves - Brasil 2. Pantanal Mato-grossense (MT e MS).

26-342604.0

CDD-597.098171

Índices para catálogo sistemático:

1. Aves : Pantanal : Zoologia 597.098171
Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Esta publicação foi realizada com recursos do Convênio nº 2025TR002155, firmado entre a Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação de Mato Grosso do Sul – SEMADESC e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE/MS, com recursos do PRÓ-DESENVOLVE – Fundo Estadual Pró-Desenvolvimento Econômico e do FUNTER – Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Econômico e de Equilíbrio Fiscal do Estado de Mato Grosso do Sul. As opiniões expressas nesta obra são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a posição institucional das entidades financiadoras.

Apresentação

Com surpresa e gratidão recebi o convite para apresentar este livro. A ornitologia não faz parte de minha trajetória científica e, certamente, esta tarefa seria mais fácil a um especialista. Mas, desde 2005, faço pesquisas no Pantanal e o convite do Alessandro foi, além da surpresa, um convite a me debruçar e a conhecer a riqueza e detalhes das aves migratórias do Pantanal.

A dinâmica pantaneira é fascinante. É palco de enorme biodiversidade e pouso para a chegada e partida de aves migratórias, uma das estratégias de vida mais surpreendentes da evolução das espécies. É com o olhar sobre a riqueza de espécies, abrigada na maior bacia inundável no centro da América do Sul, que vejo este livro. A reunião acurada e caprichosa de anos de observações e tratamento de dados realizados por 12 autores que revelam com excelência a ocorrência de 192 espécies em 135 sítios do Pantanal, nos dois estados que o compreendem. Não se trata apenas de uma lista de espécies e pontos no mapa, mas da ampla cobertura territorial e qualidade das informações e imagens no contexto ecológico em que vivem.

O momento para a publicação desta obra também não poderia ser mais adequado. Estamos às portas da 15ª Convenção das Nações Unidas sobre a Conservação das Espécies Migratórias de Animais Silvestres que será realizada no Brasil, em Campo Grande no Mato Grosso do Sul, quando todo conhecimento científico se faz necessário para subsidiar as discussões, acordos e a cooperação entre países para a conservação das espécies migratórias, seus habitats e corredores de migração em toda sua área de distribuição.

A atualidade dos dados apresentados traz conhecimento fundamental para a avaliação da saúde ambiental dos locais por onde passam e pousam e refletem a saúde, saberes e culturas dos povos pantaneiros. São espécies sentinelas e sensíveis ao fogo, às alterações do pulso das águas, à contaminação ambiental e à transformações do uso da terra e obras de infraestrutura que as ameaçam e precisam ser protegidas por ações concretas, tomada de decisão e políticas públicas. Por seus incríveis deslocamentos, projetam pesquisas sobre os recentes desafios mundiais de rastreá-las como agentes da dispersão de patógenos de importância para a saúde humana, a economia e a conservação, no entendimento mais amplo dos objetivos da Saúde Única.

Assim, além da incontestável importância científica, a leitura deste livro estimula a curiosidade, a paixão e o encontro da sua espécie predileta que merece ser vista ao vivo, no Pantanal.

Marcia Chame
Fevereiro de 2026



Agradecimentos

Esta publicação foi viabilizada pelo apoio e recursos da Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação de Mato Grosso do Sul (SEMADESC) e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/MS), aos quais somos gratos. Também agradecemos aos colaboradores que forneceram as fotos das espécies contidas no livro: Alexander Charles Lees, Antônio Emanuel Barreto Alves de Sousa, Augusto Potter, Breno Dias Vitorino, Dalci Maurício Miranda de Oliveira, Diego Hoffmann, Fábio Olmos, Gabriel Oliveira de Freitas, Maiara Vissoto, José Fernando Pacheco, Maristela Benites, Renato Sproesser, Rudi Ricardo Laps, Sérgio Gregório, Silvia Faustino Linhares e Simone Mamede.

Agradecemos especialmente às pesquisadoras Dra. Raquel Soares Juliano e Dra. Aiesca Oliveira Pellegrin, da Embrapa Pantanal, pelo apoio e incentivo durante a elaboração desta obra, bem como ao analista Luiz Alberto Pellegrin, do Laboratório de Geoprocessamento da Embrapa Pantanal, pela confecção dos mapas de distribuição das espécies.

Agradecemos ao CNPq, à Fundação Oswaldo Cruz e à Embrapa Pantanal pela bolsa de pesquisa concedida a APN (processo no. 381585/2024-7, projeto “Indicadores e vigilância participativa em Saúde Única no Pantanal: um novo modelo para a prevenção e controle de emergências em zoonoses”), período no qual o livro foi idealizado, escrito e editado.

Também somos gratos à Bióloga Bruna Gomes de Oliveira e ao Engenheiro Florestal Samuel Kaywá Arruda Pereira, da SEMADESC, pelo apoio durante o processo de articulação e viabilização da produção do livro.

Finalmente, agradecemos à Dra. Márcia Chame, da Fiocruz, pela excelente apresentação deste livro.



Sumário

Introdução	13
Pantanal – um lugar especial para as aves migratórias	17
As aves migratórias, seus pousos e paradas no Pantanal	20
Espécies, pousos e paradas	22
Figura 1. Sítios de parada e/ou invernada utilizados por aves migratórias ocorrentes no Pantanal. Imagem: Luiz Alberto Pellegrin. As coordenadas geográficas e as fontes de referência dos sítios migratórios estão disponíveis na Tabela 1.....	
	22
Tabela 1. Sítios com registros de espécies de aves migratórias ocorrentes no Pantanal, Brasil. Rotas: SE (setentrional – Rota do Norte), ME (meridional - Rota do Sul da América do Sul), OE (Rota Oeste), NAS (Rota do Norte da América do Sul), DES (Rota Desconhecida), LIT (Rota Costeira).....	
	23
Diversidade e rotas migratórias	29
Tabela 2. Espécies de aves migratórias ocorrentes no Pantanal, Brasil. Rota: ME (sul da América do Sul ou meridional), OE (oeste), DE (desconhecida), NAS (norte da América do Sul), SE (setentrional), LIT (rota costeira). População: MP (parcialmente migratória). Habitat: RI (rio), PR (praia arenosa de rio), LA (salina e baía), CO (corixo), CP (campo limpo natural não inundável), CI (campo limpo natural inundável), CS (campo sujo), CC (campo cerrado), CE (cerrado), FL (floresta semidecídua), MC (mata ciliar), AA (ambiente urbano). Status: Lc (menos preocupante), Nt (quase ameaçada), Cr (criticamente em perigo), Vu (vulnerável), En (em perigo), Re (regionalmente extinta), Na (não aplicável), Dd (dados deficientes). IPA (índice pontual de abundância).....	
	30
Aves migratórias ocorrentes no Pantanal	39
Figura 2. Famílias de aves migratórias ocorrentes no Pantanal, agrupadas por rotas. Legenda: ME (meridional – Rota do Sul da América do Sul), SE (setentrional – Rota do Norte), OE (Rota do Oeste), NAS (Rota do Norte da América do Sul), LI (litoral), DES (Desconhecida), LI (Rota Costeira).....	
	38
Conservação	231
Tabela 3. Espécies de aves migratórias ocorrentes no Pantanal, Brasil. Rota: ME (meridional), OE (oeste), DE (desconhecida), NAS (norte da América do Sul), SE (setentrional), LIT (litoral). População: MP (parcialmente migratória). Habitat: RI (rio), PR (praia arenosa de rio), LA (salina, lagoa e baía), CO (corixo), CP (campo limpo natural não inundável), CI (campo limpo natural inundável), CS (campo sujo), CC (campo cerrado), CE (cerrado), FL (floresta semidecídua), MC (mata ciliar), AA (ambiente urbano). Status: Lc (menos preocupante), NT (quase ameaçada), CR (criticamente em perigo), VU (vulnerável), EN (em perigo), RE (regionalmente extinta), NA (não aplicável), DD (dados deficientes), IPA (índice pontual de abundância).....	
	233
Referências Bibliográficas	241



Introdução

A migração das aves é um dos fenômenos mais espetaculares do mundo natural e tem intrigado a humanidade há muitos séculos, dando origem a muitas especulações, mistérios, superstições e interpretações religiosas (Andrade 1997, Lima & Barbosa 2025). Uma das teorias propostas sustenta que a migração entre as aves surgiu há mais de 100 milhões de anos e provavelmente se desenvolveu de modo independente nos diferentes grupos de aves e em diferentes regiões geográficas (Alerstan *et al.* 2003). Outras teorias, no entanto, sugerem que as mudanças climáticas decorrentes das glaciações no Pleistoceno ocasionaram a extinção de muitas espécies de aves, mas, ao mesmo tempo, promoveu a evolução da migração periódica nas escalas mais diversas, como uma adaptação ao intemperismo (Williams & Webb III 1996).

Fatores endógenos, ou seja, fisiológicos, relacionados ao ritmo circadiano das aves, bem como exógenos ligados com o ritmo circanual ou fotoperiodismo, induzem o processo de migração nas aves (Andrade 1997). As migrações, de modo geral, são respostas comportamentais adaptativas das aves para explorar diferentes recursos, habitats, nichos ecológicos que lhes permitem sobreviver e se reproduzir, completando o ciclo anual (Alerstan *et al.* 2003, Lima & Barbosa 2025).

Para o CEMAVE (2000), migração são os deslocamentos realizados anualmente, repetidamente, de forma sazonal, por determinada população animal, que se desloca de um ponto A (área de reprodução) para um ponto B (áreas de alimentação, descanso etc.), em uma determinada época do ano, retornando posteriormente ao ponto A, completando o ciclo biológico. Ao nomadismo, o CEMAVE (2000) atribui os deslocamentos não estacionais, que estão associados à resposta rápida às alterações ambientais não antrópicas, tais como chuvas, secas prolongadas, incêndios, redução ou aumento na disponibilidade de alimento.

Berthold (2002) define migração como deslocamentos anuais, periódicos e em escala mundial, por habitantes de altas latitudes geográficas, desde as áreas reprodutivas, para outras não reprodutivas, e o retorno a estas para a reprodução. No entanto, o Global Register of Migratory Species (GROMS 2014) utiliza a definição estabelecida pela Convenção de Espécies Migratórias (Convention on Migratory Species - CMS 2014), que considera espécies migratórias como “o conjunto da população ou partes geograficamente isoladas da população, de algumas espécies ou grupo taxonômico de animais silvestres, do qual uma parcela significativa cíclica e previsivelmente atravessa uma ou mais fronteiras de jurisdição nacional”. Ainda segundo o GROMS (2014), o nomadismo é definido como deslocamento em função da variação temporal de recursos.

As aves utilizam vários tipos de “bússolas” para se orientar em suas rotas durante os deslocamentos migratórios, dentre elas o sol, as estrelas, a paisagem, o instinto e o campo magnético da Terra. Juvenis aprendem o percurso e destino com os adultos experientes e assim as rotas se tornam tradicionais, históricas e duradouras ao longo do tempo. A maioria dos migrantes em larga escala se desloca durante a noite e utiliza as estrelas como referência. Os migrantes da Ordem Passeriformes se deslocam dentre a vegetação, enquanto os demais o fazem através de áreas abertas, tais como campos e oceanos. Geralmente as migrações são realizadas abaixo de 600 m de altitude, embora algumas aves possam voar acima de 3.000 m (Pessoa 1998, Lima & Barbosa 2025). Para Boere & Stroud (2006), rota migratória é uma área inteira de distribuição de espécies ou grupos de espécies relacionadas ou mesmo distintas populações de uma mesma espécie, através da qual se movem em seu ciclo anual das suas áreas de reprodução para áreas não reprodutivas, incluindo pontos intermediários para descanso e forrageamento.

Todos os anos chegam ao Brasil milhões de aves de várias espécies. Essas espécies realizam migrações sazonais da América do Norte para a América do Sul e vice-versa (Sick 1983, 1997; Morrison & Ross 1989; Chesser 1994; Serrano 2010). No outono boreal (setembro a dezembro) as aves deixam suas áreas de reprodução rumo aos sítios de invernada, onde permanecem até o outono local, ou seja, início da primavera em sua área de reprodução no Hemisfério Norte (Serrano 2010). A proximidade do inverno e a baixa oferta de alimento, aliadas a fatores endógenos, induzem a migração de várias espécies aos sítios de invernada em países vizinhos e/ou outros continentes. Tais aves são tidas como as grandes migrantes, pois empreendem grandes deslocamentos desde suas áreas de reprodução no Hemisfério Norte até os sítios de invernada no Brasil e Patagônia. Os migrantes oriundos do sul da América do Sul deixam os sítios de invernada na primavera (Hayman *et al.* 1986; Sick 1997; Azevedo Júnior *et al.* 2001a, b).

Na América do Sul as aves migratórias são divididas em dois grandes grupos conforme sua origem: do Hemisfério Norte (setentrionais) e Hemisfério Sul (meridionais). As setentrionais (aves neárticas), conforme mencionadas, são consideradas as grandes migrantes, visto que cruzam hemisférios, deslocando-se mais de 20 mil km desde os pontos de reprodução no Ártico até chegarem ao Brasil, através da Rota da Costa Atlântica e da Amazônia. Esta última passa pelo Pantanal e outras áreas úmidas e, desta forma, estas aves alcançam o sul do continente, em direção à Patagônia (Argentina e Chile). A Lagoa do Peixe no Rio Grande do Sul e a Patagônia são os principais pontos de concentração desses migrantes (Sick 1983; Hayman *et al.* 1986; Serrano 2010). Há uma grande diversidade de estratégias utilizadas pelos diferentes grupos de espécies migratórias (CEMAVE 2000). Mais de 420 espécies migram para os Neotrópicos, havendo uma diversidade maior no Norte da América Central e diminuindo em direção ao Sul. Os Passeriformes se concentram na América Central e Caribe, enquanto os não-Passeriformes são mais amplamente distribuídos, dos quais pelo menos 16 alcançam a Patagônia (Alves 2007).

Os migrantes setentrionais chegam ao Brasil utilizando as áreas de baixa elevação do leste americano para alcançarem o Golfo do México e, a partir daí, cruzam as Ilhas do Mar das Antilhas, atingindo o continente sul-americano pela costa Venezuelana e Colombiana, podendo então utilizar uma das quatro rotas conhecidas: Pacífico, Cisandina, Brasil Central (incluindo as rotas do Rio Negro – Pantanal e dos Rios Xingu – Tocantins) e Atlântica ao longo de toda a região costeira do Brasil (Antas 1983, Castro & Myers 1987, Myers *et al.* 1985, Morrison *et al.* 1989, CEMAVE 2000). Através da Rota Cisandina, estas aves chegam até a região do Acre, e daí podem seguir um trajeto que as leva em direção à Patagônia ou outro trajeto que adentra a região oeste do território brasileiro, na qual podem conectar-se com outras rotas, como a do Brasil Central. Tais rotas são vantajosas para os migrantes uma vez que lhes permitem desviar da Cordilheira dos Andes e da Serra da Pacaraima, na Venezuela (Morrison & Ross 1989, CEMAVE 2000, Luna *et al.* 2003). Esses migrantes encontram no Brasil vários sítios de invernada, que lhes oferecem clima mais quente e abundância de alimento (Telino Júnior *et al.* 2003).

Os migrantes setentrionais ou neárticos possuem distribuições geográficas mais amplas e maiores tolerâncias de habitat, utilizando mais frequentemente habitats secundários e habitats costeiros, ocorrendo menos em habitats florestais montanhosos que em florestas baixas. Por outro lado, as espécies austrais (meridionais) migram sazonalmente do sul da América do Sul para o norte. As espécies migrantes austrais diferem das neárticas por migrarem distâncias menores (menos de 15% alcançam a Amazônia), serem dominadas por alguns grupos taxonômicos (tiranídeos, fringilídeos e anatídeos) e proporcionalmente haver um menor número de migrantes de altitudes elevadas (Alves 2007). Ainda segundo o mesmo autor, cerca de um terço dos migrantes austrais são da família Tyrannidae, que domina o sistema de migração austral.

Os visitantes meridionais ou austrais (aves neotropicais), partem da Argentina, Chile e Uruguai, e atingem áreas mais ao norte do continente sul-americano, como Colômbia e Venezuela. Dentre os vários sítios de invernada no Brasil utilizados pelos migrantes setentrionais e meridionais durante seus deslocamentos destaca-se a Ilha de Campechá (MA), a Lagoa do Peixe (RS), a Coroa do Avião (PE) e o Pantanal (MS e MT). Outras áreas úmidas como as do rio das Mortes (MT) e Araguaia (região da Ilha do Bananal, no MT e TO), a região costeira do Maranhão, a planície de inundação do rio Guaporé (RO) e as várzeas remanescentes do Rio Paraná (MS e PR), também se destacam pela sua importância (Nascimento 1995, Sick 1997, CEMAVE 2000, Nunes & Tomas 2008). As espécies setentrionais concentram-se em vários pontos dentro do território nacional, principalmente no norte, no Salgado Paraense (PA) e nas Reentrâncias Maranhenses (MA). O terceiro ponto de maior concentração é o Parque Nacional da Lagoa do Peixe, no Rio Grande do Sul (CEMAVE 2000).

Muitas espécies, especialmente as setentrionais, são fiéis aos sítios de invernada, retornando ao mesmo local todos os anos (Holmes & Sherry 1992). Baturas (Charadriidae), maçaricos (Scolopacidae) e gaivotas (Sternidae), se aglomeram aos milhares todos os anos nessas áreas devido à riqueza e disponibilidade de recursos tróficos (Azevedo Júnior *et al.* 2001a). Atraídas pela abundante oferta de alimento, elas percorrem longas distâncias, incluindo os indivíduos ainda não sexualmente maduros, os quais permanecem em território brasileiro quase o ano todo. Os demais descansam, recuperam as energias gastas na migração, realizam ciclos de mudas de penas e acumulam reservas para seu regresso às áreas de reprodução na América do Norte (Andrade 1997; Sick 1983, 1997; Azevedo Júnior *et al.* 2001a; b).

No Brasil, foram produzidas algumas publicações sobre aves migratórias de relevante importância ornitológica, tais como a excelente obra intitulada “Migrações de Aves na América do Sul Continental”, elaborada por Sick (1983), o artigo de Antas (1986), “Migrações de aves no Brasil”, lançado no II Encontro Nacional de Anilhadores de Aves, em 1986 na Universidade Federal do Rio de Janeiro e a tese de doutorado de Lara Resende (1988) intitulada *Nonbreeding strategies of migratory birds at Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul, Brazil*. A partir de 2001 as pesquisas com aves migratórias no Brasil foram impulsionadas pelo Sistema de Vigilância da Febre do Oeste do Nilo Ocidental, criado em parceria com a Fundação Nacional de Saúde (Funasa), IBAMA e Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura (Nunes & Tomas 2008). Estes órgãos têm desenvolvido estudos em vários sítios de invernada no Brasil, visando a detecção precoce e preventiva de infecção por influenza em aves migratórias, ao longo das rotas de migração conhecidas no país. Serrano (2010) apresentou um importante estudo sobre as espécies migratórias limícolas neárticas que invernam no Brasil, incluindo dados de ecologia, rotas e conservação. Valente *et al.* (2011) elaboraram uma importante publicação sobre os migrantes setentrionais que invernam no Brasil. Os autores Somenzari *et al.* (2018) apresentaram uma ampla revisão do status migratório das aves no Brasil e relacionaram 198 espécies. No livro “Aves Migratórias no Brasil”, Lima & Barbosa (2025) elucidaram o fenômeno das migrações no país, bem como relacionam as rotas das principais espécies de aves migratórias.

No entanto, os estudos com aves migratórias no Brasil estão concentrados na região costeira do nordeste do país e no Rio Grande do Sul. Poucos são os estudos com aves migratórias no Pantanal e os trabalhos com anilhamento se restringiram apenas a algumas espécies (Antas *et al.* 1986, Valle & Yamashita 1986, Yamashita & Valle 1986, Antas *et al.* 1993; Antas & Nascimento 1996). Entre 1996 e 1998, o CEMAVE, em parceria com o Canadian Wildlife Service, com apoio financeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento e World Wildlife Fund (Canadá), realizou levantamentos aéreos na região norte, mas também no Pantanal Mato-grossense, buscando identificar os principais pontos de ocorrência e passagem de espécies migratórias ao longo de suas migrações após a reprodução no Ártico, entre setembro e outubro.

Um estudo mais abrangente foi realizado por Antas (1994) e, recentemente, na RPPN Fazenda Rio Negro, no Pantanal da Nhecolândia, a ONG Conservação Internacional do Brasil concluiu um estudo iniciado em 2005. Para a região do Pirizal, município de Nossa Senhora do Livramento, Pinho (2005) relacionou várias categorias de aves migratórias e nômades. Duas importantes obras sobre as aves migratórias ocorrentes no Pantanal foram publicadas em Morrison *et al.* (2008) e Nunes & Tomas (2008). Em outubro de 1996 Morrison *et al.* (2008) realizaram amostragens aéreas (38,4 horas de voo) em vários pontos da planície do Pantanal, cobrindo 4.944 km estimados. Esses autores apresentaram dados de abundância relativa para as principais aves limícolas e outras aves aquáticas ocorrentes no Pantanal. No mesmo ano, Nunes & Tomas (2008) reuniram informações sobre ecologia e rota migratória das espécies migrantes setentrionais, meridionais e nômades ocorrentes na Planície Pantaneira.

Valente *et al.* (2011) compilaram informações sobre as aves migratórias neárticas ocorrentes nas várias regiões do Brasil no livro “Conservação de Aves Migratórias Neárticas no Brasil”. Para a região Centro-Oeste destacam-se os capítulos sobre as neárticas migratórias ocorrentes em várias regiões do Pantanal, como Poconé (Cintra 2011), Fazenda Rio Negro (Cestari 2011), Paiaguás e Nhecolândia (Nunes *et al.* 2011a) e Fazenda Caiman (Straube & Melo 2011). O estudo mais recente no Pantanal foi realizado por Nunes *et al.* (2013a), que reuniram os dados de distribuição, abundância relativa e estado de conservação das espécies de aves limícolas migratórias ocorrentes na Planície Pantaneira.

Apesar dessas importantes contribuições, a maioria dos estudos com aves migratórias realizados no Pantanal é restrita a poucas sub-regiões, que possuem características próprias e diferentes do restante da planície. Desta forma, se fazem necessários maiores investimentos em pesquisas nessa área, tendo em vista ser a planície um dos importantes sítios de parada e invernada para várias espécies de aves migratórias que cruzam o Hemisfério Ocidental.



Pantanal – um lugar especial para as aves migratórias

A planície do Pantanal é uma das maiores áreas alagáveis contínuas do planeta, estendendo-se por mais de 140.000 km² da Bacia do Alto Rio Paraguai e seus tributários que drenam o Cerrado do Brasil Central (Harris *et al.* 2005). O Pantanal se estende por aproximadamente 250 km na direção leste-oeste e 450 km norte-sul e, apesar dos afloramentos rochosos em seu interior, sua altitude varia de 60 a 150 m, com média de 100 m (Hamilton *et al.* 1996).

Os planaltos do entorno são extremamente importantes para os processos ecológicos no interior da planície pantaneira, uma vez que neles estão situadas as nascentes dos principais rios que drenam para o Pantanal (Harris *et al.* 2005). Destacam-se na paisagem com altitudes que variam de 200 a 950 m. Ao Norte, no Mato Grosso estão a Serra de Ricardo Franco, a Serra das Araras e a Chapada dos Guimarães que dividem as bacias hidrográficas do alto Paraguai e Amazonas (Lopes *et al.* 2009, Vitorino *et al.* 2018). Margeando a leste e sul da planície, destacam-se os planaltos da Serra de Maracaju e Serra da Bodoquena, respectivamente, os quais atuam como divisores de águas entre as bacias hidrográficas do alto Paraguai a oeste, e a do alto Paraná a leste (Boggiani *et al.* 1998). Na borda oeste do Pantanal, notáveis acidentes geográficos de origem pré-cambriana se destacam na paisagem (Ab'Sáber 1988). Esses acidentes geográficos distinguem-se sob três complexos montanhosos isolados, a Serra do Amolar e o Maciço do Urucum, ambos no município de Corumbá e, a Serra do Amongujá, em Porto Murtinho (Okida & Anjos 2000).

O clima na planície do Pantanal é do tipo Aw de Koeppen, definido como tropical, megatérmico com inverno seco e verão chuvoso. As cheias ocorrem de novembro a abril, enquanto a seca frequentemente se estende de maio a outubro. A precipitação anual pode atingir até 1.180 mm e a temperatura média mensal oscilar entre 21°C e 33°C (Soriano & Alves 2005).

No planalto dos Parecis (MT) nasce o rio Paraguai, o principal responsável pela drenagem da planície pantaneira. Os principais tributários do Paraguai são os rios Jauru, Cabaçal, Sepotuba, Cuiabá (e seus afluentes São Lourenço e Piquiri), Taquari, Miranda (e seu afluente Aquidauana) e Apa (Junk *et al.* 2006). O pulso de inundação é o fator ecológico mais importante na planície do Pantanal e atinge amplitudes que variam de 2 a 5 m, com duração de até seis meses. A extensão da inundação varia de 11.000 a 110.000 km², com média de 53.000 km² (Hamilton *et al.* 1996, Junk *et al.* 2006).

O alinhamento serrano do complexo de morros do Amolar funciona como uma barragem natural ao escoamento das águas de superfície, formando-se no local uma das zonas mais alagadas do Pantanal. Os relevos residuais do Maciço do Urucum atuam como um segundo controle geológico, com os embasamentos rochosos agindo como barragem natural, promovendo o alagamento de extensas áreas entre a margem direita do rio Paraguai e os relevos residuais do Maciço do Urucum, alcançando a região do Porto da Manga (Junk *et al.* 1989, Resende 2004). Ainda segundo Resende (2004), entre a confluência meridional do rio Nabileque e a foz do rio Apa, o único acidente de relevância é representado pelas intrusões alcalinas do Fecho dos Morros, produzindo diferenças topográficas que justificam o alagamento concentrado da margem direita, constituindo a terceira barragem natural ao fluxo das águas.

Desta forma, a inundação não ocorre de maneira simultânea em toda a extensão do Pantanal devido à baixa declividade e ao desnível topográfico, que varia entre 30 e 50 cm por quilômetro no sentido leste-oeste e 3 a 15 cm por quilômetro no sentido norte-sul. Como consequência, há um atraso de três a quatro meses entre o pico da cheia no norte e o pico da cheia no sul do Pantanal. Enquanto a estação seca vigora na porção norte, o nível das águas atinge seu maior pico na porção sul (Alvarenga *et al.* 1984).

Com base nos pulsos de inundação e nas características ecológicas distintas em cada região (e.g. tipo de solo, drenagem, altimetria e vegetação), Hamilton *et al.* (1996) subdividiram o Pantanal em dez sub-regiões: Corixo Grande, Cuiabá, Piquiri/São Lourenço, Paraguai, Leque do Taquari, Rio Taquari, Aquidauana/Negro, Miranda, Nhecolândia e Paiaguás. A vegetação na planície pantaneira é complexa, diversificada e ocorre em mosaicos com diversas fitofisionomias e situações ecológicas, ordenados pelos gradientes topográficos e dinâmica hidrológica. Os campos nativos (campo limpo e campo sujo) secos e/ou sujeitos a inundações predominam na paisagem, seguidos do cerrado, cerradão e matas semidecíduais (cordilheiras), matas de galeria, capões e as plantas aquáticas e palustres nas partes mais baixas e corpos d'água (Adámoli 1982, Silva *et al.* 2000).

Ratter *et al.* (1988) definem cordilheiras como paleodiques marginais ou cordões arenosos e/ou argilosos cobertos por cerradão, cerrado ou mata semidecidual, com uma pequena declividade na interface com o campo, situadas entre 2-3 m acima do nível da inundação. Os capões são morrotes cobertos por vegetação típica de mata ripária e savanas inundáveis nas bordas e por espécies típicas de mata semidecídua no centro. Apresentam vários tamanhos, formato circular ou elíptico, com 1-3 m de elevação em relação aos campos inundáveis que os circundam (Ponce & Cunha 1993, Damasceno Júnior *et al.* 1999). Em determinadas regiões do Pantanal ocorrem os chamados “campos de murundus”, pequenas porções de terras mais elevadas, ovais ou circulares, com espécies vegetais típicas de cerrado. Entre os murundus, na porção rebaixada topograficamente, predomina uma vegetação composta por gramíneas que sofre influência das inundações periódicas (Bordignon *et al.* 2007).

Concomitante às cordilheiras e cerrados ocorrem depressões contínuas, pouco acentuadas, amplas e aplainadas, ou com sulcos côncavos, constituindo as chamadas “vazantes” e campos inundáveis, entremeados a inúmeros corpos d'água semicirculares, localmente chamadas de baías (Bazzo *et al.* 2012). As baías são lagoas de água doce circundadas por campos, com pH levemente ácido a neutro (5-7), circulares ou alongadas, as quais na época de cheia atingem até 1 m de profundidade e recebem contribuição das águas superficiais

(Almeida *et al.* 2003, Oliveira *et al.* 2001). Ocorrem ainda as chamadas salinas, caracterizadas como depressões (circulares, ovaladas ou oitavadas) mais rebaixadas que as baías e seu entorno, contendo água salobra e alcalina (pH > 8). Esses corpos d'água estão isolados da drenagem atual pelas cordilheiras, não são atingidos por águas de inundação e dificilmente secam no período de estiagem. Além disso, não apresentam vegetação em seu entorno, apenas uma faixa de areia bem característica (Almeida *et al.* 2003).

Quatro províncias fitogeográficas da América do Sul convergem no Pantanal e exercem forte influência na flora e fauna regional, principalmente o Cerrado, e em menor representatividade a Amazônia, Floresta Meridional (Mata Atlântica) e Chaco (Brown Jr. 1986). No noroeste da Bacia do Alto Paraguai vicejam as grandes áreas de Floresta Amazônica e suas transições com o Cerrado, notadamente nas regiões dos tributários do rio Paraguai, como o Setotuba, Cabaçal e Jauru (Naumburg 1930).

A bacia de todos os rios localizados ao leste do Pantanal drena planaltos predominantemente areníticos cobertos quase que totalmente por vegetação de Cerrado. Na região central e a leste da planície pantaneira os processos flúvio-morfológicos formaram ao longo do tempo, um grande leque aluvial, o Taquari. Os solos são predominantemente arenosos, ácidos, distróficos e excessivamente drenados onde se desenvolvem comunidades vegetais características do Cerrado, salvo nas áreas que apresentam saturação hídrica durante boa parte do ano (Adámoli 1982, Damasceno Júnior *et al.* 2000). Os elementos das florestas meridionais ou atlânticas e suas transições se fazem presentes nas regiões sul e sudeste da Bacia do Alto Paraguai, notadamente nas proximidades com o Planalto da Bodoquena, de natureza predominantemente calcária, dolomítica, ou em manchas menores na transição entre os quartzitos, filitos e xistos predominantes nas altas bacias dos rios Aquidauana e Miranda (Adámoli 1982, Pivatto *et al.* 2006). O Chaco marca o limite oeste do Pantanal e se destaca pela presença de dois componentes básicos, Chaco seco (vegetação decídua e espinhenta ocorrente nas terras altas, não inundáveis, de boa fertilidade e bem drenadas) e Chaco úmido, com presença de savanas, carandazais e florestas de quebracho em Porto Murtinho e território paraguaio (Prado *et al.* 1992). Estendendo-se tangencialmente até o extremo oeste de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, as florestas decíduais típicas do sudeste do Departamento de Santa Cruz (Bolívia), aí denominadas Bosques Chiquitanos, destacam-se na paisagem da borda oeste da planície do Pantanal (Davis *et al.* 1997, Vasconcelos & Hoffmann 2006).

Diferentes tipos de solo, baixa altitude, pouca declividade, alternância de períodos de cheia e seca, grandes amplitudes térmicas anuais, padrões sazonais de precipitação e variação pluri-anual de cheias são responsáveis, em parte, pela variedade de formações vegetais e heterogeneidade da paisagem, que abriga rica biota terrestre e aquática (Pott & Adámoli 1999). A flora pantaneira é bastante diversificada com mais de 1900 espécies de fanerógamas já identificadas (Junk *et al.* 2006, Alho 2008). O Pantanal é notável pela abundância de fauna, abrigando as maiores populações de vertebrados na América do Sul. Muitas dessas espécies encontram-se ameaçadas de extinção em várias outras regiões do Brasil (Nunes 2010). Nunes *et al.* (2021) relatam a ocorrência de mais de 610 espécies de aves no Pantanal. De acordo com Oliveira (2006) o Pantanal abriga as maiores populações de aves aquáticas continentais no Brasil e a maioria delas realiza deslocamentos migratórios regionais ou em grande escala, ou seja, as migrações intercontinentais. Anualmente milhares de aves de diversas espécies deslocam-se do Hemisfério Norte em direção à Argentina e destas uma considerável parcela passa através da Rota Amazônia Central/Pantanal, utilizando a planície pantaneira como área de parada para descanso e alimentação (Nunes *et al.* 2011a, 2013). Nunes & Tomas (2008) relatam que o Pantanal também é ponto de parada e/ou sítio de internada para populações de aves fugindo do frio nas regiões austrais da América do Sul (Patagônia e sul do Brasil) em direção às porções mais ao norte do continente.



As aves migratórias, seus pousos e paradas no Pantanal

A relação das espécies migratórias foi baseada na lista das espécies de aves registradas no Pantanal (Nunes *et al.* 2021), bem como na lista de espécies migratórias na região (Morrison *et al.* 2008, Nunes & Tomas 2008) e no Brasil (Somenzari *et al.* 2008). A nomenclatura científica e os nomes vernáculos das espécies migratórias estão de acordo com a lista das espécies de aves do Brasil proposta por Pacheco *et al.* (2021).

Os migrantes foram agrupados por famílias com descrição de suas características ecológicas, tais como habitat e períodos que chegam e partem do Pantanal, bem como as rotas com base na origem e comportamento da população através de dados dos autores em campo e consulta à literatura regional (Morrison *et al.* 2008, Nunes & Tomas 2008), nacional (Somenzari *et al.* 2018). Muitos dos dados ecológicos das espécies foram descritos com base na experiência de várias décadas de convivência dos autores com o Pantanal. O trabalho de pesquisa e levantamento de dados literários consumiu aproximadamente dois anos.

Consideramos seis Rotas Migratórias para o Pantanal: Rota do Norte (migrantes setentrionais, neárticos ou boreais, oriundos do Hemisfério Norte), Rota do Norte da América do Sul (migrantes oriundos da Amazônia brasileira, bem como Venezuela, Colômbia e Guiana), Rota do Sul (migrantes oriundos principalmente do sul da América do Sul, como Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul), Rota Oeste (migrantes oriundos dos Andes, Chaco do Paraguai e Chiquitania da Bolívia), Rota Costeira (migrantes oriundos da região costeira do Brasil), Rota Desconhecida (inclui migrantes cuja origem e destino ainda não são conhecidos). Consideramos como migrantes parciais, as espécies em que apenas parte da população migra.



Adotamos as terminologias “raro”, “incomum” e “comum” propostas por Cintra & Yamashita (1990). Os termos são subjetivos e não são resultantes de estudos de dinâmica populacional das espécies. O termo “raro” foi utilizado para referir-se a espécies cujos indivíduos foram observados em número reduzido e em pouquíssimas ocasiões. O termo “incomum” refere-se a espécies avistadas ocasionalmente, com poucos registros, mas em frequência ligeiramente superior àquela das espécies consideradas raras. Por outro lado, “comum” indicam que os indivíduos de determinada espécie foram observados repetidas vezes, podendo ou não estar em grandes concentrações. Os dados para categorizar as espécies nestes termos foram obtidos na literatura disponível para a região (Gwynne *et al.* 2010) e conhecimento dos autores em campo.

Informações sobre a ecologia das espécies foram obtidos principalmente através de consulta à literatura disponível (Sick 1997, Sigrist 2009, Gwynne *et al.* 2010). As espécies foram categorizadas quanto ao status de conservação através de consulta às listas nacional (ICMBio 2024) e global (IUCN 2025) de espécies ameaçadas de extinção.

Foram confeccionados mapas com pontos de ocorrência (azul escuro) para as espécies com distribuição restrita na planície pantaneira, exceto para o maçarico-esquimó (*Numenius borealis*) cuja ocorrência não é georreferenciada. No entanto, para aquelas com ampla distribuição, os mapas apresentam coloração azul escuro uniforme, indicando que se distribuem por todo o Pantanal. Para a elaboração dos mapas das espécies com distribuição restrita foram consultadas as listas de localidades com registros de espécies para o Pantanal (Nunes *et al.* 2021), bem como base de dados do WikiAves (2025) e SISS-Geo (2025).

Espécies, pousos e paradas

Identificamos 135 sítios de parada e/ou invernada para aves migratórias no Pantanal (Figura 1 Tabela 1).

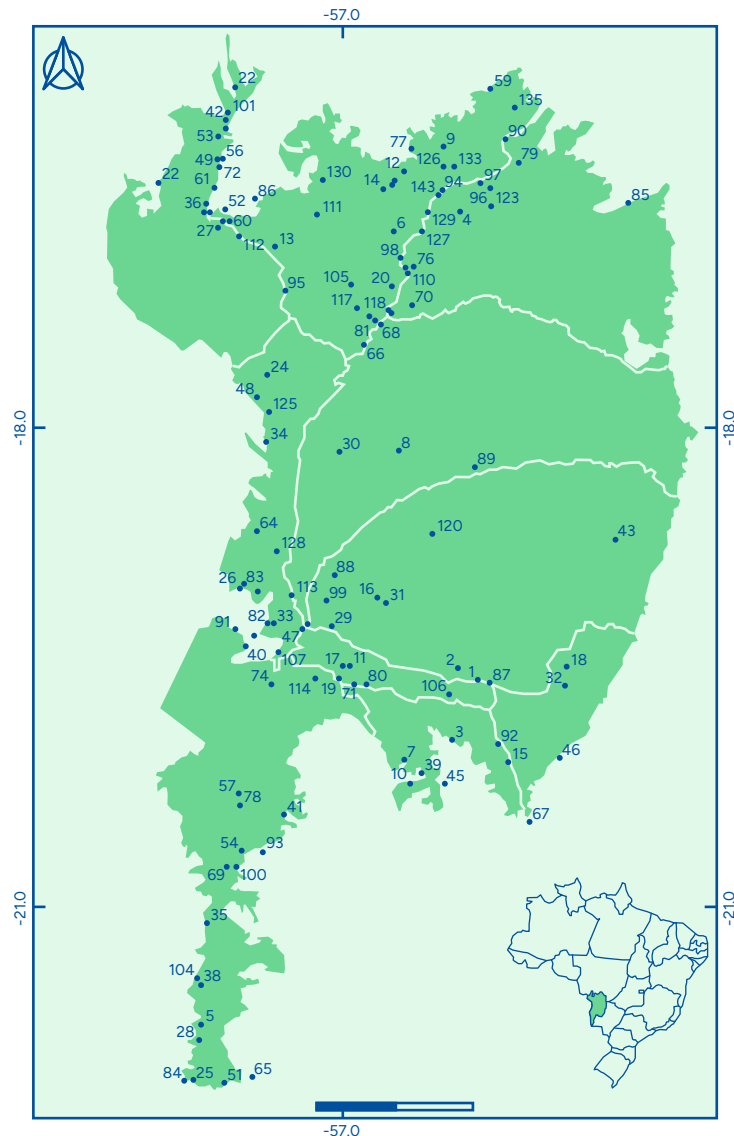


Figura 1. Sítios de parada e/ou invernada utilizados por aves migratórias ocorrentes no Pantanal. Imagem: Luiz Alberto Pellegrin. As coordenadas geográficas e as fontes de referência dos sítios migratórios estão disponíveis na Tabela 1.

Alguns sítios de invernada no Pantanal se destacam pela elevada concentração e abundância de espécies. Neste contexto enquadra-se a Estação Ecológica Taiamã onde foram registrados sítios de dormitório e de alimentação ou invernada para as seguintes espécies migratórias: *Rostrhamus sociabilis* (1.500 a 2.000 indivíduos), *Calidris fuscicollis* (150 indivíduos), *Hirundo rustica* (2.000 indivíduos), *Petrochelidon pyrrhonota* (3.000

indivíduos) e *Rynchops niger* (1.000 indivíduos) (Santos *et al.* 2022). No Rio Cuiabá, no trecho do Sesc Pantanal, Antas *et al.* (2016) encontraram uma importante área reprodutiva de *Rynchops niger* com quantitativos de quase 600 indivíduos. Nunes *et al.* (2011, 2013) destacam as sub-regiões de Nhecolândia e Paiaguás como importantes sítios de invernada para migrantes neárticas, especialmente *Phalaropus tricolor*, *Calidris melanotos*, *Calidris fuscicollis*, *Tringa melanoleuca* e *Tringa flavipes* que aparecem em bandos de centenas de indivíduos em campos inundados e salinas. Na Fazenda Rio Negro, considerada um dos sítios mais importantes de invernada, especialmente para aves neárticas, Donatelli *et al.* (2014) relatam grande concentração de *Calidris himantopus*, com 3.256 indivíduos.

A maioria dos sítios de parada e/ou invernada está concentrada ao longo dos principais rios do Pantanal. No entanto, ainda há pouco conhecimento sobre a distribuição de habitats, sazonalidade e espécies que os utilizam em grandes áreas da planície do Pantanal, como as sub-regiões de Cáceres, Paiaguás (Nunes *et al.* 2021).

Tabela 1. Sítios com registros de espécies de aves migratórias ocorrentes no Pantanal, Brasil.
Rotas: SE (setentrional – Rota do Norte), ME (meridional - Rota do Sul da América do Sul), OE (Rota Oeste), NAS (Rota do Norte da América do Sul), DES (Rota Desconhecida), LIT (Rota Costeira).

	Sítio migratório/Fonte	Latitude	Longitude	Rotas/Número de espécies						Total
				SE	ME	OE	NAS	DES	LIT	
1	Tubelis & Tomas (2003), Severo-Neto <i>et al.</i> (2017)	19°34'53,14"	56°08'49,96"	18	55	16	10	12	0	111
2	Tubelis & Tomas (2003), Donatelli (2005), Cestari (2006a, b), Donatelli <i>et al.</i> (2014, 2017)	19°30'20,54"	56°16'44,36"	16	61	13	10	11	0	111
3	Tubelis & Tomas (2003), Nunes (2011a), Straube & Melo (2011)	19°57'11,96"	56°18'42,62"	21	54	12	10	11	0	108
4	Tubelis & Tomas (2003a), Antas & Palo Jr. (2004), Brandão <i>et al.</i> (2011), Ubaid & Antas (2013), Antas <i>et al.</i> (2016), WikiAves (2025)	16°39'02,84"	56°15'55,40"	14	56	12	11	12	0	105
5	Tubelis & Tomas (2003), Straube <i>et al.</i> (2006a), Benites <i>et al.</i> (2021)	21°43'57,26"	57°52'49,40"	14	55	16	10	10	0	105
6	Tubelis & Tomas (2003)	16°46' 8,40"	56°40'36,85"	17	50	12	9	11	0	99
7	Nunes <i>et al.</i> (2021)	20°04'48,37"	56°36'37,35"	14	48	12	8	11	0	93
8	Tubelis & Tomas (2003), Nunes <i>et al.</i> (2009), Nunes (2015)	18°08'42,09"	56°38'54,13"	14	43	12	8	10	0	92
9	Pinho (2005), Signor & Pinho (2010)	16°14'35,16"	56°22'12,27"	12	45	8	9	11	0	85
10	Ribas <i>et al.</i> (2011)	20°13'27,41"	56°34'33,83"	7	45	13	7	11	0	83
11	Nunes <i>et al.</i> (2010)	19°29'25,12"	56°57'32,60"	10	41	13	9	9	0	82

	Sitio migratório/Fonte	Latitude	Longitude	Rotas/Número de espécies						
				SE	ME	OE	NAS	DES	LIT	Total
12	Nunes <i>et al.</i> (2021), WikiAves (2025)	16°23'35,85"	56°36'45,82"	15	39	9	8	11	0	82
13	Frota <i>et al.</i> (2020a, b, c)	16°52'09,87"	57°25'18,14"	17	34	10	9	9	0	79
14	Nunes <i>et al.</i> (2021), WikiAves (2025)	16°30'10,92"	56°44'43,56"	8	40	10	9	11	0	78
15	Nunes <i>et al.</i> (2021)	20°05'44,68"	55°57'35,10"	7	41	10	8	8	0	74
16	Nunes <i>et al.</i> (2009), Nunes (2015)	19°03'53,24"	56°46'45,31"	7	32	13	6	10	0	68
17	Yabe <i>et al.</i> (2010), Severo-Neto <i>et al.</i> (2015), Ilha (2017)	19°29'49,01"	56°59'32,10"	8	33	11	6	9	0	67
18	Pivatto <i>et al.</i> (2008)	19°30'02,18"	55°35'43,77"	6	37	10	3	9	0	65
19	Tubelis & Tomas (2003), Nunes <i>et al.</i> (2010)	19°34'31,36"	57°01'17,02"	4	35	9	4	7	0	59
20	WikiAves (2025)	17°07'05,89"	56°41'18,49"	8	25	10	6	8	0	57
21	Tubelis & Tomas (2003), Lopes <i>et al.</i> (2016), WikiAves (2025)	16°07'55,57"	57°43'38,79"	11	25	8	6	7	0	58
22	Lopes <i>et al.</i> (2016)	15°52'02,57"	57°40'01,91"	4	32	5	6	9	0	56
23	Lopes <i>et al.</i> (2016)	16°28'05,73"	58°08'51,08"	6	28	6	3	9	0	52
24	Jesus & Lima (2003)	17°40'19,91"	57°28'09,47"	8	22	9	4	9	0	52
25	Benites <i>et al.</i> (2017)	22°04'53,60"	57°56'23,10"	1	31	6	4	9	0	51
26	Tubelis & Tomas (2003)	18°59'43,79"	57°38'31,56"	6	27	9	6	3	0	51
27	Tubelis & Tomas (2003), Lopes <i>et al.</i> (2016)	16°43'02,76"	57°44'56,05"	2	28	10	3	8	0	51
28	Tubelis & Tomas (2003)	21°49'50,74"	57°53'47,27"	7	25	8	2	5	0	47
29	Tubelis & Tomas (2003), Serrano (2010), Nunes <i>et al.</i> (2009)	19°14'44,85"	57°03'53,84"	7	23	7	3	6	0	46
30	Nunes (2011b)	18°09'08,76"	57°01'02,31"	4	20	10	4	7	0	45
31	Nunes (2015)	19°06'02,03"	56°43'31,33"	2	23	8	4	7	0	44
32	Nunes <i>et al.</i> (2021)	19°37'02,37"	55°36'19,82"	3	23	7	5	5	0	43
33	Nunes <i>et al.</i> (2010)	19°13'46,96"	57°25'59,16"	1	20	7	6	6	0	40
34	Nunes (2007)	18°05'25,64"	57°28'26,71"	1	21	6	8	4	0	40
35	Tubelis & Tomas (2003)	21°05'58,60"	57°50'37,80"	0	22	4	3	7	0	36
36	Nunes (2010)	16°38'48,60"	57°51'49,00"	4	20	3	3	5	0	35
37	Nunes (2010)	16°10'52,50"	57°46'09,50"	3	18	4	2	7	0	34

	Sitio migratório/Fonte	Latitude	Longitude	Rotas/Número de espécies						Total
				SE	ME	OE	NAS	DES	LIT	
13	Frota <i>et al.</i> (2020a, b, c)	16°52'09,87"	57°25'18,14"	17	34	10	9	9	0	79
14	Nunes <i>et al.</i> (2021), WikiAves (2025)	16°30'10,92"	56°44'43,56"	8	40	10	9	11	0	78
15	Nunes <i>et al.</i> (2021)	20°05'44,68"	55°57'35,10"	7	41	10	8	8	0	74
16	Nunes <i>et al.</i> (2009), Nunes (2015)	19°03'53,24"	56°46'45,31"	7	32	13	6	10	0	68
17	Yabe <i>et al.</i> (2010), Severo-Neto <i>et al.</i> (2015), Ilha (2017)	19°29'49,01"	56°59'32,10"	8	33	11	6	9	0	67
18	Pivatto <i>et al.</i> (2008)	19°30'02,18"	55°35'43,77"	6	37	10	3	9	0	65
19	Tubelis & Tomas (2003), Nunes <i>et al.</i> (2010)	19°34'31,36"	57°01'17,02"	4	35	9	4	7	0	59
20	WikiAves (2025)	17°07'05,89"	56°41'18,49"	8	25	10	6	8	0	57
21	Tubelis & Tomas (2003), Lopes <i>et al.</i> (2016), WikiAves (2025)	16°07'55,57"	57°43'38,79"	11	25	8	6	7	0	58
22	Lopes <i>et al.</i> (2016)	15°52'02,57"	57°40'01,91"	4	32	5	6	9	0	56
23	Lopes <i>et al.</i> (2016)	16°28'05,73"	58°08'51,08"	6	28	6	3	9	0	52
24	Jesus & Lima (2003)	17°40'19,91"	57°28'09,47"	8	22	9	4	9	0	52
25	Benites <i>et al.</i> (2017)	22°04'53,60"	57°56'23,10"	1	31	6	4	9	0	51
26	Tubelis & Tomas (2003)	18°59'43,79"	57°38'31,56"	6	27	9	6	3	0	51
27	Tubelis & Tomas (2003), Lopes <i>et al.</i> (2016)	16°43'02,76"	57°44'56,05"	2	28	10	3	8	0	51
28	Tubelis & Tomas (2003)	21°49'50,74"	57°53'47,27"	7	25	8	2	5	0	47
29	Tubelis & Tomas (2003), Serrano (2010), Nunes <i>et al.</i> (2009)	19°14'44,85"	57°03'53,84"	7	23	7	3	6	0	46
30	Nunes (2011b)	18°09'08,76"	57°01'02,31"	4	20	10	4	7	0	45
31	Nunes (2015)	19°06'02,03"	56°43'31,33"	2	23	8	4	7	0	44
32	Nunes <i>et al.</i> (2021)	19°37'02,37"	55°36'19,82"	3	23	7	5	5	0	43
33	Nunes <i>et al.</i> (2010)	19°13'46,96"	57°25'59,16"	1	20	7	6	6	0	40
34	Nunes (2007)	18°05'25,64"	57°28'26,71"	1	21	6	8	4	0	40
35	Tubelis & Tomas (2003)	21°05'58,60"	57°50'37,80"	0	22	4	3	7	0	36
36	Nunes (2010)	16°38'48,60"	57°51'49,00"	4	20	3	3	5	0	35
37	Nunes (2010)	16°10'52,50"	57°46'09,50"	3	18	4	2	7	0	34
38	Straube <i>et al.</i> (2006b)	21°28'57,79"	57°53'18,81"	1	19	6	5	3	0	34

	Sitio migratório/Fonte	Latitude	Longitude	Rotas/Número de espécies						Total
				SE	ME	OE	NAS	DES	LIT	
39	Tubelis & Tomas (2003)	20°10'02,23"	56°30'08,71"	1	18	4	5	4	0	32
40	Nunes <i>et al.</i> (2018)	19°22'03,97"	57°36'10,83"	2	19	5	2	4	0	32
41	Straube <i>et al.</i> (2006a)	20°25'24,55"	57°21'47,52"	0	18	7	2	5	0	32
42	Tubelis & Tomas (2003), Lopes <i>et al.</i> (2016)	16°04'18,51"	57°43'34,75"	8	11	7	1	4	0	30
43	Nunes <i>et al.</i> (2021)	18°41'57,47"	55°17'35,08"	0	20	7	3	0	0	30
44	Nunes (2010)	16°44'42,32"	57°46'24,83"	2	16	4	3	3	0	28
45	Tubelis & Tomas (2003)	20°13'49,26"	56°21'38,33"	2	17	5	2	3	0	29
46	Nunes <i>et al.</i> (2013b)	20°04'02,37"	55°38'19,82"	0	13	7	5	4	0	29
47	Tubelis & Tomas (2003), Nunes <i>et al.</i> (2010)	19°15'28,24"	57°14'47,20"	3	15	6	2	3	0	29
48	Nunes <i>et al.</i> (2018)	17°48'40,35"	57°32'01,60"	2	16	3	2	4	0	27
49	Nunes (2010)	16°19'29,38"	57°46'49,22"	5	11	3	2	4	0	25
50	Nunes (2010)	16°39'40,50"	57°50' 52,60"	3	10	3	2	3	0	21
51	Straube <i>et al.</i> (2006a)	22°06'05,29"	57°44' 24,79"	1	12	3	3	2	0	21
52	Nunes (2010)	16°38'05,60"	57°44' 01,09"	1	9	3	3	4	0	20
53	Nunes (2010)	16°10'38,00"	57°47'01,00"	2	9	2	3	3	0	19
54	Straube <i>et al.</i> (2006b)	20°38'47,00"	57°37'58,00"	0	11	3	1	4	0	19
55	Nunes (2010)	16°42'37,20"	57°42'30,50"	1	9	3	2	3	0	18
56	Nunes (2010)	16°19'12,73"	57°44'54,75"	1	8	3	3	3	0	18
57	Tubelis & Tomas (2003)	20°17'29,20"	57°38'48,98"	1	10	3	1	3	0	18
58	Nunes (2010)	16°22'13,00"	57°46'34,70"	1	9	3	2	4	0	19
59	Tubelis & Tomas (2003)	15°52'54,36"	56°04'18,35"	2	10	3	2	1	0	18
60	Nunes (2010)	16°42'45,70"	57°44'42,10"	2	7	3	2	3	0	17
61	Nunes (2010)	16°30'01,14"	57°47'49,23"	3	7	2	2	3	0	17
62	Nunes <i>et al.</i> (2018, 2021)	19°01'39,40"	57°31'46,72"	0	10	3	3	1	0	17
63	Vasconcelos <i>et al.</i> (2008)	16°09'57,92"	57°45'54,76"	1	9	2	2	2	0	16
64	Tubelis & Tomas (2003)	18°39'01,26"	57°31'57,34"	3	7	1	1	3	0	15
65	Straube <i>et al.</i> (2006a)	22°03'50,54"	57°33'52,55"	0	9	2	2	2	0	15
66	Tubelis & Tomas (2003)	17°29'02,66"	56°51'59,54"	0	9	1	1	4	0	15
67	Tubelis & Tomas (2003)	20°28'05,78"	55°49'38,55"	0	10	1	1	3	0	15
68	Tubelis & Tomas (2003)	17°21'08,93"	56°45'58,13"	0	4	1	9	0	0	14
69	Straube <i>et al.</i> (2006a)	20°44'52,00"	57°43'10,00"	0	8	3	1	2	0	14

	Sítio migratório/Fonte	Latitude	Longitude	Rotas/Número de espécies						
				SE	ME	OE	NAS	DES	LIT	Total
70	Tubelis & Tomas (2003)	17°14'02,01"	56°33'43,89"	1	7	1	0	3	0	12
71	Tubelis & Tomas (2003), Nunes <i>et al.</i> (2010)	19°36'39,06"	56°55'47,49"	0	10	1	0	0	0	11
72	Nunes (2010)	16°21'23,50"	57°45'37,90"	1	5	2	3	0	0	11
73	Nunes (2010)	16°22'20,80"	57°46'19,60"	1	5	1	1	3	0	11
74	Tubelis & Tomas (2003)	19°36'28,25"	57°26'50,32"	3	7	2	0	0	0	12
75	Straube <i>et al.</i> (2006b)	20°44'46,83"	57°43'19,27"	0	7	2	1	1	0	11
76	SISS-Geo (2025)	16°59'45,93"	56°33'13,80"	0	7	1	2	0	0	10
77	Tubelis & Tomas (2003), WikiAves (2025)	16°15'36,86"	56°34'15,19"	3	4	4	0	0	0	11
78	Straube <i>et al.</i> (2006b)	20°21'46,83"	57°38'19,27"	1	4	3	1	1	0	10
79	SISS-Geo (2025), WikiAves (2025)	16°20'31,07"	55°53'49,72"	5	3	0	0	1	0	9
80	Tubelis & Tomas (2003), Nunes <i>et al.</i> (2010)	19°36'16,91"	56°51'10,81"	0	7	0	0	1	0	8
81	Tubelis & Tomas (2003)	17°20'14,84"	56°47'58,00"	1	5	1	1	0	1	8
82	Nunes <i>et al.</i> (2010), WikiAves (2025)	19°13'46,29"	57°27'37,13"	2	4	1	0	0	0	7
83	Tubelis & Tomas (2003), Nunes <i>et al.</i> (2010)	18°59'02,55"	57°36'59,94"	1	2	2	1	1	0	7
84	Straube <i>et al.</i> (2006b)	22°05'18,24"	57°59'15,45"	0	4	1	1	1	0	7
85	SISS-Geo (2025)	16°35'40,46"	55°12'49,47"	0	4	0	2	0	0	6
86	Vitorino <i>et al.</i> (2017)	16°34'05,56"	57°32'41,85"	1	3	2	0	0	0	6
87	Tubelis & Tomas (2003)	19°35'45,41"	56°04'39,42"	0	3	2	0	1	0	6
88	Tubelis & Tomas (2003)	18°55'28,02"	57°03'01,04"	0	3	1	0	2	0	6
89	Serrano (2010)	18°14'51,92"	56°10'23,79"	6	0	0	0	0	0	6
90	WikiAves (2025)	16°11'51,87"	55°58'45,76"	1	1	0	1	2	0	5
91	Vasconcelos <i>et al.</i> (2008)	19°15'54,17"	57°40'03,63"	3	0	2	0	0	0	5
92	Tubelis & Tomas (2003)	19°58'46,12"	56°01'14,18"	0	2	0	1	2	0	5
93	Straube <i>et al.</i> (2006a)	20°39'23,00"	57°29'44,00"	0	3	0	1	1	0	5
94	SISS-Geo (2025)	16°31'01,66"	56°22'43,46"	0	3	1	0	0	0	4
95	Lopes <i>et al.</i> (2016)	17°08'36,00"	57°21'35,00"	0	0	3	0	1	0	4
96	SISS-Geo (2025)	16°30'15,85"	56°04'31,24"	0	1	2	0	0	0	3
97	Tubelis & Tomas (2003)	16°28'13,63"	56°07'52,52"	0	2	0	1	0	0	3
98	Tubelis & Tomas (2003)	16°56'21,92"	56°37'54,25"	0	1	1	1	0	0	3

	Sítio migratório/Fonte	Latitude	Longitude	Rotas/Número de espécies						
				SE	ME	OE	NAS	DES	LIT	Total
99	Tubelis & Tomas (2003)	19°05'00,77"	57°06'05,91"	0	2	0	0	1	0	3
100	Straube <i>et al.</i> (2006b)	20°44'38,55"	57°39'54,54"	1	1	1	0	0	0	3
101	Lopes <i>et al.</i> (2016)	16°02'20,32"	57°42'50,92"	0	0	3	0	0	0	3
102	SISS-Geo (2025)	16°27'12,28"	56°40'41,18"	0	1	1	0	1	0	3
103	Nascimento <i>et al.</i> (2000)	19°14'16,46"	57°13'16,33"	0	2	0	0	0	0	2
104	Tubelis & Tomas (2003), Straube <i>et al.</i> (2006a)	21°27'01,23"	57°54'25,45"	0	1	1	0	0	0	2
105	SISS-Geo (2025)	17°06'23,35"	56°56'31,09"	0	0	2	0	0	0	2
106	WikiAves (2025)	19°40'02,22"	56°19'56,96"	2	0	0	0	0	0	2
107	Tubelis & Tomas (2003), Nunes <i>et al.</i> (2018)	19°24'20,47"	57°24'03,55"	0	1	0	0	0	0	1
108	Tubelis & Tomas (2003), Nunes <i>et al.</i> (2010)	19°36'16,91"	56°51'10,81"	0	1	0	0	0	0	1
109	SISS-Geo (2025)	17°00' 9,75"	56°35'59,89"	0	1	0	0	0	0	1
110	SISS-Geo (2025)	17°00'52,89"	56°35'13,77"	0	1	0	0	0	0	1
111	Tubelis & Tomas (2003)	16°39'59,36"	57°09'10,50"	0	1	0	0	0	0	1
112	Kantek & Onuma (2013)	16°48'22,77"	57°38'42,99"	1	0	0	0	0	0	1
113	Tubelis & Tomas (2003)	19°03'02,47"	57°19'03,87"	0	0	0	1	0	0	1
114	Nunes <i>et al.</i> (2021)	19°34'25,69"	57°10'15,17"	1	0	0	0	0	0	1
115	Lopes <i>et al.</i> (2016)	16°36'01,20"	57°51'03,40"	0	1	0	0	0	0	1
116	Nunes <i>et al.</i> (2011)	18°59'59,11"	57°37'47,23"	0	0	0	0	1	0	1
117	SISS-Geo (2025)	17°15'15,28"	56°54'32,96"	0	0	0	1	0	0	1
118	SISS-Geo (2025)	17°16'23,01"	56°42'16,71"	0	1	0	0	0	0	1
119	SISS-Geo (2025)	16°28'35,94"	56°41'26,29"	0	0	1	0	0	0	1
120	Tubelis & Tomas (2003)	18°39'59,07"	56°25'59,12"	0	1	0	0	0	0	1
121	Vasconcelos <i>et al.</i> (2008)	19°18'08,94"	57°32'58,22"	1	0	0	0	0	0	1
122	SISS-Geo (2025)	17°18'26,39"	56°49'42,76"	0	0	0	1	0	0	1
123	Tubelis & Tomas (2003)	16°37'01,22"	56°04'01,06"	0	1	0	0	0	0	1
124	Tubelis & Tomas (2003), Lopes <i>et al.</i> (2016)	16°39'11,59"	57°50'08,05"	0	0	0	0	1	0	1
125	Tubelis & Tomas (2003)	17°53' 58,15"	57°27'39,85"	1	0	0	0	0	0	1
126	Tubelis & Tomas (2003)	16°22'06,48"	56°21'55,26"	0	1	0	0	0	0	1
127	SISS-Geo (2025)	16°46'27,23"	56°30'03,17"	0	1	0	0	0	0	1
128	WikiAves (2025)	18°46'30,91"	57°24'42,54"	0	1	0	0	0	0	1

	Sítio migratório/Fonte	Latitude	Longitude	Rotas/Número de espécies						
				SE	ME	OE	NAS	DES	LIT	Total
129	SISS-Geo (2025)	16°39'01,38"	56°28'02,81"	0	1	0	0	0	0	1
130	Tubelis & Tomas (2003)	16°26'56,04"	57°07'09,64"	0	1	0	0	0	0	1
131	SISS-Geo (2025)	17°16'57,02"	56°41'51,60"	0	0	0	1	0	0	1
132	SISS-Geo (2025)	17°02'03,35"	56°35'14,54"	0	0	0	0	1	0	1
133	Vasconcelos <i>et al.</i> (2008)	16°22'05,04"	56°18'02,40"	0	0	1	0	0	0	1
143	SISS-Geo (2025)	16°32'37,44"	56°23'48,99"	0	0	0	0	1	0	1
135	SISS-Geo (2025)	15°59'57,72"	55°55'10,35"	0	1	0	0	0	0	1

Diversidade e rotas migratórias

Relacionamos 192 espécies de aves migratórias ocorrentes no Pantanal (Tabela 2), as quais representam 30% da diversidade existente na planície pantaneira (Nunes *et al.* 2021). Os migrantes da Rota do Sul da América do Sul são os mais representativos, com 87 espécies, seguidos dos migrantes neárticos – Rota do Norte (46 espécies), migrantes do oeste – Rota Oeste (29 espécies), migrantes da Amazônia – Rota do Norte da América do Sul (15 espécies), migrantes de Rota Desconhecida (14 espécies) e migrante da região costeira – Rota Costeira (1 espécie).

Determinadas espécies relacionadas por Nunes & Tomas (2004, 2008) não foram consideradas neste estudo por se tratar de registros incompatíveis com os limites da planície pantaneira (Nunes *et al.* 2021). Neste contexto enquadram-se marreca-colorada (*Spatula cyanoptera*), bacurau-tesourão (*Hydropsalis forcipata*), beija-flor-preto (*Florisuga fusca*), sargento (*Agelasticus thilius*) e caboclinho-lindo (*Sporophila minuta*). Outras espécies relacionadas por Nunes & Tomas (2004, 2008) e Nunes *et al.* (2021) não foram incluídas neste estudo por não apresentarem até o momento, evidências contundentes de movimentos migratórios de longa distância dentro e fora do Pantanal. Dentre elas, a rolinha-picuí (*Columbina picui*), o gavião-de-cauda-curta (*Buteo brachyurus*), os falcões (*Falco sparverius* e *Falco femoralis*), os titirídeos (*Tityra cayana*, *Pachyramphus viridis*, *Pachyramphus marginatus* e *Xenopsaris albinucha*), os tiranídeos (*Elaenia flavogaster*, *Myiopagis caniceps*, *Colonia colonus*, *Machetornis rixosa*, *Megarynchus pitangua*, *Sirystes sibilator*, *Casiornis rufus*, *Myiarchus tyrannulus* e *Gubernetes yetapa*), sabiá-barranco (*Turdus leucomelas*), mariquita (*Setophaga pitiayumi*), chupim (*Molothrus bonariensis*), tico-tico-do-campo (*Ammodramus humeralis*), sanhaço-de-fogo (*Piranga flava*) e os traupídeos (*Saltatricula multicolor* e *Sporophila collaris*).

Tabela 2. Espécies de aves migratórias ocorrentes no Pantanal, Brasil. **Rota:** ME (sul da América do Sul ou meridional), OE (oeste), DE (desconhecida), NAS (norte da América do Sul), SE (setentrional), LIT (rota costeira). **População:** MP (parcialmente migratória), MT (toda a população é migrante). **Habitat:** RI (rio), PR (praia arenosa de rio), LA (salina e baía), CO (corixo), CP (campo limpo natural não inundável), CI (campo limpo natural inundável), CS (campo sujo), CC (campo cerrado), CE (cerrado), FL (floresta semidecídua), MC (mata ciliar), AA (ambiente urbano). **Status:** Lc (menos preocupante), Nt (quase ameaçada), Cr (criticamente em perigo), Vu (vulnerável), En (em perigo), Re (regionalmente extinta), Na (não aplicável), Dd (dados deficientes). **IPA** (índice pontual de abundância).

Família/Espécie	Nome comum	Migração		Habitat	Status		IPA
		Rota	Pop.		GL	BR	
Anatidae							
<i>Dendrocygna bicolor</i>	marreca-caneleira	ME	MP	RI, PR, LA, CO, CI	Lc	Lc	0,08
<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê	OE	MP	RI, PR, LA, CO, CI	Lc	Lc	0,32
<i>Dendrocygna autumnalis</i>	marreca-cabocla	OE	MP	RI, PR, LA, CO, CI	Lc	Lc	0,33
<i>Coscoroba coscoroba</i>	capororoca	ME	MP	LA, CI	Lc	Lc	0,05
<i>Neochen jubata</i>	pato-corredor	OE	MP	PR, CO	Nt	Lc	0,05
<i>Sarkidiornis sylvicola</i>	pato-de-crista	OE	MP	RI, LA, CI	Lc	Lc	0,09
<i>Callonetta leucophrys</i>	marreca-de-coleira	ME	MP	LA, CI	Lc	Lc	0,11
<i>Spatula versicolor</i>	marreca-cricri	ME	MP	RI, LA, CO	Lc	Lc	0,01
<i>Spatula platalea</i>	marreca-colhereira	ME	MP	LA	Lc	Na	0,02
<i>Mareca sibilatrix</i>	marreca-oveira	ME	MP	LA	Lc	Na	0,01
<i>Anas bahamensis</i>	marreca-toicinho	OE	MP	LA	Lc	Lc	0,02
<i>Netta peposaca</i>	marrecão	ME	MP	RI, LA, CO, CI	Lc	Lc	0,02
<i>Nomonyx dominicus</i>	marreca-caucau	OE	MP	LA	Lc	Lc	0,04
<i>Oxyura vittata</i>	marreca-rabo-de-espinho	ME	MP	LA	Lc	Na	0,01
Podicipedidae							
<i>Rollandia rolland</i>	mergulhão-de-orelha-branca	OE	MP	LA	Lc	Lc	0,01
<i>Tachybaptus dominicus</i>	mergulhão-pequeno	DE	MP	LA	Lc	Lc	0,11
<i>Podilymbus podiceps</i>	mergulhão-caçador	DE	MP	LA	Lc	Lc	0,06
<i>Podiceps major</i>	mergulhão-grande	ME	MP	LA	Lc	Lc	0,01
Columbidae							
<i>Patagioenas picazuro</i>	pomba-asa-branca	OE	MP	CP, CC, CE, FL, MC, AA	Lc	Lc	0,41
<i>Patagioenas maculosa</i>	pomba-do-orvalho	ME	MP	MC	Lc	Lc	0,01
<i>Claravis pretiosa</i>	pararu-azul	DE	MP	CE, FL, MC	Lc	Lc	0,21
Cuculidae							
<i>Micrococcyx cinereus</i>	papa-lagarta-cinzento	NAS	MP	CE	Lc	Lc	0,03
<i>Coccyzus melacoryphus</i>	papa-lagarta-acanelado	ME	MP	CE, FL, MC	Lc	Lc	0,14
<i>Coccyzus americanus</i>	papa-lagarta-de-asa-vermelha	SE	MT	CE, FL, MC	Lc	Lc	0,08

Família/Espécie	Nome comum	Migração		Habitat	Status		IPA
		Rota	Pop.		GL	BR	
Cuculidae							
<i>Coccyzus euleri</i>	papa-lagarta-de-euler	ME	MP	CC, CE, FL, MC	Lc	Lc	0,07
Caprimulgidae							
<i>Antrostomus rufus</i>	joão-corta-pau	ME	MP	CE, FL	Lc	Lc	0,11
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	tuju	ME	MP	CP, CS, CE, FL, MC	Lc	Lc	0,01
<i>Hydropsalis parvula</i>	bacurau-chintã	ME	MP	CS, CC	Lc	Lc	0,19
<i>Hydropsalis torquata</i>	bacurau-tesoura	ME	MP	CC, CE	Lc	Lc	0,16
<i>Nannochordeiles pusillus</i>	bacurauzinho	ME	MP	CS	Lc	Lc	0,04
<i>Podager nacunda</i>	corrucão	ME	MP	CP, AA	Lc	Lc	0,33
<i>Chordeiles minor</i>	bacurau-norte-americano	SE	MT	CC, CE, FL, MC, AA	Lc	Lc	0,01
<i>Chordeiles acutipennis</i>	bacurau-de-asa-fina	ME	MP	CC, CE	Lc	Lc	0,04
Apodidae							
<i>Chaetura meridionalis</i>	andorinhão-do-temporal	ME	MP	CP, CI, CS, CC, CE, FL, MC, AA	Lc	Lc	0,12
<i>Tachornis squamata</i>	andorinhão-do-buriti	DE	MP	MC, AA	Lc	Lc	0,02
Trochilidae							
<i>Chrysolampis mosquitus</i>	beija-flor-vermelho	DE	MP	CE, FL, MC	Lc	Lc	0,06
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	beija-flor-de-veste-preta	DE	MP	CE, FL, MC, AA	Lc	Lc	0,16
<i>Heliomaster furcifer</i>	bico-reto-azul	DE	MP	CP, CI, CS, CC, CE	Lc	Lc	0,13
Rallidae							
<i>Porphyrio martinica</i>	frango-d'água-azul	ME	MP	LA, CI	Lc	Lc	0,19
<i>Porphyrio flavirostris</i>	frango-d'água-pequeno	OE	MP	LA, CI	Lc	Lc	0,20
<i>Neocrex erythrops</i>	turu-turu	DE	MP	LA, CO, CI	Lc	Lc	0,03
<i>Pardirallus maculatus</i>	saracura-carijó	OE	MP	LA, CI	Lc	Lc	0,05
<i>Fulica leucoptera</i>	carqueja-de-bico-amarelo	ME	MP	LA	Lc	Lc	0,01
Charadriidae							
<i>Pluvialis dominica</i>	batuiraçu	SE	MT	CP, CI	Lc	Lc	0,11
<i>Pluvialis squatarola</i>	batuiraçu-de-axila-preta	SE	MT	CP, CI	Vu	Lc	0,01
<i>Charadrius semipalmatus</i>	batuira-de-bando	SE	MT	PR, LA, CI	Lc	Lc	0,01
<i>Charadrius collaris</i>	batuira-de-coleira	DE	MP	PR, LA	Lc	Lc	0,30
Recurvirostridae							
<i>Himantopus mexicanus</i>	pernilongo-de-costas-negras	OE	MP	LA, CI	Lc	Lc	0,04
<i>Himantopus melanurus</i>	pernilongo-de-costas-brancas	OE	MP	LA, CI	Lc	Lc	0,26

Família/Espécie	Nome comum	Migração			Habitat	Status		IPA
		Rota	Pop.			GL	BR	
Scolopacidae								
<i>Bartramia longicauda</i>	maçarico-do-campo	SE	MT	CP		Lc	Lc	0,10
<i>Numenius borealis</i>	maçarico-esquimó	SE	MT	PR, LA, CI		Cr	Re	0,01
<i>Numenius hudsonicus</i>	maçarico-de-bico-torto	SE	MT	PR, LA, CI		Lc	Vu	0,01
<i>Limosa haemastica</i>	maçarico-de-bico-virado	SE	MT	LA		Vu	Lc	0,05
<i>Arenaria interpres</i>	vira-pedras	SE	MT	LA, CI		Nt	Nt	0,01
<i>Calidris canutus</i>	maçarico-de-papo-vermelho	SE	MT	LA, CI		Nt	Vu	0,01
<i>Calidris pugnax</i>	combatente	SE	MT	LA, CI		Lc	Na	0,01
<i>Calidris himantopus</i>	maçarico-pernilongo	SE	MT	PR, LA, CI		Nt	Lc	0,06
<i>Calidris alba</i>	maçarico-branco	SE	MT	PR, LA, CI		Lc	Lc	0,01
<i>Calidris bairdii</i>	maçarico-de-bico-fino	SE	MT	LA, CI		Lc	Na	0,02
<i>Calidris minutilla</i>	maçariquinho	SE	MT	LA, CI		Nt	Na	0,01
<i>Calidris fuscicollis</i>	maçarico-de-sobre-branco	SE	MT	PR, LA, CI		Vu	Lc	0,11
<i>Calidris subruficollis</i>	maçarico-acanelado	SE	MT	PR, LA, CI		Vu	Vu	0,06
<i>Calidris melanotos</i>	maçarico-de-colete	SE	MT	PR, LA, CI		Lc	Lc	0,14
<i>Calidris pusilla</i>	maçarico-rasteirinho	SE	MT	LC, CI		Nt	En	0,01
<i>Gallinago undulata</i>	narcejão	DE	MP	CI		Lc	Lc	0,01
<i>Gallinago paraguaiiae</i>	narceja	OE	MP	CI		Lc	Lc	0,16
<i>Phalaropus tricolor</i>	pisa-n'água	SE	MT	LA		Lc	Lc	0,06
<i>Actitis macularius</i>	maçarico-pintado	SE	MT	PR, LA, CI		Lc	Lc	0,16
<i>Tringa solitaria</i>	maçarico-solitário	SE	MT	PR, LA, CO, CI		Lc	Lc	0,29
<i>Tringa melanoleuca</i>	maçarico-grande-de-perna-amarela	SE	MT	PR, LA, CO, CI		Nt	Lc	0,12
<i>Tringa flavipes</i>	maçarico-de-perna-amarela	SE	MT	PR, LA, CO, CI		Vu	Lc	0,23
Laridae								
<i>Xema sabini</i>	gaiivota-de-sabine	SE	MT	RI, CO		Lc	Na	0,01
<i>Chroicocephalus maculipennis</i>	gaiivota-maria-velha	OE	MP	PR, LA, CO		Lc	Lc	0,01
<i>Chroicocephalus cirrocephalus</i>	gaiivota-de-cabeça-cinza	OE	MP	PR, LA, CO		Lc	Lc	0,01
<i>Leucophaeus atricilla</i>	gaiivota-alegre	SE	MT	RI		Lc	Lc	0,01
<i>Leucophaeus pipixcan</i>	gaiivota-de-franklin	SE	MT	RI, LA, CO		Lc	Na	0,02
<i>Rynchops niger</i>	talha-mar	ME	MP	RI, PR, LA, CO		Lc	Lc	0,31
<i>Sternula superciliaris</i>	trinta-réis-pequeno	NAS	MP	RI, PR, LA, CO, AA		Lc	Lc	0,31
<i>Phaetusa simplex</i>	trinta-réis-grande	ME	MP	RI, PR, LA, CO, AA		Lc	Lc	0,44
<i>Chlidonias niger</i>	trinta-réis-negro	SE	MT	RI, LA, CO		Lc	Na	0,01

Família/Espécie	Nome comum	Migração			Habitat	Status		IPA
		Rota	Pop.			GL	BR	
Laridae								
<i>Sterna hirundo</i>	trinta-réis-boreal	SE	MT	RI		Lc	Lc	0,01
<i>Sterna trudeaui</i>	trinta-réis-de-coroa-branca	ME	MP	RI, PR, LA, CO		Lc	Lc	0,01
Ciconiidae								
<i>Ciconia maguari</i>	maguari	ME	MP	RI, LA, CO, CP, CI		Lc	Lc	0,29
<i>Jabiru mycteria</i>	tuiuiú	OE	MP	RI, LA, CO, CP, CI		Lc	Lc	0,44
<i>Mycteria americana</i>	cabeça-seca	ME	MP	RI, LA, CO, CP, CI		Lc	Lc	0,42
Fregatidae								
<i>Fregata magnificens</i>	fragata	LIT	MP	RI, LA, CO		Lc	Lc	0,01
<i>Anhingidae</i>								
<i>Anhinga anhinga</i>	biguatinga	DE	MP	RI, LA, CO		Lc	Lc	0,42
<i>Phalacrocoracidae</i>								
<i>Nannopterum brasilianum</i>	biguá	NAS	MP	RI, LA, CO		Lc	Lc	0,52
Ardeidae								
<i>Butorides striata</i>	socozinho	OE	MP	RI, LA, CO		Lc	Lc	0,50
<i>Bubulcus ibis</i>	garça-vaqueira	DE	MP	CP, CS		Lc	Lc	0,30
<i>Ardea alba</i>	garça-branca-grande	DE	MP	RI, LA, CO, CI		Lc	Lc	0,51
<i>Egretta caerulea</i>	garça-azul	ME	MP	LA, CO, CI		Lc	Lc	0,14
Threskiornithidae								
<i>Plegadis chihi</i>	caraúna	ME	MP	LA, CO, CI		Lc	Lc	0,17
<i>Phimosus infuscatus</i>	tapicuru	ME	MP	LA, CO, CI		Lc	Lc	0,37
<i>Platalea ajaja</i>	colhereiro	ME	MP	LA, CO, CI		Lc	Lc	0,34
Cathartidae								
<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha	ME	MP	CP, CS, CI, CE, AA		Lc	Lc	0,44
Pandionidae								
<i>Pandion haliaetus</i>	águia-pescadora	SE	MT	RI		Lc	Lc	0,28
Accipitridae								
<i>Elanus leucurus</i>	gavião-peneira	ME	MP	CP, CS, CI, CE		Lc	Lc	0,12
<i>Elanoides forficatus</i>	gavião-tesoura	SE	MT	CP, CS, CI		Lc	Lc	0,13
<i>Rostrhamus sociabilis</i>	gavião-caramujeiro	ME	MP	LA, CI		Lc	Lc	0,44
<i>Harpagus diodon</i>	gavião-bombachinha	ME	MP	CE, FL		Lc	Lc	0,04
<i>Ictinia mississippiensis</i>	sovi-do-norte	SE	MT	CP, CS, CE		Lc	Lc	0,09
<i>Ictinia plumbea</i>	sovi	NAS	MP	CP, CS, CE, AA		Lc	Lc	0,22

Família/Espécie	Nome comum	Migração			Habitat	Status		IPA
		Rota	Pop.			GL	BR	
Accipitridae								
<i>Buteo platypterus</i>	gavião-de-asa-larga	SE	MT	FL		Lc	Lc	0,02
<i>Buteo swainsoni</i>	gavião-papa-gafanhoto	SE	MT	CP, CS, CI		Lc	Lc	0,01
Falconidae								
<i>Falco peregrinus</i>	falcão-peregrino	SE	MT	CP, CS, CI, CE, FL, AA		Lc	Lc	0,04
Tityridae								
<i>Pachyramphus polychopterus</i>	caneleiro-preto	ME	MP	CE, FL, MC		Lc	Lc	0,24
<i>Pachyramphus validus</i>	caneleiro-de-chapéu-preto	ME	MP	CE, FL, MC		Lc	Lc	0,09
Tyrannidae								
<i>Hirundinea ferruginea</i>	gibão-de-couro	ME	MP	CP, CS, CE, FL, AA		Lc	Lc	0,04
<i>Inezia inornata</i>	alegrinho-do-chaco	OE	MP	CE, FL		Lc	Lc	0,17
<i>Elaenia spectabilis</i>	guaracava-grande	NAS	MT	CE, FL		Lc	Lc	0,17
<i>Elaenia chilensis</i>	guaracava-de-crista-branca	ME	MT	CE, FL		Lc	Lc	0,06
<i>Elaenia parvirostris</i>	tuque-pium	ME	MT	CE, FL		Lc	Lc	0,12
<i>Elaenia chiriquensis</i>	chibum	ME	MT	CP, CS, CE		Lc	Lc	0,06
<i>Myiopagis viridicata</i>	guaracava-de-crista-alaranjada	NAS	MP	CE, FL, MC		Lc	Lc	0,22
<i>Phaeomyias murina</i>	bagageiro	OE	MP	CS, CE		Lc	Lc	0,12
<i>Polystictus pectoralis</i>	papa-moscas-canela	ME	MP	CS, CE		Nt	Lc	0,06
<i>Pseudocolopteryx sclateri</i>	tricolino	OE	MT	LA, CP, CI		Lc	Lc	0,04
<i>Pseudocolopteryx acutipennis</i>	tricolino-oliváceo	OE	MT	CI		Lc	Lc	0,06
<i>Pseudocolopteryx flaviventris</i>	amarelinho-do-junco	ME	MT	LA, CI		Lc	Lc	0,02
<i>Serpophaga subcristata munda</i>	alegrinho	OE	MT	CE, FL, MC, AA		Lc	Na	0,20
<i>Serpophaga griseicapilla</i>	alegrinho-trinador	OE	MT	CE, FL, MC, AA		Lc	Lc	0,03
<i>Attila phoenicurus</i>	capitão-castanho	ME	MT	CE, FL, MC		Lc	Lc	0,03
<i>Legatus leucophaeus</i>	bem-te-vi-pirata	ME	MP	CE, FL, MC, AA		Lc	Lc	0,23
<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré	ME	MT	CS, CE, FL, MC		Lc	Lc	0,20
<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	ME	MP	CP, CS, CE, FL, MC, AA		Lc	Lc	0,55
<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado	ME	MP	CE, FL, MC, AA		Lc	Lc	0,25
<i>Myiozetetes similis</i>	bentevizinho-de-penacho-vermelho	ME	MP	CE, FL, MC, AA		Lc	Lc	0,19
<i>Tyrannus albogularis</i>	suiriri-de-garganta-branca	NAS	MP	CE, FL, MC		Lc	Lc	0,09
<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri	ME	MP	CP, CS, CI, CE, FL, MC, AA		Lc	Lc	0,47
<i>Tyrannus savana</i>	tesourinha	ME	MT	CP, CS, CI, CE, AA		Lc	Lc	0,28
<i>Tyrannus tyrannus</i>	suiriri-valente	SE	MT	CE		Lc	Lc	0,04

Família/Espécie	Nome comum	Migração		Habitat	Status		IPA
		Rota	Pop.		GL	BR	
Tityridae							
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i>	peitica-de-chapéu-preto	NAS	MP	CS, CE, AA	Lc	Lc	0,20
<i>Empidonomus varius</i>	peitica	ME	MP	CS, CE, FL	Lc	Lc	0,16
<i>Sublegatus modestus</i>	guaracava-modesta	ME	MP	CS, CE	Lc	Lc	0,18
<i>Arundinicola leucocephala</i>	freirinha	DE	MP	RI, LA, CO, CI	Lc	Lc	0,29
<i>Fluvicola albiventer</i>	lavadeira-de-cara-branca	ME	MP	RI, LA, CO, CI	Lc	Lc	0,27
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	príncipe	ME	MP	CP, CS, CE, AA	Lc	Lc	0,40
<i>Alectrurus tricolor</i>	galito	OE	MT	CP, CS, CI	Vu	Vu	0,02
<i>Alectrurus risora</i>	tesoura-do-campo	OE	MT	CP, CS, CI	Vu	Na	0,01
<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe	ME	MP	CE, FL	Lc	Lc	0,12
<i>Lathrotriccus euleri</i>	enferrujado	ME	MP	CE, FL	Lc	Lc	0,18
<i>Empidonax alnorum</i>	papa-moscas-de-alder	SE	MT	CS, CE	Lc	Lc	0,01
<i>Contopus cinereus</i>	papa-moscas-cinzento	ME	MP	CE, FL	Lc	Lc	0,09
<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno	ME	MP	MC	Lc	Lc	0,16
<i>Hymenops perspicillatus</i>	viuvinha-de-óculos	ME	MP	LA, CI	Lc	Lc	0,09
<i>Knipolegus striaticeps</i>	maria-preta-acinzentada	OE	MT	CE, FL	Lc	Na	0,02
<i>Knipolegus hudsoni</i>	maria-preta-do-sul	ME	MT	CS, CE	Lc	Na	0,06
<i>Xolmis irupero</i>	noivinha	ME	MP	CP, CS	Lc	Lc	0,23
<i>Xolmis velatus</i>	noivinha-branca	DE	MP	CP, CS, CE	Lc	Lc	0,28
<i>Nengetus cinereus</i>	primavera	ME	MP	CP, CS, CE, AA	Lc	Lc	0,20
Vireonidae							
<i>Vireo olivaceus</i>	juruviara-boreal	SE	MT	CE, FL, MC	Lc	Lc	0,02
<i>Vireo chivi</i>	juruviara	NAS	MT	CE, FL, MC, AA	Lc	Lc	0,23
Hirundinidae							
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa	ME	MP	CP, CS, CE, AA	Lc	Lc	0,09
<i>Alopochelidon fucata</i>	andorinha-morena	NAS	MT	CP, CS, CI	Lc	Lc	0,03
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serradora	ME	MP	RI, LA, CO, CP, CS, CE, AA	Lc	Lc	0,30
<i>Progne tapera</i>	andorinha-do-campo	ME	MP	CP, CS, CE, AA	Lc	Lc	0,35
<i>Progne subis</i>	andorinha-azul	SE	MT	CP, CS, CE, AA	Lc	Lc	0,06
<i>Progne chalybea</i>	andorinha-grande	ME	MP	CP, CS, CE, AA	Lc	Lc	0,30
<i>Progne elegans</i>	andorinha-do-sul	ME	MT	RI, LA, CP, CS	Lc	Lc	0,01
<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio	DE	MP	RI, LA, CO, CI	Lc	Lc	0,32

Família/Espécie	Nome comum	Migração		Habitat	Status		IPA
		Rota	Pop.		GL	BR	
Hirundinidae							
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	andorinha-de-sobre-branco	ME	MP	CP, CS, CE	Lc	Lc	0,14
<i>Riparia riparia</i>	andorinha-do-barranco	SE	MT	CP, CS, CE, AA	Lc	Lc	0,09
<i>Hirundo rustica</i>	andorinha-de-bando	SE	MT	CP, CS, CE, AA	Lc	Lc	0,15
<i>Petrochelidon pyrrhonota</i>	andorinha-de-dorso-acanelado	SE	MT	CP, CS, CE	Lc	Lc	0,09
Turdidae							
<i>Catharus fuscescens</i>	sabiazinho-norte-americano	SE	MT	CE, FL, MC	Lc	Lc	0,03
<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca	ME	MP	CE, FL, MC, AA	Lc	Lc	0,32
<i>Turdus subalaris</i>	sabiá-ferreiro	ME	MT	FL	Lc	Lc	0,01
Mimidae							
<i>Mimus triurus</i>	calhandra-de-três-rabos	OE	MT	CP, CS, CE, AA	Lc	Lc	0,15
Fringillidae							
<i>Spinus magellanicus</i>	pintassilgo	ME	MP	CP, CS, CI	Lc	Lc	0,10
Icteridae							
<i>Dolichonyx oryzivorus</i>	triste-pia	SE	MT	CP, CS, CI	Lc	Lc	0,06
Parulidae							
<i>Oporornis agilis</i>	mariquita-de-connecticut	SE	MT	FL	Lc	Lc	0,01
Cardinalidae							
<i>Pheucticus aureoventris</i>	rei-do-bosque	OE	MT	CE, FL	Lc	Lc	0,06
Thraupidae							
<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha	ME	MP	FL, MC	Lc	Lc	0,05
<i>Aemospiza obscura</i>	cigarra-parda	OE	MP	CE, FL	Lc	Na	0,01
<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu	ME	MP	CP, CS, CE, AA	Lc	Lc	0,36
<i>Sporophila lineola</i>	bigodinho	NAS	MT	CP, CS, CI, CE, AA	Lc	Lc	0,17
<i>Sporophila plumbea</i>	patativa	ME	MP	CP, CS, CE, AA	Lc	Lc	0,04
<i>Sporophila bouvronides</i>	estrela-do-norte	NAS	MT	CP, CS, CI	Lc	Lc	0,01
<i>Sporophila caerulea</i>	coleurinho	ME	MP	CP, CS, CI, AA	Lc	Lc	0,27
<i>Sporophila nigrorufa</i>	caboclinho-do-sertão	OE	MT	CP, CS, CI	Vu	Vu	0,03
<i>Sporophila bouvreuil</i>	caboclinho	NAS	MP	CP, CS, CI	Lc	Lc	0,06
<i>Sporophila hypoxantha</i>	caboclinho-de-barriga-vermelha	ME	MT	CP, CS, CI, AA	Lc	Vu	0,16
<i>Sporophila ruficollis</i>	caboclinho-de-papo-escuro	ME	MT	CP, CS, CI	Nt	Vu	0,11
<i>Sporophila iberensis</i>	caboclinho-do-pantanal	OE	MT	CP, CS, CI	Nt	Dd	0,03
<i>Sporophila palustris</i>	caboclinho-de-papo-branco	ME	MT	CP, CS, CI	En	Vu	0,05

Família/Espécie	Nome comum	Migração		Habitat	Status		IPA
		Rota	Pop.		GL	BR	
Thraupidae							
<i>Sporophila hypochroma</i>	caboclinho-de-sobre-ferrugem	ME	MT	CP, CS, CI	Nt	Lc	0,03
<i>Sporophila cinnamomea</i>	caboclinho-de-chapéu-cinzento	ME	MT	CP, CS, CI	Vu	Nt	0,03
<i>Thlypopsis sordida</i>	saí-canário	NAS	MP	CE, FL, MC	Lc	Lc	0,12
<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho	ME	MP	CE, FL, MC	Lc	Lc	0,25
<i>Sicalis citrina</i>	canário-rasteiro	ME	MT	CP, CS, CI, CE	Lc	Lc	0,03
<i>Sicalis luteola</i>	tipio	ME	MT	CP, CS, CI, CE	Lc	Lc	0,06

Várias espécies relacionadas por Nunes (2004, 2008) e Nunes *et al.* (2021) como migrantes, possivelmente realizam deslocamentos em menor escala dentro da planície pantaneira e foram alocadas na categoria de nômade. Espécies dependentes de ambientes aquáticos como vazantes, baías, salinas e campos inundados devem se deslocar para áreas ou sub-regiões mais propícias conforme os períodos de cheias e secas no Pantanal (Blanco *et al.* 2020). Neste contexto, enquadram-se pato-do-mato (*Carina moschata*), carão (*Aramus guarauna*), os ralídeos (*Laterallus melanophaius* e *Gallinula galeata*), mexeriqueira (*Vanellus cayanus*) e gavião-belo (*Busarellus nigricollis*). As espécies de campos secos e úmidos também devem realizar pequenos deslocamentos entre as várias sub-regiões conforme a subida e descida das águas, bem como disponibilidade de alimento (Ilha 2017). Dentre elas: taperuçu-de-coleira-branca (*Streptoprocne zonaris*), avoante (*Zenaida auriculata*); lavadeira-mascarada (*Fluvicola nengeta*); caminheiro-zumbidor (*Anthus chii*); os caboclinhos (*Sporophila leucoptera*, *Sporophila pileata*, *Sporophila nigricollis*, *Sporophila angolensis* e *Sporophila maximiliani*) e os icterídeos (*Amblyramphus holosericeus*, *Agelasticus cyanopus*, *Leistes superciliaris* e *Chrysomus ruficapillus*). Em ambientes de campo cerrado, cerrado e matas (deciduais, semideciduais, galeria e ciliares) há considerável escassez de recursos (insetos e outros artrópodes, bem como flores, frutos e brotos) durante a estação seca na planície do Pantanal (Pinho 2005). As espécies que vivem nestes habitats tendem a desaparecer ou ter seus números reduzidos na seca, possivelmente realizando deslocamentos nomádicos para áreas com maior oferta de recursos alimentares. Neste contexto enquadram-se a pomba-trocal (*Patagioenas speciosa*), os bacuraus (*Nyctiprogne leucopyga* e *Hydropsalis maculicaudus*), os beija-flor-tesoura-verde (*Thalurania furcata*) e vários tiranídeos (*Elaenia obscura*, *Elaenia mesoleuca*, *Elaenia cristata*, *Capsiempis flaveola*, *Myiozetetes cayanensis* e *Suiriri suiriri*).

As famílias mais diversas são Tyrannidae (42 espécies), Scolopacidae (22 espécies) e Thraupidae, com 19 espécies (Figura 2). Dentre os Tyrannidae, 60% das populações de espécies ocorrentes no Pantanal correspondem a migrantes oriundas da Rota do Sul da América do Sul. Tal fato é esperado, visto que Tyrannidae é a maior família de aves do hemisfério ocidental (Sick 1997). De acordo com Alves (2007), aproximadamente um terço dos migrantes austrais – Rota do Sul da América do Sul, são da família Tyrannidae, que domina o sistema de migração nessa rota. O mesmo ocorre entre o Thraupidae, cujas populações de espécies meridionais – Rota do Sul da América do Sul, representam 65% da comunidade migrante. Noventa por cento das espécies que compõe a família Scolopacidae é composta por migrantes setentrionais – Rota do Norte. Destacam-se também os membros da família Anatidae, cujas populações de espécies oriundas do sul da América do Sul representam 57% da comunidade, enquanto aquelas vindas do oeste do continente sul-Americano (Rota Oeste), 43%.

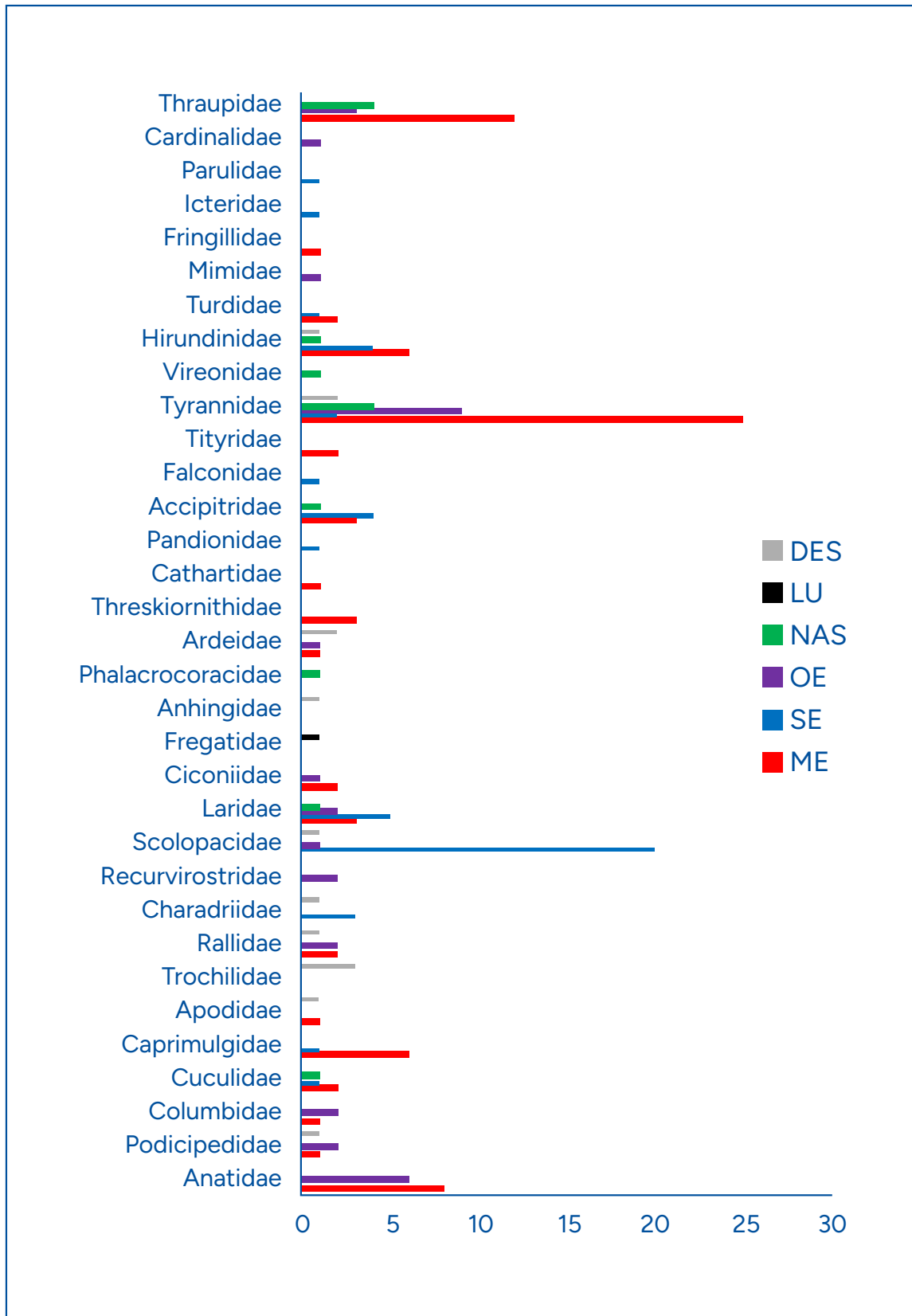


Figura 2. Famílias de aves migratórias ocorrentes no Pantanal, agrupadas por rotas. Legenda: ME (meridional – Rota do Sul da América do Sul), SE (setentrional – Rota do Norte), OE (Roda do Oeste), NAS (Rota do Norte da América do Sul), DES (Desconhecida), LI (Rota Costeira).

Aves migratórias ocorrentes no Pantanal

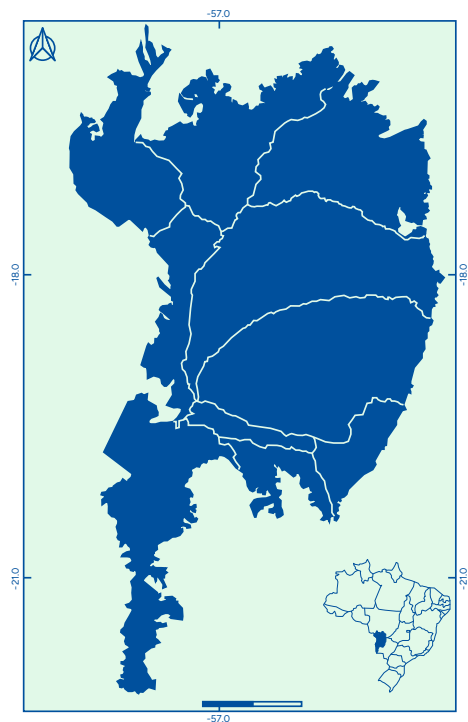
Anatidae

Marreca-caneleira

Fulvous Whistling-Duck

Dendrocygna bicolor (Vieillot, 1816)

Ocorre em várias sub-regiões do Pantanal, porém, é uma das marrecas menos comuns do gênero. Habita rios, baías, salinas e campos inundados (Gwynne *et al.* 2010). Desloca-se do centro da Argentina (Pampa e Chaco) para as áreas de invernada no Uruguai e sul do Brasil, aonde chega no outono. A migração ocorre ao longo das rotas central e oriental da Argentina (Blanco *et al.* 2020). Flutuações na população ocorrente no Pantanal possivelmente se devem a indivíduos austrais fugindo do inverno no sul do Brasil (junho a setembro) e/ou se dispersando pelo interior da planície seguindo os pulsos de inundação (Nunes & Tomas 2008). O aumento da abundância está relacionado com a eleva o da pluviosidade no Pantanal (Oliveira 2006). Migra o: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC – IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



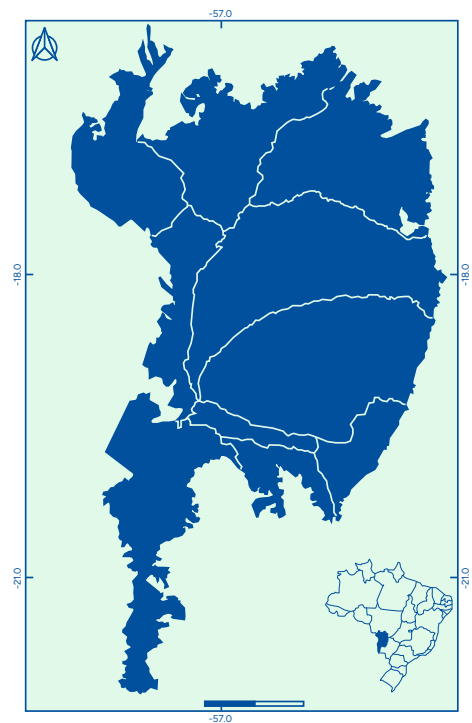
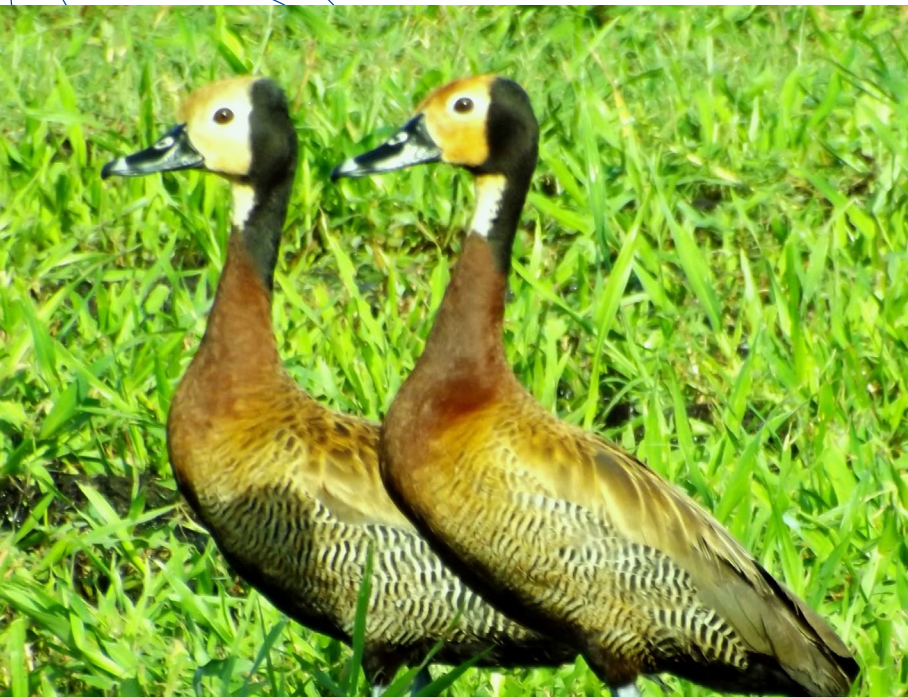
Adultos de marreca-caneleira (*Dendrocygna bicolor*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Irerê

White-faced Whistling-Duck

Dendrocygna viduata (Linnaeus, 1766)

Comum e abundante em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Habita rios, baías, salinas e campos inundados (Gwynne *et al.* 2010). No corredor de migração Paraguai-Paraná está concentrada em maior número na porção sul. No entanto verifica-se aumento na densidade no Pantanal no período de junho a novembro (Blanco *et al.* 2020). O aumento da abundância está relacionado com a elevação da pluviosidade no Pantanal (Oliveira 2006). Na planície do Pantanal as densidades dessa marreca tendem a flutuar. A irerê desaparece completamente de determinadas regiões em função das grandes inundações, retornando com a baixa das águas nos campos. Possivelmente parte da população migra para regiões da planície ou da Bacia do Alto Rio Paraguai, como o Chaco, ou vice-versa, onde encontra habitats mais favoráveis e não inundados. Estudos com marcação de irerês revelam alta capacidade de deslocamento de algumas centenas de quilômetros (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



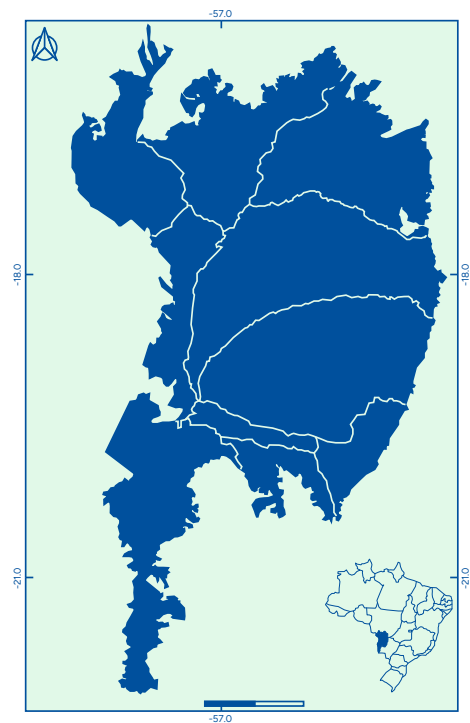
Casal de irerê (*Dendrocygna viduata*) adulto. Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Marreca-cabocla

Black-bellied Whistling-Duck

Dendrocygna autumnalis (Linnaeus, 1758)

Comum e abundante em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Habita rios, baías, salinas e campos inundados (Gwynne *et al.* 2010). Durante a estação de vazante, quando os campos inundados estão secando podem ser avistados bandos com até 10.000 indivíduos. Entretanto, no início da estação chuvosa se deslocam para regiões desconhecidas, retornando a partir de janeiro (Antas & Palo Júnior 2004). Possivelmente durante as grandes inundações dos campos e habitats aquáticos, parte da população ocorrente no Pantanal se desloque para fora da planície pantaneira, como os planaltos do entorno ou o Chaco, em busca de áreas mais favoráveis à alimentação. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



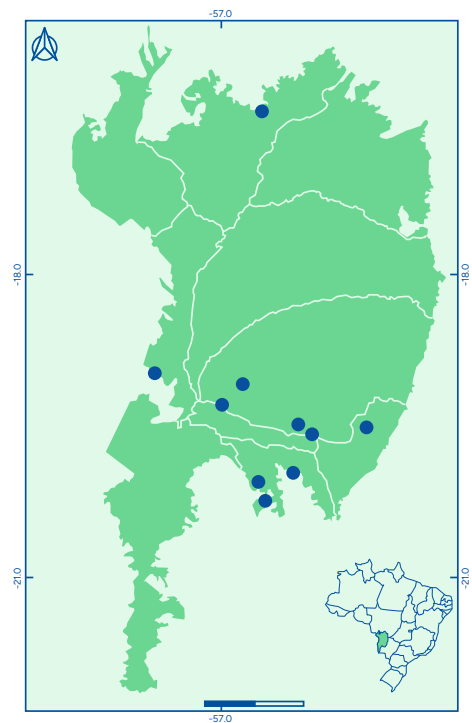
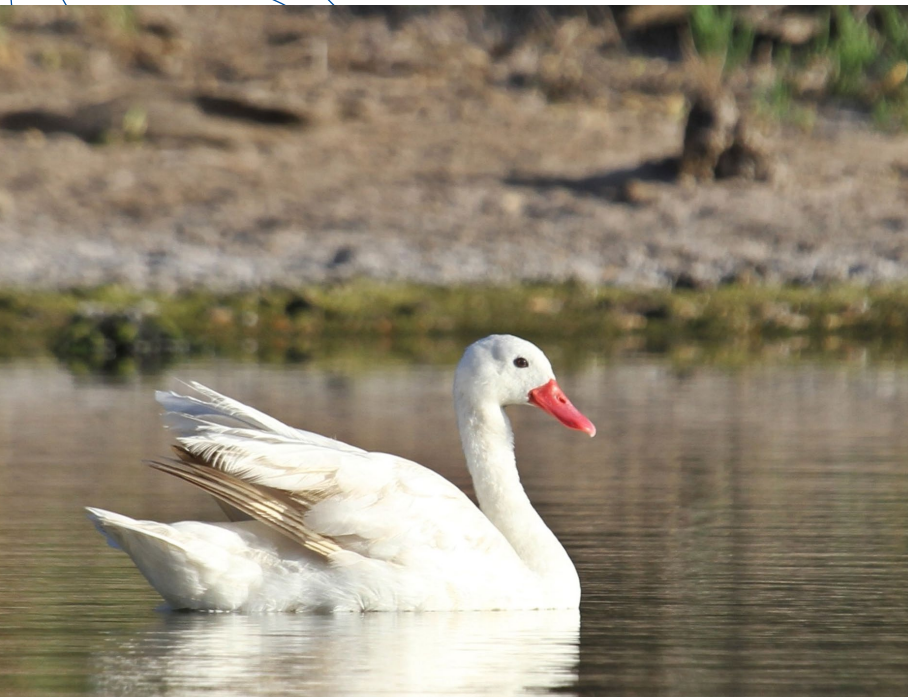
Casal de marreca-cabocla (*Dendrocygna autumnalis*) adulto. Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Capororooca

Coscoroba Swan

Coscoroba coscoroba (Molina, 1782)

Raro, com distribuição centrada em algumas sub-regiões do Pantanal, como a Nhecolândia, MS e Poconé, MT (Gwynne *et al.* 2010). Ocorre em baías, salinas e campos inundados. O Rio Grande do Sul é a principal área de reprodução (Sick 1997). A região patagônica, ou mesmo andina, deve ser o local de origem de parte da população que chega ao sul do Brasil (Carbonell *et al.* 2007). Apenas uma pequena parcela da população se dispersa para regiões mais setentrionais do país, como o Pantanal (entre junho e novembro), fugindo do inverno no sul da América do Sul (Sick 1997). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



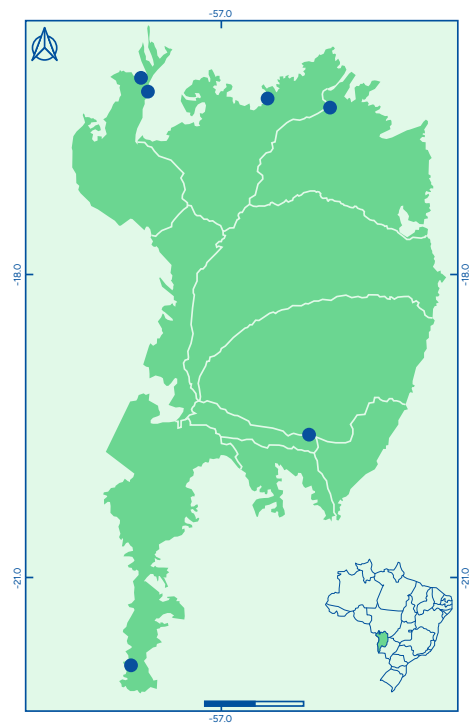
Capororooca (*Coscoroba coscoroba*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Pato-corredor

Orinoco Goose

Neochen jubata (Spix, 1825)

Raro. Habita praias e bancos de areia de rios e corixos (Gwynne *et al.* 2010). A região do médio Araguaia, entre os estados do Tocantins, Pará e Mato Grosso, abriga a principal população de pato-corredor no Cerrado, com uma população estimada em mais de 1.000 indivíduos (Pinheiro *et al.* 2021). Parte da população migra do Peru e do Brasil para os Llanos de Moxos, na Bolívia, onde possivelmente se reproduzem (Davenport *et al.* 2012). Após o período reprodutivo as populações empreendem migrações rumo aos banhados da Amazônia e Venezuela (Endo *et al.* 2014), passando pela planície do Pantanal, principalmente no período de maio a outubro. Migração: Rota Oeste. Status: global (NT - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



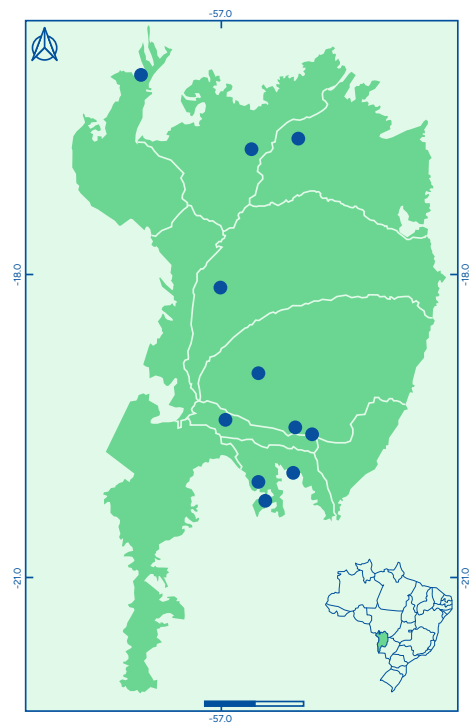
Grupo de patos-corredores (*Neochen jubata*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Pato-de-crista

Comb Duck

Sarkidiornis sylvicola (Ihering & Ihering, 1907)

Incomum e raro no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Habita rios, baías, salinas e campos inundados (Gwynne *et al.* 2010). No corredor migratório Paraguai-Paraná as densidades aumentam no período de seca, a partir de junho. Com maior concentração no Pantanal no período de setembro a novembro (Blanco *et al.* 2020). Possivelmente parte da população ocorrente no Pantanal se desloque para fora da planície, como o sul do corredor migratório em busca de áreas mais favoráveis à alimentação. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



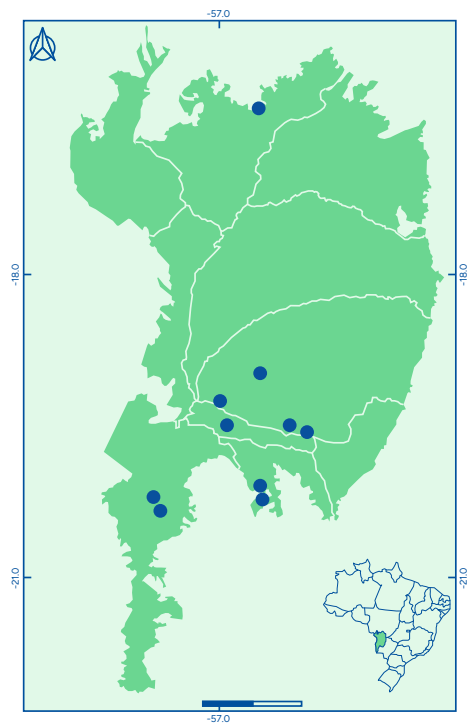
Fêmea adulta de pato-de-crista (*Sarkidiornis sylvicola*) fêmea. Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Marreca-de-coleira

Ringed Teal

Callonetta leucophrys (Vieillot, 1816)

Incomum e de ocorrência pontual em algumas regiões do Pantanal. Habita baías, salinas e campos inundados. Se reproduz principalmente no Rio Grande do Sul, sul da Bolívia e noroeste da Argentina (Gwynne *et al.* 2010). Desloca-se para a planície do Pantanal durante os períodos de inverno e clima seco no sul do Brasil, de maio a setembro (Nunes & Tomas 2008). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



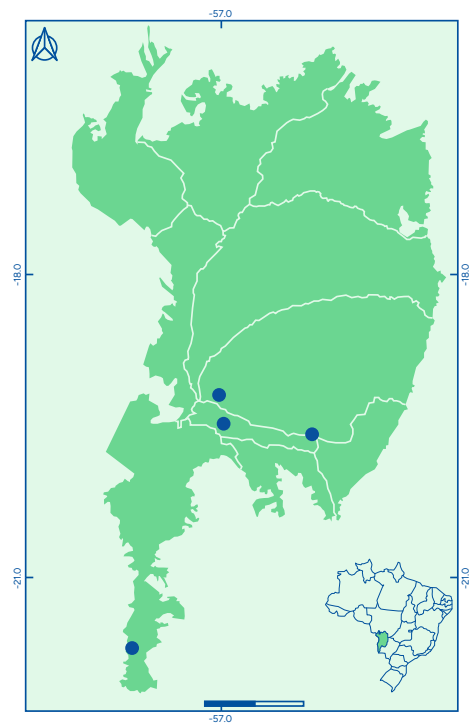
Macho adulto de marreca-de-coleira (*Callonetta leucophrys*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Marreca-cricri

Silver Teal

Spatula versicolor (Vieillot, 1816)

Rara, com poucas áreas de ocorrência no Pantanal, como em Miranda e Porto Murtinho, ambas em MS. Habita rios, corixos e baías. Se distribui principalmente no sul da América do Sul e no Brasil, nos estados do sul e parte do sudeste (Sick 1997). Durante o inverno austral migra para regiões mais setentrionais, como o Pantanal. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



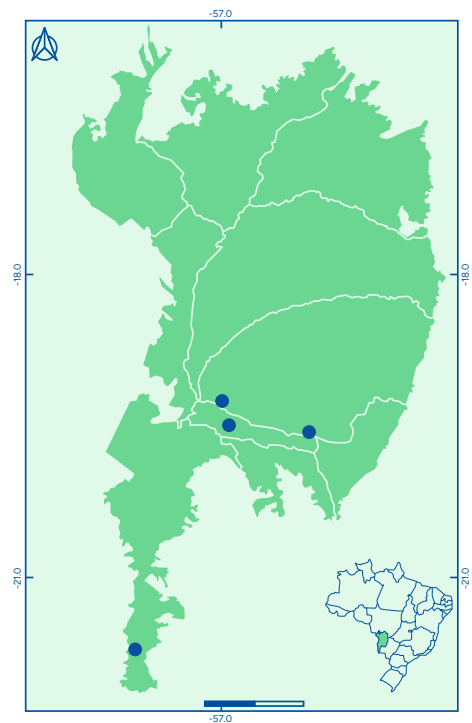
Macho adulto de marreca-cricri (*Spatula versicolor*). Foto: Maristela Benites. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Marreca-colhereira

Red Shoveler

Spatula platalea (Vieillot, 1816)

Rara, ocorre em baías e salinas. A principal área de ocorrência é o sul do Brasil e Argentina (Sick 1997). Porém, indivíduos fugindo do inverno austral e secas extremas podem ser avistados em salinas e baías do Pantanal (maio a julho), como nas regiões de Porto Murtinho, Corumbá (Nhecolândia), Aquidauana e Miranda, todas no MS (Nunes & Tomas 2008). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



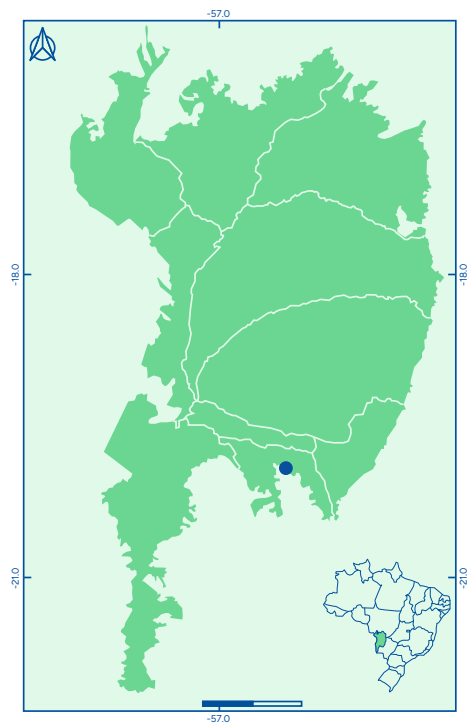
Adultos de marreca-colhereira (*Spatula platalea*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Marreca-oveira

Chiloe Wigeon

Mareca sibilatrix (Poepig, 1829)

Rara e de ocorrência pontual no Pantanal, Fazenda Caiman, em Miranda, MS (Nunes 2011a). Se reproduz no centro-sul da Argentina e Chile, até a Terra do Fogo. Durante o inverno, migra para o norte, alcançando o Uruguai, Paraguai e sul e sudeste do Brasil (Carbonell *et al.* 2007). Entretanto, há registros de reprodução no Rio Grande do Sul (Kurz 2021). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



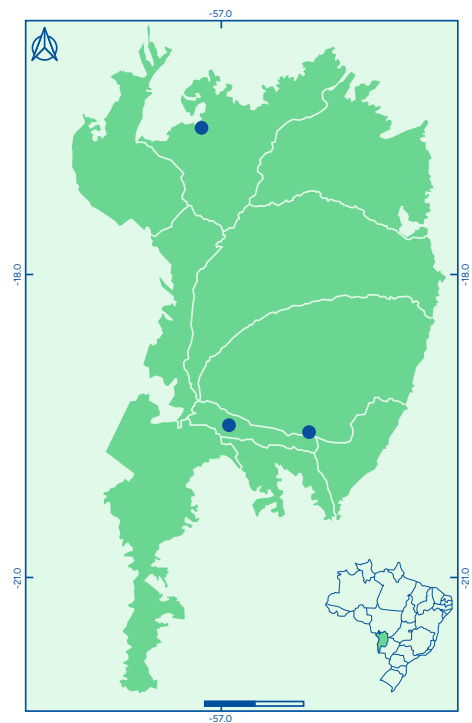
Casal de marreca-oveira (*Mareca sibilatrix*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Marreca-toicinho

White-cheeked Pintail

Anas bahamensis (Linnaeus, 1758)

Incomum e de ocorrência localizada no Pantanal (Nunes *et al.* 2021). Aparece em baías e salinas (Gwynne *et al.* 2010). No Brasil, as principais áreas de ocorrência e concentração de registros da espécie estão concentradas no Sul, Sudeste e Nordeste (Sick 1997). No corredor de migração Paraguai-Paraná as concentrações variam bastante ao longo do ano, diminuindo durante o período de frio, março a agosto (Blanco *et al.* 2020). Possivelmente parte da população ocorrente no Pantanal seja composta por indivíduos que fugindo do inverno austral encontram condições mais favoráveis nos ambientes aquáticos da planície. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



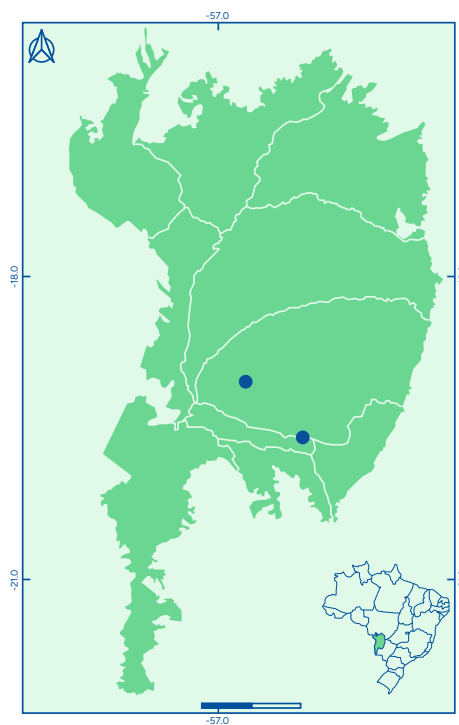
Bando de marreca-toicinho (*Anas bahamensis*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Marrecão

Rosy-billed Pochard

Netta peposaca (Vieillot, 1816)

Raro, de ocorrência pontual na foz do Rio Negro e Fazenda Barranco Alto, sul do Pantanal (Nunes 2011a) e recentemente, na região do Forte Coimbra. Aparece em rios, corixos e salinas (Gwynne *et al.* 2010). Sua ocorrência na planície pantaneira evidencia a existência de um fluxo migratório de espécies meridionais que fogem do inverno austral no Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina em busca de habitats aquáticos mais favoráveis no Pantanal (Nunes & Tomas 2008). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



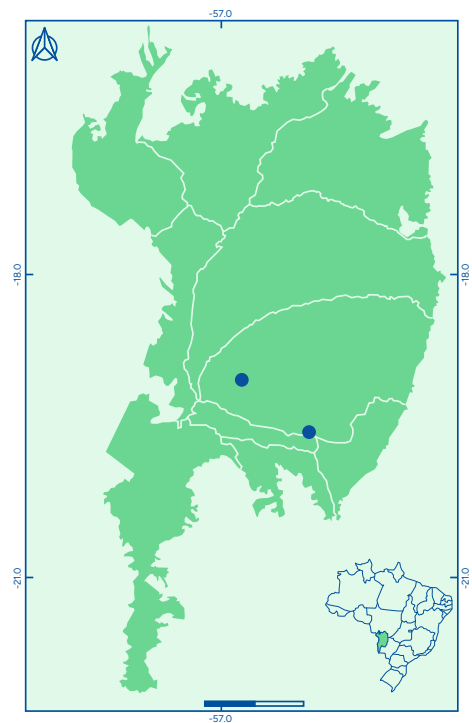
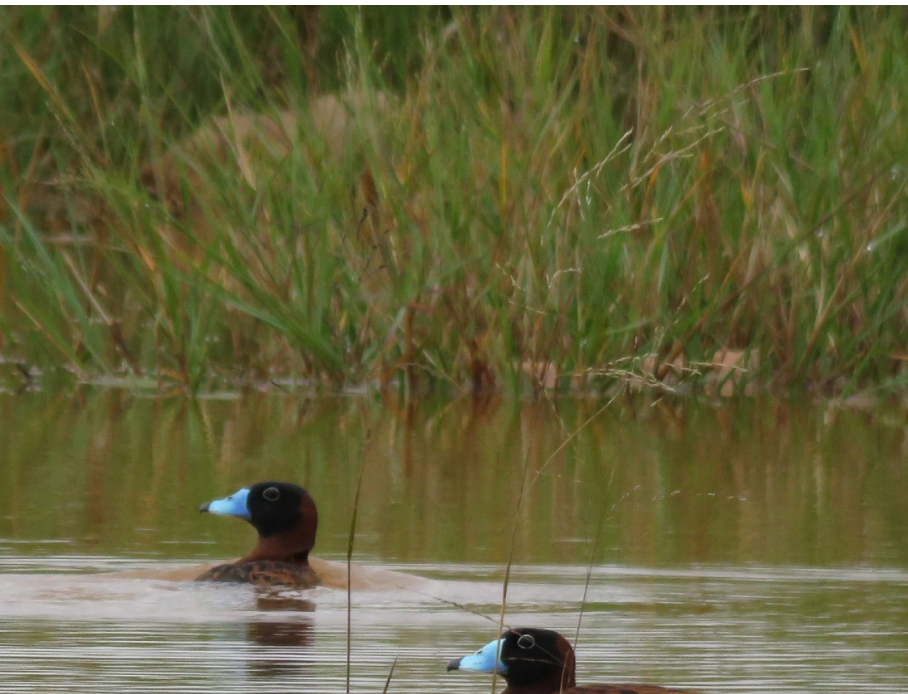
Macho adulto de marrecão (*Netta peposaca*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Marreca-caucau

Masked Duck

Nomonyx dominicus (Linnaeus, 1766)

Esquiva e de ocorrência pontual na planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em baías com macrófitas aquáticas e salinas (Gwynne *et al.* 2020). Considerada migrante austral parcial no corredor de aves migratórias do sistema Paraguai-Paraná, sendo mais numerosa no período de junho a agosto. É provável que parte da população austral migre para a porção norte do corredor, incluindo o Pantanal, durante o inverno (Blanco *et al.* 2020). No Pantanal a maioria dos registros está concentrada no período de agosto a fevereiro. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



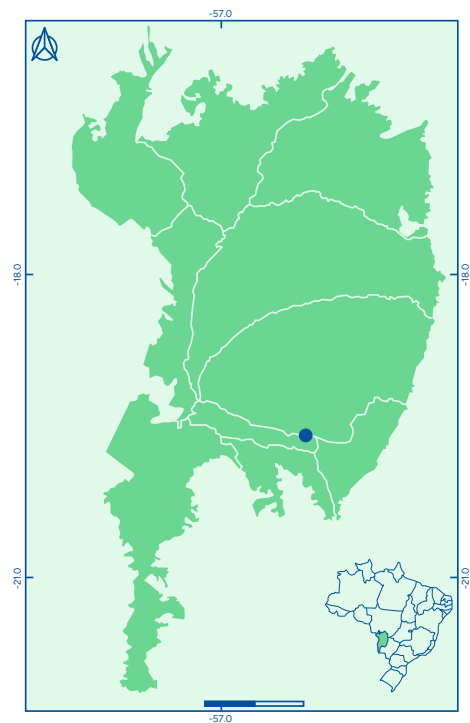
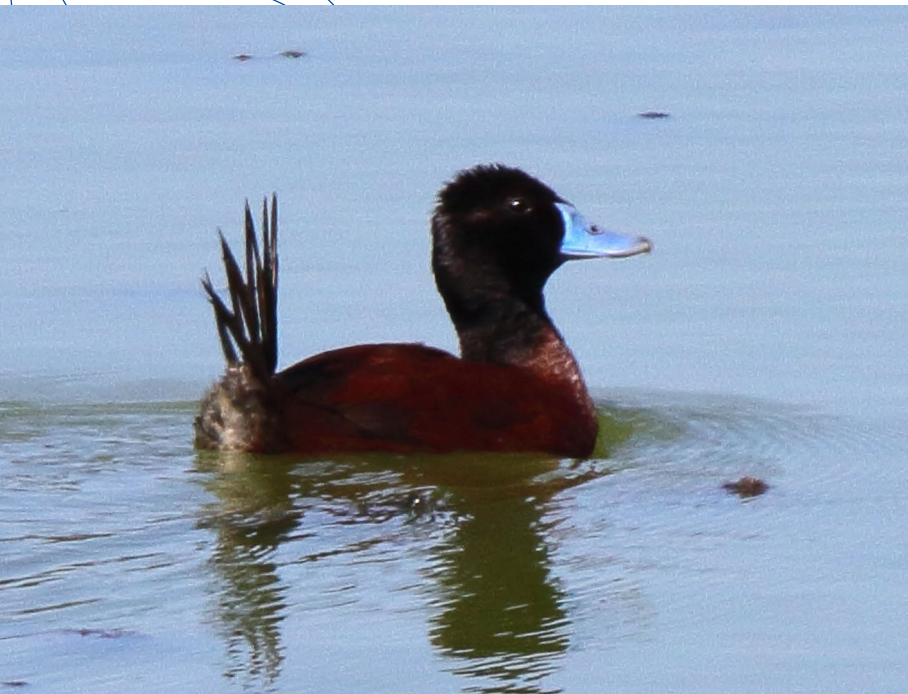
Marreca-caucau (*Nomonyx dominicus*). Foto: Maristela Benites. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Marreca-rabo-de-espinho

Lake Duck

Oxyura vittata (Philippi, 1860)

Rara, registrada apenas na Fazenda Barranco Alto, Aquidauana, MS (Severo-Neto *et al.* 2017). Possui distribuição centrada no sul da América do Sul (principalmente Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina) (Sick 1997). Tal como ocorre com os demais anatídeos meridionais, as extremas quedas de temperatura e secas igualmente extremas no sul da América do Sul podem ser os fatores responsáveis pela ocorrência acidental dessa marreca no Pantanal (Severo-Neto *et al.* 2017). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



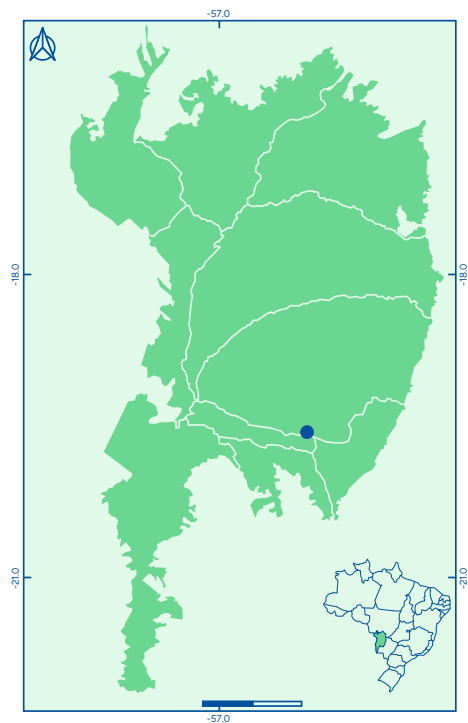
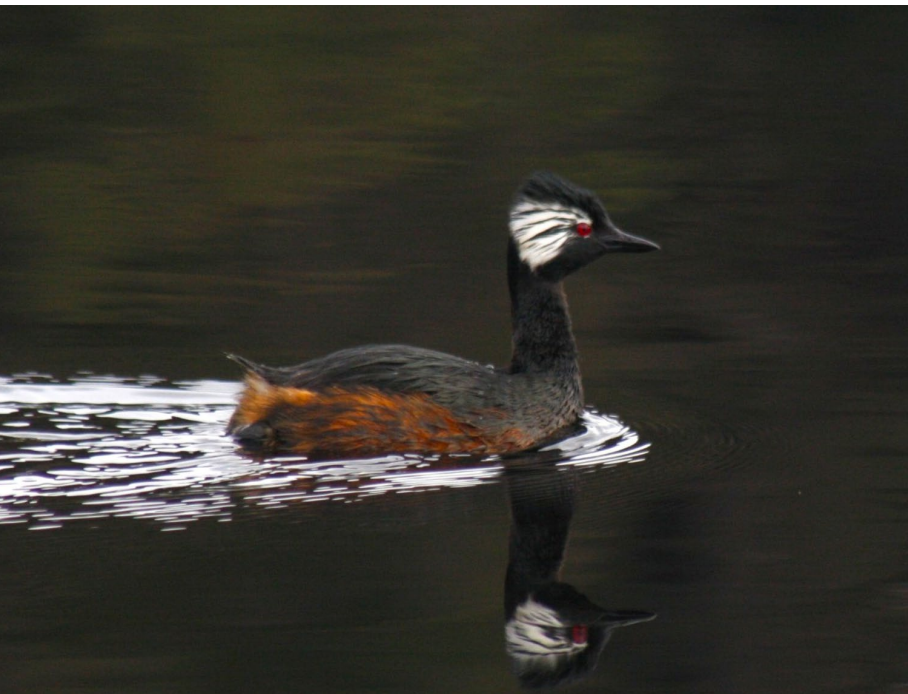
Adulto de marreca-rabo-de-espinho(*Oxyura vittata*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Mergulhão-de-orelha-branca

White-tufted Grebe

Rollandia rolland (Quoy & Gaimard, 1824)

Rara, registrada apenas na Fazenda Barranco Alto, Aquidauana, MS (Tubelis & Tomas 2003). Possui distribuição centrada no sul da América do Sul e no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná (Sick 1997). No corredor de aves migratórias do sistema Paraguai-Paraná, ocorre na região do Chaco (Blanco *et al.* 2020), de onde provavelmente tem origem parte das aves avistadas no Pantanal. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



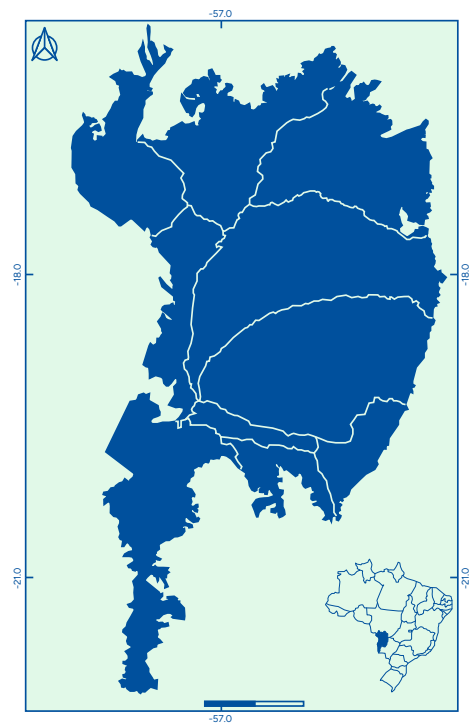
Adulto de mergulhão-de-orelha-branca (*Rollandia rolland*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Mergulhão-pequeno

Least Grebe

Tachybaptus dominicus (Linnaeus, 1766)

Relativamente comum no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Estritamente ligada a ambientes aquáticos (Gwynne *et al.* 2010), especialmente baías e salinas (Donatelli *et al.* 2014). Durante a estação seca parte da população deve empreender deslocamentos ainda pouco conhecidos para fora da planície pantaneira, especialmente em sub-regiões onde os corpos-d'água secam completamente neste período. Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



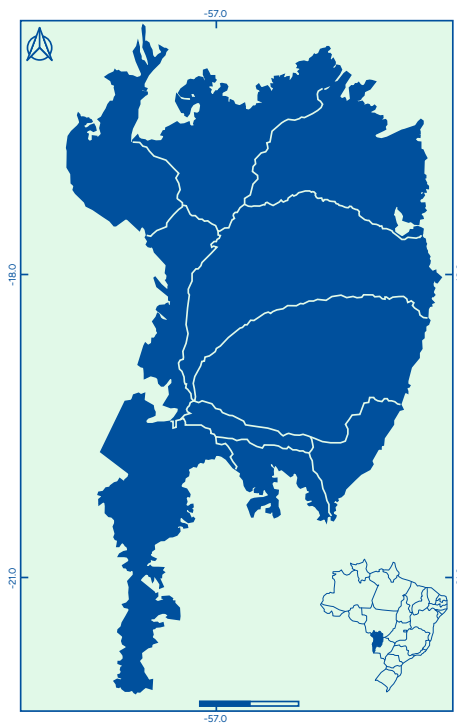
Adulto de mergulhão-pequeno (*Tachybaptus dominicus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Mergulhão-caçador

Pied-billed Grebe

Podilymbus podiceps (Linnaeus, 1758)

Relativamente comum no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Estritamente ligada a ambientes aquáticos (Gwynne *et al.* 2010), especialmente baías e salinas (Donatelli *et al.* 2014). Durante a estação seca parte da população deve empreender deslocamentos ainda pouco conhecidos para fora da planície pantaneira, especialmente em sub-regiões onde os corpos-d'água secam completamente neste período. Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



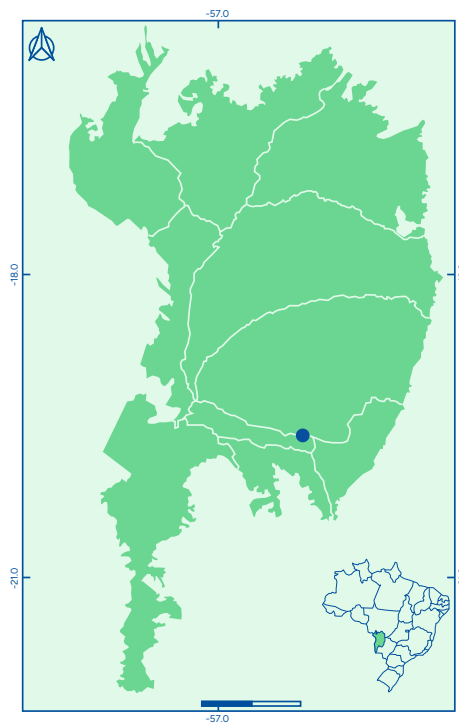
Adulto de mergulhão-caçador (*Podilymbus podiceps*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Mergulhão-grande

Great Grebe

Podiceps major (Boddaert, 1783)

Raro, com ocorrência pontual no Pantanal de Aquidauana (Nunes *et al.* 2021). Distribuição meridional, da Terra do Fogo ao Uruguai, Paraguai e Brasil, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Nidifica no Rio Grande do Sul (outubro a novembro) e durante suas migrações desloca-se para a região costeira do sudeste (Sick 1997). No Pantanal aparece em agosto, possivelmente fugindo do inverno rigoroso no sul do Brasil. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



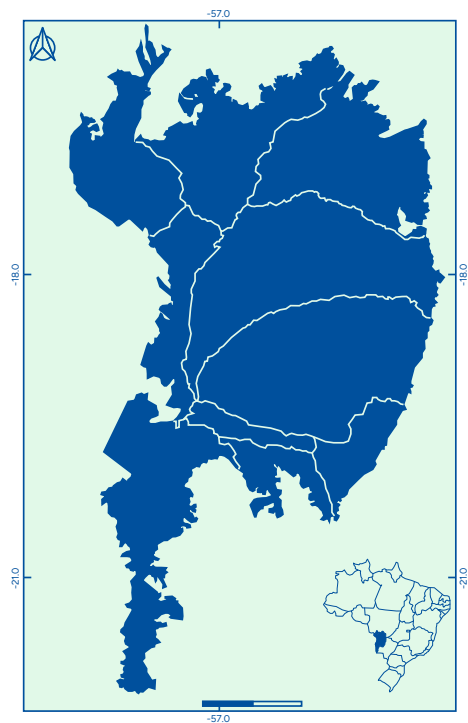
Adulto de mergulhão-grande (*Podiceps major*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Pomba-asa-branca

Picazuro Pigeon

Patagioenas picazuro (Temminck, 1813)

Comum e de ampla ocorrência em toda a planície do Pantanal. Ocorre em áreas abertas e capoeiras (Gwynne *et al.* 2010). Indivíduos anilhados em Poconé, MT foram recuperados no Chaco do Paraguai (Valle & Yamashita 1986). Antas & Palo Junior (2009) observaram deslocamentos migratórios de março a dezembro, em parte da população ocorrente no Pantanal de Poconé, MT. Possivelmente há populações residentes e outras, que realizam deslocamentos nômades pelas várias regiões do Pantanal. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



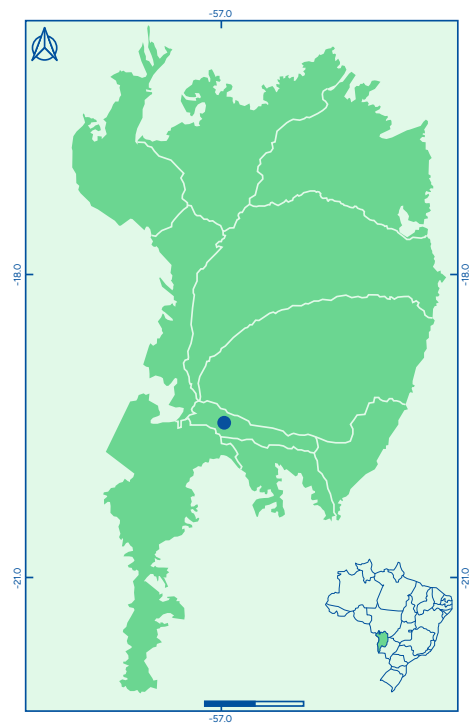
Adulto de pomba-asa-branca (*Patagioenas picazuro*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Pomba-do-orvalho

Spot-winged Pigeon

Patagioenas maculosa (Temminck, 1813)

Rara, com registro recente para o Pantanal (Nunes *et al.* 2021). Habita tanto florestas como áreas abertas. Ocorre do sul do Peru à Argentina, Uruguai e sul do Brasil, sendo mais abundante no Parque Espinillo, no Rio Grande do Sul (Sick 1997, Guizoni-Jr *et al.* 2009). Durante suas migrações associa-se com a congênera *P. picazuro* (Sick 1997). Em junho de 2023 foi registrado um indivíduo junto a um bando de pomba-asa-branca (*P. picazuro*) na vegetação ripária do Rio Abobral, Corumbá, MS (WikiAves 2025). Possivelmente trata-se de indivíduo fugindo do inverno rigoroso no extremo sul da América do Sul, tal como fazem outras espécies austrais. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



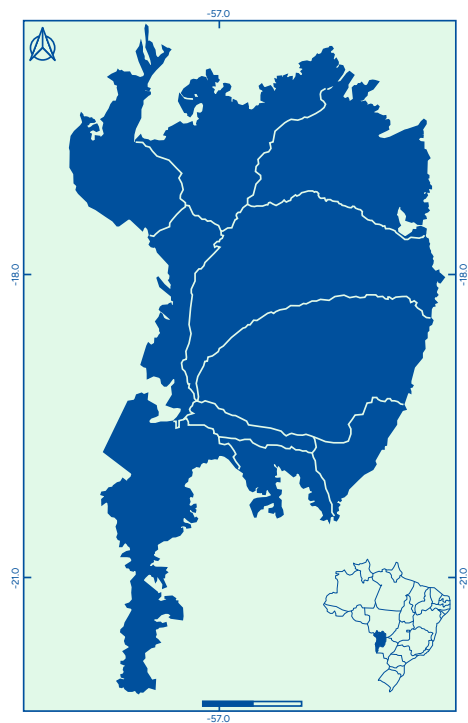
Adulto de pomba-do-orvalho (*Patagioenas maculosa*). Foto: Maiara Vissoto. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Pararu-azul

Blue Ground-Dove

Claravis pretiosa (Ferrari-Perez, 1886)

Comum e de ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Habita exclusivamente o sub-bosque de florestas e matas de galeria (Gwynne *et al.* 2010). Há registros de deslocamentos migratórios ainda não bem elucidados em vários outros domínios fitogeográficos como Mata Atlântica (Espírito Santo e sul da Bahia) e Caatinga. No Pantanal, seus números flutuam ao longo do ano, sendo mais observada entre os meses de julho a dezembro, o que sugere migração de parte da população para rotas ainda desconhecidas (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



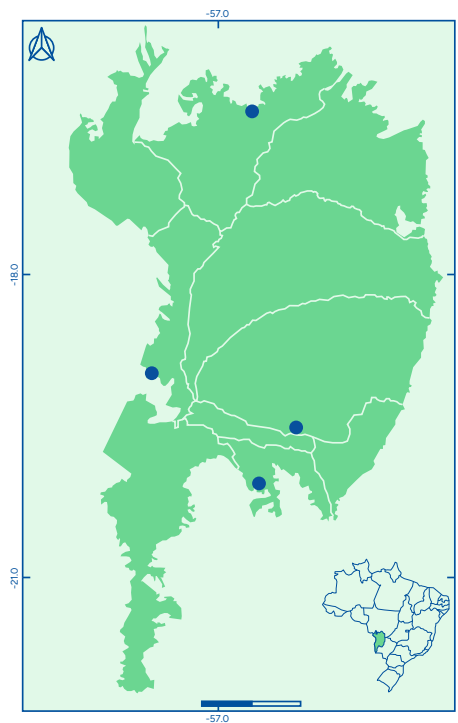
Macho adulto de pararu-azul (*Claravis pretiosa*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Papa-lagarta-cinzento

Ash-colored Cuckoo

Micrococcyx cinereus (Vieillot, 1817)

Incomum, de ocorrência pontual na planície do Pantanal. Habita cerrados e capoeiras (Gwynne *et al.* 2010). Parte da população migra, aparecendo principalmente no inverno (maio a setembro), apenas de passagem pela região durante seus movimentos migratórios em direção à Amazônia (Nunes & Tomas 2008). Rota: Rota norte da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



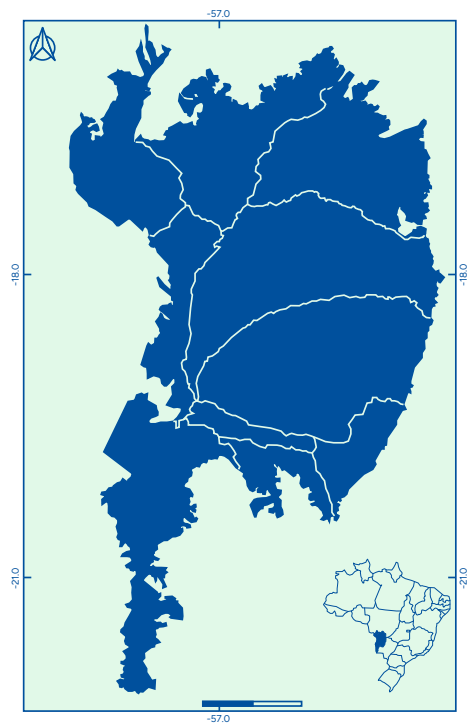
Adulto de papa-lagarta-cinzento (*Micrococcyx cinereus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Papa-lagarta-acanelado

Dark-billed Cuckoo

Coccyzus melacoryphus (Vieillot, 1817)

Comum e de ampla distribuição no Pantanal, onde ocorre em cerrados, matas semidecíduais e matas de galeria (Gwynne *et al.* 2010). A população austral reproduz-se no sul do Brasil e migra para o norte durante o outono/inverno, podendo alcançar a Venezuela e costa caribenha do continente. No Pantanal parece haver mistura dos migrantes austrais com a população residente (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



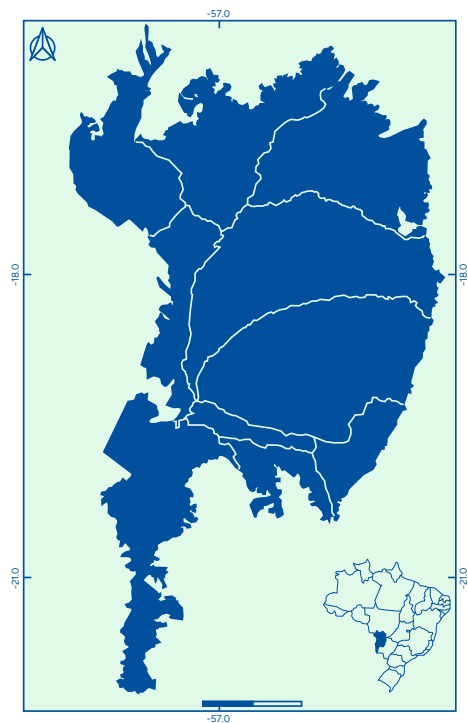
Adulto de papa-lagarta-acanelado (*Coccyzus melacoryphus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Papa-lagarta-de-asa-vermelha

Yellow-billed Cuckoo

Coccyzus americanus (Linnaeus, 1758)

Comum e de ampla ocorrência no Pantanal. Aparece em matas semidecíduais, cerrados e capoeiras (Gwynne *et al.* 2010). Se desloca do Canadá e sul dos Estados Unidos em direção à Argentina cruzando o Oceano Atlântico e o Mar do Caribe. Chega ao Brasil a partir de outubro e aqui fica até fevereiro/março, quando migra de volta para suas áreas de reprodução nos Estados Unidos e Canadá. A migração é noturna e ocorre em bandos expressivos (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota Norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



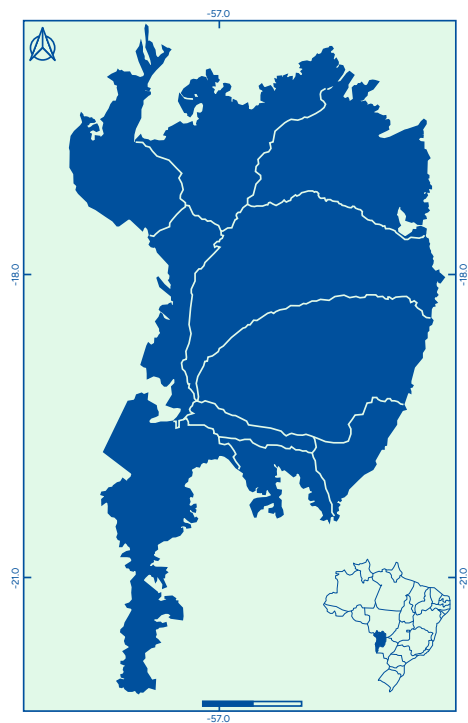
Adulto de papa-lagarta-de-asa-vermelha (*Coccyzus americanus*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Papa-lagarta-de-euler

Pearly-breasted Cuckoo

Coccyzus euleri (Cabanis, 1873)

Incomum, porém de ampla ocorrência no Pantanal. Aparece ocorrendo em bordas de florestas úmidas, cerrados, áreas semi-abertas, capões e capoeiras (Gwynne *et al.* 2010). A população austral (sul do Brasil, Argentina e Uruguai) migra para o norte durante o outono/inverno (abril a setembro), passando pelo Cerrado e Pantanal, misturando-se possivelmente aos indivíduos residentes (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



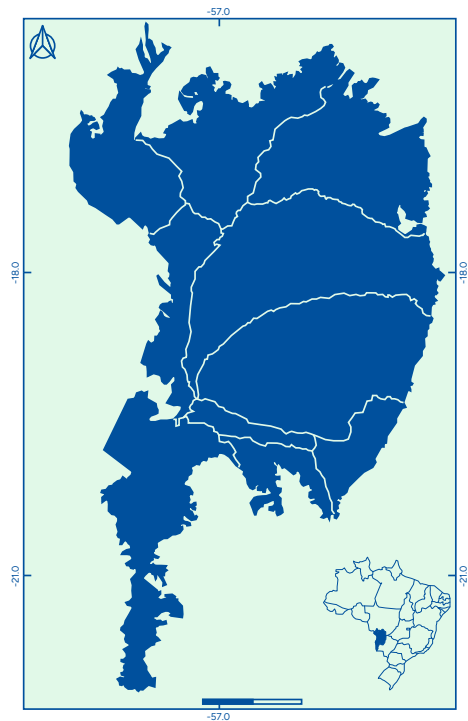
Adulto de papa-lagarta-de-euler (*Coccyzus euleri*). Foto: José Fernando Pacheco. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

João-corta-pau

Rufous Nightjar

Antrostomus rufus (Boddaert, 1783)

Incomum, porém, com ampla ocorrência no Pantanal, sendo mais frequente em habitats florestais como cerradão e matas semidecíduas (Tubelis & Tomas 2003, Antas & Palo Júnior 2004). Possivelmente a população do Pantanal seja residente. No entanto, a população austral migra para o norte a partir de abril (outono) em busca de áreas mais propícias para alimentação, como o Pantanal, retornando em outubro/novembro (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC – IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



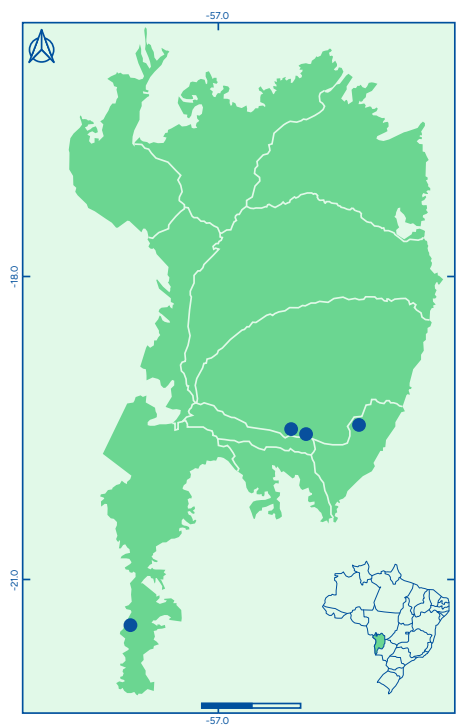
Adulto de João-corta-pau (*Antrostomus rufus*). Foto: Antônio Emanuel Barreto Alves de Sousa. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Tuju

Short-tailed Nighthawk

Lurocalis semitorquatus (Gmelin, 1789)

Incomum e de distribuição pontual no Pantanal. Sobrevoa matas, capoeiras e áreas abertas (Gwynne *et al.* 2010). A população do sul e sudeste é migrante e entre abril e agosto migra para o norte, invernando na Amazônia, onde se mistura às populações residentes (Somenzari *et al.* 2018). Durante seus deslocamentos migratórios rumo ao norte, possivelmente passa pelo Pantanal. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



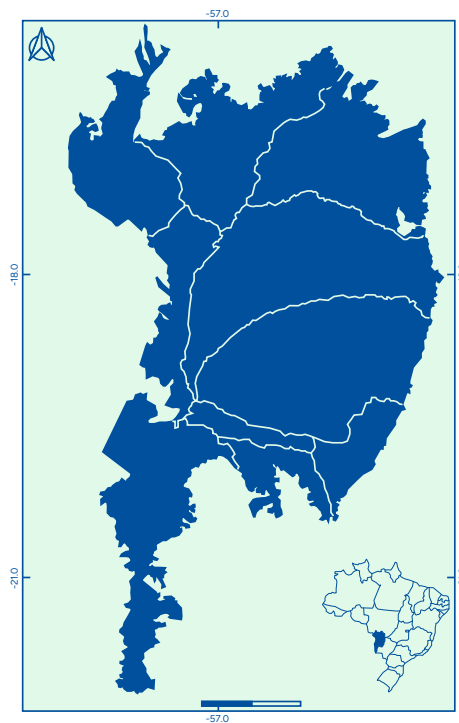
Adulto de tuju (*Lurocalis semitorquatus*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Bacurau-chintã

Little Nightjar

Hydrosalis parvula (Gould, 1837)

Relativamente comum no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), onde habita campos sujos e capoeiras (Gwynne *et al.* 2010). A população austral parece migrar para o norte a partir do outono (abril) em busca de áreas mais propícias para alimentação, dentre elas, o Pantanal, onde se mistura com a população residente (Sick 1997, Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



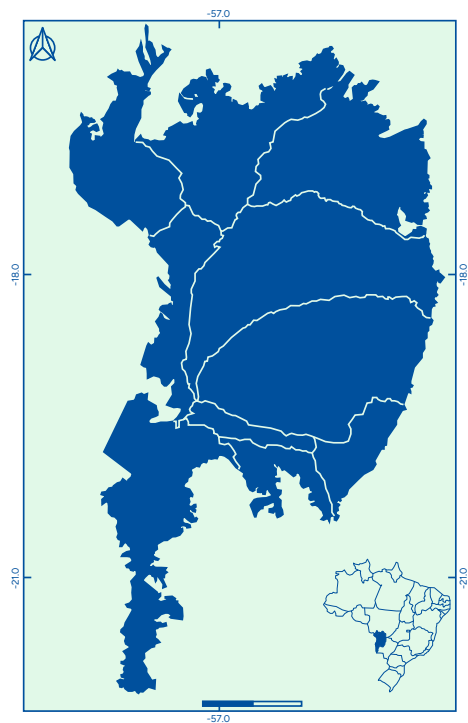
Adulto de bacurau-chintã (*Hydrosalis parvula*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Bacurau-tesoura

Scissor-tailed Nightjar

Hydrosalis torquata (Gmelin, 1789)

Relativamente comum e de ampla ocorrência no Pantanal. Aparece em cerrados, capoeiras e áreas abertas como pastagens nativas e cultivadas (Gwynne *et al.* 2010). Indivíduos de populações austrais podem misturar-se aos de populações residentes no Pantanal durante suas migrações para o norte fugindo do inverno no sul da América do Sul (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



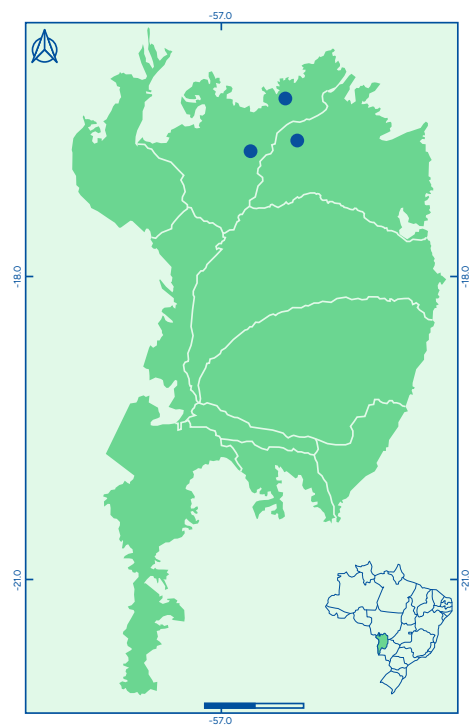
Adulto de bacurau-tesoura (*Hydrosalis torquata*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Bacurauzinho

Least Nighthawk

Nannochordeiles pusillus (Gould, 1861)

Relativamente comum na porção norte do Pantanal, onde aparece em áreas abertas como campos sujos (Gwynne *et al.* 2010). Suas populações aumentam em todo o Centro-Oeste do Brasil no período de julho a outubro, possivelmente devido a migrações ainda pouco conhecidas (Antas & Palo Júnior 2004). Populações austrais migram para o centro-oeste fugindo do inverno rigoroso no sul da América do Sul, misturando-se às residentes (Sick 1997). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



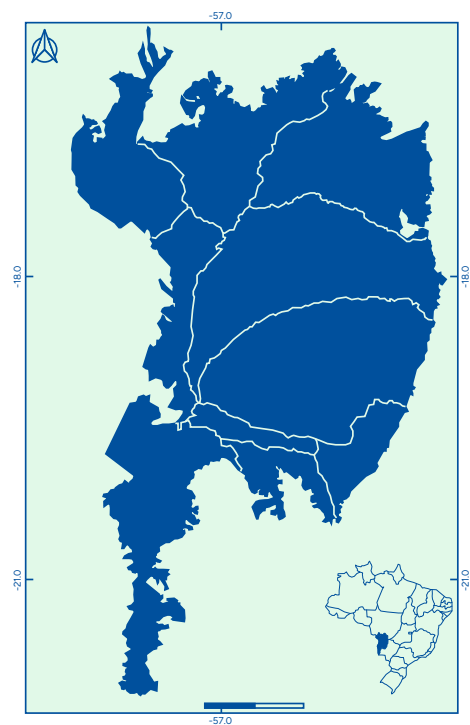
Adulto de bacurauzinho (*Nannochordeiles pusillus*). Foto: Silvia Faustino Linhares. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Coruçã

Nacunda Nighthawk

Podager nacunda (Vieillot, 1817)

Comum e abundante no Pantanal dependendo da estação do ano. Ocorre em áreas abertas com capim baixo, incluindo pastagens cultivadas. Há significativa flutuação na população ocorrente no Cerrado e Pantanal dependendo da estação do ano (Gwynne *et al.* 2010). Comum e abundante no período de baixa das águas, chegando a partir de junho, provavelmente das porções austrais do continente sul-americano. Desaparece com a subida das águas durante os picos de cheia na região e possivelmente reproduz fora do Pantanal (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



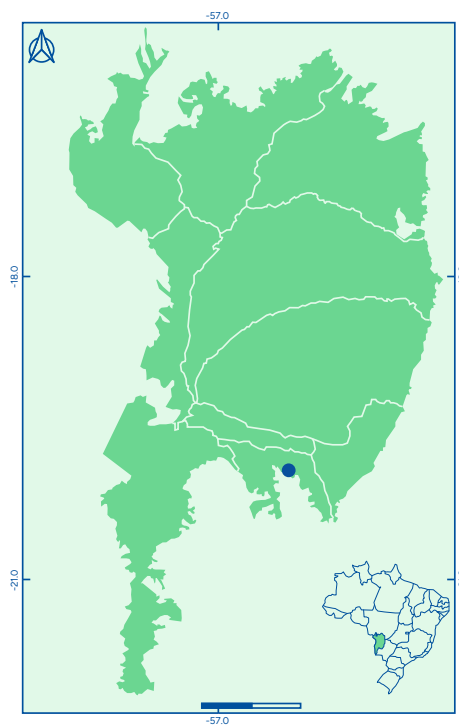
Adulto de coruçã (*Podager nacunda*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Bacurau-norte-americano

Common Nighthawk

Chordeiles minor (Forster, 1771)

Raro no Pantanal, apenas um registro documentado, Fazenda Caiman, Miranda, MS (Nunes 2011a). Ocorre em áreas semiabertas, bordas de florestas, cerradões, capoeiras e até mesmo cidades. Se reproduz nas Américas do Norte e Central, migrando para o continente sul-americano durante o inverno boreal seguindo uma rota que passa pelo Golfo do México, podendo chegar até a Argentina (Ng *et al.* 2018, Cockle *et al.* 2023). Durante a migração, viaja de dia ou a noite, quando frequentemente choca-se com janelas iluminadas. No Brasil aparece de outubro a março (Nunes & Tomas 2008). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



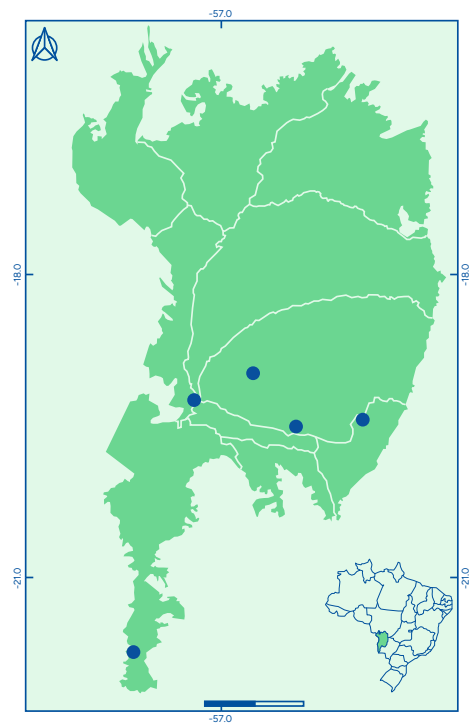
Adulto de bacurau-norte-americano (*Chordeiles minor*). Foto: Dalci Mauricio Miranda de Oliveira. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Bacurau-de-asa-fina

Lesser Nighthawk

Chordeiles acutipennis (Hermann, 1783)

Incomum e de ocorrência pontual no Pantanal da Nhecolândia e Porto Murtinho, ambos no MS (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em áreas florestadas como o cerrado e áreas abertas (Gwynne *et al.* 2010). O inverno na região sul do Brasil deve ser o fator que estimula parte da população a migrar para o norte, procurando áreas mais favoráveis para alimentação (Sick 1997). Durante esses deslocamentos fugindo do inverno austral, possivelmente passam pelo Pantanal, misturando-se com as populações residentes. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



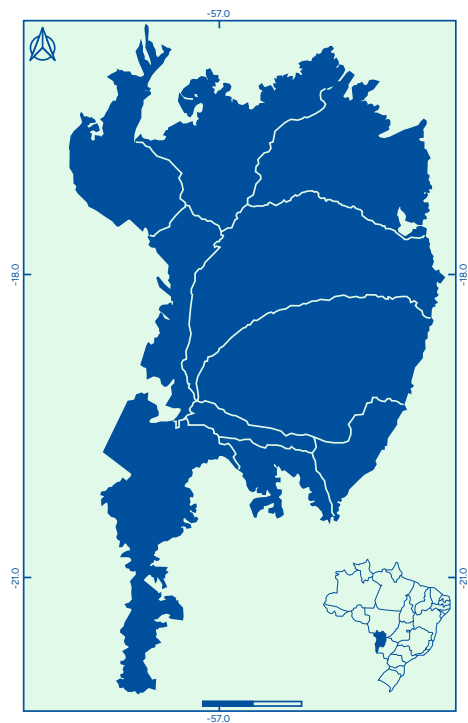
Adulto de bacurau-de-asa-fina (*Chordeiles acutipennis*). Foto: Alexander Charles Lees. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinhão-do-temporal

Sick's Swift

Chaetura meridionalis (Hellmayr, 1907)

Incomum, porém, com ampla ocorrência no Pantanal, especialmente nas regiões próximas aos planaltos do entorno (Nunes *et al.* 2021), onde sobrevoa áreas florestadas e abertas (Gwynne *et al.* 2010). Ampla distribuição no Brasil, porém, a maioria dos registros estão concentrados nos estados do Sul e Sudeste. A população do Sul e Sudeste do Brasil é migratória e durante o inverno desloca-se para o norte, rumo a Amazônia, em busca de áreas mais propícias à alimentação (Sick 1997). A população aumenta no Pantanal de outubro a março/abril devido a indivíduos migrantes oriundos do sul durante suas idas e voltas do norte do continente sul-americano (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC – IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



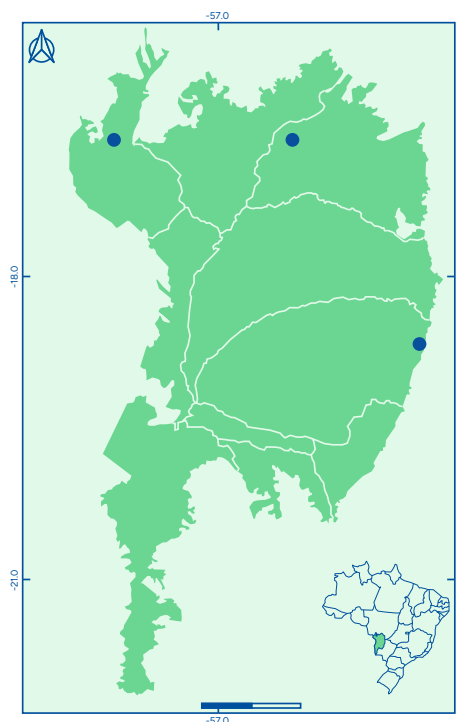
Adulto de andorinhão-do-temporal (*Chaetura meridionalis*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinhão-do-buriti

Fork-tailed Palm-Swift

Tachornis squamata (Cassin, 1853)

Raro e de ocorrência pontual no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre preferencialmente em áreas de veredas de buriti (Gwynne *et al.* 2010). Na região do rio Cuiabá aparece em outubro, podendo ter movimentos migratórios ainda desconhecidos para fora da planície pantaneira como relatam Antas & Palo Júnior (2004). Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



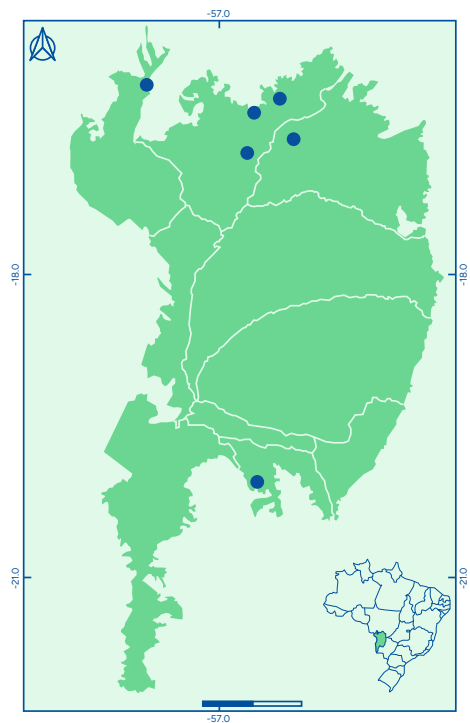
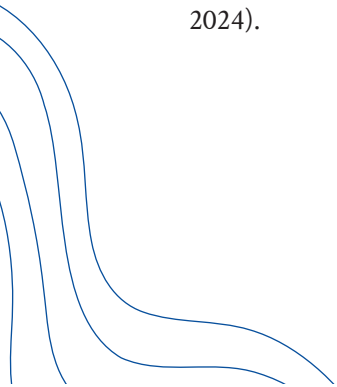
Adulto de andorinhão-do-buriti (*Tachornis squamata*). Foto: Sérgio Gregório. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Beija-flor-vermelho

Ruby-topaz Hummingbird

Chrysolampis mosquitus (Linnaeus, 1758)

Incomum e de ocorrência localizada no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Aparece em cerradão, matas e capoeiras (Gwynne *et al.* 2010). Possui extensos movimentos migratórios ainda desconhecidos. Na porção norte, em Poconé, MT, aparece em outubro, ocupando matas ciliares, matas secas e cerradões (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



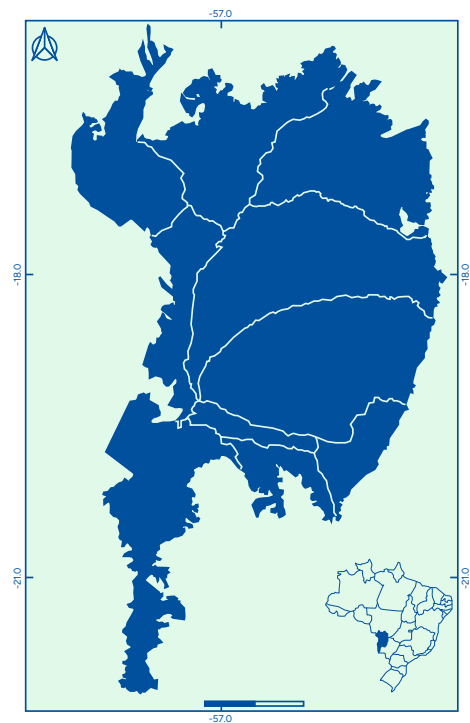
Fêmea adulta de beija-flor-vermelho (*Chrysolampis mosquitus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Beija-flor-de-veste-preta

Black-throated Mango

Anthracothorax nigricollis (Vieillot, 1817)

Relativamente comum e de ampla ocorrência no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Aparece em bordas de matas e capoeiras (Gwynne *et al.* 2010). Na Mata Atlântica realiza deslocamentos migratórios altitudinais entre agosto e setembro (Somenzari *et al.* 2018). Em algumas regiões do Cerrado, desaparece no início da estação seca, indicando possível movimento migratório ainda não conhecido (Antas & Palo Júnior 2004). Nos campos alagados e ambientes associados do Pantanal do Miranda desaparece completamente, aparecendo apenas durante a estação de seca, abril a setembro (Ilha 2017). Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



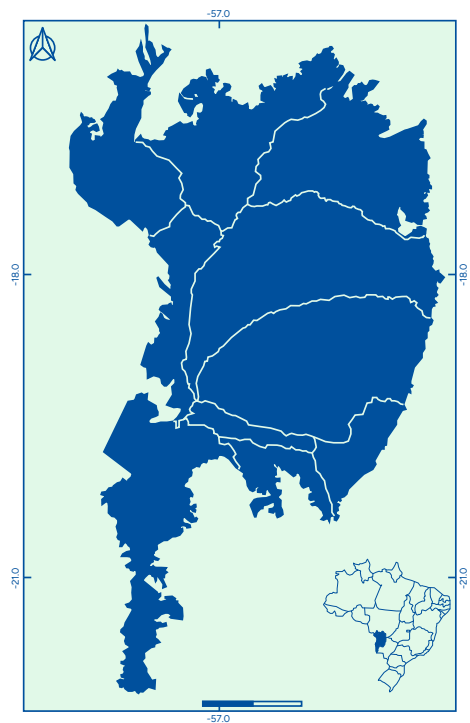
Macho adulto de beija-flor-de-veste-preta (*Anthracothorax nigricollis*). Foto: Maristela Benites. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Bico-reto-azul

Blue-tufted Starthroat

Heliomaster furcifer (Shaw, 1812)

Relativamente comum e de ampla ocorrência no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Aparece em bordas de matas, capoeiras e campos (Gwynne *et al.* 2010). Considerado migrante de longa distância (Ruschi 1986). No Pantanal de Miranda (MS), o bico-reto-azul desaparece completamente dos campos inundáveis e ambientes similares, reaparecendo somente na estação da vazante, abril a junho (Ilha 2017). No entanto, suas rotas migratórias ainda são desconhecidas. Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



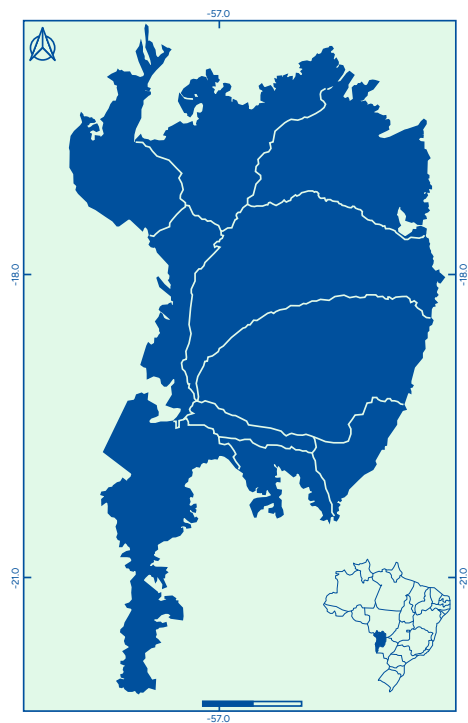
Macho adulto de bico-reto-azul (*Heliomaster furcifer*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Simone Mamede.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Frango-d'água-azul

Purple Gallinule

Porphyrio martinica (Linnaeus, 1766)

Comum e de ampla distribuição, ocorrendo em baías, brejos e campos inundados de todo o Pantanal (Gwynne *et al.* 2010). A população do cone sul da América do Sul (Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul) é migratória e desloca-se para o norte durante o inverno austral (Somenzari *et al.* 2018). Possivelmente passa pelo Pantanal durante suas migrações e mistura-se à população residente. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC – IUCN 2025), nacional (LC – ICMBio 2024).



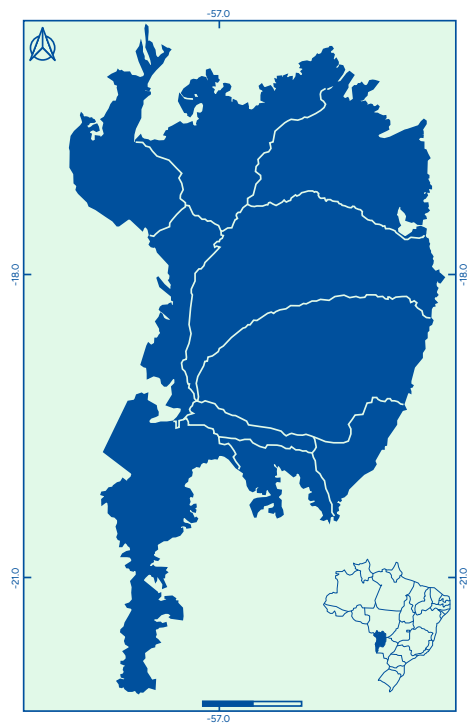
Adulto de frango-d'água-azul (*Porphyrio martinica*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Frango-d'água-pequeno

Azure Gallinule

Porphyrio flavirostris (Gmelin, 1789)

Incomum e de ocorrência pontual no Pantanal (Nunes 2011a), possivelmente devido ao comportamento críptico (Sick 1997). Ocorre em campos inundados, baías com macrófitas aquáticas (Gwynne *et al.* 2010). Considerado migrante austral (Blanco *et al.* 2020). As populações do Chaco do Paraguai e Bolívia tendem a realizar deslocamentos sazonais ainda desconhecidos, desaparecendo no período de fevereiro a setembro (Remsen Junior & Parker III 1990). Ainda segundo Remsen Junior & Parker III (1990), a ocorrência de *P. flavirostris* no Pantanal está concentrada principalmente de outubro a fevereiro, embora Lopes *et al.* (2016) a tenham registrado em outras épocas do ano no Pantanal de Cáceres. É provável que parte da população austral, fugindo do período de seca e frio na Argentina e no Chaco, migre para o Pantanal. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



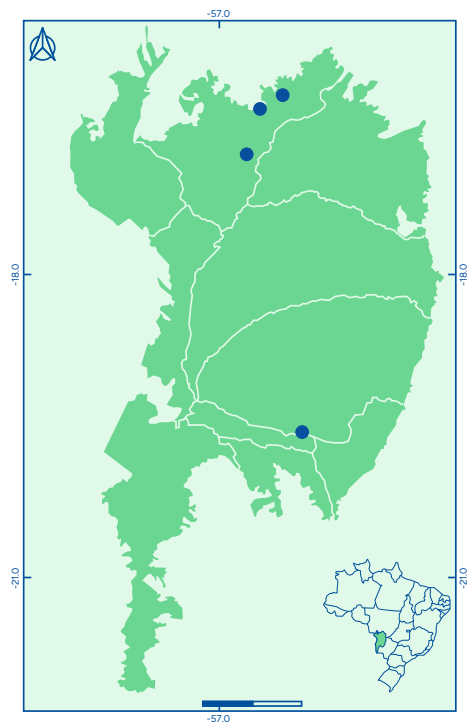
Adulto de frango-d'água-pequeno (*Porphyrio flavirostris*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Turu-turu

Paint-billed Crake

Neocrex erythrops (Sclater, 1867)

Críptico, raro e de ocorrência pontual no Pantanal (Nunes 2011a). Habita brejos, borda de baías e campos inundados (Gwynne *et al.* 2010). Na maioria da área de ocorrência no Brasil, é mais frequente durante a estação chuvosa, quando frequentemente aparece desorientado, em casas e proximidades de habitações durante fortes vendavais e tempestades, possivelmente atraídos pelas luzes. Desaparece completamente ou de cantar durante a estação seca, sugerindo deslocamentos migratórios com rotas ainda não conhecidas (Silva *et al.* 2021; Leite *et al.* 2024). Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



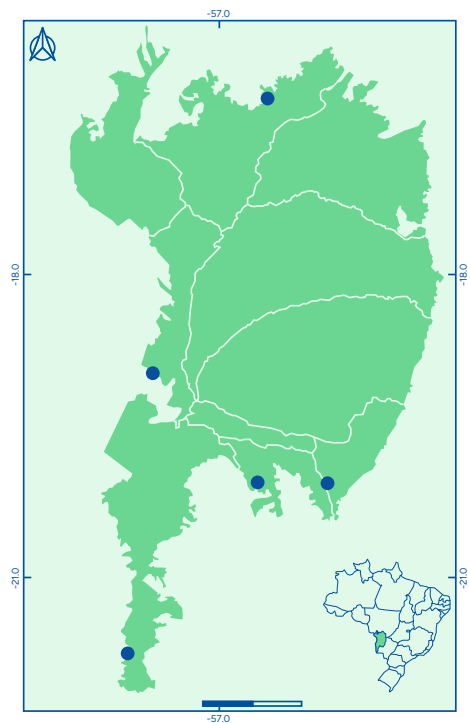
Adulto de turu-turu (*Neocrex erythrops*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Saracura-carijó

Spotted Rail

Pardirallus maculatus (Boddaert, 1783)

Rara e de ocorrência pontual no Pantanal (Nunes *et al.* 2011b). Perambula por ambientes aquáticos como campos alagáveis, brejos, borda de baías com predomínio de taboa (*Typha* sp.) e erva-de-bicho (*Polygonum* sp.) em busca de gastrópodes, pequenos invertebrados e pequenos peixes (Sick 1997). Considerada migrante austral no Chaco do Paraguai e Argentina (Hayes *et al.* 1994, Del Barco *et al.* 2002). Possivelmente parte da população austral migre para a planície do Pantanal durante inverno e/ou seca rigorosa na região do Chaco. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



Adulto de saracura-carijó (*Pardirallus maculatus*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

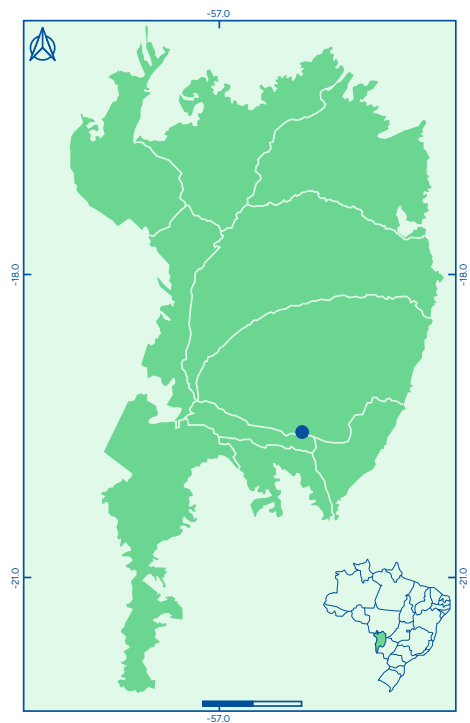
Rallidae

Carqueja-de-bico-amarelo

White-winged Coot

Fulica leucoptera (Vieillot, 1817)

Rara e de ocorrência pontual no Pantanal, na Fazenda Barranco Alto, Aquidauana, MS (Nunes 2011a). Habita ambientes aquáticos como baías e salinas. De ampla distribuição nos estados do Sul e parte do Sudeste brasileiro (Sigrist 2009). Indivíduos fugindo do frio extremo no sul do Brasil podem migrar para o Centro-Oeste a partir do final de março, passando pelo Pantanal. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



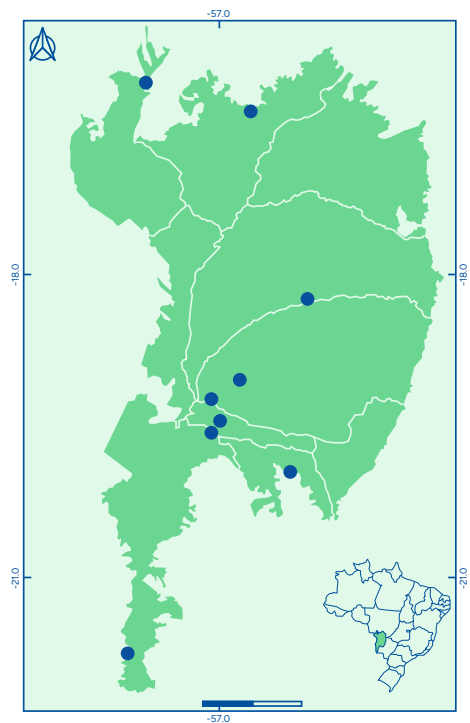
Adulto de carqueja-de-bico-amarelo (*Fulica leucoptera*): Foto: Maristela Benites. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Batuiruçu

American Golden-Plover

Pluvialis dominica (Statius Muller, 1775)

Rara, com ocorrência pontual no Pantanal. Aparece em campos secos e inundáveis (Gwynne *et al.* 2010). Chegam ao Brasil em setembro ou outubro e aqui permanecem até fevereiro ou março. Após esse período, iniciam o retorno desde Argentina, passando pela região central da América do Sul, Golfo do México, seguindo a rota do Mississippi, com paradas no Texas na metade de março e finalmente chegam ao Canadá em maio, quando ocupam os sítios reprodutivos. As áreas reprodutivas incluem o oeste e o leste do Alasca e norte do Canadá. Nidificam entre junho e julho (Serrano 2010). É considerada uma das limícolas mais abundantes no Pantanal, sendo que para o ano de 2006 foram registrados 580 indivíduos para a sub-região da Nhecolândia (Morrison *et al.* 2008). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2024), nacional (DD - ICMBio 2024).



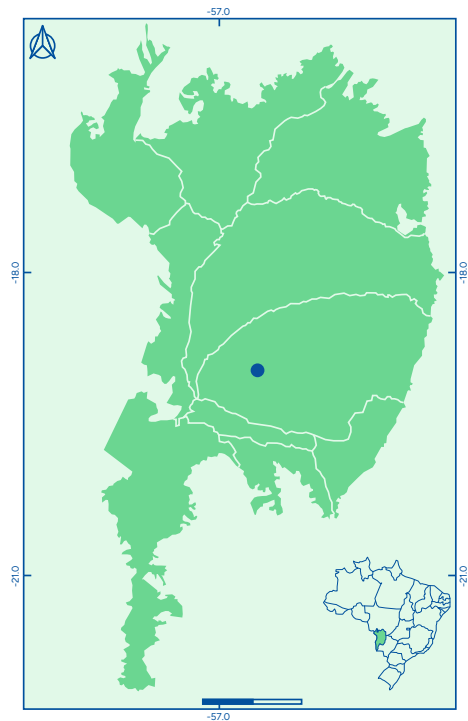
Adulto de batuiruçu (*Pluvialis dominica*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Alessandro Pacheco Nunes.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Batuiruçu-de-axila-preta

Black-bellied Plover

Pluvialis squatarola (Linnaeus, 1758)

Rara, de ocorrência pontual (Fazenda Nhumirim). Habita campos secos e inundáveis (Gwynne *et al.* 2010). Chegam ao Brasil em setembro e aqui permanecem até março, quando então retornam para a América do Norte. As áreas reprodutivas estão concentradas nas costas marinhas árticas, desde o leste canadense até a Ilha Melville, no Alasca. No Brasil ocorre em toda a região costeira. Essa espécie nidifica no final de maio até a o começo de junho (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



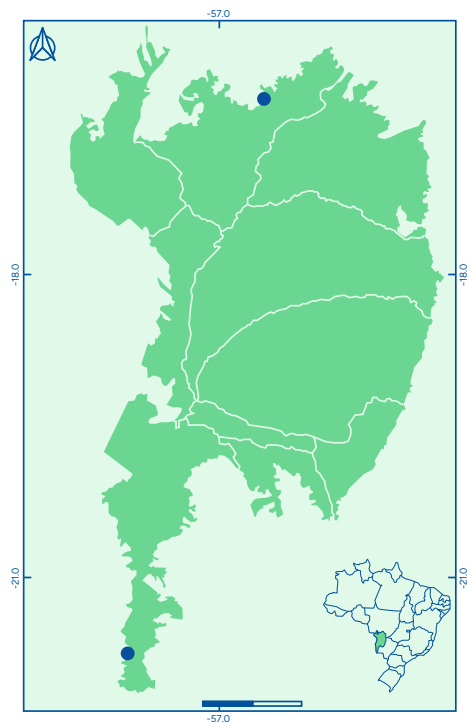
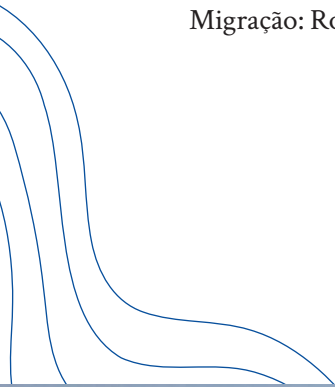
Adulto de batuiruçu-de-axila-preta (*Pluvialis squatarola*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Simone Mamede.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Batuíra-de-bando

Semipalmated Plover

Charadrius semipalmatus (Bonaparte, 1825)

Raro e de ocorrência pontual, possivelmente no Pantanal de Poconé, MT (Antas 1994). Habita praias de rios, bordas de baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013a). As principais áreas de reprodução estão no Alasca. É uma das espécies que utiliza a Rota Amazônia Central/Pantanal, aparecendo em lagoas e salinas. Chega no Brasil entre setembro e outubro, retornando ao Alasca entre março e abril (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



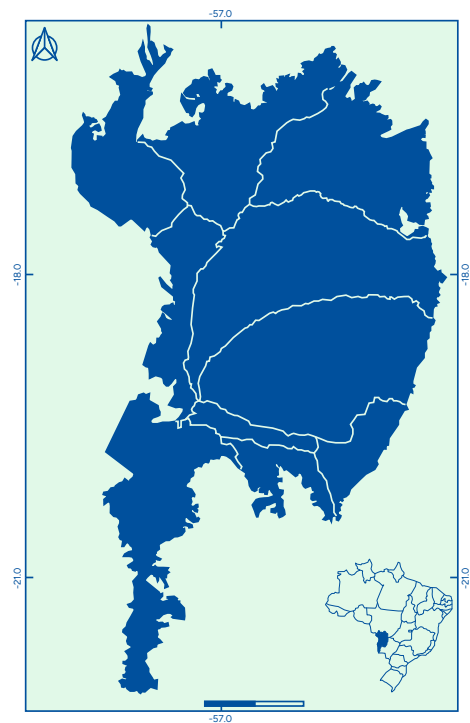
Adulto de batuíra-de-bando (*Charadrius semipalmatus*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Simone Mamede.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Batuíra-de-coleira

Collared Plover

Charadrius collaris (Vieillot, 1818)

Relativamente comum no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Habita praias de rios, bordas de baías e salinas (Gwynne *et al.* 2010). Segundo Antas & Palo Júnior (2004), abandonam as calhas dos principais rios pantaneiros e migram para outras áreas dentro e fora da planície do Pantanal. Na região do Pantanal de Miranda, MS a batuíra-de-coleira ocorre apenas no período de vazante (abril a junho), desaparecendo completamente da região no restante do ano (Ilha 2017). Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



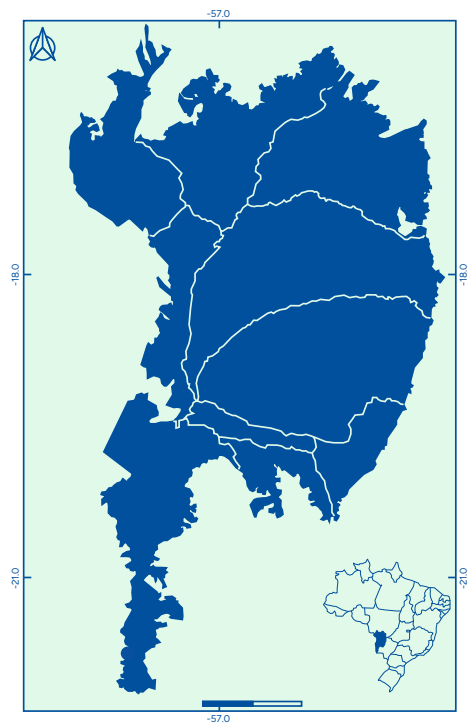
Bando de batuíras-de-coleira (*Charadrius collaris*) adultas. Foto: Rudi Ricardo Laps.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Pernilongo-de-costas-negras

Black-necked Stilt

Himantopus mexicanus (Statius Muller, 1776)

Relativamente comum em algumas regiões do Pantanal, em especial a Nhecolândia (Nunes *et al.* 2021). Habita ambientes aquáticos, especialmente salinas (Donatelli *et al.* 2014). Uma das espécies limícolas mais abundantes durante censos aéreos realizados no Pantanal, com população estimada em 100.000 indivíduos (Morrison *et al.* 2008). No corredor de aves migratórias do sistema Paraguai-Paraná os números aumentam significativamente a partir junho a dezembro (Blanco *et al.* 2020). Possivelmente parte da população ocorrente no corredor migratório Paraguai-Paraná desloca-se da planície pantaneira para as regiões mais ao sul do corredor. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



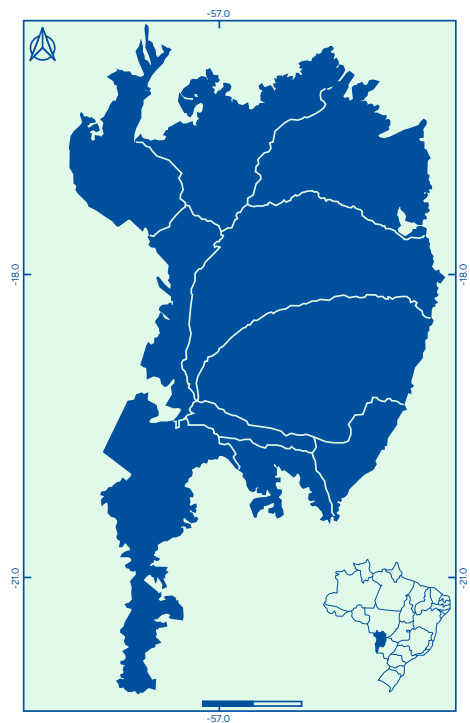
Adulto de pernilongo-de-costas-negras (*Himantopus mexicanus*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Pernilongo-de-costas-brancas

White-backed Stilt

Himantopus melanurus (Vieillot, 1817)

Comum e abundante em toda a planície do Pantanal (Nunes *et al.* 2021). Habita ambientes aquáticos, especialmente salinas onde se aglomeram às centenas de indivíduos em busca de alimento (Donatelli *et al.* 2014). Assim como o congênere, possivelmente parte da população que habita o corredor migratório Paraguai-Paraná (Blanco *et al.* 2020) se desloca do Pantanal para as regiões mais ao sul do corredor em busca de áreas mais favoráveis à alimentação durante os períodos de enchentes na planície. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



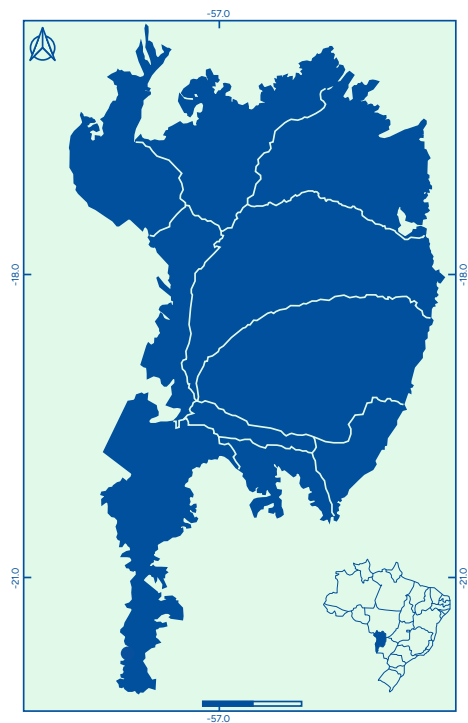
Adulto de pernilongo-de-costas-brancas (*Himantopus melanurus*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-do-campo

Upland Sandpiper

Bartramia longicauda (Bechstein, 1812)

Relativamente comum em campos secos em várias regiões do Pantanal (Gwynne *et al.* 2010). Chegam ao Brasil a partir de setembro e outubro e aqui permanecem até março ou abril, quando retornam para o Hemisfério Norte em voos sem paradas. Os maçaricos-do-campo vindos da Argentina e Uruguai provavelmente voam sobre o Pantanal e Bacia Amazônica, uma vez que esse período (março a abril) corresponde às cheias na região (Serrano 2010). Em Poconé (MT) essa espécie aparece em setembro e ali permanece até outubro. Bandos com mais de 100 indivíduos dessa espécie foram avistados em regiões do Pantanal, como em Nhecolândia e nas proximidades do rio Negro (Morrison *et al.* 2008, Serrano 2010, Nunes *et al.* 2013a). Reproduz-se de maio a julho no interior da região temperada ártica, desde o centro do Alasca, Canadá até Maryland, nos Estados Unidos (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



Adulto de maçarico-do-campo (*Bartramia longicauda*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-esquimó

Eskimo Curlew

Numenius borealis (Forster, 1772)

Raro e com registro histórico não georeferenciado para o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em campos (Serrano 2010). Abundante até 1850, quando a população sofreu grave declínio decorrente da caça excessiva na costa do Atlântico e no rio Mississippi e da perda de habitat (ICMBio 2024). Recentemente considerado extinto na natureza, não sendo registrado no Brasil há mais de 150 anos (Pacheco *et al.* 2021). Reproduz-se na região central e norte do ártico canadense e norte do Alasca e deixa as áreas reprodutivas entre julho e agosto, retornando entre fevereiro e março. Os registros históricos no Brasil estão concentrados entre os meses de setembro a outubro (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (CR - IUCN 2025), nacional (RE - ICMBIO 2024).

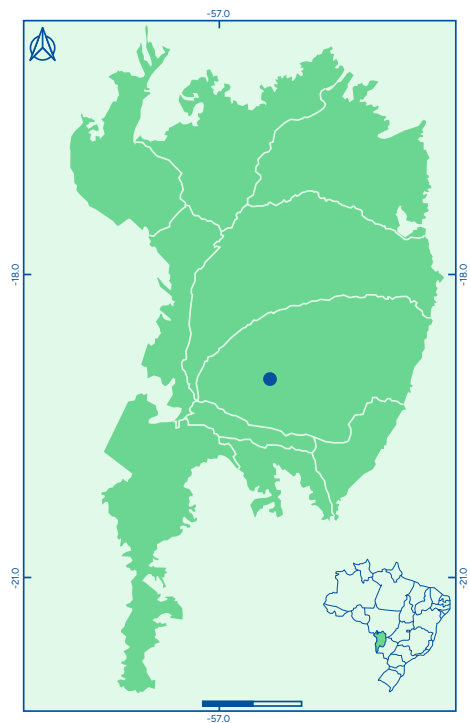
EXTINTO

Maçarico-de-bico-torto

American Whimbrel

Numenius hudsonicus (Latham, 1790)

Raro e de ocorrência pontual no Pantanal, região da Nhecolândia (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em praias de rios e salinas (Nunes *et al.* 2013a). Nidifica no norte do Canadá de maio a meados de junho, com os filhotes nascendo em meados de julho. No Brasil os registros estão concentrados ao longo da região costeira, onde aparece a partir de setembro, com concentração entre dezembro e fevereiro. O retorno à América do Norte se dá em abril (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (VU - ICMBio 2024).



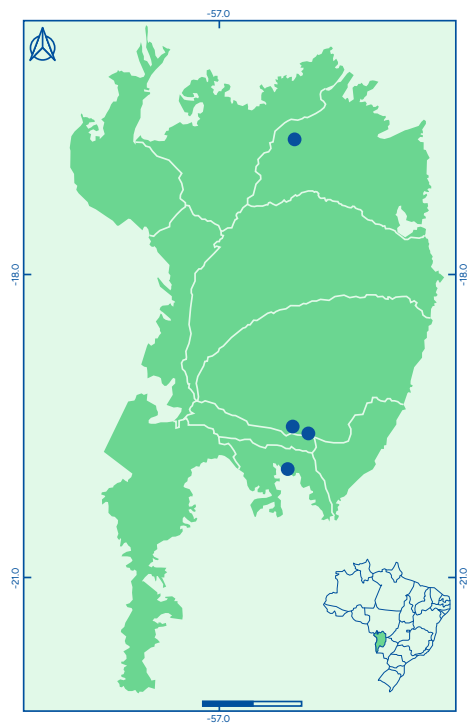
Adulto de maçarico-de-bico-torto (*Numenius hudsonicus*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-de-bico-virado

Hudsonian Godwit

Limosa haemastica (Linnaeus, 1758)

Raro e de ocorrência pontual no Pantanal (Poconé, Cáceres, MT, Nhecolândia e Miranda, MS) (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em baías e salinas (Nunes *et al.* 2013a). As principais áreas de invernada estão localizadas ao sul da América do Sul, principalmente na Patagônia onde já foram registrados aproximadamente 30% da população total desse maçarico. Os registros dessa espécie no Brasil estão concentrados nos meses de outubro, novembro, março e abril. As áreas de reprodução se concentram principalmente na costa do Alasca e costa norte da província ártica canadense entre os meses de abril a julho (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



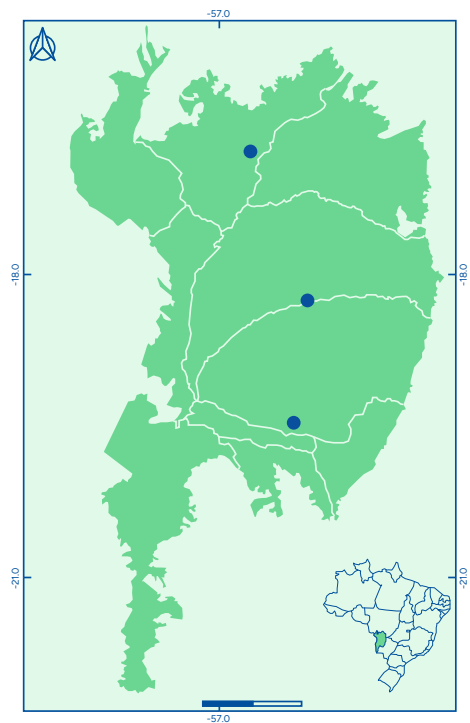
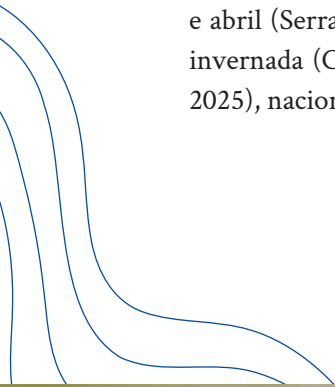
Adulto de maçarico-de-bico-virado (*Limosa haemastica*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Simone Mamede.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Vira-pedras

Ruddy Turnstone

Arenaria interpres (Linnaeus, 1758)

Raro e de ocorrência pontual no Pantanal, região da Nhecolândia. Ocorre em salinas (Serrano 2010). Reproduz-se entre maio e julho nas costas marítimas do nordeste do Alasca e ocupa a maior parte da região ártica canadense. No Brasil, os registros estão concentrados na costa, especialmente no Nordeste (Rodrigues 2009). Chega às áreas de invernada entre agosto e outubro e retornam à América do Norte entre março e abril (Serrano 2010). No entanto, os indivíduos sexualmente imaturos podem permanecer nas áreas de invernada (Canevari *et al.* 2001). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NT - ICMBio 2024).



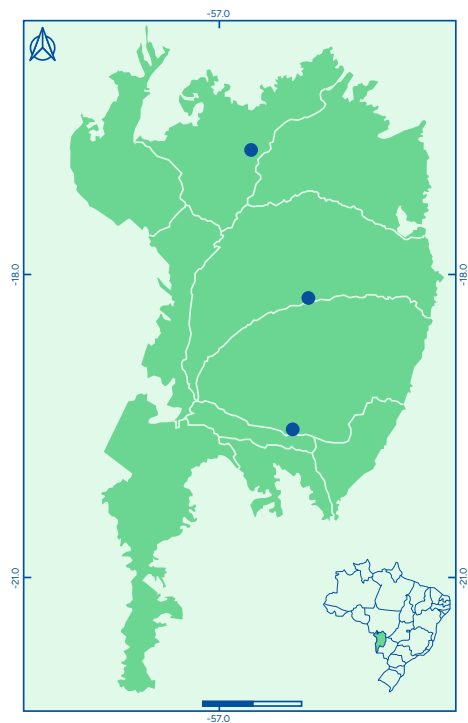
Adulto de vira-pedras (*Arenaria interpres*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Renato Sproesser.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-de-papo-vermelho

Red Knot

Calidris canutus (Linnaeus, 158)

Raro e de ocorrência pontual no Pantanal (Tubelis & Tomas 2023). Ocorre em baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013a). No Brasil a espécie ocorre com maior frequência de janeiro a abril. Durante os movimentos norte-sul os registros dessa espécie se concentram em setembro e outubro e durante o retorno da Patagônia podem ser vistos de março a abril (Serrano 2010). Há poucos registros no Pantanal (Morrison *et al.* 2008, Serrano 2010, Nunes *et al.* 2013a). Alguns indivíduos que passam o inverno na Patagônia cruzam transversalmente o interior do Brasil, passando direto pela planície pantaneira em direção ao sul e/ou ao norte (Niles *et al.* 2008, 2010). Se reproduz entre o final de maio e o começo de junho na tundra ártica desde o nordeste e norte do Alasca até o norte do Canadá (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (VU - ICMBio 2024).



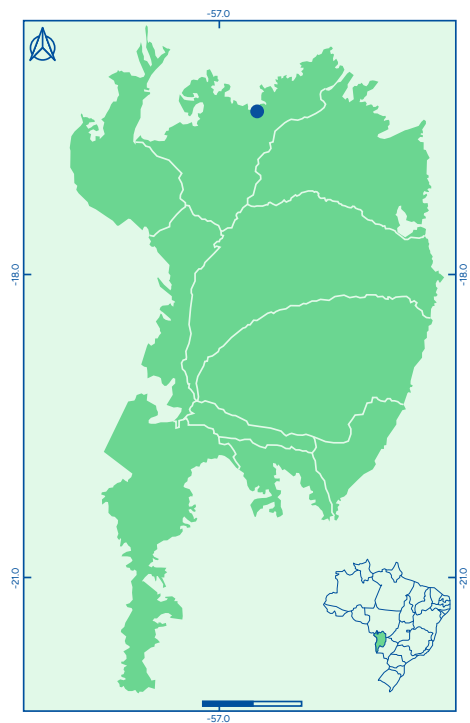
Adulto de maçarico-de-papo-vermelho (*Calidris canutus*) em plumagem reprodutiva. Foto: Renato Sproesser.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Combatente

Ruf

Calidris pugnax (Linnaeus, 1758)

Espécie rara e de ocorrência pontual no Pantanal de Poconé, MT (Pousada Piuval) (WikiAves 2025). Ocorre em baías e campos inundados. Grande parte da sua área de distribuição é quase exclusivamente paleártica (Canevari *et al.* 2001). Nidifica no noroeste da Europa e em toda a Sibéria. Inverna no Mediterrâneo, na África Subsaariana e no subcontinente indiano (Somenzari *et al.* 2018). No entanto, há registros de ocorrência e nidificação em algumas ilhas do Caribe, bem como na Costa Rica, Guatemala e interior da Colômbia (Canevari *et al.* 2001). Em Poconé aparece em abril (WikiAves 2025). Provavelmente os indivíduos avistados no Brasil tenham origem tanto na região siberiana, quanto no litoral caribenho. Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



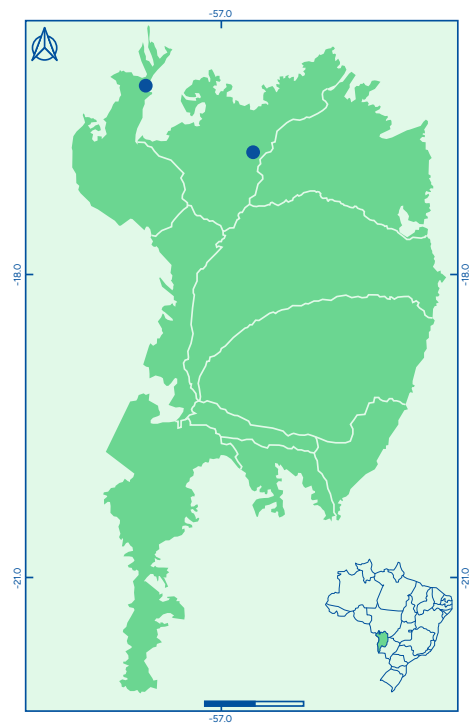
Adulto de combatente (*Calidris pugnax*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Renato Sproesser.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-pernilongo

Stilt Sandpiper

Calidris himantopus (Bonaparte, 1826)

Raro e de ocorrência pontual no Pantanal (Poconé, MT e Nhecolândia, Aquidauana, Porto Murtinho) (Nunes 2011a). Aparece em praias de rios, baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013a). Chega ao Brasil em setembro durante seus movimentos migratórios no sentido norte-sul. No entanto, o período de retorno e rota migratória utilizada para chegar até as áreas reprodutivas no Hemisfério Norte ainda é pouco conhecido (Serrano 2010). Possui poucos registros no Pantanal (Nunes *et al.* 2013a). O maçarico-pernilongo se reproduz de junho a julho em toda a faixa marítima do norte do Alasca até o Canadá (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



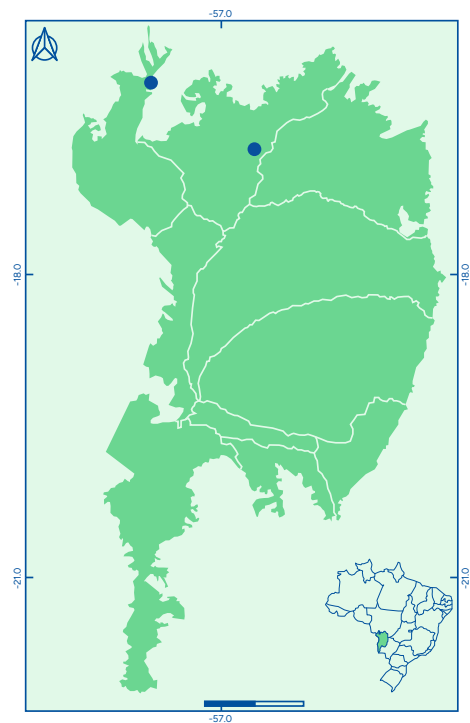
Adulto de maçarico-pernilongo (*Calidris himantopus*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Gabriel Oliveira de Freitas.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-branco

Sanderling

Calidris alba (Pallas, 1764)

Raro, de ocorrência pontual, como em Cáceres e Poconé (região do Porto Jofre), ambos no MT (Nunes 2011a). Habita praias de rios, baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013a). Nos movimentos norte-sul, os registros concentram-se entre os meses de setembro e outubro, enquanto nos movimentos sul-norte é avistado com maior frequência entre março e abril (Serrano 2010). Há poucos registros no Pantanal, sendo avistado com maior frequência na porção norte (Morrison *et al.* 2008, Serrano 2010, Nunes 2011a). Pode ser avistada o ano todo no Brasil, especialmente na região costeira entre o Amapá e o Rio Grande do Sul, tratando-se de indivíduos não reprodutivos. Se reproduz entre junho e meados de julho no Ártico – Groenlândia, Canadá e Sibéria (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



Bando de maçarico-branco (*Calidris alba*) adultos em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Rudi Ricardo Laps.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

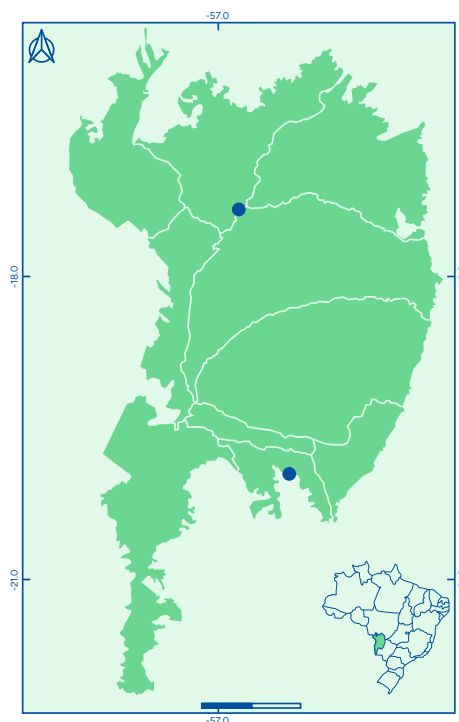
Scolopacidae

Maçarico-de-bico-fino

Baird's Sandpiper

Calidris bairdii (Coues, 1861)

Raro e de ocorrência pontual no Pantanal, região de Porto Jofre, MT e Miranda, MS (Nunes *et al.* 2021). Ocorre em baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013a). Reproduz-se desde o norte do Alasca, províncias centrais e do leste do Canadá, Sibéria e Groenlândia. Deslocam-se para a América do Sul entre setembro e outubro, utilizando tanto a Rota Atlântica, como a do Brasil Central (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



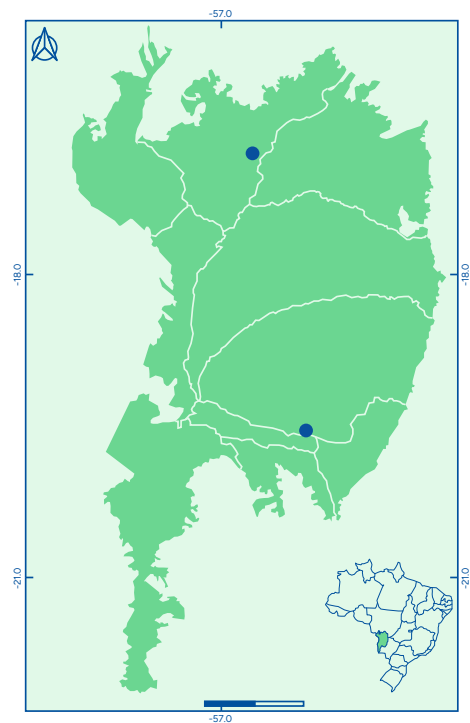
Adulto de maçarico-de-bico-fino (*Calidris bairdii*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Renato Sproesser.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçariquinho

Least Sandpiper

Calidris minutilla (Leisler, 1812)

Raro e de ocorrência pontual no Pantanal, como a Rodovia Transpantaneira, MT e a Fazenda Barranco Alto, MS (Nunes *et al.* 2013a, 2021). Ocorre em baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013a). As áreas de reprodução se estendem desde o oeste do Alasca ao norte do Canadá, bem como uma população isolada em Massachussetts. Os registros no Brasil estão concentrados na costa, especialmente no nordeste, no entanto, há vários registros no interior do país. Os movimentos migratórios de chegada ao Brasil estão concentrados em novembro, enquanto os de retorno, em abril (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (DD - ICMBio 2024).



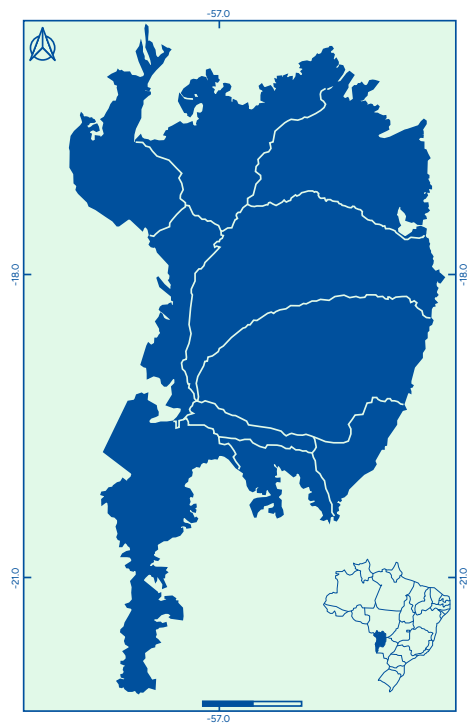
Adulto de maçariquinho (*Calidris minutilla*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Renato Sproesser.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-de-sobre-branco

White-rumped Sandpiper

Calidris fuscicollis (Vieillot, 1819)

Relativamente comum e de ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em praias de rios, baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013a). Durante os deslocamentos migratórios alguns indivíduos chegam a realizar voos ininterruptos por mais de 4.000 km sobre o Atlântico. A maior concentração da espécie na América do Sul ocorre em outubro durante seus movimentos norte-sul rumo à Patagônia, retornando entre os meses de março a abril, passando pelo Pantanal. Reproduz-se entre junho e julho na tundra ártica desde o nordeste do Alasca até o estreito da Groenlândia (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



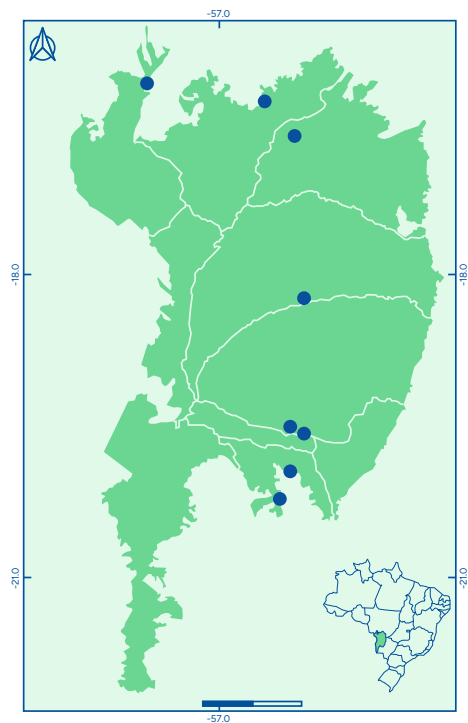
Adulto de maçarico-de-sobre-branco (*Calidris fuscicollis*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Simone Mamede.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-acanelado

Buff-breasted Sandpiper

Calidris subruficollis (Vieillot, 1819)

Raro e de ocorrência pontual (Cáceres, MT e Nhecolândia, Miranda, MS) (Tubelis & Tomas 2003). Aparece em praias de rios, baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013). É encontrado em maior número no Pampa e na costa do Rio Grande do Sul, na Lagoa dos Patos. Os registros de saída mostram que a espécie deixa o Brasil em fevereiro (Lanctot *et al.* 2002, 2004; Almeida 2009). A baixa abundância no Pantanal se deve, provavelmente, ao fato de a maioria da população migrante realizar voos longos desde a Argentina e Rio Grande do Sul, cruzando o país até a Amazônia, um dos pontos de parada até chegarem ao Hemisfério Norte. O maçarico-acanelado se reproduz de junho a julho no leste da Sibéria, norte do Alasca e toda a costa norte do ártico canadense (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (NT - IUCN 2025), nacional (VU - ICMBio 2024).



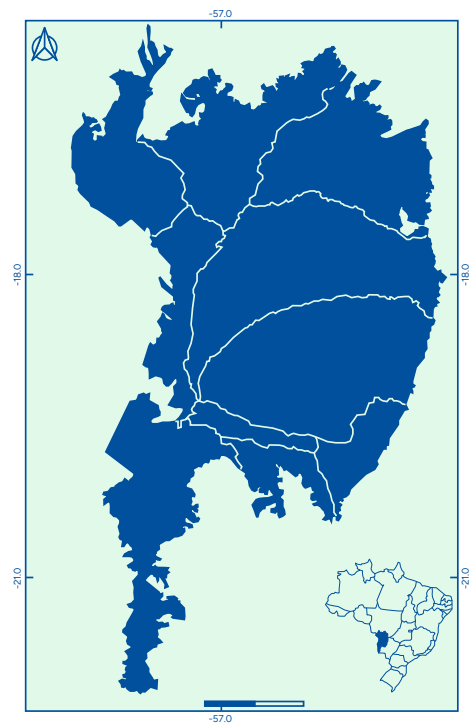
Adulto de maçarico-acanelado (*Calidris subruficollis*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Gabriel Oliveira de Freitas.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-de-colete

Pectoral Sandpiper

Calidris melanotos (Vieillot, 1819)

Relativamente comum e de ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), onde ocorre em praias de rios, baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013). A maior parte da população adentra a América do Sul pela Colômbia e continua sua migração ao longo dos Andes, concentrando-se em áreas úmidas nas montanhas da Colômbia e Equador, chegando até a Bacia Amazônica, os llanos da Venezuela, Peru, sul do Brasil e Argentina. Pode ser avistado no Brasil de julho a março, com maior concentração em novembro. Passa pelo Pantanal entre janeiro e fevereiro, rumo às suas áreas reprodutivas no Hemisfério Norte (Serrano 2010). É a espécie mais abundante do gênero na planície do Pantanal, com registros de mais de 1.000 indivíduos concentrados principalmente na sub-região da Nhecolândia (Morrison *et al.* 2008, Serrano 2010, Nunes *et al.* 2013). Se reproduz de junho a agosto, tanto na Sibéria como na América do Norte (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



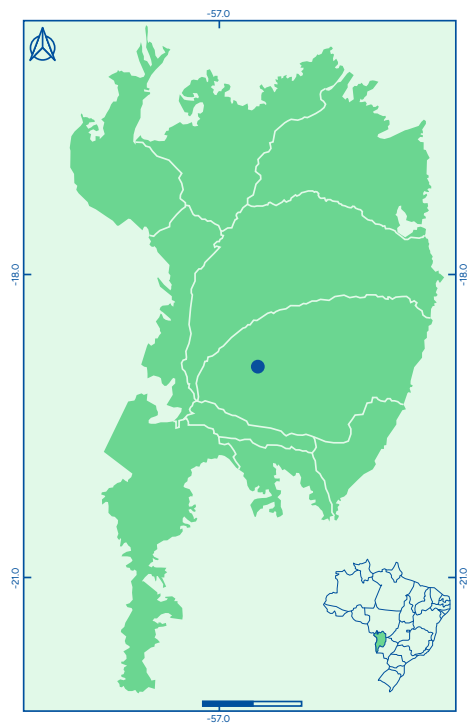
Adulto de maçarico-de-colete (*Calidris melanotos*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Alessandro Pacheco Nunes.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-rasteirinho

Semipalmated Sandpiper

Calidris pusilla (Linnaeus, 1766)

Rara e de ocorrência pontual no Pantanal da Nhecolândia (Tubelis & Tomas 2003). Habita baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013). Se reproduz do oeste ao leste do Alasca, região central e leste do Canadá. No Brasil ocorre de forma concentrada na região costeira, especialmente no nordeste (Fedrizzi *et al.* 2004, Serrano 2010). Chega em setembro e retorna no começo de abril. No entanto, indivíduos sexualmente imaturos permanecem o ano todo aqui até atingirem a maturidade sexual (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (NT - IUCN 2025), nacional (EN - ICMBio 2024).



Adulto de maçarico-rasteirinho (*Calidris pusilla*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Renato Sproesser.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

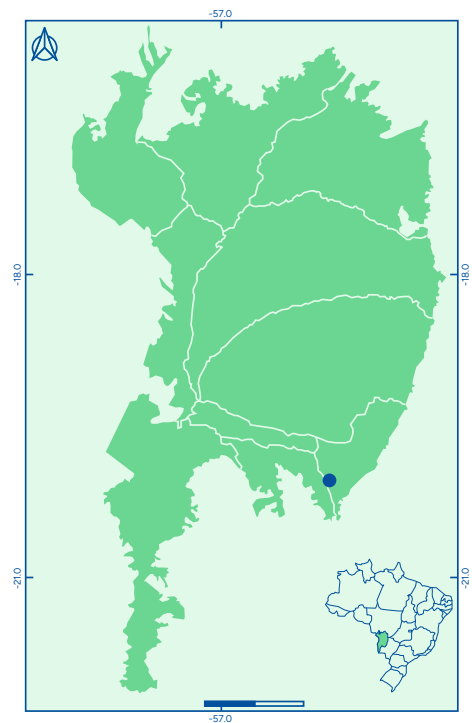
Scolopacidae

Narcejão

Giant Snipe

Gallinago undulata (Boddaert, 1783)

Incomum e de ocorrência localizada no Pantanal (Nunes *et al.* 2021). Endêmica de campos inundados e brejos (Gwynne *et al.* 2010). Possivelmente durante a estação seca, quando água dos campos inundados e brejos secam completamente, a espécie deve migrar para outras regiões mais favoráveis, incluindo os planaltos do entorno onde há vários registros de ocorrência. Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



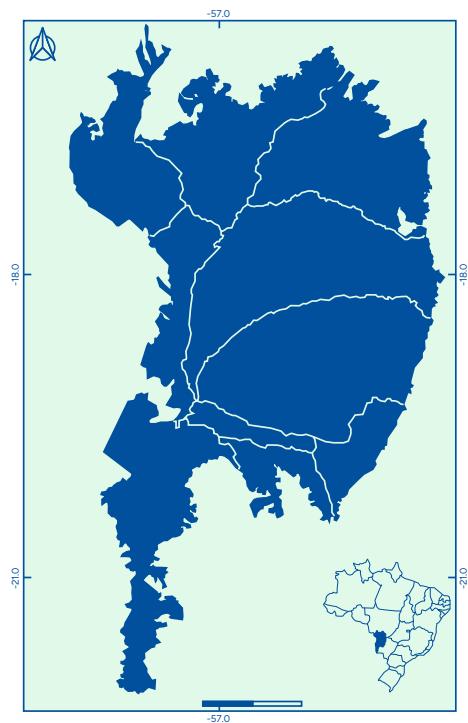
Adulto de narcejão (*Gallinago undulata*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Narceja

South American Snipe

Gallinago paraguaiae (Vieillot, 1816)

Comum e de ampla ocorrência no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em campos inundados e brejos (Gwynne *et al.* 2010). Considerado migrante austral parcial no Paraguai, desaparecendo completamente no inverno e estação seca (Blanco *et al.* 2020). A maioria dos registros na planície do Pantanal estão concentrados no período de setembro a dezembro. No entanto, na região de Poconé, MT, pode ser avistada quase o ano todo. É provável que parte da população austral do Chaco migre para a planície pantaneira durante a estação seca. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



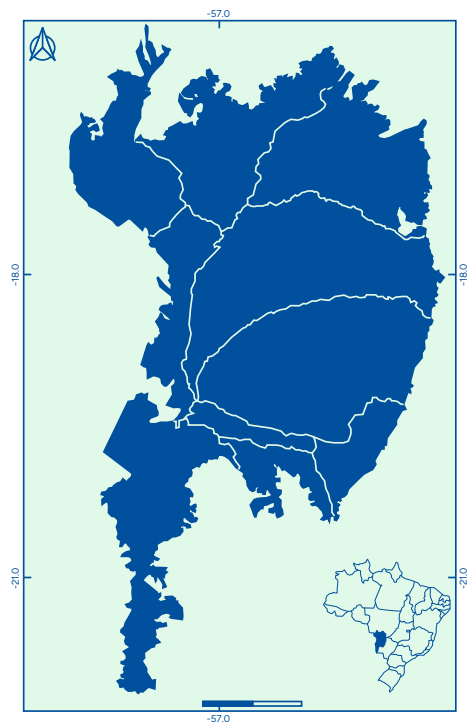
Adulto de narceja (*Gallinago paraguaiae*). Foto: Maristela Benites. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Pisa-n'água

Wilson's Phalarope

Phalaropus tricolor (Vieillot, 1819)

Comum e abundante em várias regiões do Pantanal, onde aparece em grandes bandos nas baías e salinas (Nunes *et al.* 2013). Há uma segregação sexual durante a migração, sendo que as fêmeas deixam as áreas reprodutivas em Great Salt, na América do Norte, primeiro, seguidas pelos machos e imaturos após algumas semanas. Aparece em outubro (em plumagem de descanso) e aqui permanece até janeiro e fevereiro. Se reproduz de maio a julho na região subtemperada do centro-leste da Califórnia até a região dos Grandes Lagos, nos Estados Unidos, e para o norte até a região ártica do norte do Canadá (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (DD - ICMBio 2024).



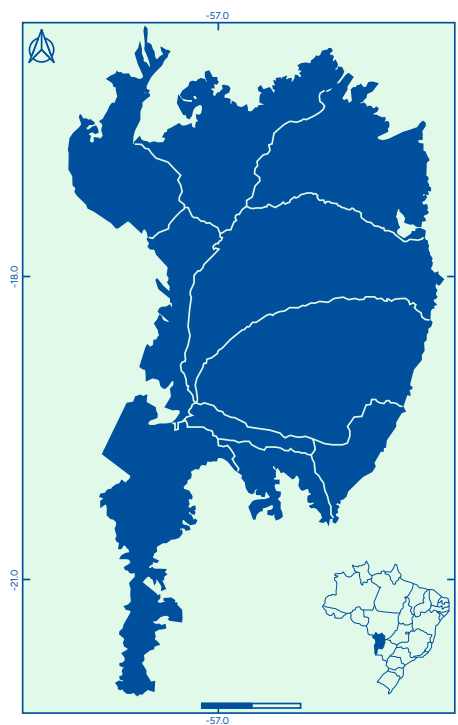
Adulto de pisa-n'água (*Phalaropus tricolor*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Breno Dias Vitorino.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-pintado

Spotted Sandpiper

Actitis macularius (Linnaeus, 1766)

Relativamente comum e de ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Aparece em praias de rios, baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013). No Brasil aparece em maio, com maiores concentrações em setembro. Nas migrações sul-norte, os registros se concentram em março e abril, quando estão retornando às áreas de reprodução no Hemisfério Norte. Se reproduz de abril a julho no Alasca, norte das províncias canadenses e leste dos Estados Unidos (Serrano 2010). No Pantanal aparece com maior frequência de janeiro a abril (Nunes *et al.* 2013). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



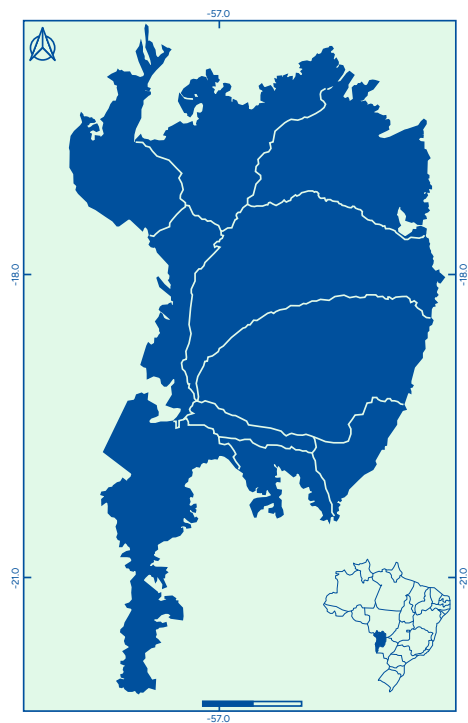
Adulto de maçarico-pintado (*Actitis macularius*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Renato Sproesser.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-solitário

Solitary Sandpiper

Tringa solitaria (Wilson, 1813)

Comum em todo o Pantanal, onde habita praias de rios, corixos baías, salinas e campos inundados (Tubelis & Tomas 2003, Nunes *et al.* 2013a). Apresenta duas subespécies, *Tringa s. solitaria* e *Tringa s. cinnamomea*. Ambas as subespécies migram para a América do Sul, onde *Tringa s. cinnamomea* segue a rota migratória pela região de Atlanta e Utah enquanto *Tringa s. solitaria* viaja ao longo dos Andes, rumo à região norte e central da Argentina. Chega ao Brasil em agosto e o período de retorno ao Hemisfério Norte ainda é pouco conhecido (Serrano 2010). Em Poconé, MT, essa espécie é registrada principalmente em setembro. No entanto, essa espécie pode ser avistada durante o ano todo em algumas regiões do Pantanal e tal fato deve-se a indivíduos jovens que aqui permanecem até estarem sexualmente maduros para se reproduzir na América do Norte (Morrison *et al.* 2008, Serrano 2010, Nunes *et al.* 2011a, 2013). Reproduz de maio a julho na faixa ártica e subártica interiorana, desde o oeste do Alasca às províncias marítimas do Canadá e dos Estados Unidos, principalmente em Minnesota e Oregon (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



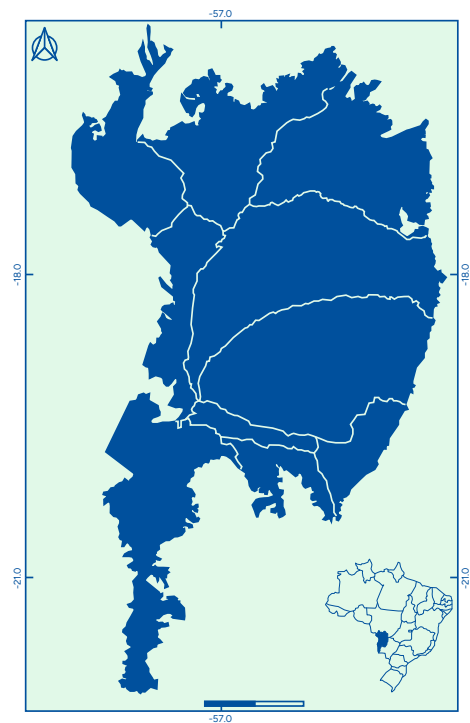
Adulto de maçarico-solitário (*Tringa solitaria*) em plumagem de descanso reprodutivo. Foto: Alessandro Pacheco Nunes.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-grande-de-perna-amarela

Greater Yellowlegs

Tringa melanoleuca (Gmelin, 1789)

Comum em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), aparece em praias de rios, corixos, baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013a). Chega ao Brasil na primeira quinzena de agosto, com maior concentração no litoral do nordeste. Possivelmente os poucos registros dessa espécie no Centro-Oeste do país indicam que a maioria das aves vindas do sul do continente sul-americano migra pela costa. Se reproduz em maio, com áreas reprodutivas desde o sul do Alasca ao centro do Canadá (Serrano 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



Adulto de maçarico-grande-de-perna-amarela (*Tringa melanoleuca*) em plumagem de descanso reprodutivo.

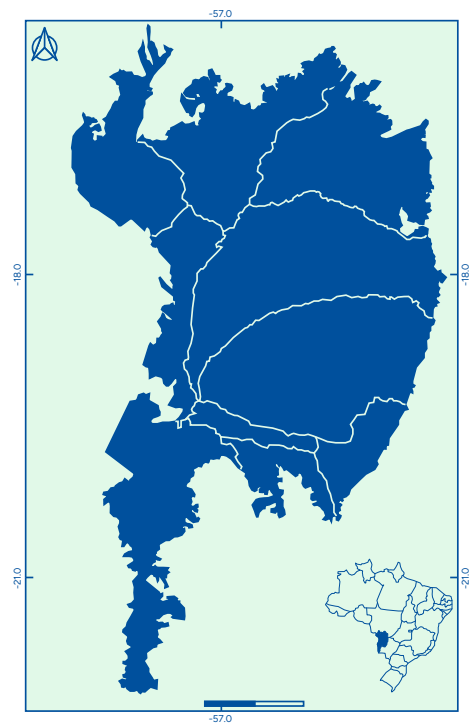
Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maçarico-de-perna-amarela

Lesser Yellowlegs

Tringa flavipes (Gmelin, 1789)

Comum e abundante em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Aparece em grandes bandos nas praias de rios, corixos, baías, salinas e campos inundados (Nunes *et al.* 2013a). No Brasil é registrada de janeiro a maio e de julho a dezembro, com maior concentração entre março e abril e de outubro a dezembro. Os movimentos no sentido norte-sul ocorrem em outubro e retorna às áreas reprodutivas em março e abril, vinda da Patagônia. Os jovens e adultos não reprodutivos dessa espécie podem ser vistos no Pantanal ao longo do ano. Se reproduz entre maio e agosto no Alasca e toda a extensão do Canadá, desde o oeste para o leste (Serrano 2010). Considerada uma das aves limícolas migratórias mais abundantes no Pantanal. Estudos realizados em outubro de 1996 estimaram uma população de 1.784 indivíduos dessa espécie invernando no Pantanal (Morrison *et al.* 2008, Serrano 2010, Nunes *et al.* 2013a). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



Adulto de maçarico-de-perna-amarela (*Tringa flavipes*) em plumagem de descanso reprodutivo.

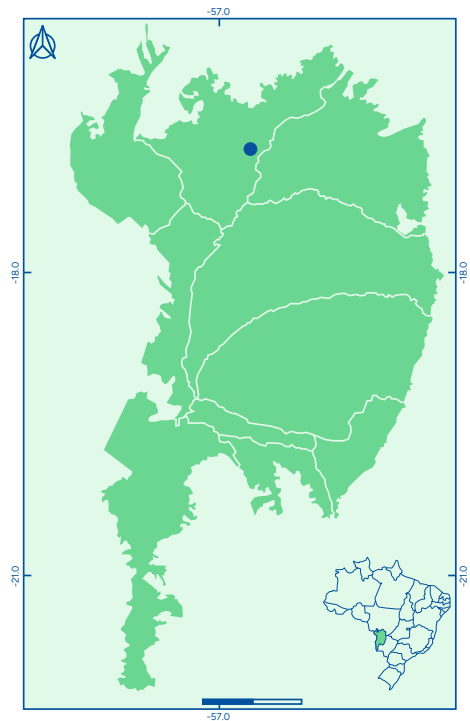
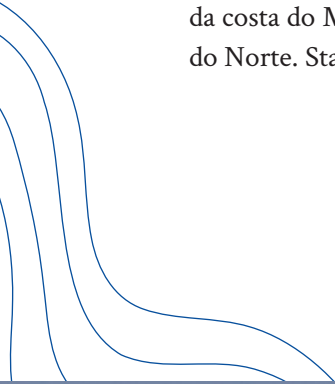
Foto: para Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Gaivota-de-sabine

Sabine's Gull

Xema sabini (Sabine, 1819)

Rara e de ocorrência pontual no Pantanal, Poconé, MT (Rodovia Transpantaneira). Aparece em rios e coxos. Reproduz exclusivamente no Hemisfério Norte (Sibéria e Groenlândia) (Prado *et al.* 2021). Parte da população migra para a África e países do Mediterrâneo entre março e abril e, parte migra para América do Sul (Stenhouse *et al.* 2012). No Brasil aparece a partir de agosto e os registros estão concentrados ao longo da costa do Maranhão, São Paulo e Rio Grande do Sul (Lees *et al.* 2014). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



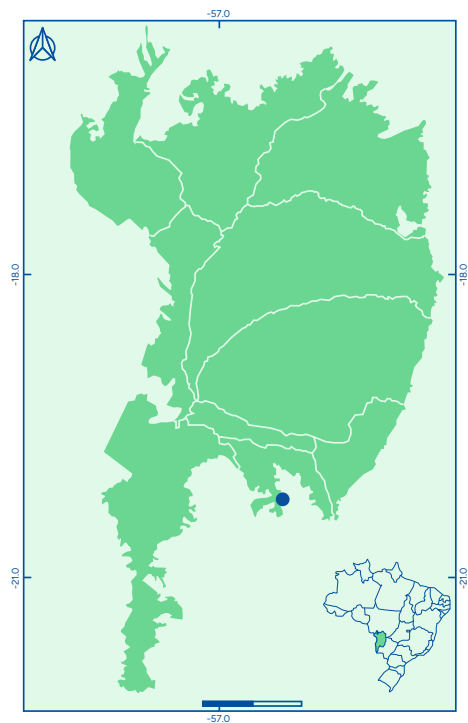
Adulto de gaivota-de-sabine (*Xema sabini*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Gaivota-maria-velha

Brown-hooded Gull

Chroicocephalus maculipennis (Lichtenstein, 1823)

Rara, de ocorrência pontual no Pantanal, como em Miranda, MS (Nunes *et al.* 2021). Ampla ocorrência no sul da América do Sul, Argentina, Uruguai, Chile, Chaco do Paraguai e toda a região costeira do sul e parte do sudeste do Brasil (Sigrist 2009). Possivelmente o registro obtido em outubro de 2016, na região do Pantanal de Miranda, MS se deve a indivíduo oriundo do Chaco Paraguuaio ou da Argentina. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



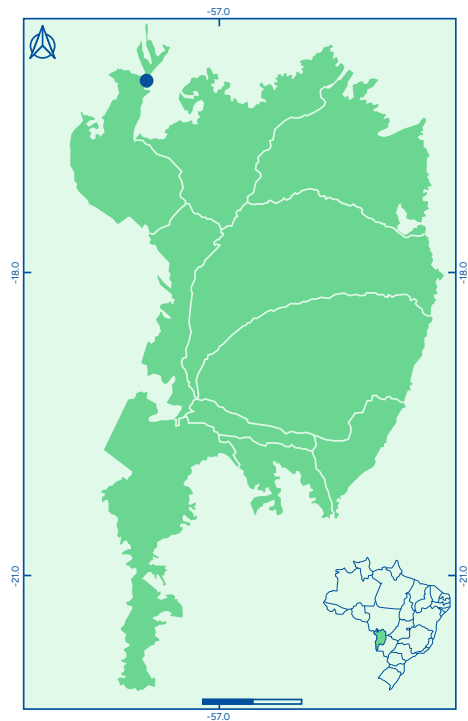
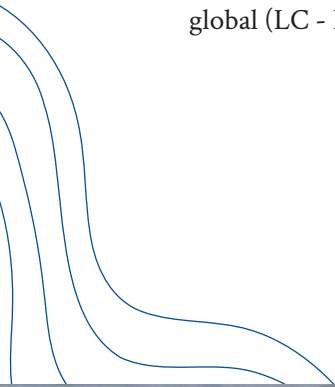
Adulto de gaivota-maria-velha (*Chroicocephalus maculipennis*) em transição de plumagem. Foto: Renato Sproesser.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Gaivota-de-cabeça-cinza

Gray-hooded Gull

Chroicocephalus cirrocephalus (Vieillot, 1818)

Rara, de ocorrência pontual no Pantanal, Cáceres, MT (Nunes *et al.* 2021). Ampla ocorrência no sul da América do Sul, Argentina, Uruguai, Chile, Chaco do Paraguai e toda a região costeira do Brasil (Sigrist 2009, Tavares *et al.* 2013). O registro obtido em setembro na região de Descalvados, em Cáceres, MT, possivelmente se deve a indivíduo oriundo do Chaco Paraguuaio ou da Argentina. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



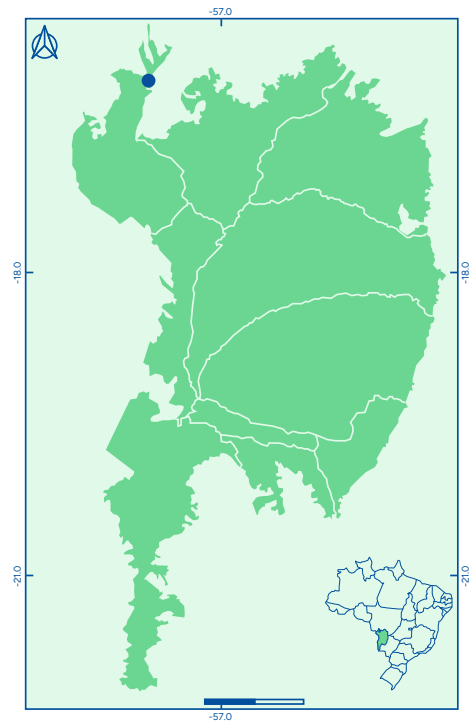
Adulto de gaivota-de-cabeça-cinza (*Chroicocephalus cirrocephalus*) em plumagem reprodutiva. Foto: Renato Sproesser.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Gaivota-alegre

Laughing Gull

Leucophaeus atricilla (Linnaeus, 1758)

Rara, de ocorrência pontual no Pantanal (Cáceres, MT). No Brasil sua distribuição é mais restrita ao litoral, porém, há alguns registros pelo interior do país (WikiAves 2025). Reproduz-se na costa atlântica dos EUA, do Maine até a Flórida e costa do Golfo do México, da Florida até o sul do Texas (Sick 1997, Lima *et al.* 2010). Podem ser encontradas colônias reprodutivas no Caribe (costa oeste do México, Guiana Francesa). As maiores concentrações da espécie no Brasil são encontradas na costa do Pará, com mais de 10.000 indivíduos. Estima-se que anualmente mais de 30.000 indivíduos invernam na costa brasileira no período de outubro a abril. Jovens de espécies migratórias podem, por algum motivo, durante sua primeira migração se desviarem das rotas normalmente utilizadas e podem retornar ano após ano aos mesmos locais (Lima *et al.* 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



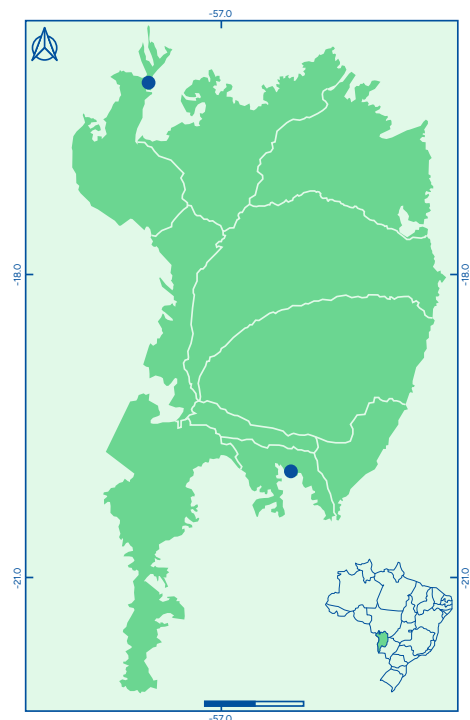
Adulto de gaivota-alegre (*Leucophaeus atricilla*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Gaivota-de-franklin

Franklin's Gull

Leucophaeus pipixcan (Wagler, 1831)

Rara, de ocorrência pontual no Pantanal (Cáceres, MT e Aquidauana, MS) (Nunes *et al.* 2021). Ocorre em rios e corixos (Gwynne *et al.* 2010). As principais áreas de reprodução estão no interior do Canadá e dos Estados Unidos. O primeiro grupo de imigrantes, principalmente imaturos, chega após cruzar o México, na costa pacífica da América do Sul no final de setembro, com o auge da migração em outubro e novembro. Retorna para a América do Norte no período entre março e abril (Dias *et al.* 2010, Kantek & Onuma 2013, Leal *et al.* 2013). Parece estar estabelecendo novas áreas de invernada na América do Sul, com registros no Rio Jupará-AM, Ilha da Trindade-ES e Praia do Cassino-RS (Dias *et al.* 2010), bem como a praia de Jacarecica-AL (Leal *et al.* 2013) e, recentemente, a planície do Pantanal (Kantek & Onuma 2013). Os registros no Brasil entre os meses de março e maio sugerem que alguns indivíduos se separaram dos grupos quando as populações iniciavam retorno para o Hemisfério Norte, tornando-se vagantes (Dias *et al.* 2010, Kantek & Onuma 2013, Leal *et al.* 2013). Kantek & Onuma (2013) destacam que Laguna Mar Chiquita e proximidades, em Códorba, Argentina, é o principal local a leste dos Andes onde a espécie é relativamente comum, sendo a provável localidade de origem do indivíduo observado no Pantanal, visto que sua ocorrência no Paraguai é rara. Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



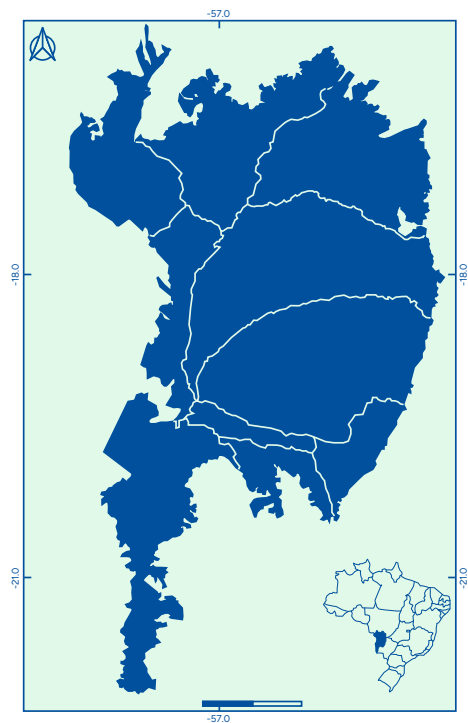
Bando de gaivotas-de-franklin (*Leucophaeus pipixcan*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Talha-mar

Black Skimmer

Rynchops niger (Linnaeus, 1758)

Comum e abundante em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo exclusivamente em rios (Gwynne *et al.* 2010). Há flutuações anuais em seus números no norte do Pantanal (RPPN SESC Pantanal). À medida que as águas começam a baixar, movimento iniciado geralmente em abril e início de maio, a população aumenta na RPPN SESC Pantanal. Nidifica em colônias em praias de rios e bancos de areia entre maio e novembro. Filhotes anilhados no SESC Pantanal, em Barão de Melgaço (MT), foram recapturados em laguna Mar Chiquita, próximo a Mar del Plata, na Argentina, e na Lagoa do Peixe, no RS (Antas *et al.* 2016). Nos dois casos percebe-se um deslocamento muito claro para o sul, a exemplo do que ocorre com outras aves aquáticas do Pantanal durante o período de cheia (Nunes & Tomas 2008). A espécie é abundante nos estuários de Cananéia-Iguape e Ilha Comprida (SP) no verão e outono, sugerindo rota migratória dos grandes rios interioranos como Paraná e Paraguai (Barbieri 2007). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



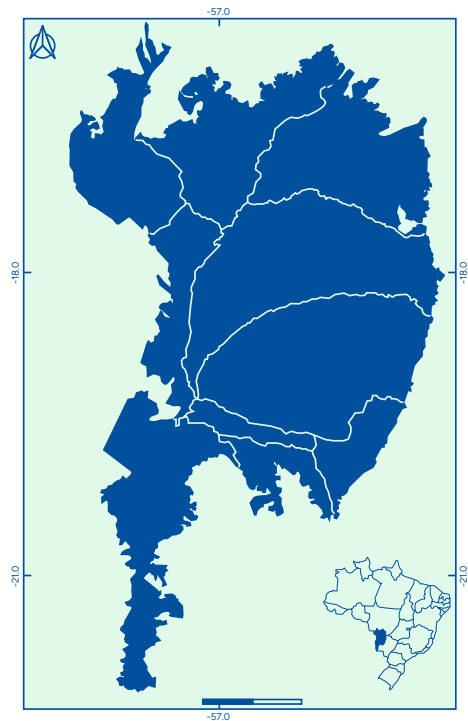
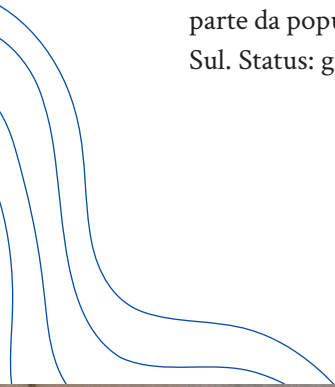
Adulto de talha-mar (*Rynchops niger*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Trinta-réis-pequeno

Yellow-billed Tern

Sternula superciliaris (Vieillot, 1819)

Comum e de ampla distribuição em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), onde ocorre em rios, corixos e grandes baías (Gwynne *et al.* 2010). Verificam-se flutuações anuais em seus números no Pantanal devido aos pulsos de inundação (Antas *et al.* 2016). Tendem a concentrar-se nas áreas costeiras do norte e nordeste do Brasil, sendo possivelmente indivíduos oriundos de outras áreas úmidas do interior do país, incluindo parte da população da planície do Pantanal (Vooren & Brusque 1999). Migração: Rota norte da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



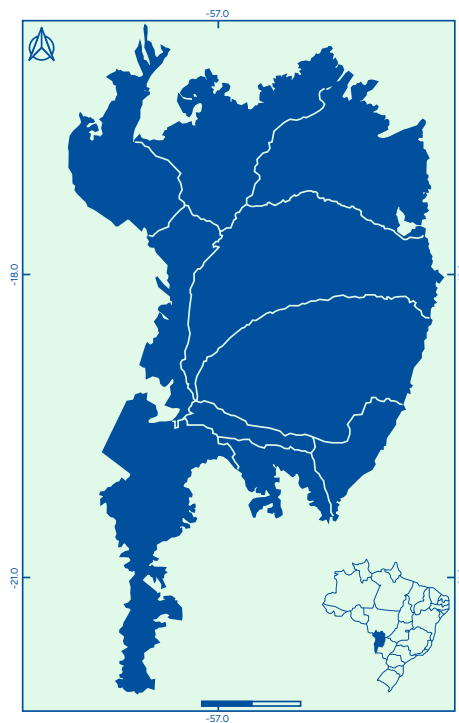
Adulto de trinta-réis-pequeno (*Sternula superciliaris*). Foto: Rudi Ricardo Laps. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Trinta-réis-grande

Large-billed Tern

Phaetusa simplex (Gmelin, 1789)

Comum e abundante em rios, corixos e grandes baías em várias regiões do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003, Gwynne *et al.* 2010). Verificam-se flutuações anuais em seus números no Pantanal norte (RPPN SESC Pantanal). À medida que as águas começam a baixar, movimento iniciado geralmente em abril/início de maio, essa espécie aumenta seus números ou retornam à RPPN SESC Pantanal. Há um grande incremento de indivíduos entre a última semana de abril e meados de maio. A partir de setembro há redução na população até meados de outubro. Nidifica em bancos de praias e bancos de areia em rios, bem como borda de salinas, durante o período de seca na planície pantaneira (Antas *et al.* 2016). Dispersa para outras áreas do Pantanal ou demais áreas úmidas do litoral do Brasil durante os picos de cheia na planície (Nunes & Tomas 2008). Dentre os trinta-réis-grandes anilhados ainda jovens na RPPN SESC Pantanal, um indivíduo foi recuperado na província de Santa Fé, Argentina (Antas *et al.* 2016). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



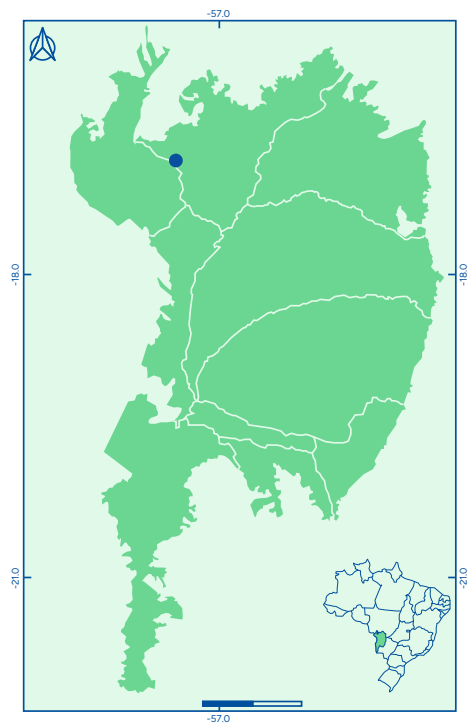
Adulto de trinta-réis-grande (*Phaetusa simplex*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Trinta-réis-negro

Black Tern

Chlidonias niger (Linnaeus, 1758)

Rara e de ocorrência pontual no Pantanal, na Estação Ecológica Taiamã, MT, sendo registrada em rios e corixos (Frota *et al.* 2020a). A subespécies: *Chlidonias n. niger* da Europa e Ásia central, inverna principalmente na África, enquanto *Chlidonias n. surinamensis* (Canadá até o sul da Califórnia e região dos grandes lagos, Pensilvânia, Kansas, Indiana), inverna na América Central e América do Sul. No Brasil as áreas de invernada estão concentradas na costa do Rio Grande do Sul (Lagoa do Peixe), Rio de Janeiro e Nordeste (Sick 1997, Frota *et al.* 2020a). Um indivíduo anilhado em Berlim, Alemanha em 1984 foi recuperado em Macau, Rio Grande do Norte (Sick 1997). Os primeiros registros no Pantanal foram obtidos em abril de 2018 quando dois indivíduos em plumagem não reprodutiva foram avistados forrageando junto com trinta-réis locais *Phaetusa simplex* e *Sternula superciliaris* (Frota *et al.* 2020a). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



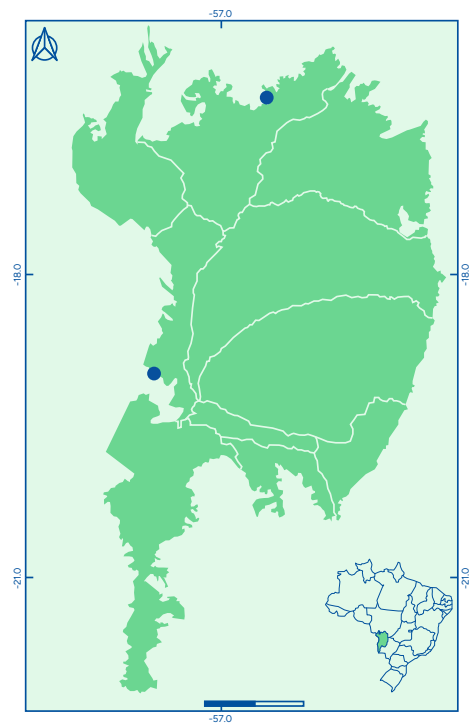
Juvenil de trinta-réis-negro (*Chlidonias niger*). Foto: Breno Dias Vitorino. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Trinta-réis-boreal

Common Tern

Sterna hirundo (Linnaeus, 1758)

Rara e de ocorrência pontual, em Poconé, MT (Tubelis & Tomas 2003) e Corumbá, MS (Mestre 2007a). Ocorre em grandes rios. Espécie circumpolar, ocorrendo tanto nas Américas, quanto no Novo Mundo (Sigris 2009). Hays *et al.* (1997) ressaltam que sua ocorrência na América do Sul está mais restrita à Argentina, bem como ao litoral norte e região sul do Brasil, e que indivíduos que invernam no Brasil são provenientes de colônias reprodutivas nas costas leste e norte da América do Norte, Canadá e região dos Grandes Lagos. Outro importante sítio de invernada para esta espécie no Brasil é a Lagoa do Peixe (RS), abrigando milhares de aves (Nascimento 1995). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



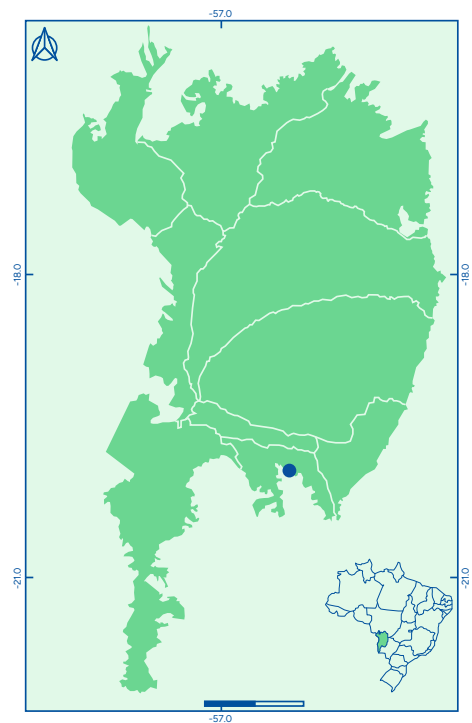
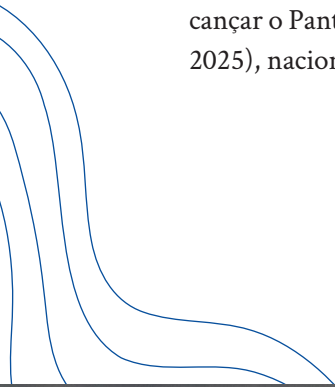
Adulto de trinta-réis-boreal (*Sterna hirundo*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Trinta-réis-de-coroa-branca

Snowy-crowned Tern

Sterna trudeaui (Audubon, 1838)

Rara e de ocorrência pontual, região de Miranda, MS (Nunes 2011a). Aparece em baías e salinas (Gwynne *et al.* 2010). Visitante de inverno (abril a setembro) com ampla ocorrência no sul da América do Sul (Patagônia e Uruguai). Migra para a região costeira do sul do Brasil e, esporadicamente para o litoral de São Paulo e Rio de Janeiro (Sigrist 2009). Indivíduos austrais fugindo do inverno no sul da América do Sul podem alcançar o Pantanal, onde passam o inverno. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



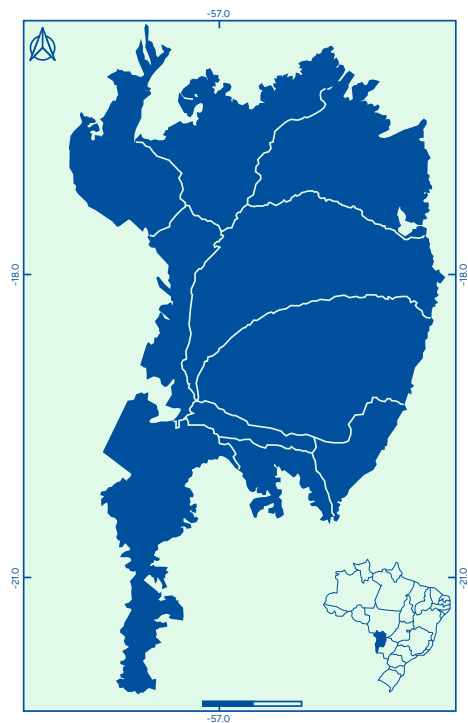
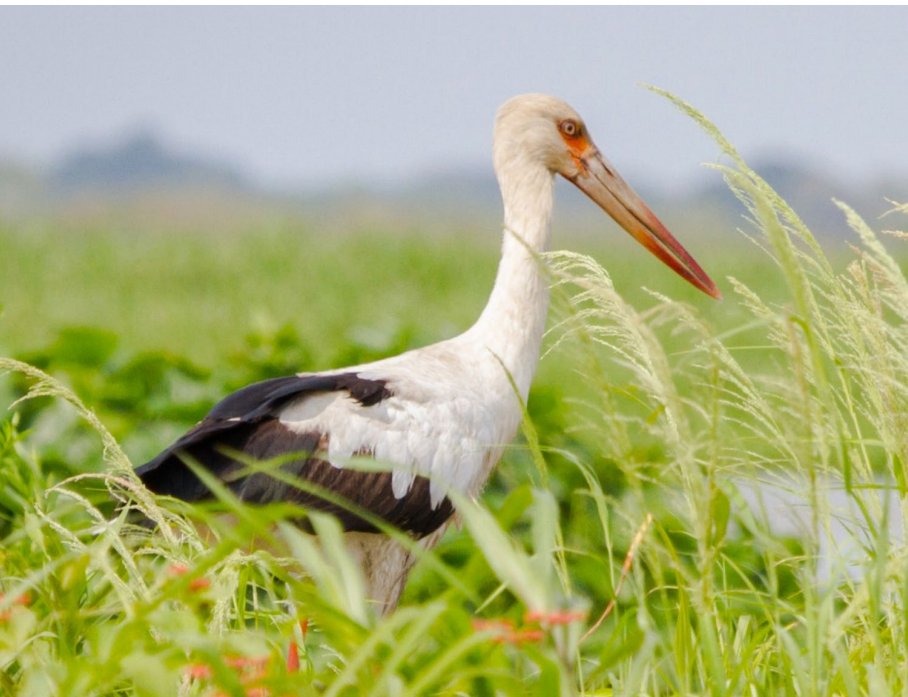
Adulto de trinta-réis-de-coroa-branca (*Sterna trudeaui*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maguari

Maguari Stork

Ciconia maguari (Gmelin, 1789)

Relativamente comum e de ampla distribuição, porém pouco abundante no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em vazantes, campos secos e/ou inundados e brejos (Gwynne *et al.* 2010). O Pantanal pode receber exemplares das populações de maguari oriundos da Argentina, Uruguai ou do sul do Brasil. No entanto, de modo geral, os deslocamentos migratórios do maguari no Pantanal ainda são pouco conhecidos (Nunes & Tomas 2008). O aumento da abundância está relacionado com a baixa das águas no Pantanal, quando os peixes presos nas lagoas e campos inundados se tornam presas fáceis (Oliveira 2006). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



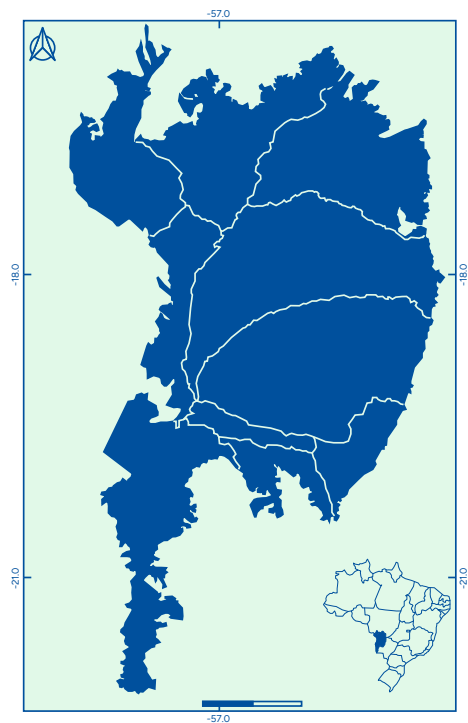
Adulto de maguari (*Ciconia maguari*). Foto: Breno Dias Vitorino. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Tuiuiú

Jabiru

Jabiru mycteria (Lichtenstein, 1819)

Comum e de ampla distribuição em toda a planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em bandos expressivos em campos inundados, baías, corixos e vazantes, notadamente durante o período de baixa das águas (Oliveira 2006, Antas & Palo Júnior 2004). Durante as cheias no Pantanal parte da população de tuiuiús se deslocam para o Chaco do Paraguai (Antas & Nascimento 1996). Retornam em bandos expressivos no período de baixa das águas, quando os peixes aprisionados nos corpos d'água tornam-se presas facilmente capturadas (Antas & Nascimento 1996, Oliveira 2006). Os tuiuiús aproveitam esse período de abundância de alimento para se reproduzirem no Pantanal (Oliveira 2006). Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



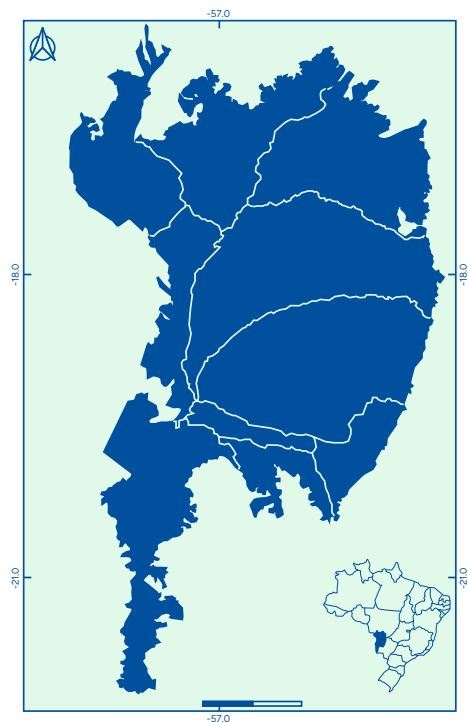
Casal adulto de tuiuiú (*Jabiru mycteria*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Cabeça-seca

Wood Stork

Mycteria americana (Linnaeus, 1758)

Comum e de ampla distribuição em toda a planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em campos inundados, baías, corixos e vazantes (Oliveira 2006, Antas & Palo Júnior 2004). Cabeças-secas anilhados em Poconé (MT) se deslocaram da planície pantaneira em direção às regiões mais meridionais da América do Sul, como Rio Grande do Sul e Argentina (Yamashita & Valle 1986). No entanto, indivíduos marcados em Minas Gerais e na região costeira do Amapá foram recapturados no Pantanal (Del Lama *et al.* 2015). Chegam ao norte do Pantanal entre março e maio, no período da baixa das águas, permanecendo até outubro, quando os rios começam a inundar a planície. Durante as cheias na planície pantaneira migram para o sul acompanhando as águas do rio Paraguai até chegar ao norte da Argentina e sul do Brasil. Reproduz-se no Pantanal (julho-outubro), em colônias mistas (ninhais) com garças (*Ardea cocoi*, *Ardea alba* e *Egretta thula*) e colhereiros (*Platalea ajaja*) (Oliveira 2008). Migração: Rota do Oeste Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



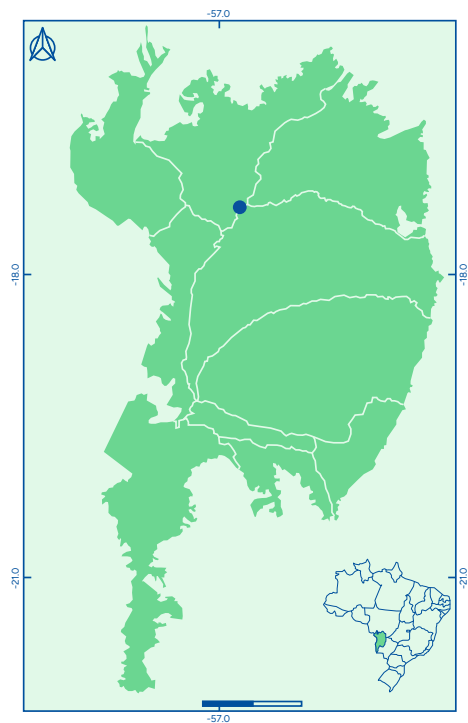
Adulto de cabeça-seca (*Mycteria americana*). Foto: Breno Dias Vitorino. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Fragata

Magnificent Frigatebird

Fregata magnificens (Mathews, 1914)

Até então, ausente na planície do Pantanal (Nunes *et al.* 2021). Rara e incomum no interior do país, pois sua área de ocorrência está restrita ao litoral (Sick 1997). São aves que possuem grande capacidade de dispersão, podendo voar mais de 500 km em um só dia. Utilizam correntes termais estreitas, entre a superfície da água e os ventos alísios, acima das nuvens de forma contínua, dia e noite, por períodos prolongados (Pennycuik 1983). Reproduz-se na região costeira, em ilhas como Alcatazes, com registros de mais de 3.000 pares reprodutivos, bem como em Fernando de Noronha e estados da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina (Nuss 2014, Oliveira *et al.* 2014). Quando deixam os ninhos, os jovens dispersam-se por longas distâncias (> 1.000 km), utilizando os principais sistemas de ventos oceânicos e/ou sendo transportados por tempestades (Murphy 1936, Nuss 2014). Um indivíduo anilhado no Paraná que foi recuperado posteriormente no Caribe, sendo tal fato, atribuído a eventos de adversidade climática, um caso isolado de um indivíduo vagante ou dispersão de jovens (Antas 1986). Provavelmente este seja o caso do avistamento de um indivíduo jovem em Porto Jofre, Poconé (MT), em 06 de novembro de 2024. Migração: Rota Costeira. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



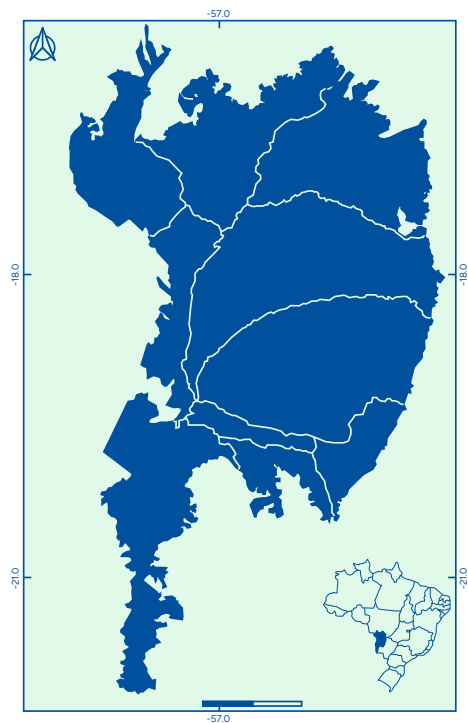
Juvenil de fragata (*Fregata magnificens*) juvenil. Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Biguatinga

Anhinga

Anhinga anhinga (Linnaeus, 1766)

Comum e abundante em toda a planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em rios e corixos (Gwynne *et al.* 2010). Reproduz-se em grandes colônias mistas chamadas “ninhais” (Yamashita & Valle 1990, Oliveira 2006). Realiza amplos deslocamentos, sugerindo migrações, cujas rotas e destinos ainda são desconhecidos (Antas & Palo Júnior 2004). No Pantanal de Miranda, MS, ocorre apenas durante a estação de cheia na região (fevereiro a março), desaparecendo completamente no restante do ano (Ilha 2017). Possivelmente parte da população do Pantanal desloca-se para rios com maior volume de água dentro ou fora da planície durante a estação seca em busca de recursos alimentares. Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



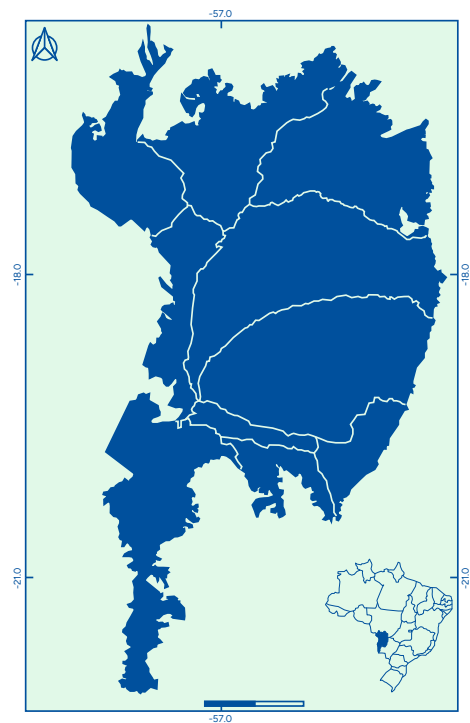
Biguatinga (*Anhinga anhinga*). Foto: Breno Dias Vitorino. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Biguá

Neotropic Cormorant

Nannopterum brasilianum (Gmelin, 1789)

Comum e abundante em toda a planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em rios, corixos e grandes baías (Gwynne *et al.* 2010). Reproduz-se em grandes colônias chamadas “ninhais” (Yamashita & Valle 1990, Oliveira 2006). Populações austrais podem deslocar-se para o sul e leste do Brasil em resposta a baixas temperaturas e escassez de alimento durante determinadas épocas do ano na Argentina. Antas & Palo Júnior (2004) destacam que parte da população de biguás no Pantanal possivelmente desloca-se para os rios da Amazônia em agosto, durante o período de seca na planície. Migração: Rota norte da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



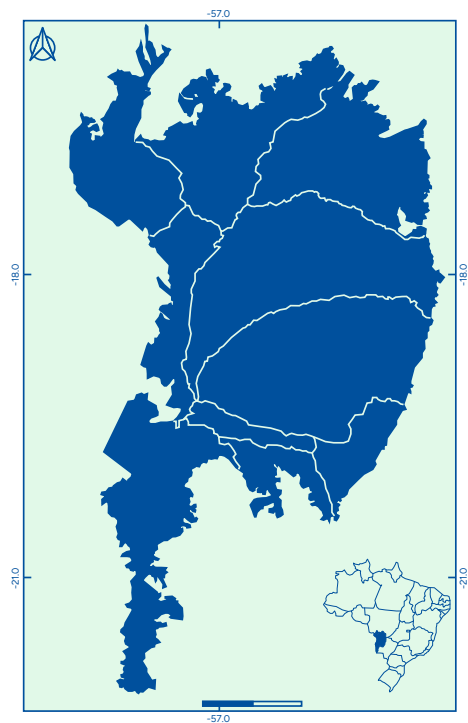
Adulto de biguá (*Nannopterum brasilianum*). Foto: Rudi Ricardo Laps. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Socozinho

Striated Heron

Butorides striata (Linnaeus, 1758)

Comum e de ampla ocorrência no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em corixos, vazantes, baías, salinas e campos inundados (Gwynne *et al.* 2010). Estudos envolvendo censos realizados no corredor de aves migratórias Paraguai-Paraná (Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil) mostram que parte da população austral tem seus números reduzidos durante o inverno (junho a agosto), possivelmente migrando para o norte, com grande concentração no Pantanal (Blanco *et al.* 2020). Migração: Rota Oeste Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



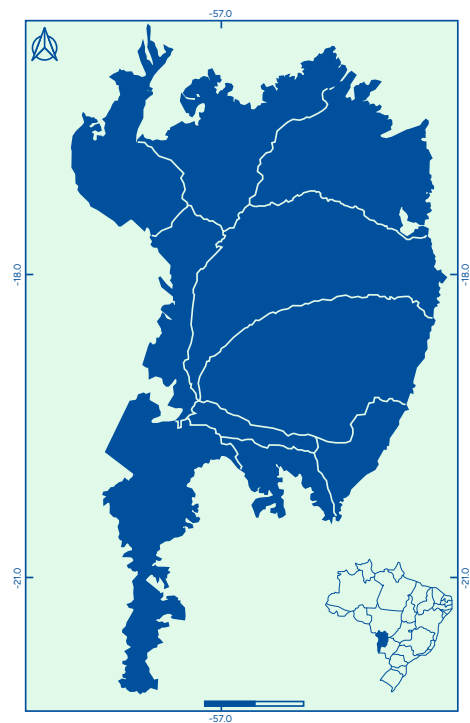
Adulto de socozinho (*Butorides striata*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Garça-vaqueira

Cattle Egret

Bubulcus ibis (Linnaeus, 1758)

Comum e abundante em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em áreas abertas como pastagens nativas e/ou cultivadas, sempre associada ao gado bovino para se alimentar dos insetos por ele espantado (Sick 1997). Seus números flutuam na população ocorrente no Pantanal, sendo mais numerosa no período de baixa das águas e durante a seca em determinadas sub-regiões (Cáceres, MT e Miranda, MS), entre junho e novembro (Blanco *et al.* 2020). Possivelmente parte da população de garça-vaqueira ocorrente no Pantanal, especialmente nas sub-regiões mais afetadas pelas inundações, migrem para outras sub-regiões ou até mesmo para fora da planície. Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



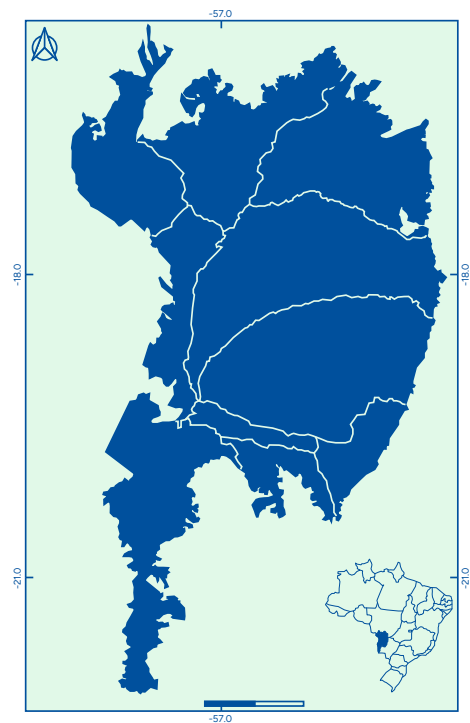
Adulto de garça-vaqueira (*Bubulcus ibis*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Garça-branca-grande

Great Egret

Ardea alba (Linnaeus, 1766)

Comum e abundante em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Frequenta rios, corixos, vazantes e principalmente baías, campos inundados e salinas (Gwynne *et al.* 2010). Possui alta capacidade de dispersão, podendo deslocar-se por vários quilômetros a partir do local de nascimento (Sick, 1997). Antas & Palo Júnior (2004) relatam que no Pantanal de Poconé (MT), seus números se reduzem após o período reprodutivo, evidenciando possível movimento migratório de parte da população para fora da planície ou dispersão para outras sub-regiões do Pantanal em função da disponibilidade de habitat e recursos. Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



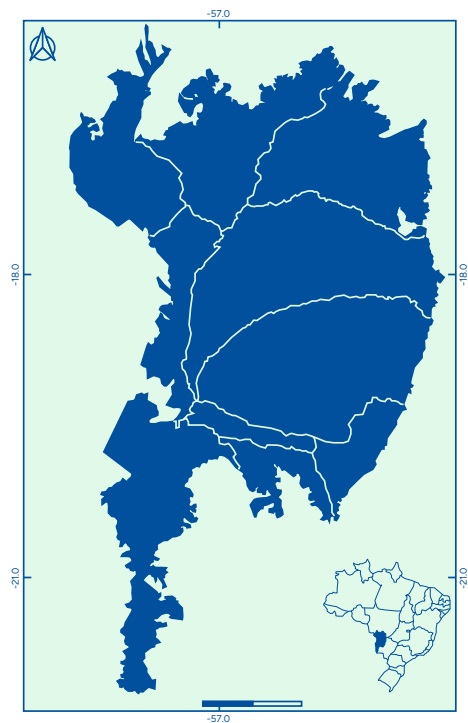
Adulto de garça-branca-grande (*Ardea alba*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Garça-azul

Little Blue Heron

Egretta caerulea (Linnaeus, 1758)

Relativamente comum em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Frequenta corixos, baías e salinas (Gwynne *et al.* 2010). Presente em todo o Brasil, porém, mais frequente nos manguezais do litoral brasileiro, ecossistemas onde estão as principais colônias reprodutivas da espécie. Desta forma, é provável que parte das garças-azuis ocorrentes no Pantanal podem ter a costa sul e sudeste como local de origem. No Pantanal do Miranda pode ser vista apenas no período de vazante e seca, de abril a setembro (Ilha 2017). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



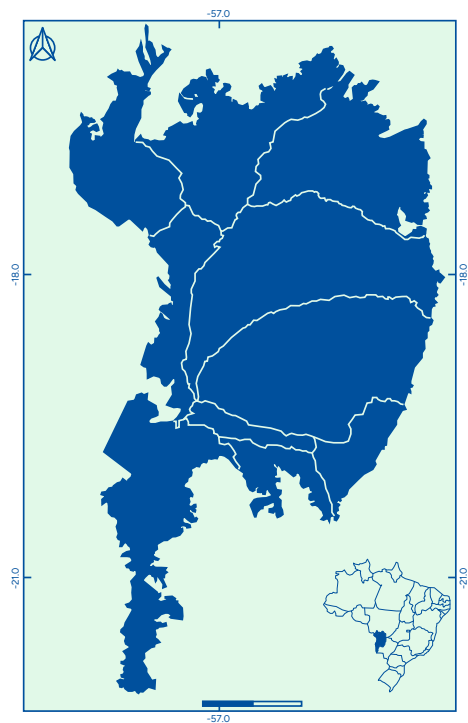
Adulto de garça-azul (*Egretta caerulea*). Foto: Breno Dias Vitorino. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Caraúna

White-faced Ibis

Plegadis chihi (Vieillot, 1817)

Comum e de ampla ocorrência no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Habita corixos, baías, salinas, campos inundados (Gwynne *et al.* 2010). Há uma rota migratória entre a Patagônia e o sul e centro-oeste do Brasil. Desta forma, a população de caraúnas ocorrentes no Pantanal, principalmente entre janeiro e julho, possivelmente tem a região Patagônica como local de origem (Nunes & Tomas 2008). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



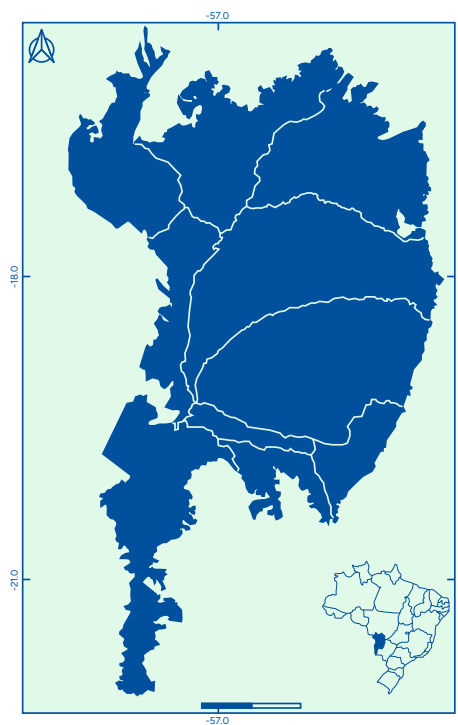
Bando de caraúnas (*Plegadis chihi*) adultas. Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Tapicuru

Bare-faced Ibis

Phimosus infuscatus (Lichtenstein, 1823)

Comum e de ampla ocorrência em toda a planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em corixos, baías, salinas e campos inundados (Gwynne *et al.* 2010). Migrante austral parcial nas áreas úmidas do corredor ecológico Paraguai-Paraná (Blanco *et al.* 2020). Populações austrais, oriundas de colônias reprodutivas no sul do Brasil possivelmente se deslocam para o Pantanal após o período reprodutivo, misturando-se às populações residentes (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



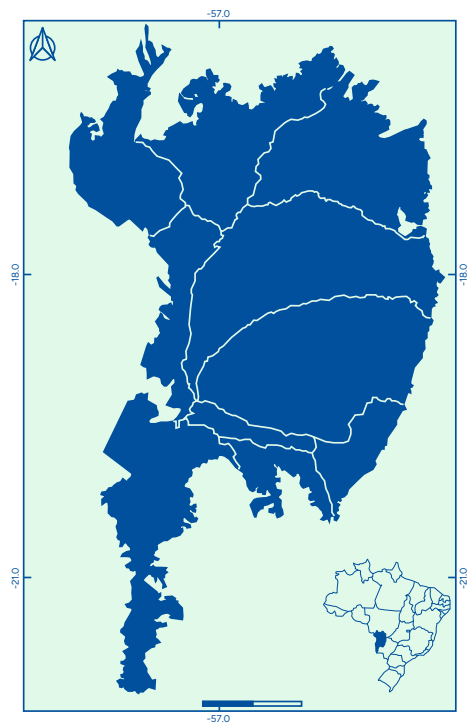
Adulto de tapicuru (*Phimosus infuscatus*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Colhereiro

Roseate Spoonbill

Platalea ajaja (Linnaeus, 1758)

Comum e de ampla ocorrência. Habita rios, corixos, baías, salinas e campos inundáveis. Colhereiros anilhados no Rio Grande do Sul foram recapturados nos estados de Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, o que sugere grande mobilidade da espécie (Silva & Fallavena 1995). As populações diminuem ou desaparecem no Pantanal a partir de novembro, quando o alimento escasseia. Possivelmente a população pantaneira desloca-se no início da cheia (novembro) utilizando a calha do rio Paraná como rota migratória até o Rio Grande do Sul e Argentina (Oliveira 2006, Antas & Palo Júnior 2004). O aumento da abundância está relacionado com a baixa das águas no Pantanal (Oliveira 2000). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



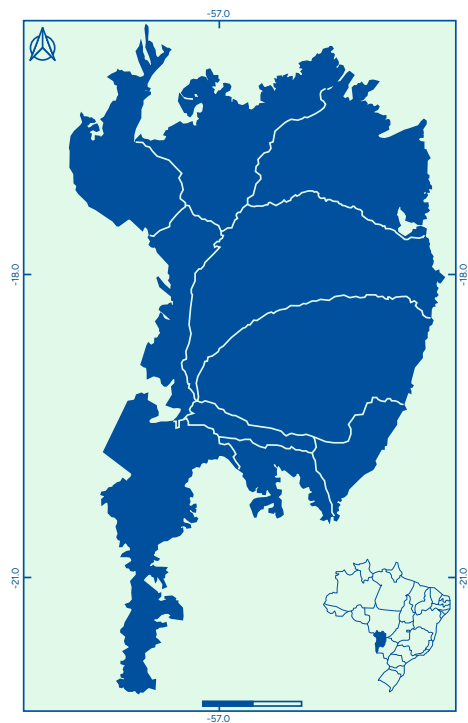
Adulto de colhereiro (*Platalea ajaja*). Foto: Breno Dias Vitorino. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Urubu-de-cabeça-vermelha

Turkey Vulture

Cathartes aura (Linnaeus, 1758)

Comum e de ampla ocorrência em toda a planície do Pantanal. Habita campos (sujeitos e/ou sujeitos à inundação), cerrados e ambientes antropizados e/ou urbanos (Gwynne *et al.* 2010). São aves que realizam grandes deslocamentos (Mourão 2024). A subespécie (*C. aura meridionalis*) do sul do Canadá, sul dos Estados Unidos e norte do México migra para a América do Sul durante o inverno boreal, chegando até a Colômbia. No entanto, indivíduos de populações austrais de *C. aura ruficollis* capturados na Patagônia e equipados com geolocalizadores foram avistados migrando para o Gran Chaco e o norte da América do Sul fugindo do inverno austral rigoroso (Dodge *et al.* 2014). Tais migrantes podem misturar-se às populações residentes no sul do Pantanal nos meses de maio a setembro, especialmente no Chaco de Porto Murtinho. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



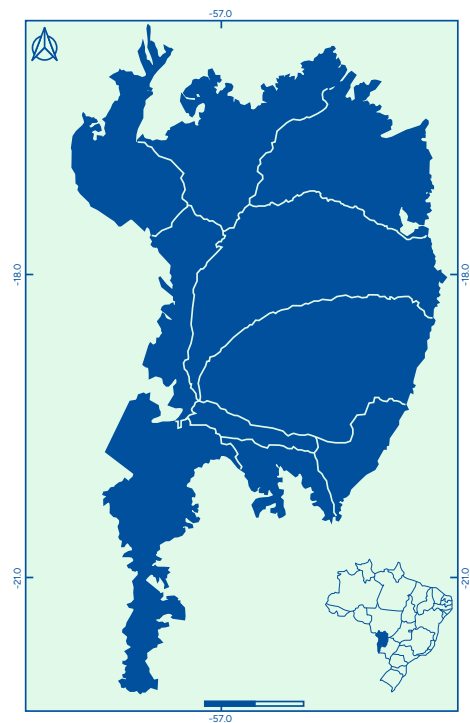
Adulto de urubu-de-cabeça-vermelha (*Cathartes aura*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Águia-pescadora

Osprey

Pandion haliaetus (Linnaeus, 1758)

Relativamente comum e de ampla ocorrência ao longo dos rios do Pantanal. Parte da população foge do inverno no Canadá e Estados Unidos e utiliza-se de alguns pontos de parada no interior do Brasil, incluindo o Pantanal, durante sua jornada migratória em direção à Patagônia. Indivíduos anilhados na América do Norte foram recuperados em várias regiões brasileiras, incluindo o Pantanal, principalmente entre os meses de outubro a janeiro. A presença de indivíduos observados ao longo do ano em vários locais no Brasil se trata de imaturos e adultos não reprodutivos com plumagem de descanso (Mestre *et al.* 2010; Somenzari *et al.* 2018). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



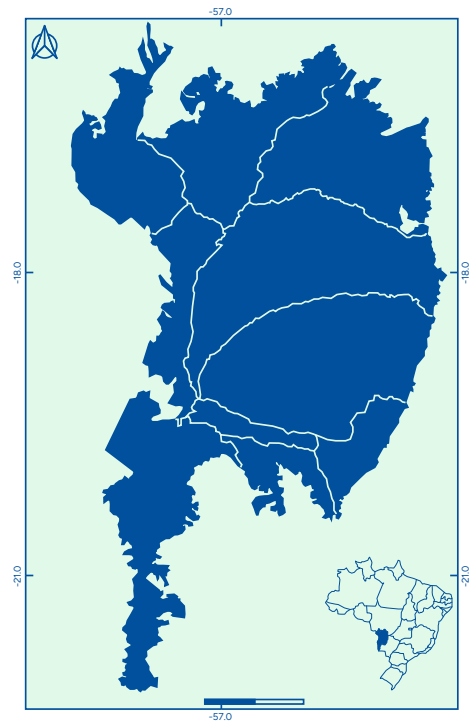
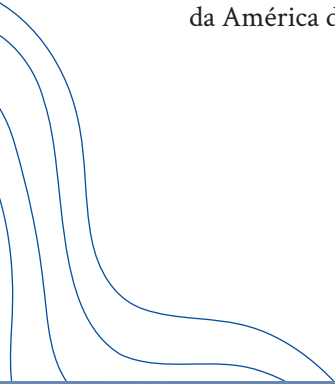
Adulto de águia-pescadora (*Pandion haliaetus*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Gavião-peneira

White-tailed Kit

Elanus leucurus (Vieillot, 1818)

Embora seja incomum, apresenta ampla ocorrência no Pantanal. Habita campo cerrado, campo seco, campo inundável e pastagem cultivada. No Brasil há populações residentes e migratórias (especialmente as do sul da América do Sul). Em suas migrações de outono/inverno austrais (maio a julho), passam pelo Pantanal, encaminhando-se para o norte do continente sul-americano (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



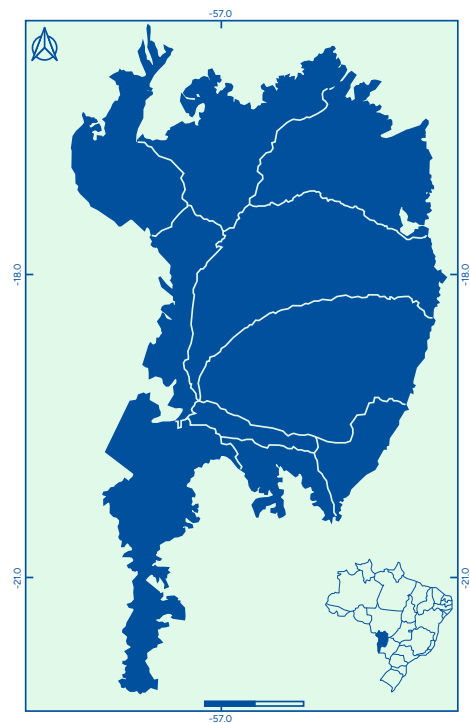
Adulto de gavião-peneira (*Elanus leucurus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Gavião-tesoura

Swallow-tailed Kite

Elanoides forficatus (Linnaeus, 1758)

Possui ampla distribuição no Pantanal. Ocorre em campo cerrado, campo seco, campo inundável, pastagem cultivada (Gwynne *et al.* 2010). A subespécie setentrional (*Elanoides f. forficatus*) se desloca da Flórida até regiões mais meridionais do Brasil na primavera e verão, misturando-se, assim, às populações residentes (*Elanoides f. yetapa*). Nas regiões sul e sudeste do Brasil a subespécie *Elanoides f. yetapa* migra para as porções mais setentrionais durante o inverno (Nunes & Tomas 2008). Migração: Rota norte da América do Norte
Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



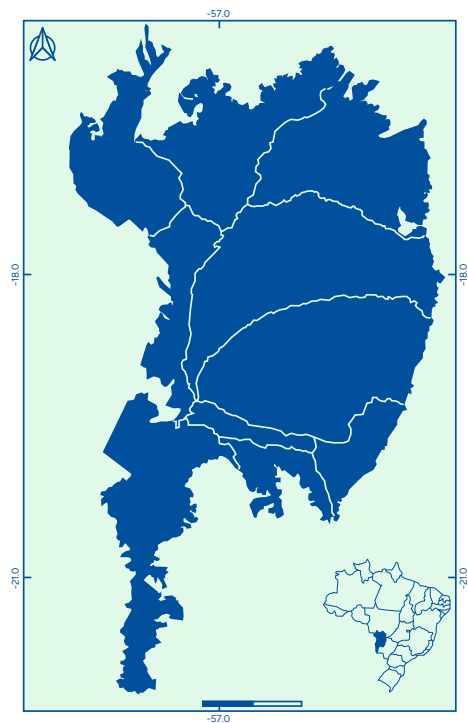
Adulto de gavião-tesoura (*Elanoides forficatus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Gavião-caramujeiro

Snail Kite

Rostrhamus sociabilis (Vieillot, 1817)

Comum e abundante em toda a planície do Pantanal. Ocorre em borda de baías, campos inundados (Gwynne *et al.* 2010). No Pantanal, podem ser avistados bandos de dezenas nas correntes de ar quente viajando para o sul entre setembro e outubro. Retornam em abril/maio. Estudos com aves anilhadas e equipadas com geolocalizadores no Banhado do Taim no Rio Grande do Sul mostram que a população austral passa pelo Chaco do Paraguai e Pantanal durante suas migrações rumo à Amazônia (Jahn *et al.* 2021). Souza *et al.* (2022) relata a aglomeração de mais de 2.500 indivíduos na Chapada dos Guimarães, planalto do entorno de Cuiabá, MT. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC – IUCN 2025), nacional (LC – ICMBio 2024).



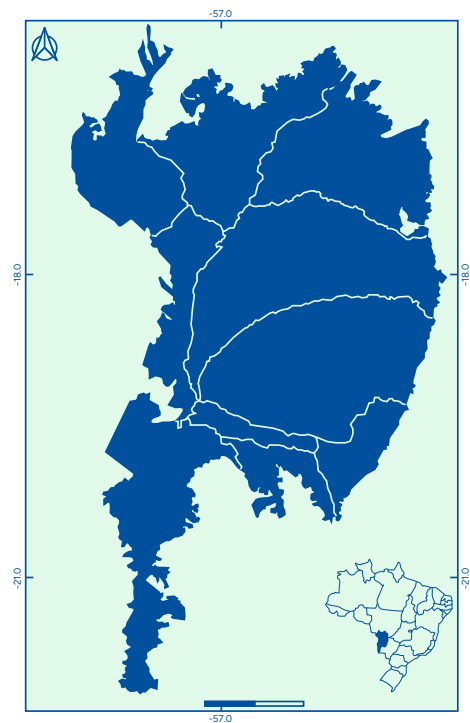
Macho adulto de gavião-caramujeiro (*Rostrhamus sociabilis*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Gavião-bombachinha

Rufous-thighed Kite

Harpagus diodon (Temminck, 1823)

Raro e incomum, porém ocorrem em várias sub-regiões do Pantanal. Ocorre na copa de bordas de florestas e capoeiras (Sick 1997). Desloca-se para o sul e sudeste durante a primavera, onde torna-se residente de agosto a abril, retornando para a região norte em outubro (Gwynne *et al.* 2010). Há populações sulistas residentes e migratórias (Azevedo *et al.* 2006) e durante seus deslocamentos para o norte, possivelmente passam pela planície do Pantanal, misturando-se às residentes. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



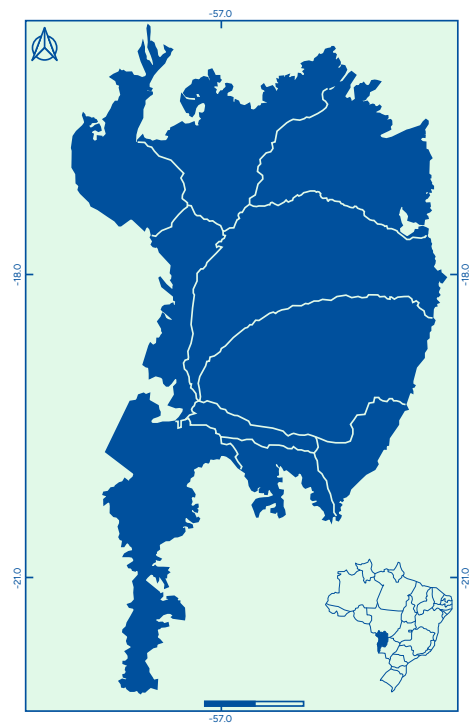
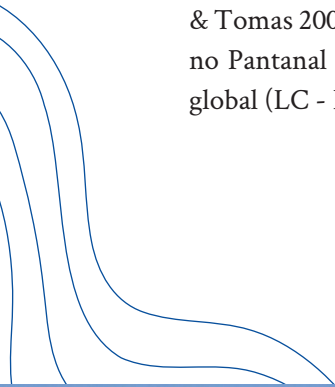
Adulto de gavião-bombachinha (*Harpagus diodon*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Sovi-do-norte

Mississippi Kite

Ictinia mississippiensis (Wilson, 1811)

Incomum, porém, apresenta ampla ocorrência no Pantanal. Aparece em cerrado, campo seco, campo inundável e pastagem cultivada. Reproduz-se no leste, centro e sul dos EUA, especialmente nas grandes planícies ao longo do Rio Mississippi. Durante o inverno boreal deixa essas áreas e parte em direção à América do Sul, passando pela Amazônia e Pantanal. As rotas migratórias no Brasil ainda são pouco conhecidas (Nunes & Tomas 2008). Bandos de até 1.500 indivíduos foram avistados no final de 2006 sobrevoando áreas abertas no Pantanal da Nhecolândia (Whittaker *et al.* 2007). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



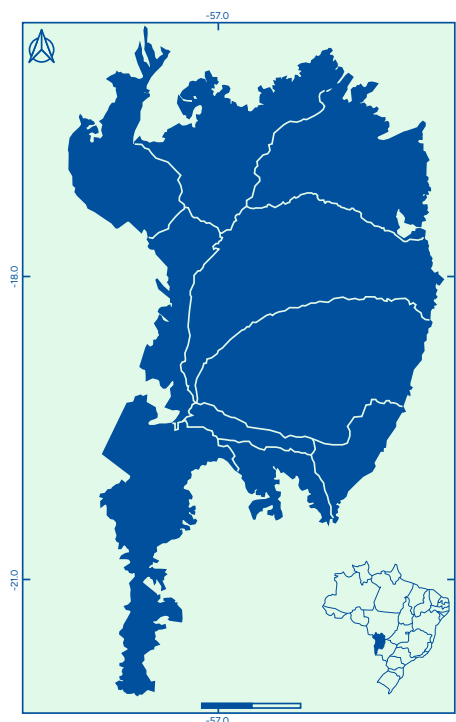
Adulto de sovi-do-norte (*Ictinia mississippiensis*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Sovi

Plumbeous Kite

Ictinia plumbea (Gmelin, 1788)

Comum e de ampla ocorrência no Pantanal (Gwynne *et al.* 2010). Aparece em cerrado, campo seco, campo inundável e pastagem cultivada. Parte da população é migrante, principalmente aquela oriunda do sul e passam pelo Pantanal em direção ao norte (Amazônia) em abril, ou no seu retorno em agosto, misturando-se às populações sedentárias ou nômades ocorrentes na planície pantaneira (Nunes & Tomas 2008). Migração: Rota norte da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2023).



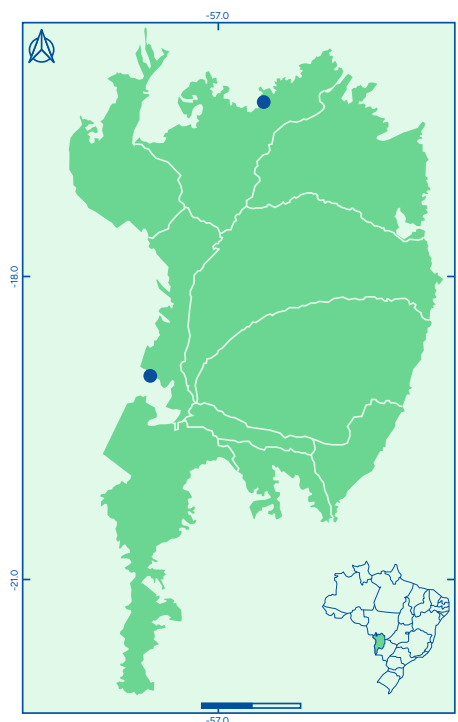
Adulto de sovi (*Ictinia plumbea*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Gavião-de-asa-larga

Broad-winged Hawk

Buteo platypterus (Linnaeus, 1823)

Raro, aparece principalmente em áreas florestais. Poucos registros na planície: Poconé, MT e Corumbá, MS. Reproduz-se principalmente em florestas do Canadá e nas grandes planícies dos EUA e inverte na América Central e América do Sul (Meller & Bencke 2012). As migrações ocorrem em dois picos, um no final de março e outro em meados de abril e as aves se deslocam em grandes bandos que seguem o Corredor Mesoamericano até suas áreas de invernada (Kerlinger & Gauthreaux Junior 1985, Careau *et al.* 2006, McCabe *et al.* 2021). No Brasil aparece regularmente na Amazônia, sua principal área de invernada (Stotz *et al.* 1992). No entanto, estende sua área de invernada até o Nordeste (Maranhão), Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul), Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro) e Sul do Brasil (Santa Catarina, Rio Grande do Sul) (Meller & Bencke 2012). No Pantanal aparece em fevereiro, agosto, dezembro (Corumbá) e agosto (Poconé). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



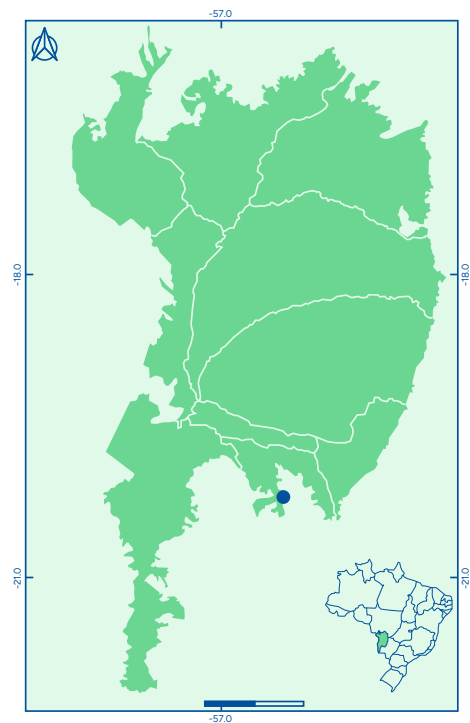
Adulto de gavião-de-asa-larga (*Buteo platypterus*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Gavião-papa-gafanhoto

Swainson's Hawk

Buteo swainsoni (Bonaparte, 1838)

Raro e de ocorrência marginal no Pantanal, em Miranda, MS (Nunes *et al.* 2021). Frequentemente é avistado sobrevoando áreas abertas como campos secos, inundáveis e plantações (Gwynne *et al.* 2010). Indivíduos marcados com geocalizadores na Califórnia, EUA, foram registrados deslocando-se em julho por uma rota que passa pelo México, América Central e norte da América do Sul (Venezuela) até atingirem o sul da América do Sul. Permanecem nos sítios de invernada de novembro a março (Airola *et al.* 2019). Na região do Pantanal é registrado em dezembro. Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



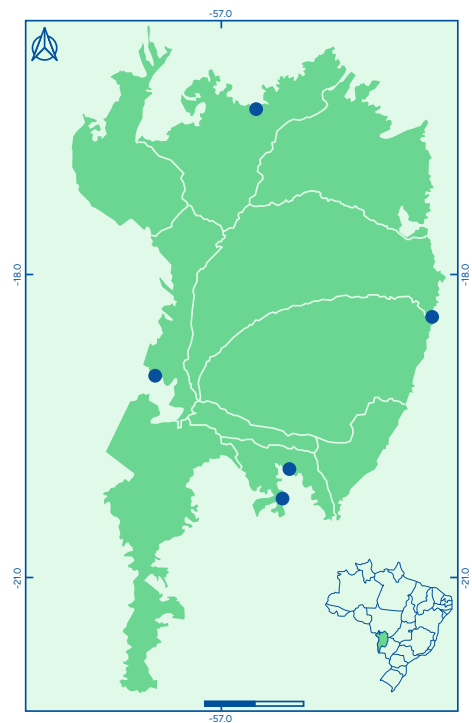
Adulto de gavião-papa-gafanhoto (*Buteo swainsoni*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Falcão-peregrino

Peregrine Falcon

Falco peregrinus (Tunstal, 1771)

Raro no Pantanal (Nunes *et al.* 2008a), ocorrendo em áreas florestais, campos e até mesmo cidades. É cosmopolita e a população mundial é composta por várias subespécies, das quais pelo menos duas invernam no Brasil: *Falco p. tundrius* (que nidifica nas tundras do Ártico, do Alasca até a Groenlândia) e *Falco p. anatum* (que nidifica do sul da América do Norte ao norte do México). A maioria dos falcões-peregrinos recuperados no Brasil foi anilhada nos estados do Texas, Alasca, Virginia e Alberta, evidenciando que diferentes populações vêm para o Brasil (Mestre 2007b). Durante seus deslocamentos migratórios as subespécies *Falco p. tundrius* e *Falco p. anatum* atingem regiões mais ao sul da América do Sul (Chile, Argentina, Brasil, Paraguai e Bolívia), onde permanecem de setembro a março (Silva & Silva 1997, Mestre 2007b). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



Adulto de falcão-peregrino (*Falco peregrinus*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

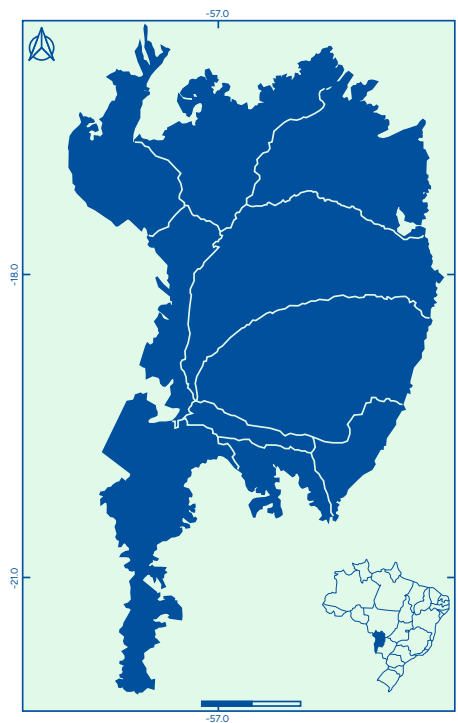
Tityridae

Caneleiro-preto

White-winged Becard

Pachyramphus polychopterus (Vieillot, 1818)

Comum e de ampla distribuição no Pantanal, ocorrendo em bordas de matas e matas de galeria (Gwynne *et al.* 2010). As populações do sul e sudeste se reproduzem de setembro a março e tendem a diminuir ou desaparecer da região a partir de abril, possivelmente seguindo uma rota migratória que os leva ao Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil (Somenzari *et al.* 2018). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



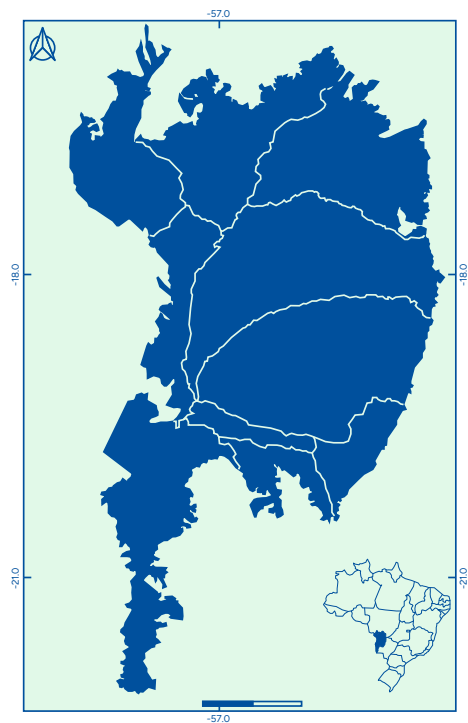
Macho adulto de caneleiro-preto (*Pachyramphus polychopterus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Caneleiro-de-chapéu-preto

Crested Becard

Pachyramphus validus (Lichtenstein, 1823)

Incomum, embora tenha ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre no interior e nas bordas de matas e capoeiras (Gwynne *et al.* 2010). A população austral reproduz-se nos domínios da Mata Atlântica entre setembro e março. Durante o outono/inverno abril a agosto, desaparece ou tem seus números reduzidos (Somenzari *et al.* 2018). No Pantanal tende a ser menos frequente durante o inverno, quando possivelmente parte da população migra para o norte do continente sul-americano. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



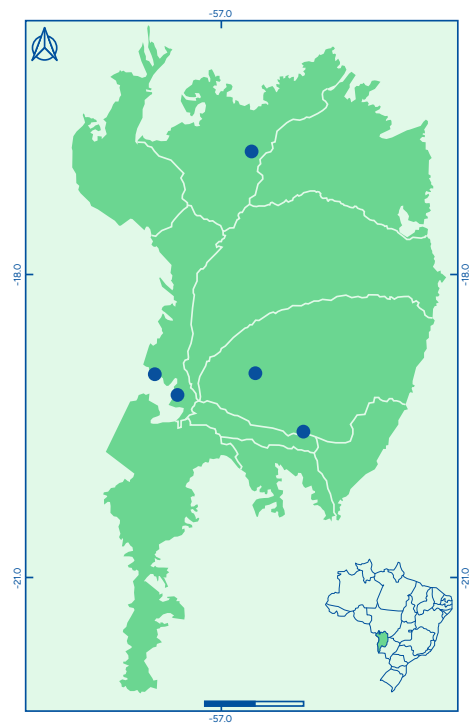
Macho adulto de caneleiro-de-chapéu-preto (*Pachyramphus validus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Gibão-de-couro

Cliff Flycatcher

Hirundinea ferruginea (Gmelin, 1788)

Incomum no Pantanal, ocorrido apenas em algumas sub-regiões, especialmente em áreas próximas aos planaltos do entorno (Tubelis & Tomas 2003). Parcialmente migratória. No Cerrado e Pantanal aparece no inverno (Gwynne *et al.* 2010), possivelmente indivíduos fugindo do frio extremo em outras regiões do Brasil, especialmente na região sul. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



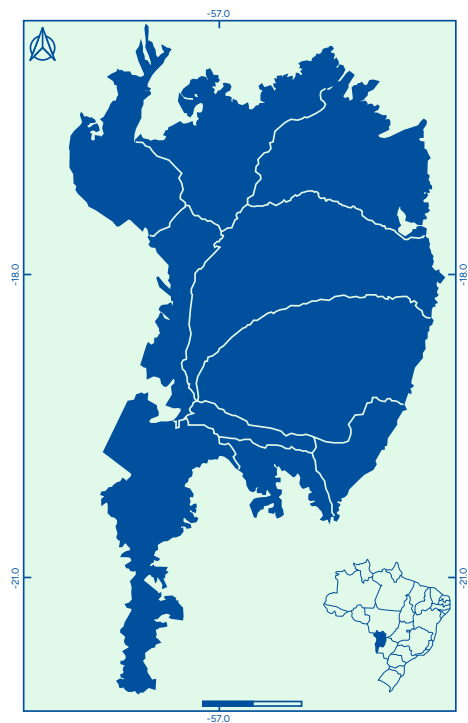
Adulto de gibão-de-couro (*Hirundinea ferruginea*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Alegrinho-do-chaco

Plain Tyrannulet

Inezia inornata (Salvadori, 1897)

De ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em capoeiras, cerrado e borda de mata. As populações são parcialmente migratórias durante o inverno austral (Bobrati *et al.* 2004). Se reproduz nos Bosques Secos Chiquitanos da Bolívia e parte do Chaco do Paraguai (Capllonch *et al.* 2009). As populações dessa espécie na região chaquenha dispersam-se para o norte durante o inverno austral, chegando até Cuiabá, MT em maio e junho (Sick 1997, Capllonch *et al.* 2009). Em várias regiões da planície pantaneira, a maioria dos registros ocorreram entre abril e setembro. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



Adulto de alegrinho-do-chaco (*Inezia inornata*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

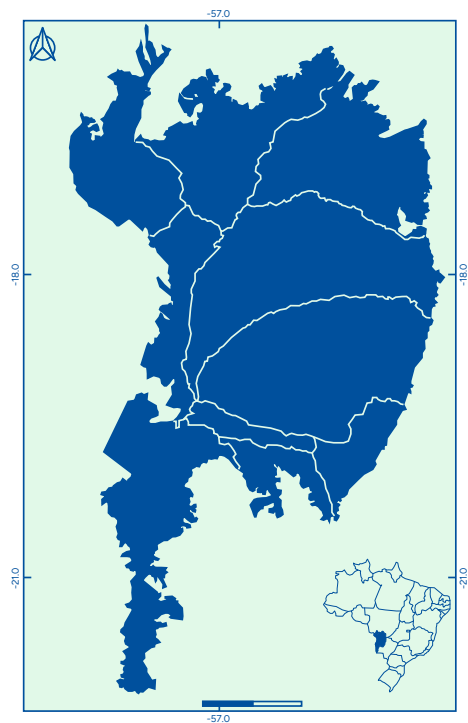
Tyrannidae

Guaracava-grande

Large Elaenia

Elaenia spectabilis (Pelzeln, 1868)

Relativamente comum e de ampla ocorrência no Pantanal, frequentemente em borda de matas, cerrados e capoeiras (Sick 1997, Gwynne *et al.* 2010). Se reproduz na região centro meridional do Brasil durante o verão, período que aparece no Pantanal. No inverno, migra para o norte da Bolívia, parte da Amazônia (Ridgely & Tudor 1994, Sick 1997, Capllonch *et al.* 2009). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



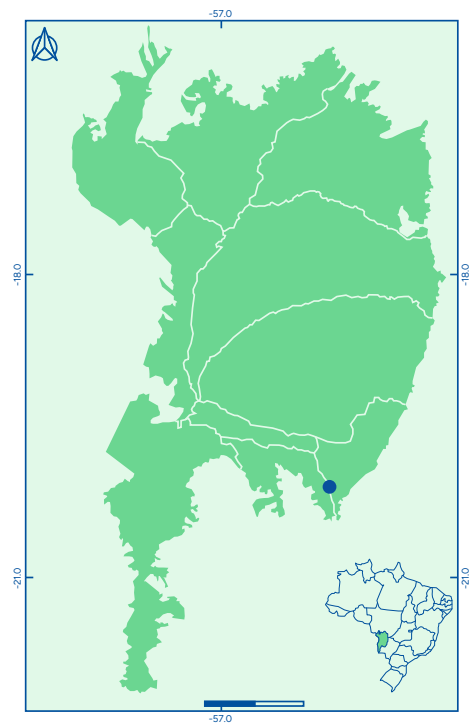
Adulto de guaracava-grande (*Elaenia spectabilis*), 1868. Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Guaracava-de-crista-branca

Chilean Elaenia

Elaenia chilensis (Hellmayr, 1927)

Rara e de ocorrência pontual no Pantanal. Ocorre em bordas de matas e cerrados (Gwynne *et al.* 2010). Aparece durante o inverno na região, vinda das porções mais austrais da América do Sul, como a Patagônia onde se reproduz em meados de outubro (Marini & Cavalcanti 1990; Cueto *et al.* 2016, Gorosito *et al.* 2022). Estudos envolvendo indivíduos marcados com geolocalizadores mostram rota migratória após o período reprodutivo para o Centro-Oeste do Brasil, tendo o Pantanal como um importante sítio de invernada (Gorosito *et al.* 2022). Os dados obtidos por Pinho (2005) no Pantanal de Poconé, MT, corroboram Marini & Cavalcanti (1990) e sugerem nova rota migratória dessa espécie para o sul do Brasil a partir da Amazônia, difundindo-se na calha do Rio Paraguai. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



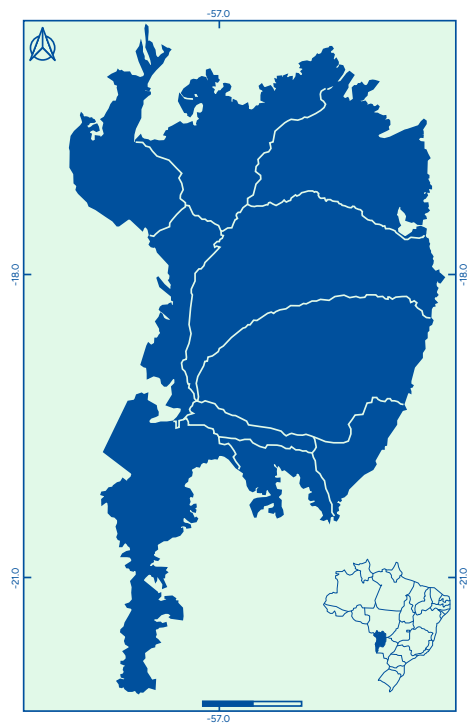
Adulto de guaracava-de-crista-branca (*Elaenia chilensis*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Tuque-pium

Small-billed Elaenia

Elaenia parvirostris (Pelzeln, 1868)

Possui ampla ocorrência em várias sub-regiões do Pantanal, onde aparece em capoeiras, cerrados, borda de matas e áreas abertas com árvores esparsas (Gwynne *et al.* 2010). Visitante de inverno. Se reproduz nas porções mais austrais do continente sul-americano em novembro (Capllonch & Allende 2005), posteriormente migra para o Sudeste e Centro-Oeste até a Amazônia, passando pelo Pantanal (Ridgely & Tudor 1994, Sick 1997). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



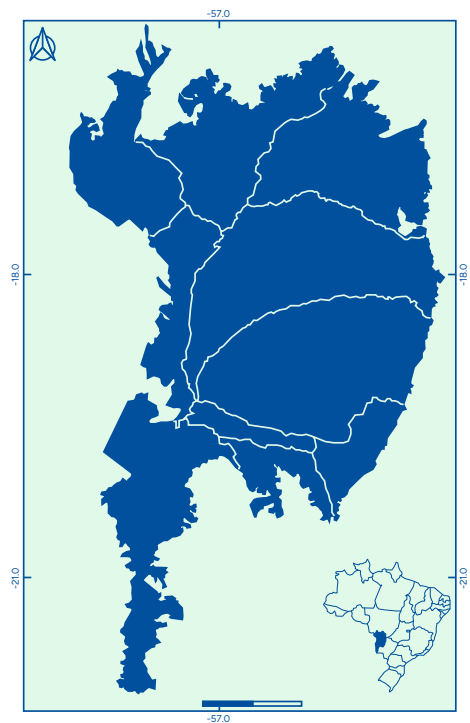
Adulto de tuque-pium (*Elaenia parvirostris*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Chibum

Lesser Elaenia

Elaenia chiriquensis (Lawrence, 1865)

Relativamente comum no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003, Antas & Palo Júnior 2004), com ampla ocorrência em cerrados e áreas arbustivas (Gwynne *et al.* 2010). Seus deslocamentos e rotas migratórias ainda são pouco compreendidas no Pantanal. Migra das porções mais ao sul da América do Sul para o Cerrado do Brasil central de agosto a dezembro para se reproduzir (Marini & Cavalcanti 1990, Medeiros & Marini 2007). Aparece em grande número na borda oeste do Pantanal a partir de agosto e setembro, quando se reproduz nos campos cerrados dos topos de morros, desaparecendo completamente da região em janeiro. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



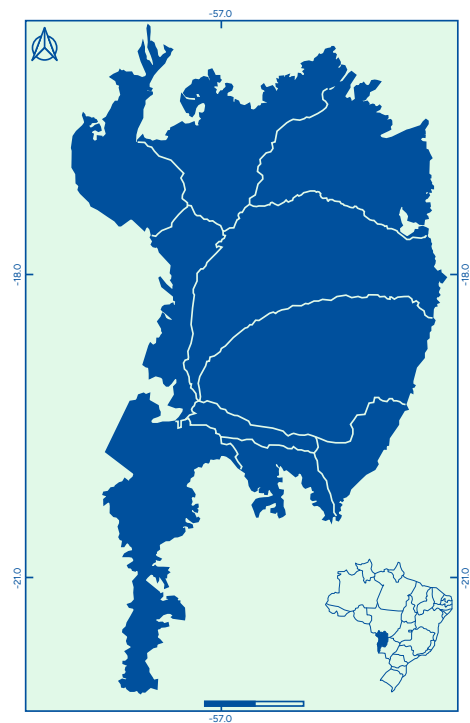
Adulto de chibum (*Elaenia chiriquensis*). Foto: Maristela Benites. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Guaracava-de-crista-alaranjada

Greenish Elaenia

Myiopagis viridicata (Vieillot, 1817)

Relativamente comum no Cerrado e Pantanal (Gwynne *et al.* 2010) onde habita o sub-bosque de matas secas, matas de galeria, matas mesófilas, bem como florestas ripárias (Sigrist 2009). Aparentemente ocorre durante o ano todo no Pantanal, no entanto, há flutuações no número de indivíduos, o que sugere migração de parte da população para o norte, em direção à Amazônia durante a estação seca. Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



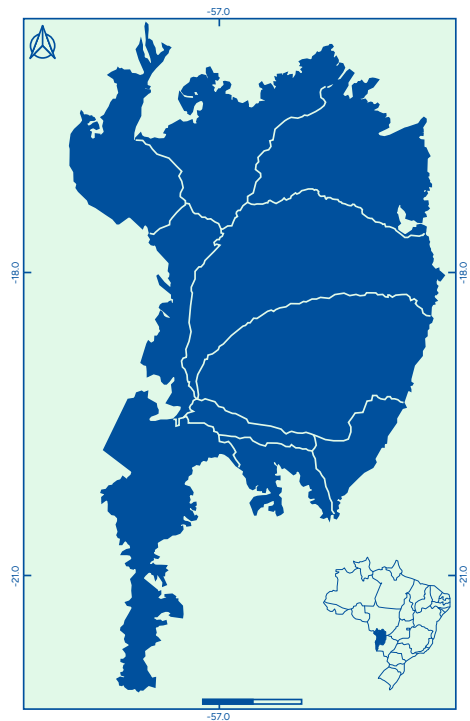
Adulto de guaracava-de-crista-alaranjada (*Myiopagis viridicata*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Bagageiro

Mouse-colored Tyrannulet

Phaeomyias murina (Spix, 1825)

Relativamente comum e de ampla ocorrência no Pantanal. Ocorre em cerrados, campos com árvores esparsas e áreas arbustivas (Gwynne *et al.* 2010). Populações austrais (Bolívia, Brasil, Argentina e Paraguai) migram para a Amazônia durante o inverno. No Paraná é avistada apenas de setembro a janeiro. Possivelmente as populações austrais misturam-se às residentes no Pantanal durante seus deslocamentos rumo à região amazônica fugindo do inverno rigoroso no sul da América do Sul (Fitzpatrick 2004, Somenzari *et al.* 2028). Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024)



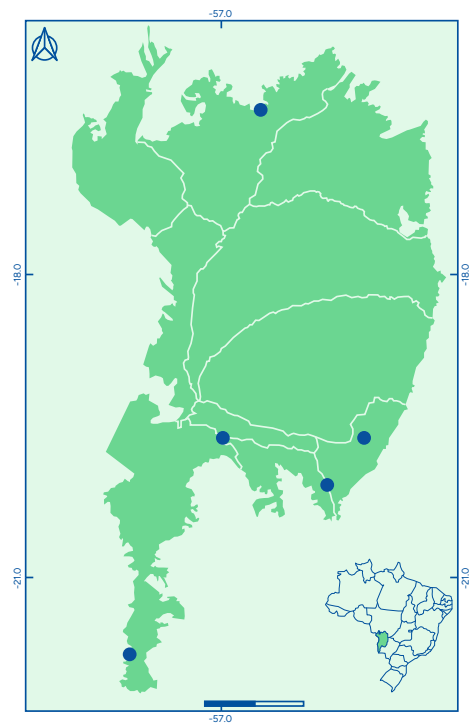
Adulto de bagageiro (*Phaeomyias murina*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Papa-moscas-canela

Bearded Tachuri

Polystictus pectoralis (Vieillot, 1817)

Rara e incomum no Pantanal, sendo avistada em poucas localidades na planície (Tubelis & Tomas 2003, Nunes *et al.* 2008a). Ocorre em áreas abertas como campos secos com capim alto, campo sujo e cerrados ralos. Os deslocamentos das populações dessa espécie no Cerrado ainda são desconhecidos (Repenning *et al.* 2014). A população austral é migratória, deslocando-se para as porções mais setentrionais até o Pantanal durante o inverno (maio a setembro) (Ridgely & Tudor 1994). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (NT - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



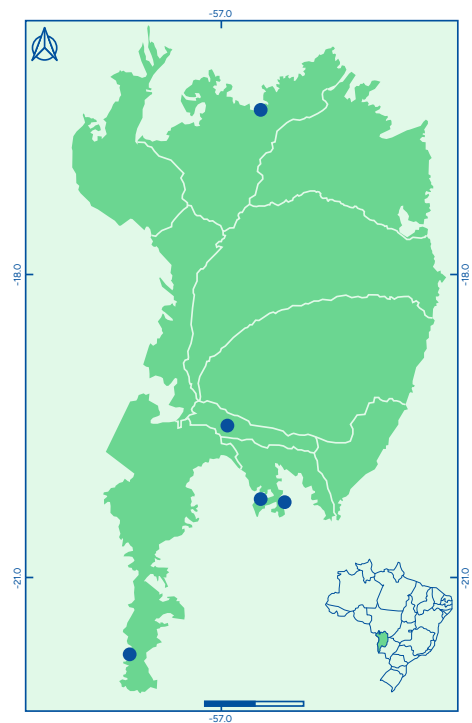
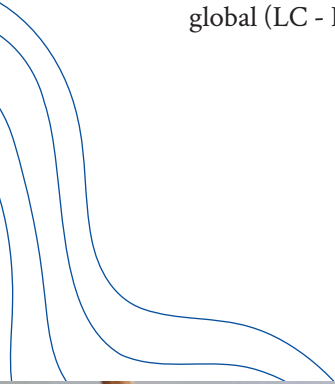
Fêmea adulta de papa-moscas-canela (*Polystictus pectoralis*). Foto: Maristela Benites. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Tricolino

Crested Doradito

Pseudocolopteryx sclateri (Oustalet, 1892)

Raro e de ocorrência pontual no Pantanal (Nunes *et al.* 2021). Ocorre em bordas de baías e brejos com vegetação alta (Gwynne *et al.* 2010). Se reproduz em grande parte do Paraguai e Argentina. Migra para a Chiquitania da Bolívia, Pantanal (março a setembro) e outras áreas do centro-oeste brasileiro, bem como o norte do continente sul-americano, como Venezuela e Guiana (Capllonch *et al.* 2009). Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



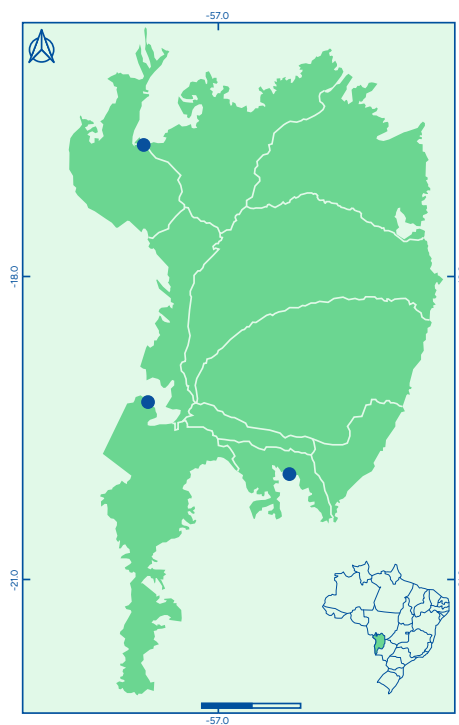
Macho adulto de tricolino (*Pseudocolopteryx sclateri*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Tricolino-olivaceo

Subtropical Doradito

Pseudocoloptyx acutipennis (Sclater & Salvin, 1873)

Raro e incomum no Pantanal (Nunes 2011a), com ocorrência pontual em banhados, campos úmidos e alagados (Gwynne *et al.* 2010). Se reproduz durante o outono e inverno nos Andes Boliviano e Argentino (Bostwick 2004, Roesler 2009). Migra para o Chaco do nordeste da Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil (até o Pantanal e parte de Goiás) durante o inverno austral, entre abril e setembro (Navas 2002; Capllonch *et al.* 2009). Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



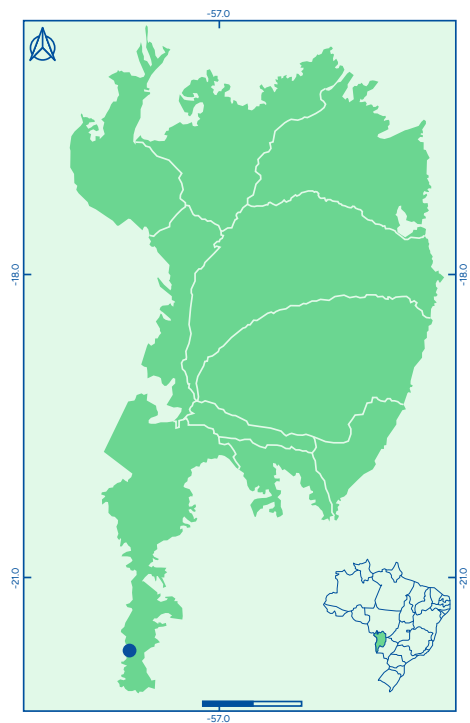
Adulto de tricolino-olivaceo (*Pseudocoloptyx acutipennis*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Amarelinho-do-junco

Warbling Doradito

Pseudocolopteryx flaviventris (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Raro e de ocorrência pontual no Pantanal, Chaco de Porto Murtinho (Benites *et al.* 2017, Benites & Mamede 2021). Habita brejos e banhados com vegetação alta (Capllonch *et al.* 2009). Reproduz-se no sul do Brasil, Uruguai e região central da Argentina (Capllonch *et al.* 2009, Repenning & Fontana 2009, Smith *et al.* 2014). Aparece durante o inverno (julho a setembro) provavelmente vindo da Argentina ou Paraguai (Benites *et al.* 2017, Benites & Mamede 2021). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC – IUCN 2025), nacional (LC – ICMBio 2024).



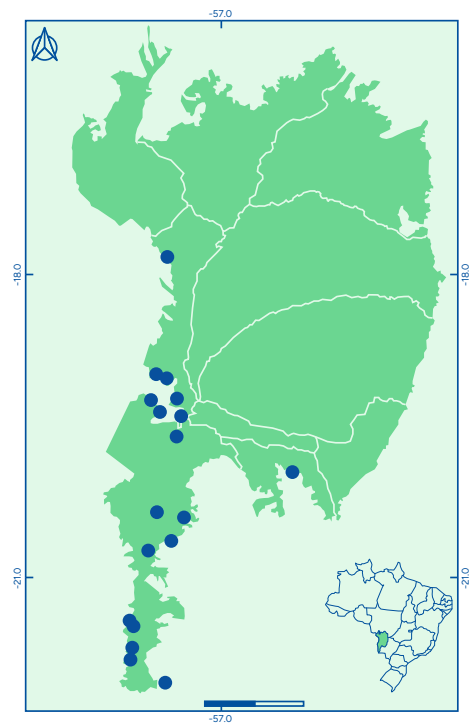
Adulto de amarelinho-do-junco (*Pseudocolopteryx flaviventris*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Alegrinho

White-crested Tyrannulet

Serpophaga subcristata munda (Vieillot, 1817)

Subespécie rara e incomum no Pantanal, restrita a borda oeste (Corumbá, MS) e região chaquenha (Porto Murtinho, MS), onde frequenta matas secas e vegetação aberta com árvores esparsas (Gwynne *et al.* 2010). A subespécie *Serpophaga s. munda* se reproduz nos Andes da Bolívia e norte da Argentina (Herzog 2001). Durante o inverno aparece no Pantanal e nos Bosques Secos Chiquitanos da borda oeste da planície (Gwynne *et al.* 2010, Nunes *et al.* 2018). Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



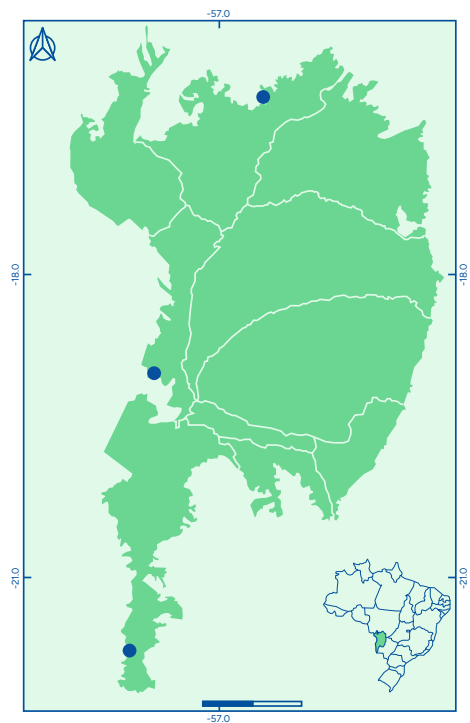
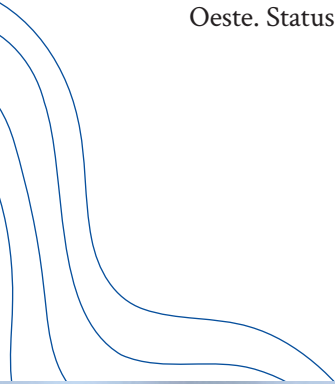
Adulto de alegrinho (*Serpophaga subcristata munda*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Alegrinho-trinador

Straneck's Tyrannulet

Serpophaga griseicapilla (Straneck, 2008)

Raro, de ocorrência pontual no Pantanal, como em Poconé, MT, Corumbá e Porto Murtinho, MS (Benites *et al.* 2017; Benites & Mamede 2021). Habita florestas e áreas abertas com árvores esparsas. Países como Argentina e Bolívia são as principais áreas de reprodução (Farias 2016). Aparece no Pantanal como visitante de inverno, entre os meses de abril a agosto (Benites *et al.* 2017, Benites & Mamede 2021). Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



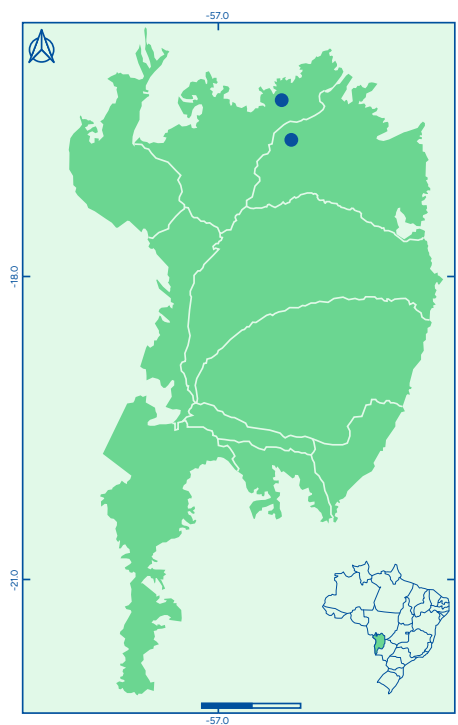
Adulto de alegrinho-trinador (*Serpophaga griseicapilla*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Capitão-castanho

Rufous-tailed Attila

Attila phoenicurus (Pelzeln, 1868)

Raro, de ocorrência pontual no Pantanal, região de Pirizal (Pinho 2005) e RPPN SESC Pantanal (Ubaid & Antas 2013). Aparece do dossel de matas e capoeiras (Gwynne *et al.* 2010). Se reproduz nos domínios da Mata Atlântica entre outubro e março. Desloca-se do extremo norte da Argentina, leste do Paraguai e Bolívia, sudeste do Brasil, pelo Brasil Central até as áreas de invernada de abril a setembro na Amazônia brasileira e venezuelana (Somenzari *et al.* 2018). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



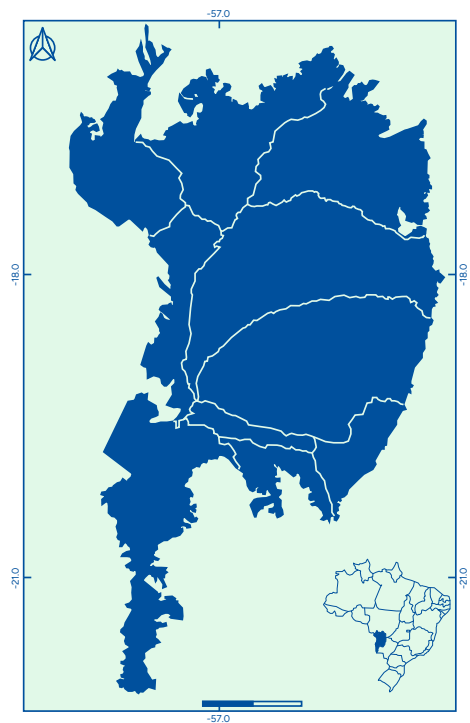
Adulto de capitão-castanho (*Attila phoenicurus*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Bem-te-vi-pirata

Piratic Flycatcher

Legatus leucophaius (Vieillot, 1818)

Relativamente comum e com ampla distribuição em toda a planície pantaneira, ocorrendo em bordas de matas e cerrados (Tubelis & Tomas 2003, Antas & Palo Júnior 2004). Aparece apenas durante o verão, principalmente na porção sul do Pantanal. No entanto, em determinados locais da planície pantaneira essa espécie pode ser avistada ao longo do ano (Nunes & Tomas 2008). A população austral é migratória e durante seus deslocamentos rumo ao norte, possivelmente passa pelo Pantanal, onde mistura-se à população residente (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



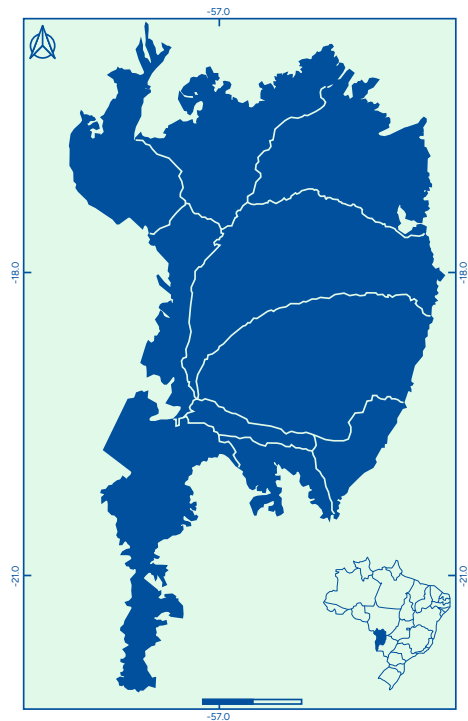
Adulto de bem-te-vi-pirata (*Legatus leucophaius*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Irré

Swainson's Flycatcher

Myiarchus swainsoni (Cabanis & Heine, 1859)

Comum e de ampla distribuição em bordas de matas (secas e ripárias), capoeiras, cerrados, cerrados de murundu e áreas abertas com árvores esparsas de várias regiões do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003, Antas & Palo Júnior 2004). Aparece como visitante de verão, desaparecendo o restante do ano, notadamente na porção sul da planície pantaneira (Nunes & Tomas 2008). A subespécie *Myiarchus s. swainsoni*, proveniente das regiões mais meridionais da América do Sul, inverte no norte do continente sul-americano (Lanyon 1982). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC – IUCN 2025), nacional (LC – ICMBio 2024).



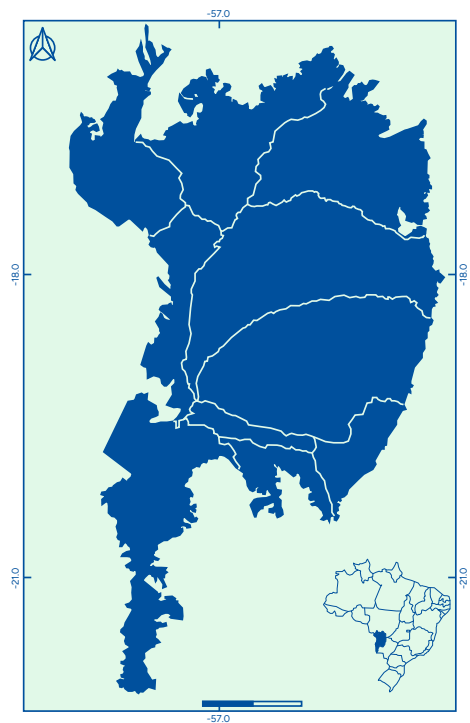
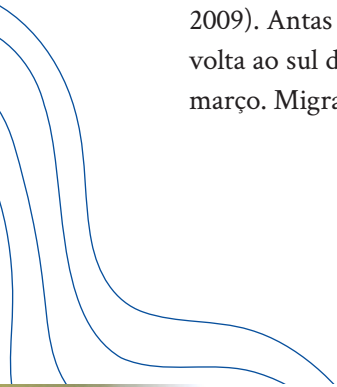
Adulto de irré (*Myiarchus swainsoni*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Bem-te-vi

Great Kiskadee

Pitangus sulphuratus (Linnaeus, 1766)

Abundante em toda a planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo em borda de áreas florestadas, bem como em áreas abertas e edificações (Gwynne *et al.* 2010). Considerada como parcialmente migratório na América do Sul (Sousa 2022). A subespécie *Pitangus s. argentinus* se reproduz em grande extensão da Argentina e Paraguai, bem como parte da Bolívia e migra para o sul e centro-oeste do Brasil (Capllonch *et al.* 2009). Antas & Palo Júnior (2004) relatam concentrações de bem-te-vis em agosto, sugerindo migrações de volta ao sul da América do Sul (Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul), de onde se dispersam a partir de março. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



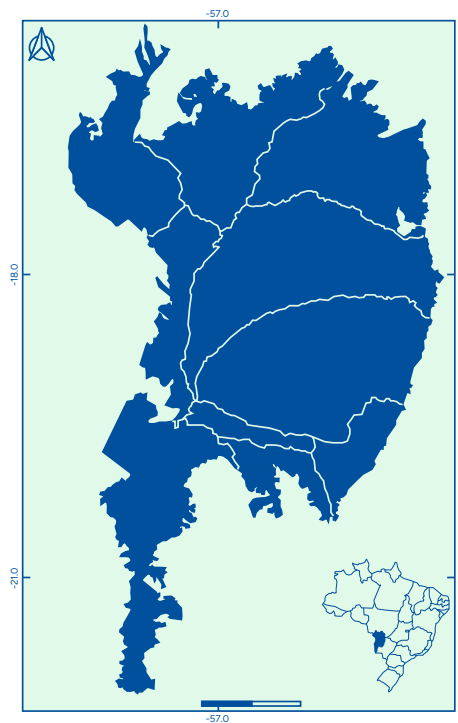
Adulto de bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Bem-te-vi-rajado

Streaked Flycatcher

Myiodynastes maculatus (Statius Muller, 1776)

Comum em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo em cerrados abertos, cerrado de murundu, bordas de cordilheiras, capões e matas de galeria (Gwynne *et al.* 2010). Chega ao Pantanal no final de julho, quando aí se reproduz. A partir de março essa espécie começa a migrar para o norte da Amazônia (Antas & Palo Júnior 2004). As populações austrais são migratórias (da subespécie *Myiodynastes maculatus solitarius*) e empreendem movimentos rumo ao norte no outono (Capllonch 2007, Cueto & Jahn 2008). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



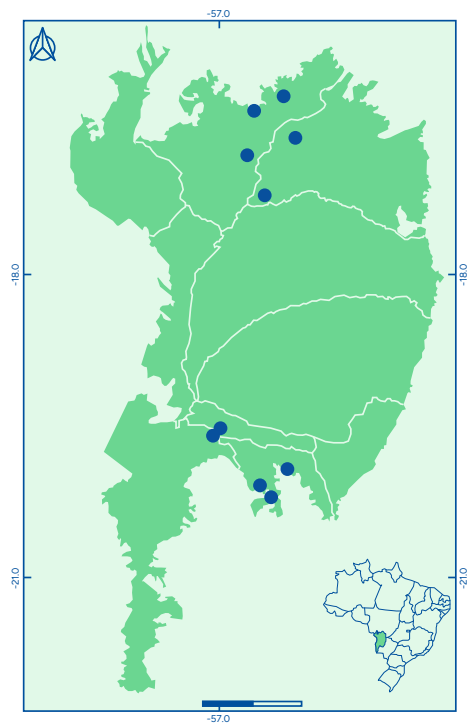
Adulto de bem-te-vi-rajado (*Myiodynastes maculatus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Bentevizinho-de-penacho-vermelho

Social Flycatcher

Myiozetetes similis (Spix, 1825)

Comum em toda a planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo no cerrado, interior de florestas e matas de galeria (Gwynne *et al.* 2010). A população austral é tida como migratória e indivíduos deslocando-se para regiões mais quentes durante o inverno podem misturar-se aos residentes no Cerrado e Pantanal (Nunes & Tomas 2008). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



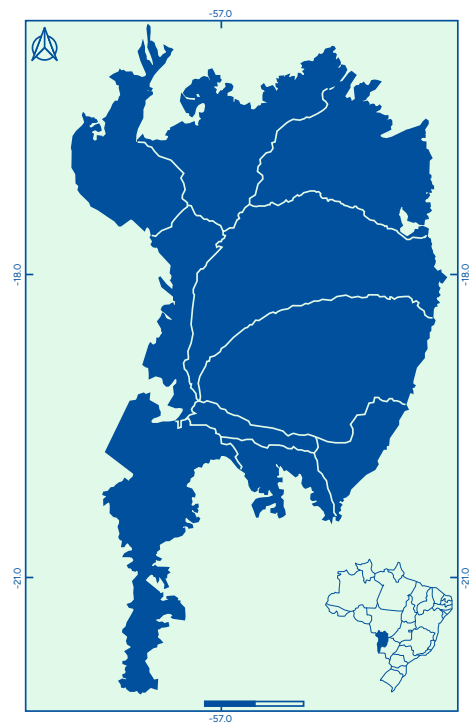
Adulto de bentevizinho-de-penacho-vermelho (*Myiozetetes similis*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Suiriri-de-garganta-branca

White-throated Kingbird

Tyrannus albogularis (Burmeister, 1856)

Incomum, porém, com ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), onde ocorre em áreas arbustivas, matas de galeria e buritizais (Antas & Palo Júnior 2004). Reproduz-se na região durante a primavera e verão (Gwynne *et al.* 2010). Após o período reprodutivo, maio a agosto (período de outono/inverno), parte da população desaparece (Souza 2022), possivelmente empreendendo movimentos migratórios em direção à Amazônia (Gwynne *et al.* 2010). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBIO 2024).



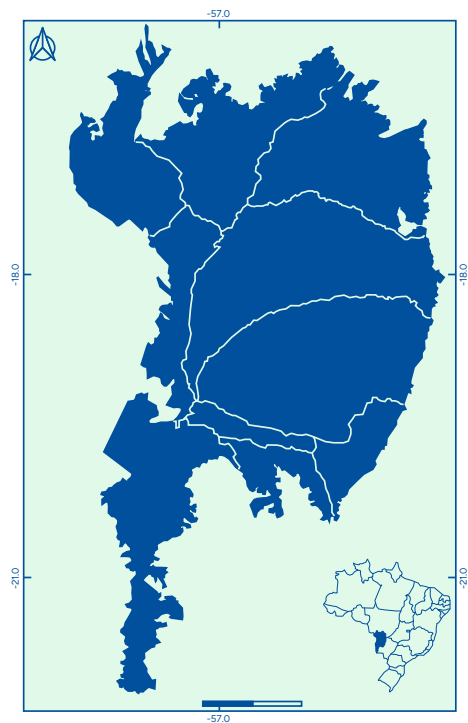
Adulto de suiriri-de-garganta-branca (*Tyrannus albogularis*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Suiriri

Tropical Kingbird

Tyrannus melancholicus (Vieillot, 1819)

Comum e abundante em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em campos secos e cerrados abertos na planície do Pantanal (Gwynne *et al.* 2010). Parte da população do sul do Brasil, bem como da Argentina, Uruguai e Paraguai migra para o norte, rumo à Amazônia, com a chegada do frio em abril e retornando em outubro (Capllonch *et al.* 2009). No entanto, na porção norte da planície do Pantanal e Cerrado, o suiriri parece ser residente (Sick 1997, Gwynne *et al.* 2010). Durante seus deslocamentos rumo ao norte, os suiriris migrantes podem misturar-se às populações residentes no Cerrado e Pantanal (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



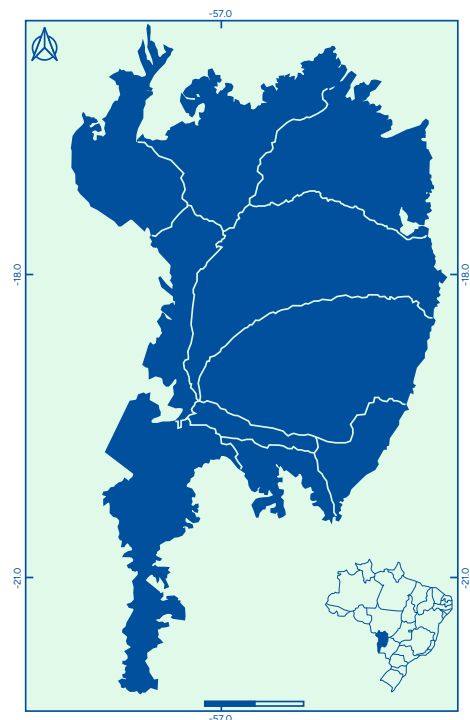
Adulto de suiriri (*Tyrannus melancholicus*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Tesourinha

Fork-tailed Flycatcher

Tyrannus savana (Daudin, 1802)

Comum e abundante em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), em campos secos e cerrados abertos (Gwynne *et al.* 2010). Aparece em grupos de até centenas de indivíduos, principalmente em setembro e outubro, com alguns grupos nidificando na planície do Pantanal (Antas & Palo Júnior 2004). A subespécie *Tyrannus s. savana* (raça meridional) migra até o Equador, Colômbia, Guiana, Curaçao, Trinidad e Texas. Aparece na Amazônia (incluindo Roraima e Amapá) de fevereiro a julho (Jahn *et al.* 2013, 2016). Jahn *et al.* (2016) capturaram e marcaram alguns indivíduos nos cerrados de Itirapina-SP após o período reprodutivo e detectaram sua passagem pelo Pantanal de novembro a janeiro, durante suas migrações para o norte da Amazônia (Manaus, Colômbia e Venezuela). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



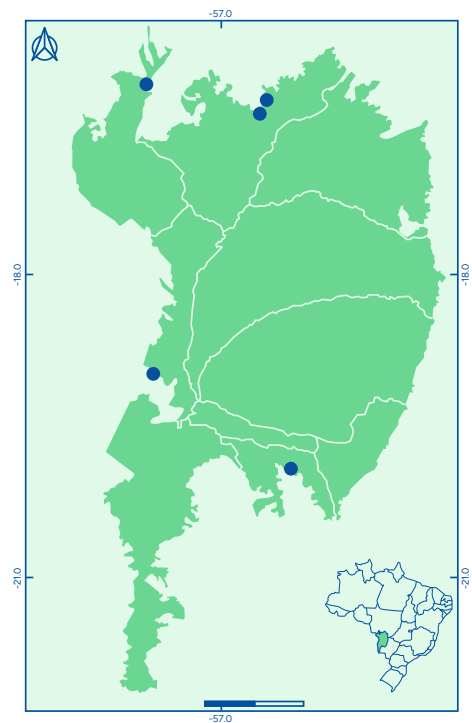
Adulto de tesourinha (*Tyrannus savana*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Suiriri-valente

Eastern Kingbird

Tyrannus tyrannus (Linnaeus, 1758)

Raro e de ocorrência pontual em algumas regiões do Pantanal, como a borda oeste, a região do rio Negro e a Rodovia Transpantaneira, em Poconé, MT (Nunes 2011a). Migra para o norte da América do Sul, chegando ao sul da Amazônia Ocidental no final de setembro, onde se alimenta predominantemente de frutos. Aparece no Brasil ocidental nos meses de primavera e verão, dispersando-se pelo Norte e Nordeste, Centro-Oeste, incluindo o Pantanal, até o Paraguai (Capllonch *et al.* 2009, Kim *et al.* 2021). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



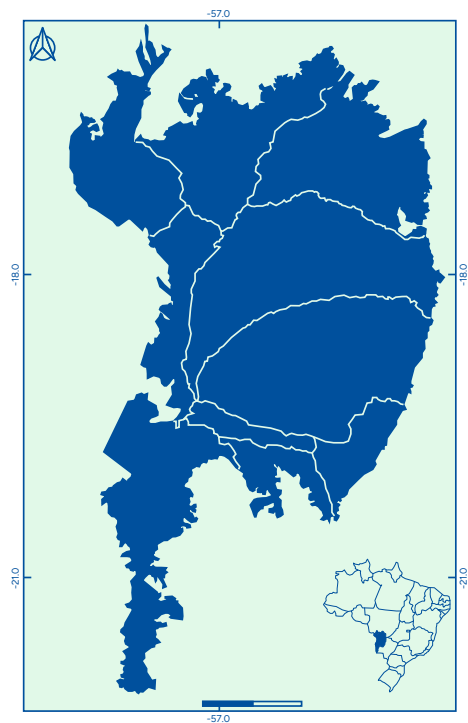
Adulto de suiriri-valente (*Tyrannus tyrannus*). Foto: Silvia Faustino Linhares. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Peitica-de-chapéu-preto

Crowned Slaty Flycatcher

Griseotyrannus aurantioatrocristatus (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Relativamente comum e de ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo em cerrados, campos cerrados, campos sujos e capoeiras (Gwynne *et al.* 2010). Parte da população ocorrente no Pantanal aparece apenas no verão, quando passa pela planície durante seus deslocamentos migratórios rumo à Amazônia (Sick 1997). De agosto a outubro, essa população migrante desloca-se para o sul, retornando apenas em maio/abril (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



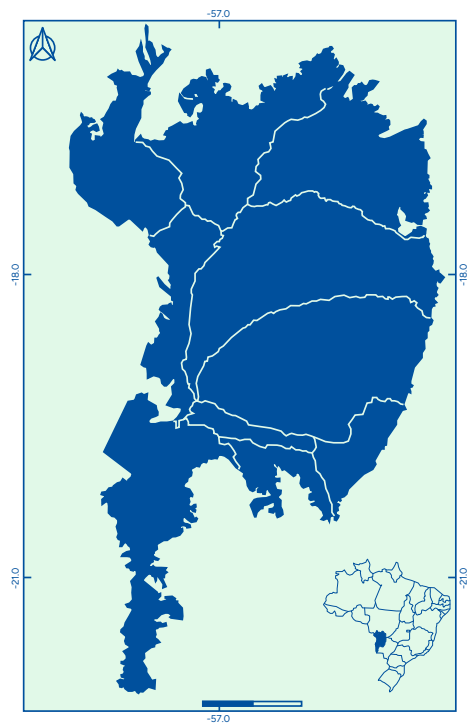
Adulto de peitica-de-chapéu-preto (*Griseotyrannus aurantioatrocristatus*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Peitica

Variegated Flycatcher

Empidonomus varius (Vieillot, 1818)

Relativamente comum e de ampla ocorrência na planície pantaneira (Tubelis & Tomas 2003). Habita capoeiras e as áreas abertas com árvores esparsas (Gwynne *et al.* 2010). Migra para as porções mais austrais do Brasil, desde os planaltos de Mato Grosso do Sul até a Argentina, onde se reproduz (Capllonch 2007). Retorna para Amazônia de agosto a outubro (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



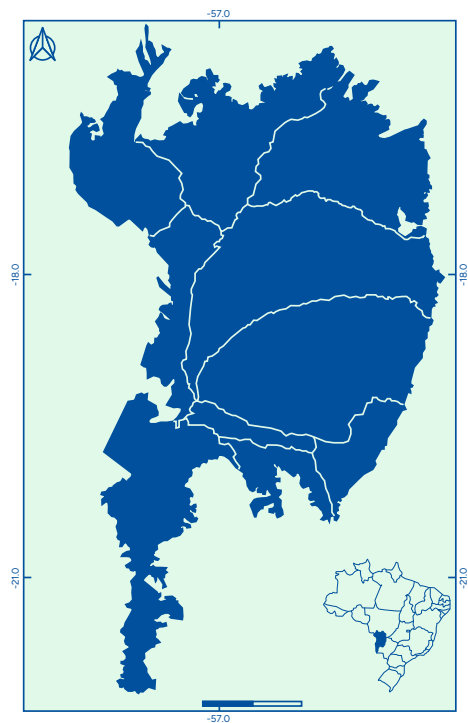
Adulto de peitica (*Empidonomus varius*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Guaracava-modesta

Southern Scrub-Flycatcher

Sublegatus modestus (Wied, 1831)

Relativamente comum e de ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo no cerrado, capoeiras e áreas de vegetação arbustiva (Sick 1997, Gwynne *et al.* 2010). Parte da população austral da guaracava-modesta é migratória e após o período reprodutivo, possivelmente desloca-se da Argentina rumo à Amazônia Ocidental entre abril e agosto, passando também pelo Pantanal e misturando-se à população residente (Antas & Palo Júnior 2004, Capllonch *et al.* 2009). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



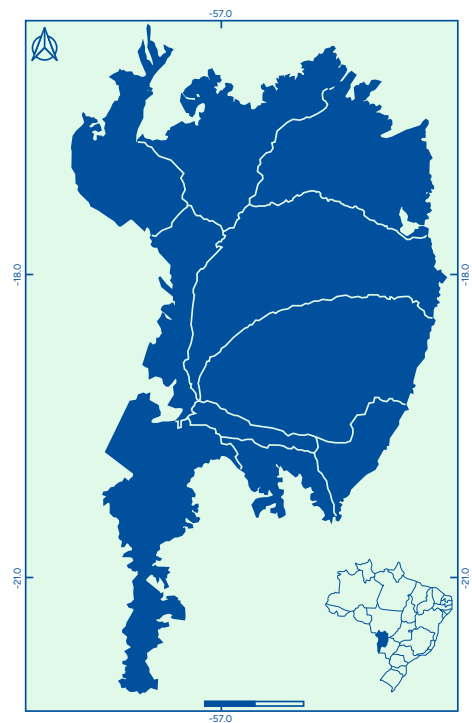
Adulto de guaracava-modesta (*Sublegatus modestus*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Freirinha

White-headed Marsh Tyrant

Arundinicola leucocephala (Linnaeus, 1764)

Comum e de ampla distribuição em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em campos inundados, brejos e borda de baias, corixos e rios (Gwynne *et al.* 2010). Desaparece completamente dos campos inundáveis e ambientes similares de determinadas sub-regiões do Pantanal, como em Miranda (MS), reaparecendo após o início das chuvas (Ilha 2017). Possivelmente desloca-se para outras sub-regiões da planície ou até mesmo fora dela. No entanto, o Pantanal pode receber indivíduos migrantes vindo da região sul do Brasil durante o inverno rigoroso. Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



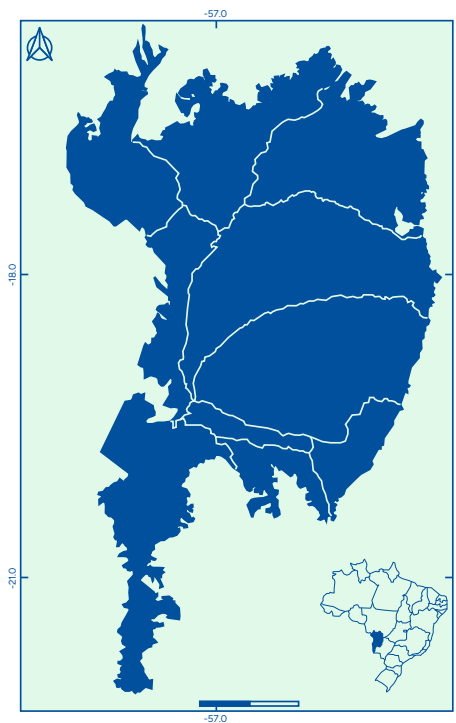
Macho adulto de freirinha (*Arundinicola leucocephala*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Lavadeira-de-cara-branca

Black-backed Water-Tyrant

Fluvicola albiventer (Spix, 1825)

Comum e de ampla distribuição em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo em campos inundados, brejos e borda de baías, corixos e rios (Gwynne *et al.* 2010). As populações do sul do Brasil migram para a Amazônia durante o inverno e possivelmente passam pelo Pantanal durante seus deslocamentos de ida e vinda, misturando-se às populações residentes (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



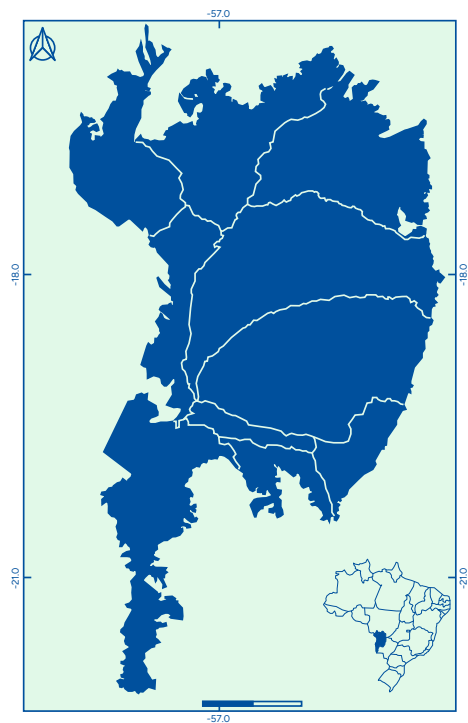
Adulto de lavadeira-de-cara-branca (*Fluvicola albiventer*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Príncipe

Vermilion Flycatcher

Pyrocephalus rubinus (Boddaert, 1783)

Comum e de ampla distribuição em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo em campos secos e inundados, cerrados abertos e vegetação do entorno de baías (Antas & Palo Júnior 2004). No inverno austral emigra e aparece em grande número nas paisagens abertas do Brasil Central e Amazônia (Capllonch *et al.* 2009). Parece haver populações residentes no Pantanal, no entanto, há algumas populações que invadem áreas abertas e antropizadas no Pantanal a partir de maio, vindas do sul do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Grande parte dessa população se desloca mais ao norte, em direção à Amazônia (Sick 1997, Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



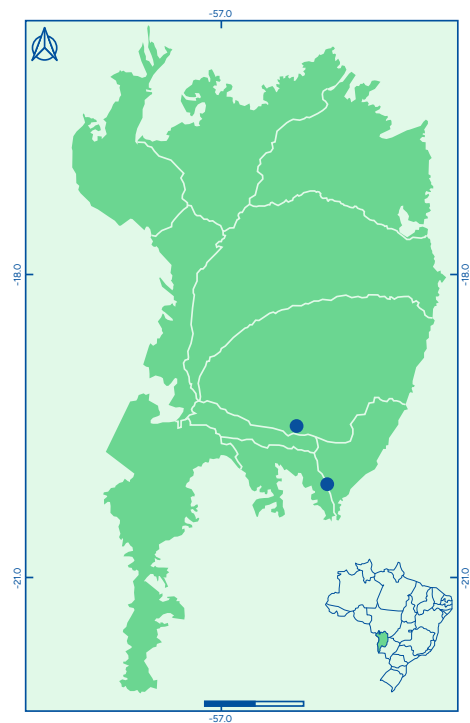
Macho adulto de príncipe (*Pyrocephalus rubinus*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Galito

Cock-tailed Tyrant

Alectrurus tricolor (Vieillot, 1816)

Incomum e de ocorrência pontual no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003, Cestari 2006a), onde aparece em campos nativos e campos cerrados bem preservados (Gwynne *et al.* 2010). Para o Brasil Central, incluindo o Pantanal, Marini *et al.* (2013), relatam que há registros de uso dos campos nativos como sítio de invernada e de reprodução, fato corroborado com as observações de Cestari (2006a) que relatou comportamento de corte nos indivíduos observados no Pantanal da Nhecolândia, MS durante a estiagem. Ainda segundo Cestari (2006a), possivelmente os indivíduos ocorrentes no Pantanal sejam migrantes oriundos do Chaco do Paraguai, chegando em agosto. Migração: Rota Oeste. Status: global (VU - IUCN 2025), nacional (VU - ICMBio 2024).



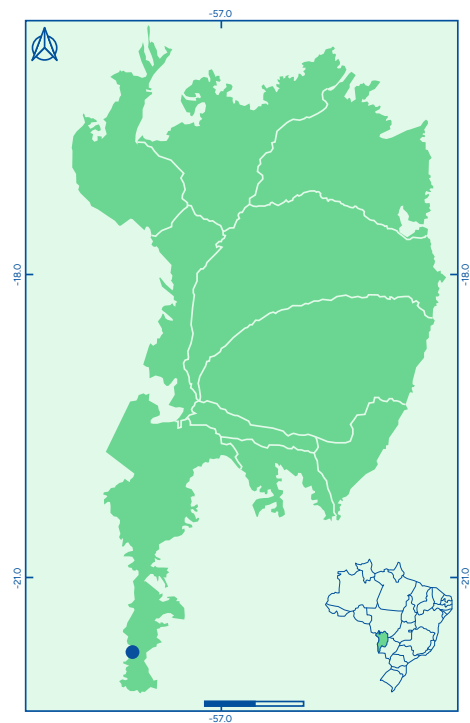
Macho adulto de galito (*Alectrurus tricolor*) macho. Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Tesoura-do-campo

Strange-tailed Tyrant

Alectrurus risora (Vieillot, 1824)

Rara no Pantanal, de ocorrência pontual, restrita à região chaquenha de Porto Murtinho, MS (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em áreas semi-abertas próximas d'água, banhados e campos (Sick 1997). Aparece como visitante meridional no Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul (Pantanal) durante o inverno austral, proveniente do Chaco da Argentina ou do Paraguai (Benites *et al.* 2021, Melo *et al.* 2021). Migração: Rota Oeste. Status: global (VU - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



Macho adulto de tesoura-do-campo (*Alectrurus risora*) macho. Foto: Augusto Potter. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

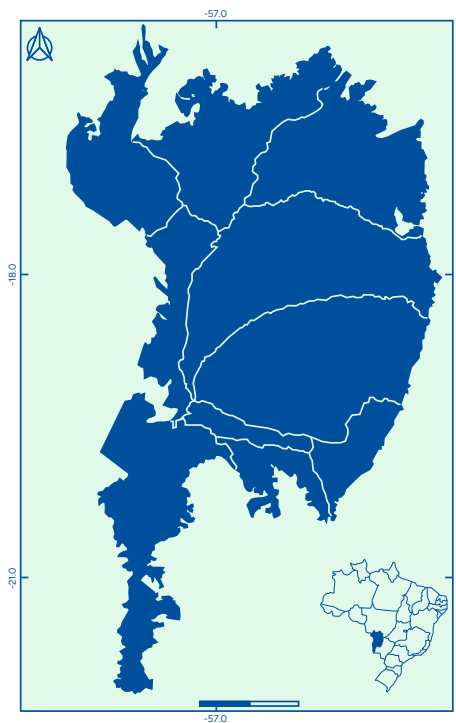
Tyrannidae

Filipe

Bran-colored Flycatcher

Myiophobus fasciatus (Statius Muller, 1776)

Relativamente comum e de ampla distribuição em toda a planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em bordas de matas, áreas arbustivas e campos sujos (Gwynne *et al.* 2010). Indivíduos oriundos do Paraguai, Argentina e sul do Brasil são migratórios e durante seus deslocamentos rumo ao norte do Brasil, possivelmente passam pelo Pantanal, misturando-se aos residentes (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



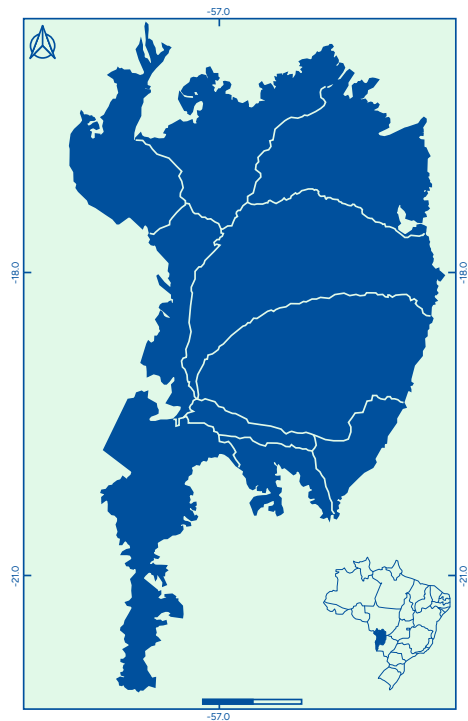
Adulto de filipe (*Myiophobus fasciatus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Enferrujado

Euler's Flycatcher

Lathrotriccus euleri (Cabanis, 1868)

Relativamente comum e de ampla ocorrência em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre no interior e bordas de áreas florestadas, bem como capoeiras (Gwynne *et al.* 2010). Parte da população do cone sul da América do Sul (Argentina, Uruguai e Paraguai) é migratória (Capllonch & Zelaya 2006, Sousa 2022) e possivelmente passa pelo Pantanal durante seus deslocamentos pelo Centro-Oeste e Norte do Brasil (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



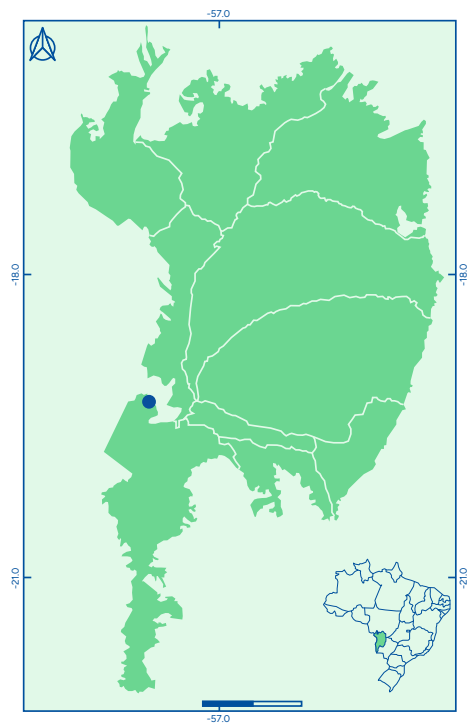
Adulto de enferrujado (*Lathrotriccus euleri*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Papa-moscas-de-alder

Alder Flycatcher

Empidonax alnorum (Brewster, 1895)

Raro e de ocorrência pontual, ocorrendo em ecótono de áreas abertas (brejos e campos) e florestadas (matas secas) no Pantanal. Apenas um registro para a planície pantaneira, nas proximidades de Corumbá (MS). Aparece em novembro, período em que a maioria dos visitantes setentrionais se encontra em rota migratória rumo às porções mais ao sul da América do Sul (Vasconcelos *et al.* 2008). As principais áreas de reprodução desta espécie estão no Alasca, Canadá e nordeste dos Estados Unidos (Novitch *et al.* 2015). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



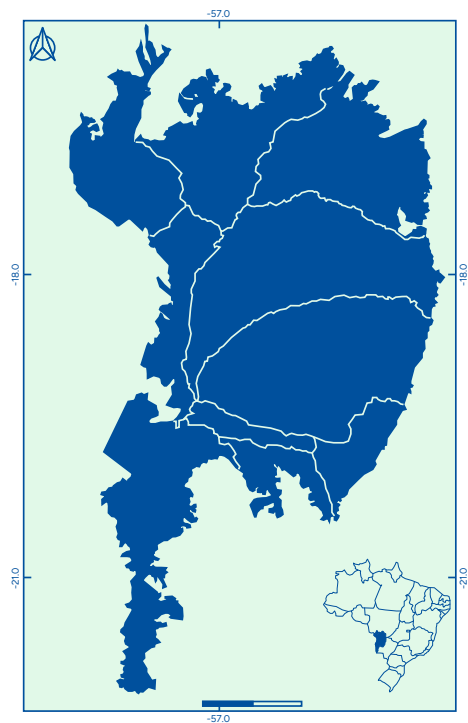
Adulto de papa-moscas-de-alder (*Empidonax alnorum*). Foto: Maristela Benites. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Papa-moscas-cinzento

Tropical Pewee

Contopus cinereus (Spix, 1825)

Relativamente comum e de ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em borda de matas e capoeiras (Gwynne *et al.* 2010). A população do Centro-Oeste do Brasil aumenta entre agosto e outubro com possíveis migrantes vindos das porções mais austrais, os quais misturam-se aos residentes no Pantanal (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



Adulto de papa-moscas-cinzento (*Contopus cinereus*). Foto: Maristela Benites. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

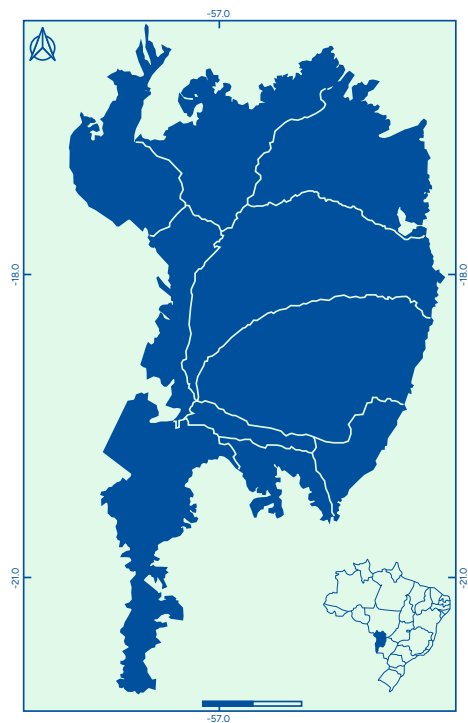
Tyrannidae

Suiriri-pequeno

Yellow-browed Tyrant

Satrapa icterophrys (Vieillot, 1818)

Relativamente comum e de ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo em matas ciliares e áreas abertas com árvores esparsas (Gwynne *et al.* 2010). Indivíduos de populações austrais, especialmente da Argentina podem migrar para o norte do Brasil central e Rodovia Transpantaneira, Poconé, MT em julho (Capllonch *et al.* 2009). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC – IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



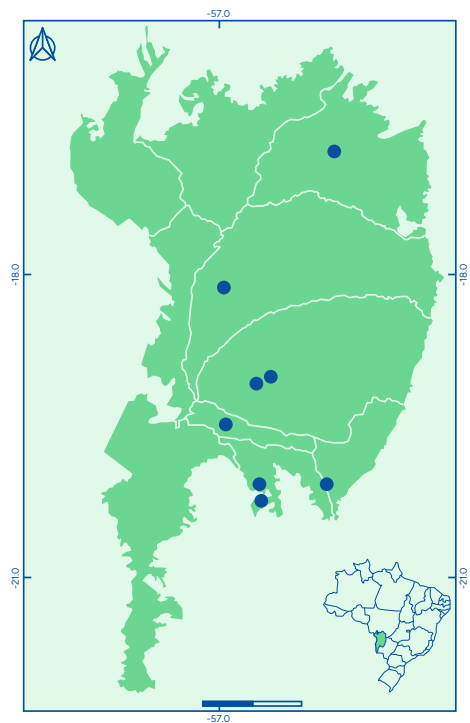
Adulto de suiriri-pequeno (*Satrapa icterophrys*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Viuvinha-de-óculos

Spectacled Tyrant

Hymenops perspicillatus (Gmelin, 1789)

Incomum e de ocorrência pontual no Pantanal (Nunes 2011a). Habita ambientes palustres, frequentemente é avistada pousada na vegetação do entorno de baías e em campos inundados (Gwynne *et al.* 2010). Mais comum no Rio Grande do Sul, Chile, Patagônia e Paraguai. Após o período reprodutivo, a população austral da Argentina desloca-se durante o inverno para o norte, podendo chegar até o Rio de Janeiro, São Paulo, Pantanal (maio a outubro) e oeste de Mato Grosso (Ridgely & Tudor 1994, Sick 1997). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



Macho adulto de viuvinha-de-óculos (*Hymenops perspicillatus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

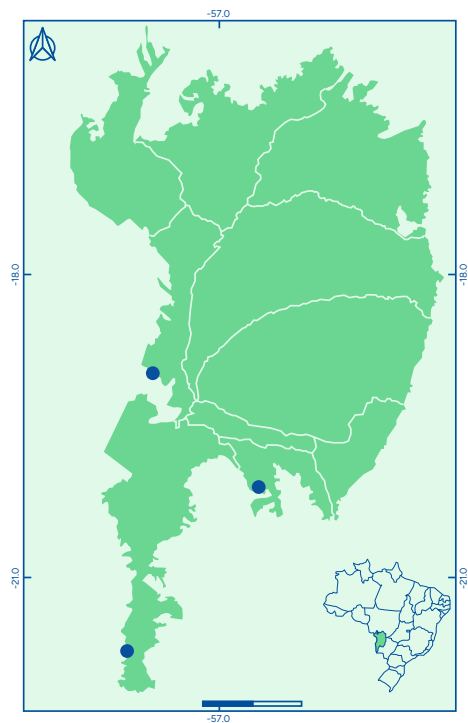
Tyrannidae

Maria-preta-acinzentada

Cinereous Tyrant

Knipolegus striaticeps (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Rara, de ocorrência pontual no Pantanal, como Porto Murtinho, Miranda e Corumbá, MS (Freitas *et al.* 2021). Habita formações florestais chaquenas e áreas de vegetação seca do Paraguai, Bolívia, Argentina e Brasil (arredores de Corumbá, MS) (Sick 1997). Se reproduz no Chaco do Paraguai e Bolívia, aparecendo na planície do Pantanal durante o inverno (maio a setembro) (Capllonch 2007). Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



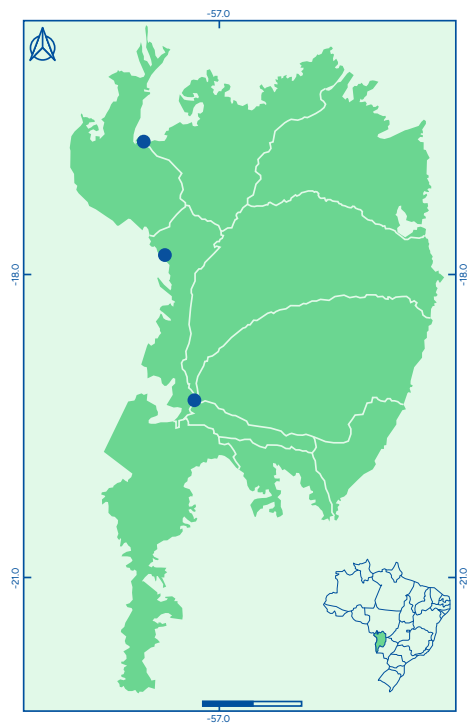
Macho adulto de maria-preta-acinzentada (*Knipolegus striaticeps*) macho. Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Maria-preta-do-sul

Hudson's Black-Tyrant

Knipolegus hudsoni (Sclater, 1872)

Rara, de ocorrência pontual na planície pantaneira (Tubelis & Tomas 2003). Típica de ambientes campestres, ocorrendo em campos sujos e vegetação chaquenha aberta onde se alimenta de insetos (Sick 1997). Se reproduz no centro da Argentina (Capllonch *et al.* 2014). Durante o inverno austral essa espécie se desloca para o norte da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil, chegando até os cerrados da região central do país no mês de setembro (Sick 1997, Capllonch *et al.* 2014). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



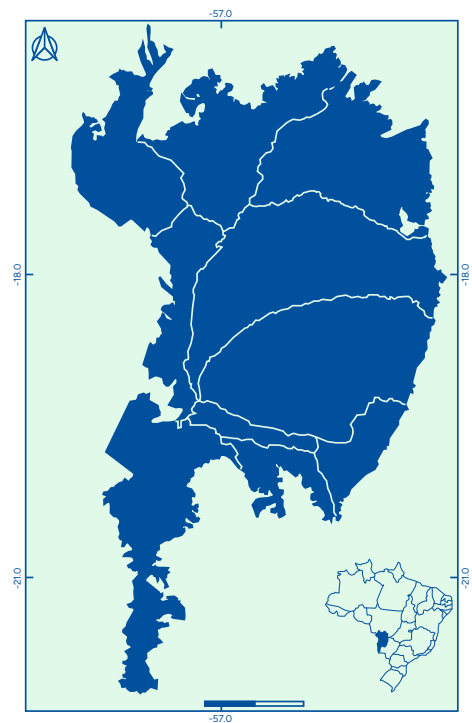
Fêmea adulta de Maria-preta-do-sul (*Knipolegus hudsoni*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Noivinha

White Monjita

Xolmis irupero (Vieillot, 1823)

Relativamente comum e de ampla distribuição em todo o Pantanal, especialmente Mato Grosso do Sul (Tubelis & Tomas 2003). A população ocorrente no Pantanal é disjunta e isolada das demais ocorrentes no Brasil. Os números flutuam muito ao longo do ano, sugerindo deslocamentos migratórios. No Paraná aparece nos meses de inverno, junho a agosto (Jacobs & Fenalti 2025). É provável que populações austrais fugindo do inverno rigoroso no sul do Brasil, especialmente Rio Grande do Sul e Argentina, atravessem o país rumo ao norte em busca de áreas mais propícias, misturando-se assim, às residentes no Pantanal. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



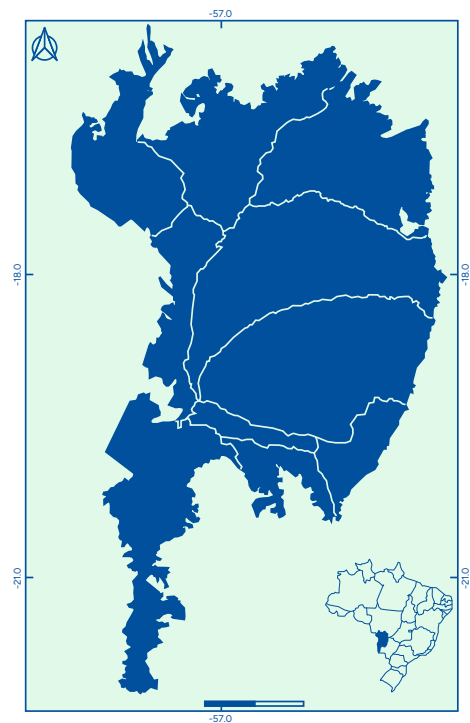
Adulto de noivinha (*Xolmis irupero*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Noivinha-branca

White-rumped Monjita

Xolmis velatus (Lichtenstein, 1823)

Comum e de ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em campos secos e cerrados abertos (Gwynne *et al.* 2010). Seus números flutuam ao longo do ano, indicando possível deslocamento migratório de parte da população para rotas ainda não conhecidas ou até mesmo, indivíduos vindos das regiões mais ao sul do Brasil fugindo do inverno rigoroso (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



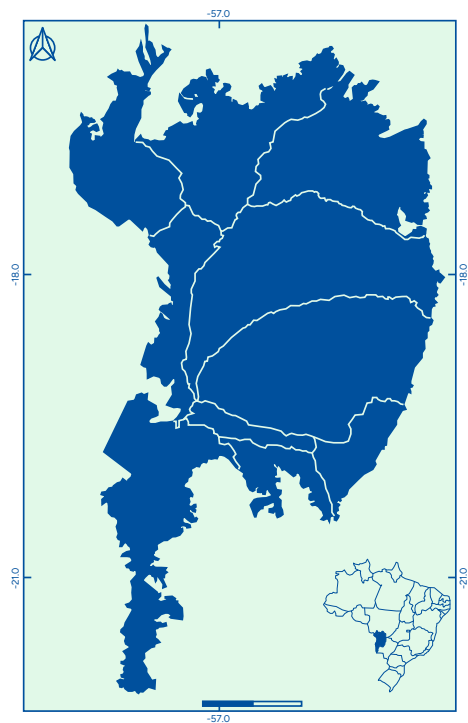
Adulto de noivinha-branca (*Xolmis velatus*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Primavera

Gray Monjita

Nengetus cinereus (Vieillot, 1816)

Relativamente comum e de ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em campos secos e cerrados abertos (Gwynne *et al.* 2010). Emigra em parte, durante o inverno local, anunciando com sua volta a primavera, dando assim, origem ao nome comum. Populações das porções mais austrais migram durante o inverno para o norte em busca de áreas mais propícias para a alimentação (Sick 1997). No Pantanal aparece principalmente de abril a setembro. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



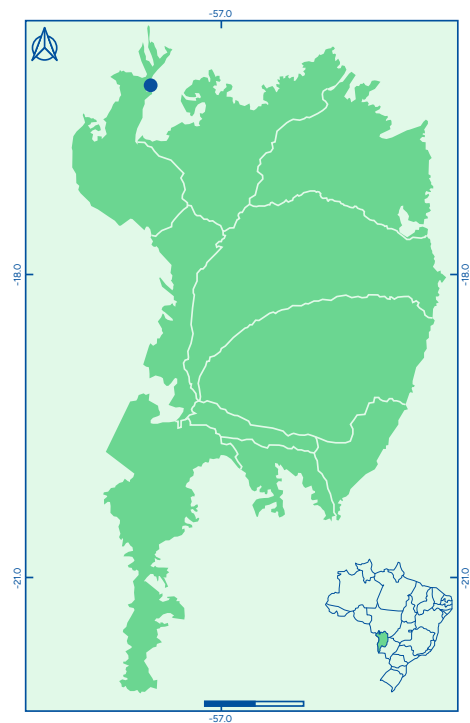
Adulto de primavera (*Nengetus cinereus*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Juruviara-boreal

Red-eyed Vireo

Vireo olivaceus (Linnaeus, 1766)

Raro e de ocorrência pontual no Pantanal, região de Cáceres, MT (Lopes *et al.* 2016). Aparece em habitats florestados. Se reproduz na América do Norte e migram para as Américas Central e do Sul durante o inverno boreal (Capllonch & Wagner 2009). Estudos com indivíduos capturados na Pensilvânia, EUA e equipados com geolocalizadores indicam que a maioria das aves inverte do noroeste da América do Sul, chegando entre outubro e dezembro e aí permanecendo por quatro meses (Somenzari *et al.* 2018). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



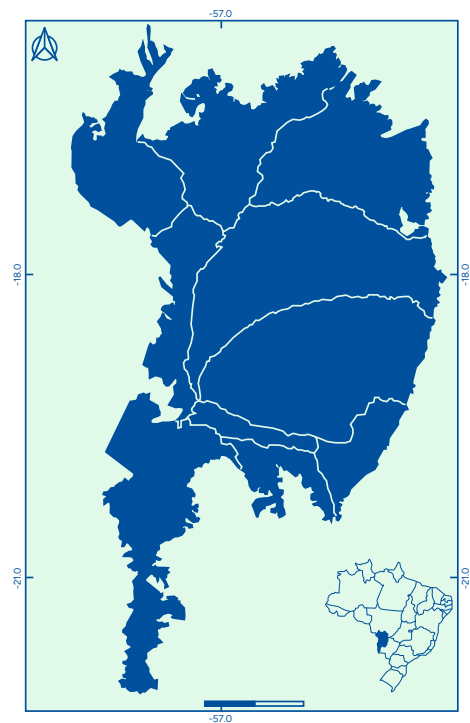
Adulto de juruviara-boreal (*Vireo olivaceus*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Juruviara

Chivi Vireo

Vireo chivi (Vieillot, 1817)

Comum e abundante em toda a planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo em habitats florestados como cordilheira, mata de galeria e cerradão (Gwynne *et al.* 2010). Se reproduz durante o verão no Pantanal, permanecendo aí por cinco meses e, em seguida, migra para o norte da América do Sul, passando pela Amazônia, onde se mistura às populações meridionais (vindas da Argentina, que passam pelo Pantanal no outono/inverno fugindo do frio na região austral) e ao congênera juruviara-boreal (*V. olivaceus*) (Capllonch & Wagner 2009). Migração: Rota norte da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



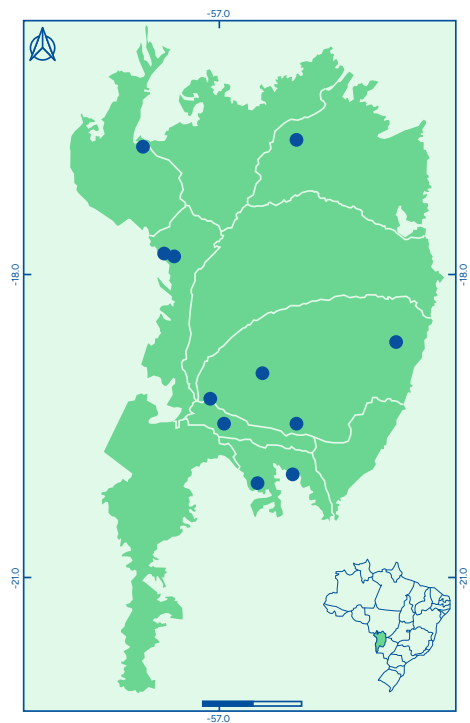
Adulto de juruviara (*Vireo chivi*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinha-pequena de-casa

Blue-and-white Swallow

Pygochelidon cyanoleuca (Vieillot, 1817)

Incomum e de ocorrência pontual no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre esporadicamente em pequenos bandos em áreas abertas como campos secos ou inundados e baías (Antas & Palo Júnior 2004). Os indivíduos da população austral (*Pygochelidon c. patagonica*) que se reproduzem na Patagônia são nitidamente maiores e ocorrem no Pantanal, de passagem entre julho e agosto. A subespécie da Patagônia emigra anualmente até o Panamá (onde há uma população residente), passando pela planície do Pantanal (Sick 1997). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



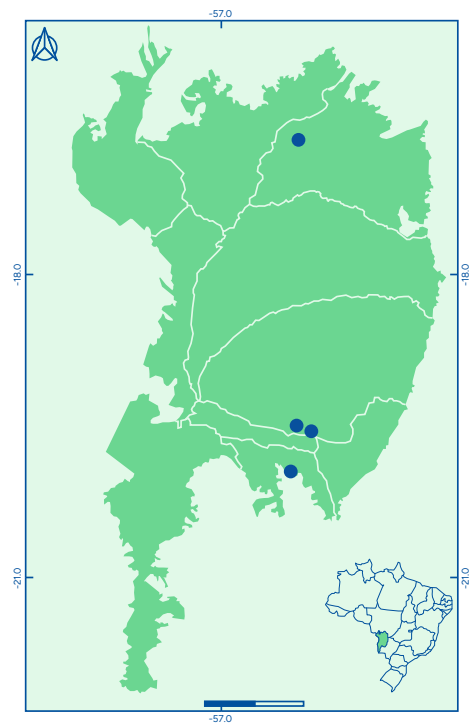
Adulto de andorinha-pequena-de-casa (*Pygochelidon cyanoleuca*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinha-morena

Tawny-headed Swallow

Alopochelidon fucata (Temminck, 1822)

Incomum no Pantanal, sendo avistada em Poconé, MT e região de Miranda e Nhecolândia, MS (Nunes 2011a). Aparece em áreas abertas como campos cerrados e campos secos (Gwynne *et al.* 2010). As regiões sul e sudeste concentram a maioria dos registros de ocorrência da espécie no Brasil, no entanto, sua área de distribuição se estende até as regiões Centro-Oeste e Norte do país. É provável que parte da população austral se desloque para o norte do continente sul-americano seguindo uma rota migratória que passa pelo Pantanal (Sick 1997), onde se misturam com as populações residentes. Migração: Rota norte da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



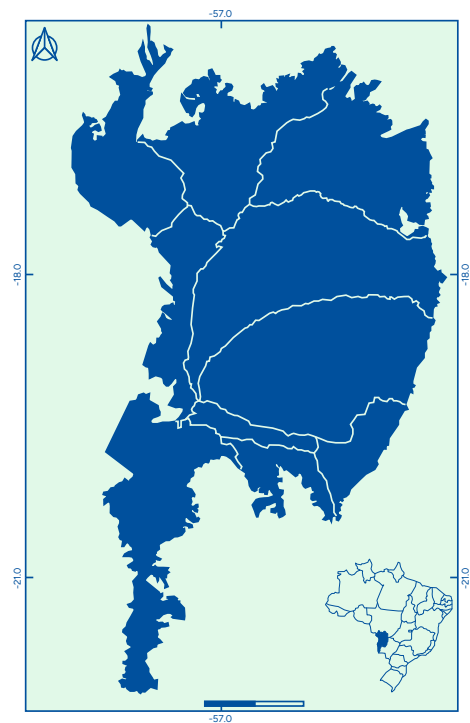
Adulto de andorinha-morena (*Alopochelidon fucata*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinha-serradora

Southern Rough-winged Swallow

Stelgidopteryx ruficollis (Vieillot, 1817)

Relativamente comum e de ampla ocorrência em toda a planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), onde aparece solitária ou aos casais à margem de rios e corixos, bem como em campos (Gwynne *et al.* 2010). A população ocorrente no Pantanal parece ser residente, no entanto a população meridional é migrante e durante o inverno no sul do Brasil se desloca para o norte do país misturando-se às populações residentes no Cerrado, Pantanal e Amazônia, onde permanece de julho a novembro (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



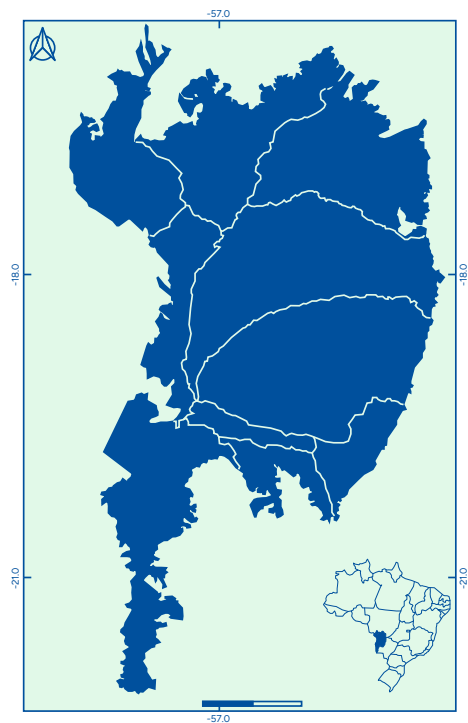
Adulto de andorinha-serradora (*Stelgidopteryx ruficollis*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinha-do-campo

Brown-chested Martin

Progne tapera (Linnaeus, 1766)

Comum e abundante em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em áreas abertas como campos secos, campos inundados, cerrados de murundu e arredores das casas em fazendas (Gwynne *et al.* 2010). Apresenta duas subespécies: *Progne t. fusca* que ocorre nas regiões austrais da América do Sul, e *Progne t. tapera* que é residente nas porções mais setentrionais do continente sul-americano. Parte da população é residente de verão no Pantanal, aparecendo em agosto e partindo em abril. A subespécie *Progne t. fusca* se desloca regularmente em grandes bandos rumo à América Central e, durante suas migrações, possivelmente mistura-se às populações sedentárias no Pantanal (Nunes & Tomas 2008). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC – IUCN 2025), nacional (LC – ICMBio 2024).



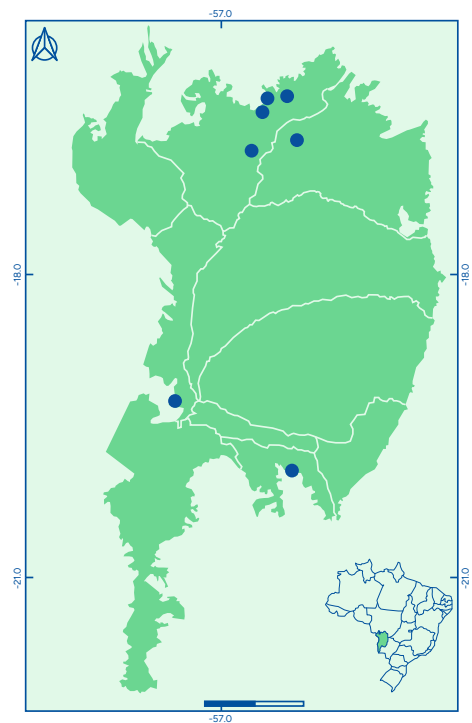
Adulto de andorinha-do-campo (*Progne tapera*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinha-azul

Purple Martin

Progne subis (Linnaeus, 1758)

Rara e incomum, sendo avistada em poucas localidades no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), onde aparece em áreas abertas como campos secos, campos inundados, cerrados ralos e baías (Gwynne *et al.* 2010). No Pantanal aparece em setembro e aí permanece até março, quando então partem rumo à América do Norte para se reproduzir (Antas *et al.* 1986, Sick 1997). Segundo Antas & Palo Júnior (2004), as maiores densidades ocorrem em outubro, quando bandos de até 2.000 indivíduos podem ser avistados pousados nos cabos de aço das torres de transmissão na região de Porto Cercado, Poconé, MT. Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



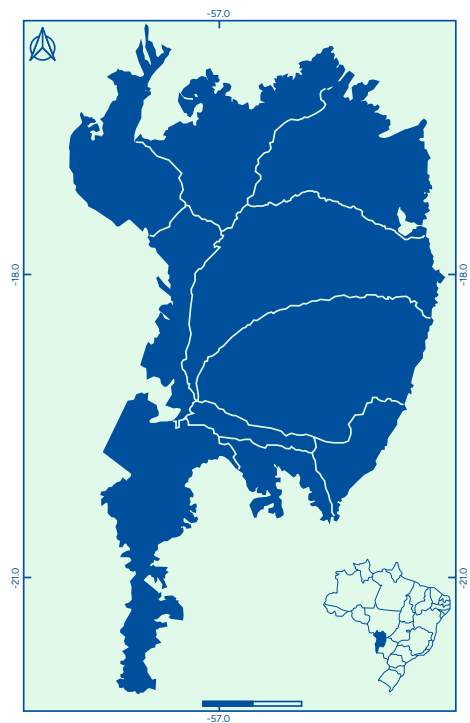
Adulto de andorinha-azul (*Progne subis*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinha-grande

Gray-breasted Martin

Progne chalybea (Gmelin, 1789)

Comum e abundante em toda a planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), onde ocorre aos casais ou pequenos bandos em áreas abertas como campos secos, cerrados ralos, pastagens cultivadas e até mesmo em áreas próximas a edificações (Gwynne *et al.* 2010). A subespécie meridional *Progne c. domestica* é migratória, reunindo-se em grandes bandos entre abril e setembro durante seus deslocamentos para o norte (Eisenmann 1959), possivelmente passando pelo Pantanal, onde se mistura à subespécie setentrional residente *Progne c. chalybea* (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC – ICMBio 2024).



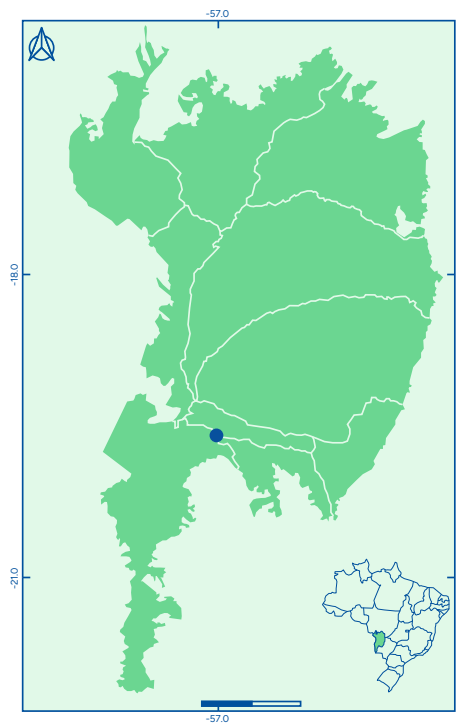
Adulto de andorinha-grande (*Progne chalybea*). Foto: Alessandro Pacheco Nunes. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinha-do-sul

Southern Martin

Progne elegans (Bairdi, 1865)

Rara no Pantanal, sendo registrada apenas na região do Passo do Lontra (Nunes 2011a). Ocorre próxima a rios e baías. Se reproduz no sul da Argentina e Bolívia, deslocando-se em seguida, até o noroeste da Amazônia ao longo de rios e lagos, chegando no Alto Rio Negro-Uaupés entre julho e setembro (Sick 1997, Sigrist 2009). Durante as migrações pode misturar-se em bandos mistos com a andorinha-grande (*Progne chalybea*). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



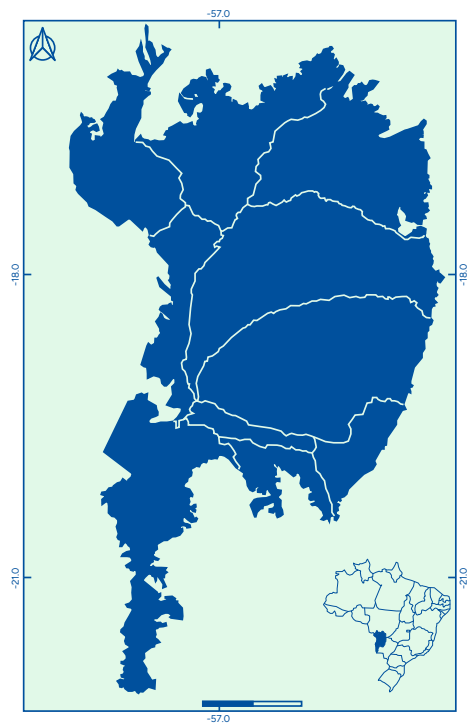
Adulto de andorinha-do-sul (*Progne elegans*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinha-do-rio

White-winged Swallow

Tachycineta albiventer (Boddaert, 1783)

Relativamente comum em toda a planície pantaneira (Tubelis & Tomas 2003). Aparece aos casais em campos alagáveis e margens de corixos e rios (Gwynne *et al.* 2010). No Pantanal de Miranda (MS), desaparece completamente dos campos alagáveis durante a maior parte do ano, retornando durante a estação de cheias na região, fevereiro a março (Ilha 2017). Possivelmente parte da população desloca-se para outras sub-regiões do Pantanal que ainda apresentam maior volume de água nos rios durante a estação seca, ou até mesmo para fora da planície em rotas migratórias ainda desconhecidas. Migração: Rota Desconhecida. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



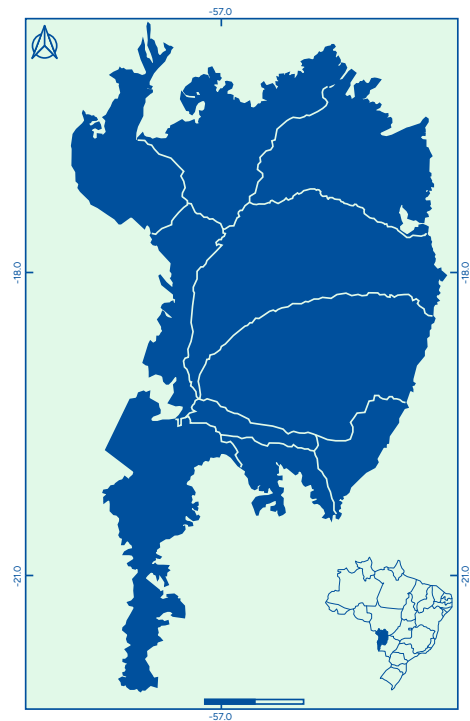
Adulto de andorinha-do-rio (*Tachycineta albiventer*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinha-de-sobre-branco

White-rumped Swallow

Tachycineta leucorrhoa (Vieillot, 1817)

Relativamente comum em toda a planície pantaneira (Tubelis & Tomas 2003). Aparece aos casais e, em suas migrações, pode ser encontrada em bandos com algumas dezenas, às vezes voando em uma direção predeterminada e a pouca altura do chão. A população austral passa o outono e inverno na planície pantaneira, onde se mistura à população residente (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



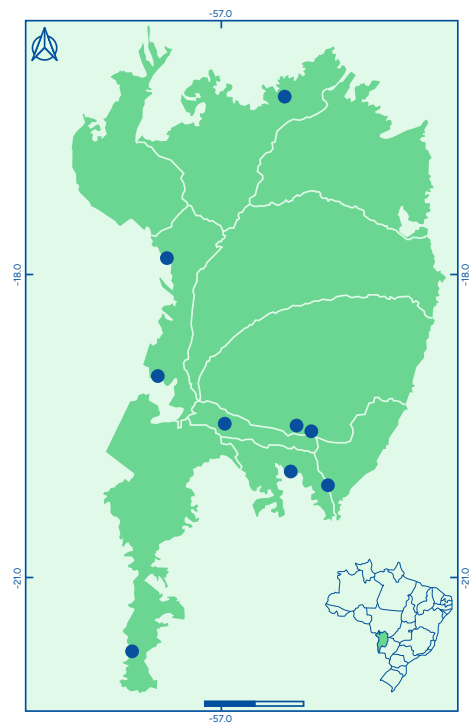
Adulto de andorinha-de-sobre-branco (*Tachycineta leucorrhoa*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinha-do-barranco

Bank Swallow

Riparia riparia (Linnaeus, 1758)

Rara na planície pantaneira (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo em áreas abertas próximas à água, tais como campos inundados e bordas de baías (Gwynne *et al.* 2010). Estudos com indivíduos marcados com geolocalizadores mostram que *R. riparia* partem de suas colônias reprodutivas (Canadá) em julho e agosto seguindo uma rota migratória ao longo da costa do Atlântico rumo ao sul do Brasil e norte da Argentina (Imlay *et al.* 2020). No Pantanal parece ocorrer de setembro a abril. Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



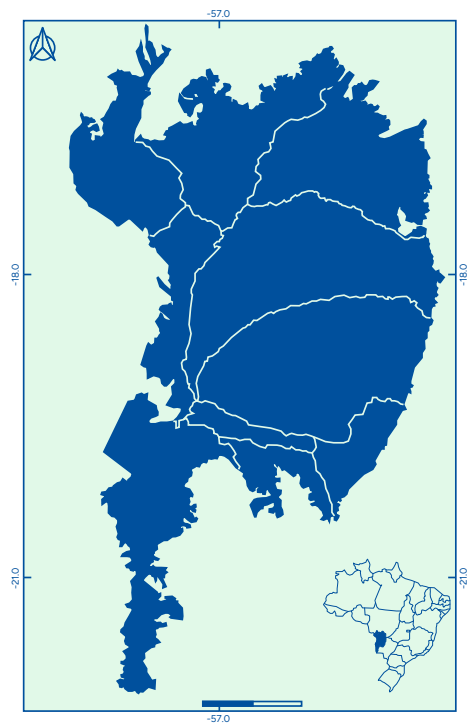
Adulto de andorinha-do-barranco (*Riparia riparia*). Foto: Sílvia Faustino Linhares. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinha-de-bando

Barn Swallow

Hirundo rustica (Linnaeus, 1758)

Relativamente comum e de ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo em pequenos bandos em áreas abertas como campos secos, campos inundados e baías (Gwynne *et al.* 2010). Chega ao Pantanal no final de setembro, com pico em outubro, a caminho do sul do Brasil, Argentina e Uruguai (Antas & Palo Júnior 2004). A partir de fevereiro pode ser avistada na borda oeste do Pantanal, em grandes bandos rumo às áreas de reprodução na América do Norte (Nunes *et al.* 2018). Santos *et al.* (2022) relatam a aglomeração de cerca de 2.000 indivíduos na Estação Ecológica de Taiamã, MT. Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



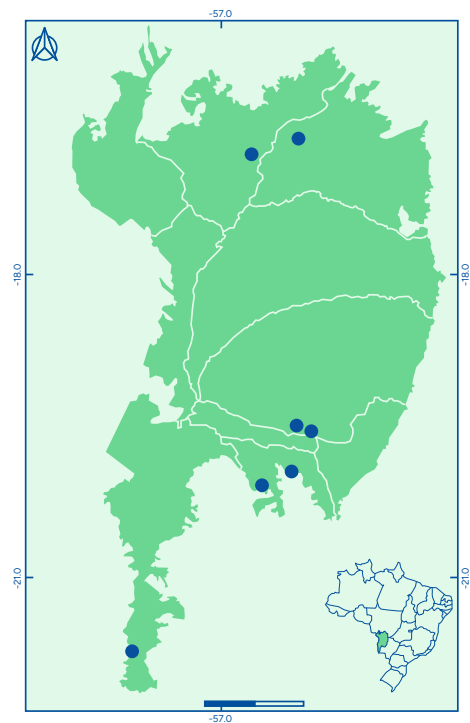
Bando de andorinha-de-bando (*Hirundo rustica*) com plumagem reprodutiva. Foto: Simone Mamede.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Andorinha-de-dorso-acanelado

Cliff Swallow

Petrochelidon pyrrhonota (Vieillot, 1817)

Rara e incomum na planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003, Vasconcelos *et al.* 2008), onde ocorre em pequenos bandos em ambientes campestres próximos a corpos-d'água (Gwynne *et al.* 2010). Aparece no Pantanal a partir de setembro, durante seus deslocamentos em direção à Argentina e em abril, quando retorna para a América do Norte para se reproduzir (Sick 1997). Entretanto, Salvador *et al.* (2016) relatam registros de colônias reprodutivas em Córdoba, Argentina no período de novembro/dezembro. Santos *et al.* (2022) relatam a aglomeração de cerca de 3.000 indivíduos na Estação Ecológica de Taiamã, MT. Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



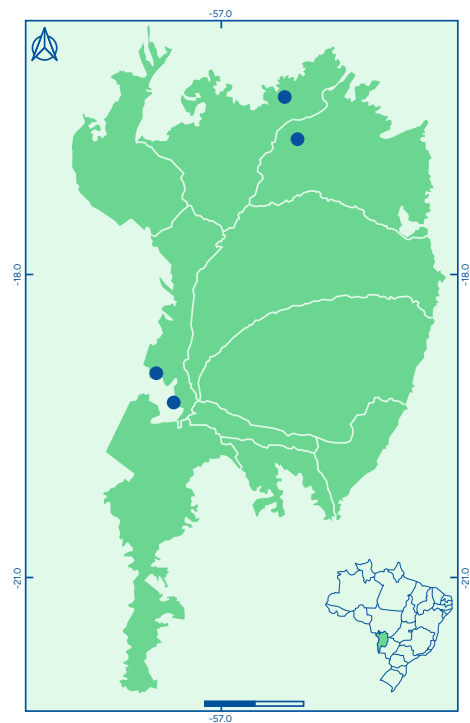
Adulto de Andorinha-de-dorso-acanelado (*Petrochelidon pyrrhonota*). Foto: Breno Dias Vitorino. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Sabiazinho-norte-americano

Veery

Catharus fuscescens (Stephens, 1817)

Raro, com ocorrência pontual na planície pantaneira, como a RPPN SESC Pantanal, MT (Ubaid & Antas 2013) e Corumbá, MS borda oeste (Nunes *et al.* 2018) e recentemente na região do Passo do Lontra. Aparece em florestas e cerrados (Sick 1997). As principais áreas de invernada estão concentradas na região Norte do Brasil, bem como Sul-Central e Sudeste, onde tem ocorrido a intensa destruição de habitats naturais, ao contrário da região amazônica, ainda relativamente pouco perturbada. O período de invernada no Brasil ocorre no final do ano, entre novembro e dezembro. Os registros desta espécie no território nacional são mais frequentes no norte, na Amazônia (Remsen Junior 2001, Heckscher *et al.* 2015). Entretanto, Bayly *et al.* (2012) relatam a presença de indivíduos não reprodutivos (jovens) residentes em parte do Centro-Oeste e Norte do Brasil. Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



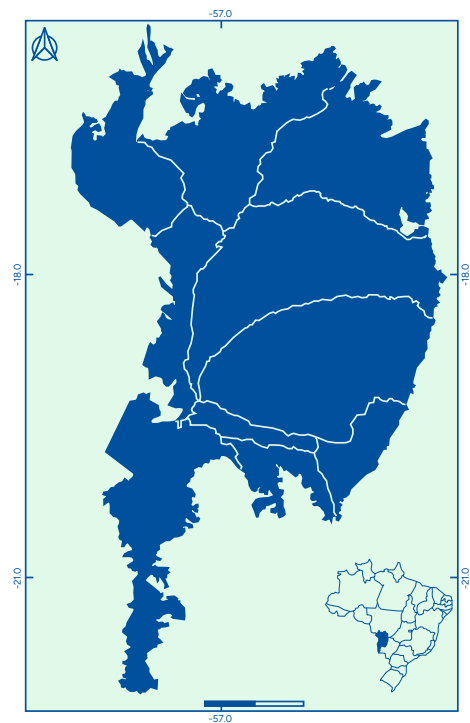
Adulto de sabiazinho-norte-americano (*Catharus fuscescens*). Foto: Diego Hoffmann. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Sabiá-poca

Creamy-bellied Thrush

Turdus amaurochalinus (Cabanis, 1850)

Relativamente comum na planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003) e ocorre em áreas abertas como campos sujos, cerrados de murundu e cerrados ralos (Gwynne *et al.* 2010). Após o período reprodutivo (final de abril e meados de maio), as populações da planície pantaneira aumentam com a chegada dos migrantes vindos da Argentina e sul do Brasil. Parte da população de sabiá-poca austral, como Argentina se deslocam no inverno seguindo uma rota que os leva até os Bosque Chaquenhos e Chiquitanos da Bolívia e possivelmente Pantanal e, outra, pelo litoral atlântico chegando até São Paulo, Bahia, Paraíba, Ceará e Maranhão (Capllonch *et al.* 2008). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



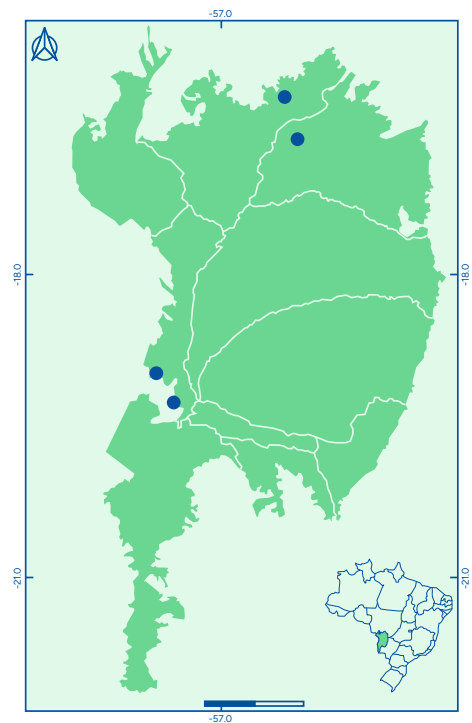
Adulto de sabiá-poca (*Turdus amaurochalinus*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Sabiá-ferreiro

Eastern Slaty Thrush

Turdus subalaris (Seebohm, 1887)

Raro e de ocorrência pontual no Pantanal, em Poconé, MT (Ubaid & Antas 2013). Espécie estritamente florestal (Gwynne *et al.* 2010). Reproduz-se desde São Paulo até o Rio Grande do Sul, bem como Argentina (Ridgely & Tudor 1989). Após o período reprodutivo, migra para o norte rumo a região Amazônica e Cerrado, onde passa o período de invernada (Sick 1997). Durante seus deslocamentos de ida e volta de suas áreas de invernada, passa pelo Pantanal em agosto (Ubaid & Antas 2013). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



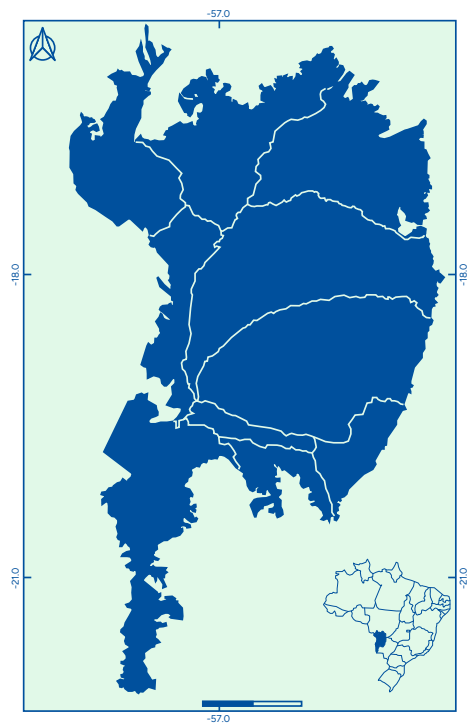
Sabiá-ferreiro (*Turdus subalaris*). Foto: Sílvia Faustino Linhares. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Calhandra-de-três-rabos

White-banded Mockingbird

Mimus triurus (Vieillot, 1818)

Relativamente comum no Pantanal, sendo mais frequente e abundante na porção sul da planície pantaneira (Tubelis & Tomas 2003). Habita áreas abertas como campo seco e cerrado (Gwynne *et al.* 2010). Se reproduz principalmente na porção central da Argentina e partes do Paraguai, Bolívia e possivelmente Chile (Azócar & Pinto 2014). No Pantanal a espécie aparece em maio, onde permanece até setembro. Indivíduos ocorrentes no Pantanal podem ter o Chaco da Bolívia e do Paraguai como local de origem. Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



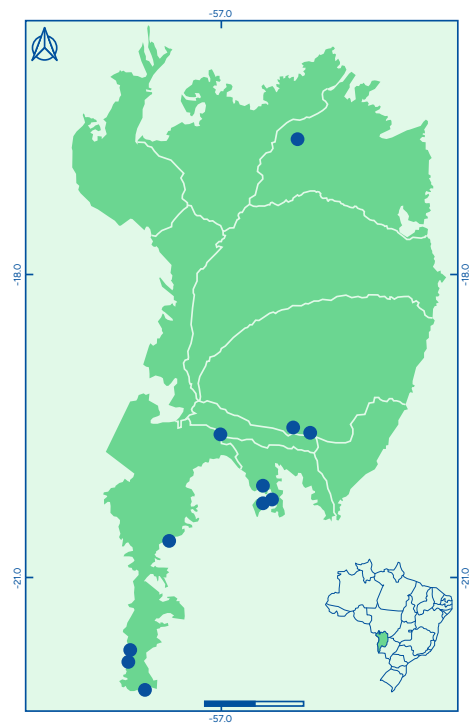
Adulto de calhandra-de-três-rabos (*Mimus triurus*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Pintassilgo

Hooded Siskin

Spinus magellanicus (Vieillot, 1805)

Comum e de ampla ocorrência em várias sub-regiões da planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), principalmente em áreas abertas com árvores esparsas (Gwynne *et al.* 2010). A população austral da Argentina, Uruguai e sul do Brasil é migratória (Capllonch 2020) e desloca-se para o Centro-Oeste e Norte a partir de abril, misturando-se às populações possivelmente residentes no Pantanal (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC – IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



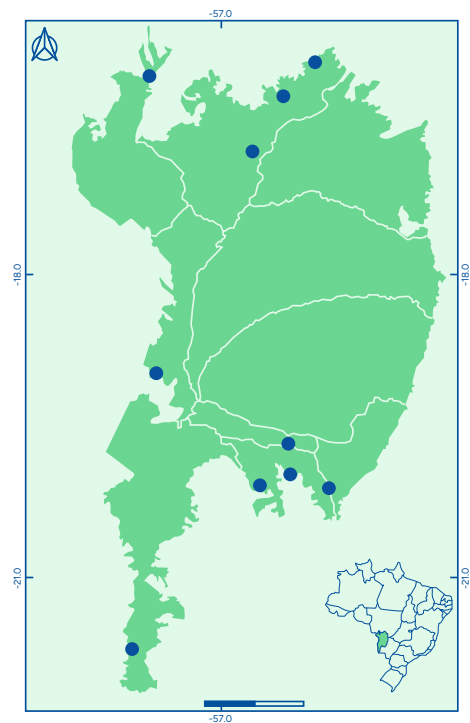
Macho adulto de pitassilgo (*Spinus magellanicus*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Triste-pia

Bobolink

Dolichonyx oryzivorus (Linnaeus, 1758)

Relativamente comum na planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003) e ocorre exclusivamente em áreas abertas como campos secos e/ou inundáveis, bem como campos com capim-rabo-de-burro (*Andropogon bicornis*) (Antas & Palo Júnior 2004). Realiza um dos maiores e mais extensos deslocamentos já registrados entre as aves da Ordem Passeriformes (Di Giacomo *et al.* 2005). No inverno boreal deixa a América do Norte seguindo uma rota que cruza o Mar das Antilhas e costa da Venezuela. Na Flórida, os indivíduos convergem em grandes bandos até chegarem às áreas de invernada (Maccraken *et al.* 2013), tais como o Pantanal, nordeste da Bolívia, Paraguai e Pampas da Argentina, após terem atravessado toda a região amazônica (Sick 1997, Di Giacomo *et al.* 2005, Lorenzón *et al.* 2019). Indivíduos capturados nos estados de Nebraska e Oregon, EUA foram anilhados e equipados com geolocalizadores e posteriormente detectados no Chaco da Bolívia e oeste do Pantanal entre novembro e dezembro (Renfrew *et al.* 2013). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



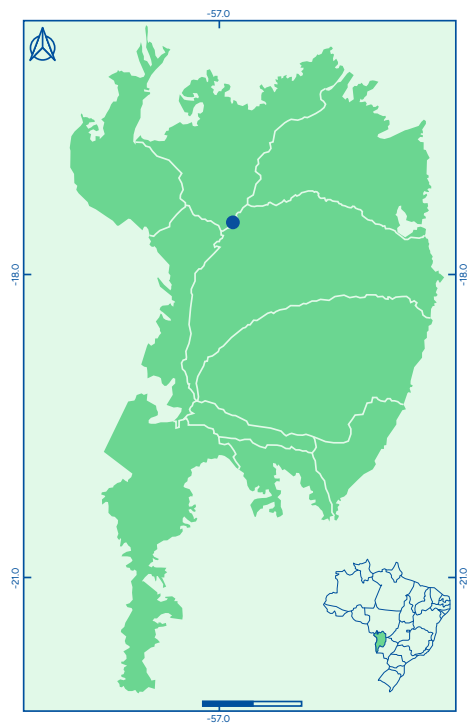
Adulto de triste-pia (*Dolichonyx oryzivorus*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Mariquita-de-connecticut

Connecticut Warbler

Geothlypis agilis (Wilson, 1812)

Rara e de ocorrência pontual no Pantanal. Registro histórico no Rio São Lourenço, MT (Tubelis & Tomas 2003). Aparece no sub-bosque de florestas tropicais da Amazônia e matas de galeria (Sigrist 2009). Se reproduz nas florestas boreais do Canadá e do norte dos EUA (Curson *et al.* 1994). A região amazônica é a principal área de invernada no Brasil, entre novembro e abril (Diniz *et al.* 2014). No entanto, estende sua área de ocorrência até o norte do Pantanal, nas matas do Rio São Lourenço, região de Poconé, MT, entre dezembro e janeiro (Sick 1997). Migração: Rota norte da América do Norte. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



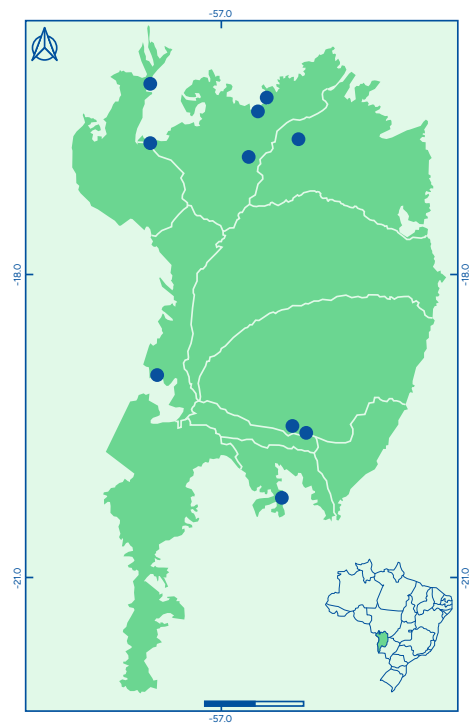
Adulto de mariquita-de-connecticut (*Geothlypis agilis*). Foto: Marques & Guilherme (2014). Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Rei-do-bosque

Black-backed Grosbeak

Pheucticus aureoventris (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Raro e incomum, com ocorrência pontual no Pantanal e planaltos do entorno (Nunes 2008). Ocorre principalmente na Cordilheira dos Andes, desde a Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina. Habita paisagens áridas e semiabertas com árvores esparsas, matas secas, bem como florestas tropicais e subtropicais úmidas de montanha e campos arbustivos de altitude (Gwynne *et al.* 2010). Após o período reprodutivo, que coincide com o final da estação chuvosa, se dispersa para o Pantanal e planaltos do entorno, aparecendo de maio a agosto (Nunes 2008). Também se dispersa para além da Bacia do Alto Paraguai, como Naviraí, MS (julho), Parque Municipal Salto do Sucuriú, em Costa Rica (abril e maio) (Faxina *et al.* 2010). Serpa *et al.* (2014) relatam registros em Rio Verde, Goiás (julho), Rondônia e Manicoré, às margens do Rio Madeira (agosto). Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



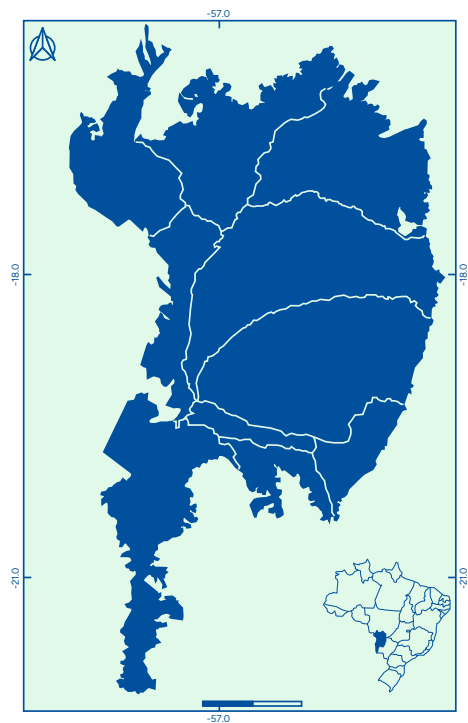
Fêmea adulta de rei-do-bosque (*Pheucticus aureoventris*). Foto: Dalci Mauricio Miranda de Oliveira. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Saí-andorinha

Swallow Tanager

Tersina viridis (Illiger, 1811)

Relativamente comum em borda de matas, cerradões e matas de galeria de várias regiões do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003, Gwynne *et al.* 2010). A população do cone sul da América do Sul (Argentina, Uruguai e sul do Brasil) migra para o norte durante o inverno austral. No Centro-Oeste tem aumento nos registros entre setembro e dezembro (Somenzari *et al.* 2018). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



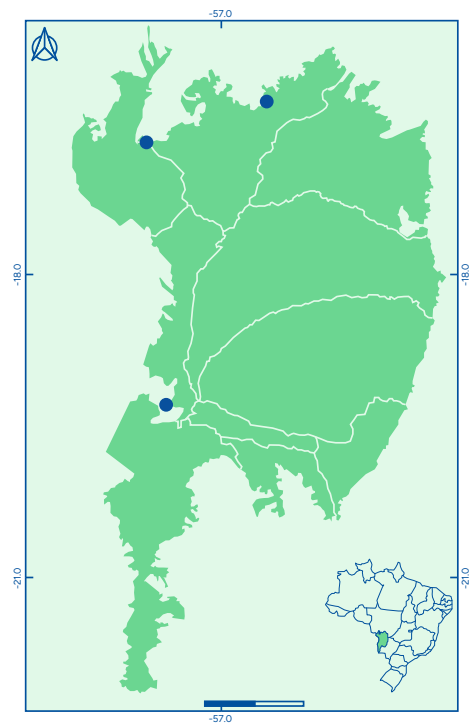
Macho adulto de saí-andorinha (*Tersina viridis*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Cigarra-parda

Dull-colored Grassquit

Asemospiza obscura (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Rara no Pantanal, sendo registrada na borda oeste, em área de transição de Bosque Chiquitano e planície (Vasconcelos *et al.* 2008). Ocorre em borda de matas secas, capoeiras e áreas arbustivas (Gwynne *et al.* 2010). Se reproduz nos Andes, no entanto seus deslocamentos migratórios ainda são pouco conhecidos (Bates 1997). Possivelmente parte da população foge do inverno austral e inverte no Centro-Oeste do Brasil (Pantanal e planaltos do entorno, aproximadamente 700 km a leste da Cordilheira dos Andes), onde aparece principalmente em setembro (Vasconcelos *et al.* 2008). Migração: Rota Oeste. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (NA - ICMBio 2024).



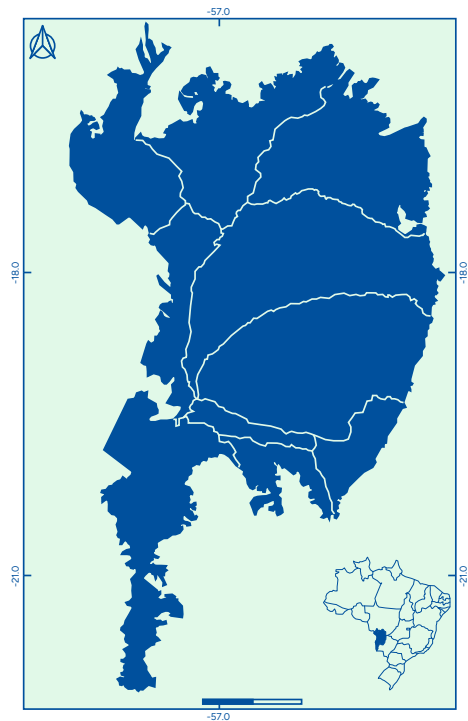
Casal de cigarra-parda (*Asemospiza obscura*). Foto: Alexander Charles Lees. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Tiziu

Blue-black Grassquit

Volatinia jacarina (Linnaeus, 1766)

Comum e abundante em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo em campos secos, cerrados de murundu, cerrados abertos e áreas antropizadas (Gwynne *et al.* 2010). Chega ao Pantanal em setembro e outubro, oriundo de regiões mais setentrionais rumo ao sul do Brasil (Antas & Palo Júnior 2004). Algumas populações de tiziu, possivelmente de imaturos, mantêm-se em suas áreas de origem enquanto outras se deslocam para o sul (Sick 1997). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



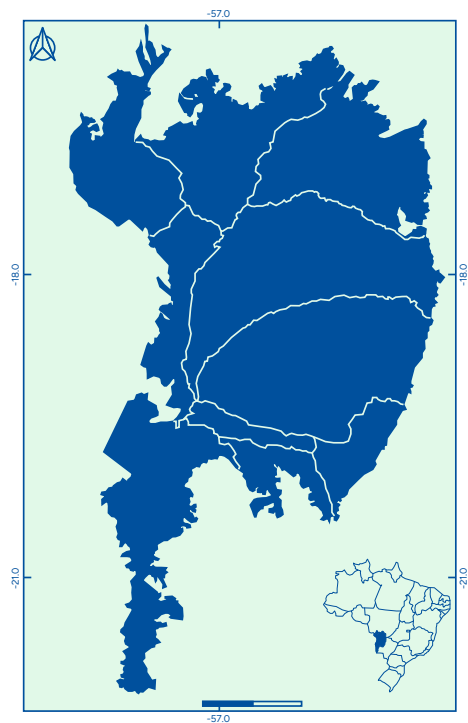
Macho juvenil de tiziu (*Volatinia jacarina*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Bigodinho

Lined Seedeater

Sporophila lineola (Linnaeus, 1758)

Comum e relativamente abundante no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), com ocorrência em campos secos, borda de baías e cerrados abertos (Gwynne *et al.* 2010). Os indivíduos das populações meridionais nidificam no sudeste do Brasil, bem como no norte da Argentina e no Paraguai no período de novembro a fevereiro (Hayes *et al.* 1994, Silva 1995, D'Angelo Neto & Vasconcelos 2007). Após o período reprodutivo, migra para as regiões do centro e do oeste da Amazônia atravessando o Brasil Central e o leste da Bolívia (Silva 1995, D'Angelo Neto & Vasconcelos 2007). Os bigodinhos chegam no Pantanal em setembro e, após o período reprodutivo em janeiro, partem com os juvenis, retornando para a Venezuela, Guiana e Amazônia (Nunes & Tomas 2008). Migração: Rota norte da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBIO 2024).



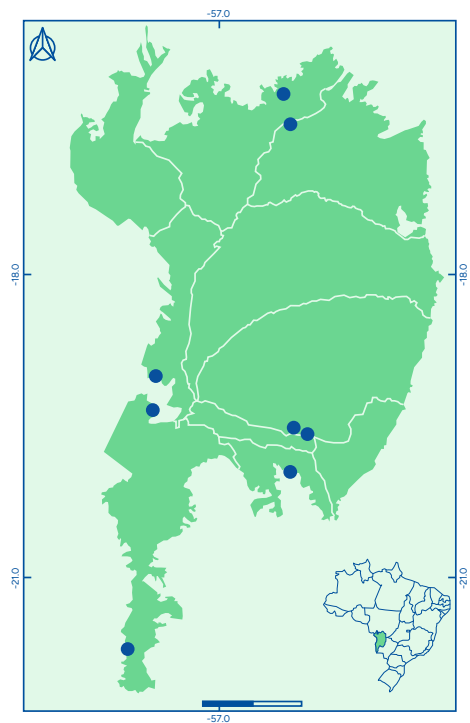
Macho adulto de bigodinho (*Sporophila lineola*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Patativa

Plumbeous Seedeater

Sporophila plumbea (Wied, 1830)

Incomum e de ocorrência pontual no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em campos cerrados e campos naturais (Gwynne *et al.* 2010). A população austral da subespécie *Sporophila p. plumbea* é migratória e após o período reprodutivo (outubro a março) e início do inverno no sul do Brasil, desloca-se para o Centro-Oeste e Norte do país em busca de campos mais favoráveis à alimentação, misturando-se em bandos mistos com outros congêneres migratórios no Centro-Oeste do Brasil (Repenning 2012, Repenning & Fontana 2014; Caverzere *et al.* 2015). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



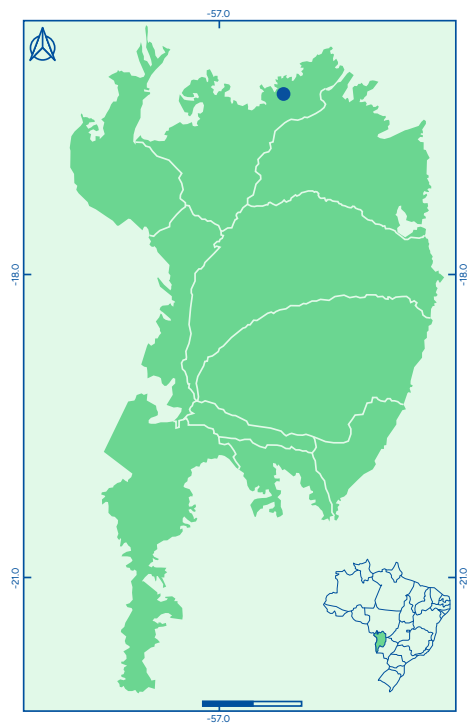
Macho adulto de patativa (*Sporophila plumbea*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Estrela-do-norte

Lesson's Seedeater

Sporophila bouvronides (Lesson, 1831)

Rara e pontual, com registro apenas no Pantanal de Poconé, MT (Pinho 2005). Ocorre no Panamá, Equador, ilhas de Trinidad e Tobago, no norte da Colômbia, Venezuela, Guiana, norte do Peru e Bolívia. Habita savanas arbustivas, bordas de florestas, áreas cultivadas e campos úmidos. Se reproduz na Colômbia, Venezuela e Guiana. Desloca-se a grandes distâncias, sendo registrada também na América Central (Panamá e Costa Rica). Aparece como visitante na Bacia Amazônica em campos e áreas de campinarana (Ridgely & Tudor 1989, Sick 1997, Marin-Espinoza *et al.* 2010, Gatgens-García *et al.* 2022). O registro em Poconé representa o limite mais ao sul de sua área de invernada. Migração: Rota norte da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



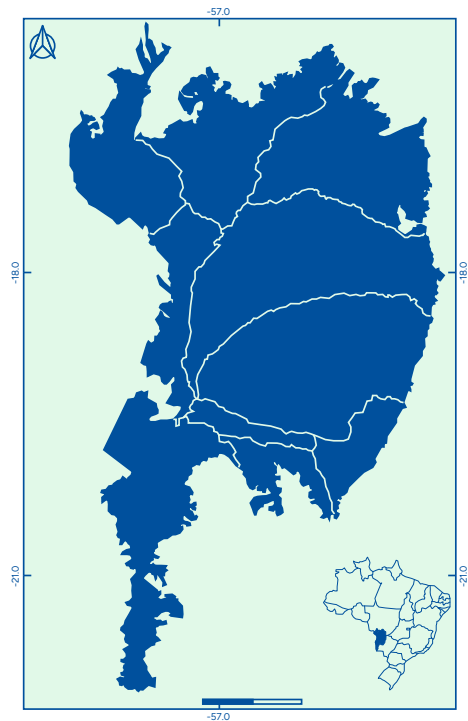
Macho adulto de estrela-do-norte (*Sporophila bouvronides*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Coleirinho

Double-collared Seedeater

Sporophila caerulescens (Vieillot, 1823)

Comum e abundante em campos secos, borda de baías (notadamente em moitas de capim rabo-de-burro) e cerrado aberto no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003; Gwynne *et al.* 2010). A população meridional, composta pela subespécie *Sporophila c. caerulescens*, é migratória. No outono, se desloca rumo ao norte do continente sul-americano, passando pela região Centro-Oeste, especialmente o Pantanal, onde invernam. Há segregação sexual durante os deslocamentos migratórios, uma vez que os machos adultos regressam duas semanas antes que as fêmeas e jovens e partem em migração um mês antes que as fêmeas (Ortiz & Capllonch 2007). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



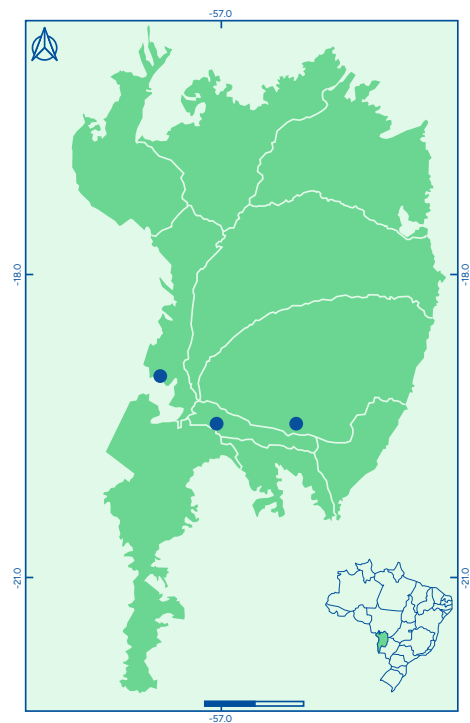
Macho adulto de coleirinho (*Sporophila caerulescens*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Caboclinho-do-sertão

Black-and-tawny Seedeater

Sporophila nigrorufa (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Rara no Pantanal (Nunes 2011a), ocorrendo em campos secos, campos inundados e borda de baías (Cestari 2006b). Ocorre no extremo oeste do Brasil, na fronteira entre Mato Grosso e Bolívia: Campo Grande e Corumbá (MS) e Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (Sick 1997, Kirwan & Areta 2015). No Brasil, o único sítio reprodutivo dessa espécie está situado em Campos do Encanto, próximo à Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), região que sofre intensa pressão antrópica e está fora de unidades de conservação (Silveira & D'Horta 2002). Possivelmente ocorre como migrante de inverno no Pantanal, associando-se a bandos migratórios com outras espécies do gênero *Sporophila* (Cestari 2006b). Migração: Rota Oeste. Status: global (VU - IUCN 2025), nacional (VU - ICMBio 2024).



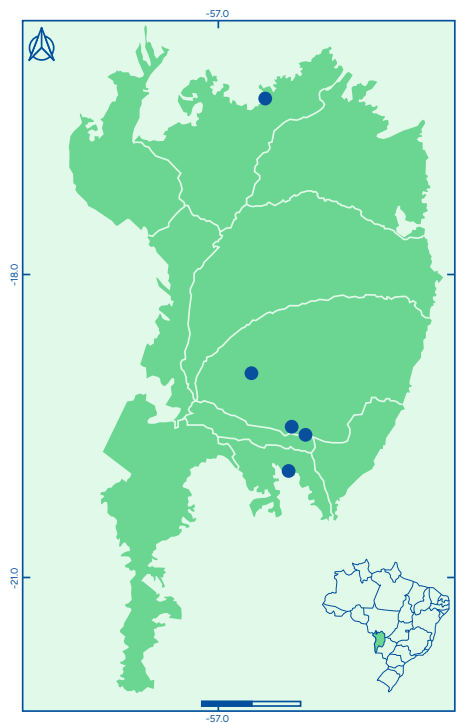
Macho adulto de caboclinho-do-sertão (*Sporophila nigrorufa*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Caboclinho

Copper Seedeater

Sporophila bouvreuil (Statius Muller, 1776)

Incomum no Pantanal (Machado & Silveira 2010) e ocorre em campos secos e inundados, brejos e bordas de baía (Gwynne *et al.* 2010). Após o período reprodutivo se associa a bandos migratórios com outras espécies de papa-capim (Cestari 2006b, Dornas *et al.* 2013). Se reproduz na Amazônia e logo após, se dispersa para o Cerrado e Caatinga, onde possivelmente se mistura às populações residentes nestes domínios fitogeográficos (Machado & Silveira 2010). Cintra & Yamashita (1990) relatam a ocorrência dessa espécie na porção norte do Pantanal, especialmente entre fevereiro e março. Migração: Rota norte da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



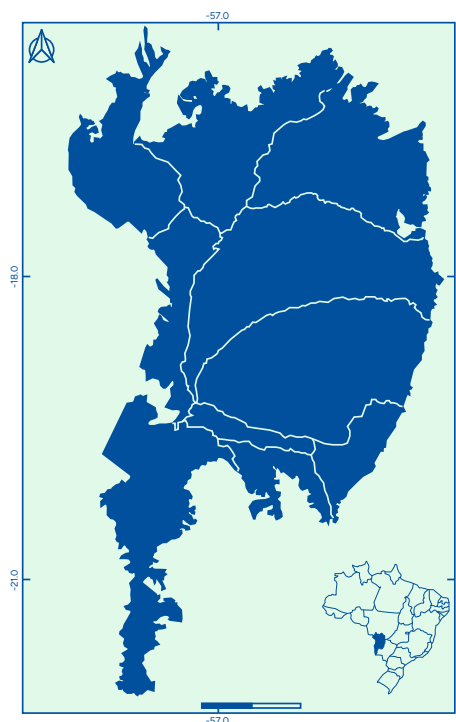
Macho adulto de caboclinho (*Sporophila bouvreuil*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Caboclinho-de-barriga-vermelha

Tawny-bellied Seedeater

Sporophila hypoxantha (Cabanis, 1851)

Relativamente comum e abundante em todo o Pantanal (Tubelis & Tomas 2003), ocorrendo em paisagens abertas como campos secos, campos inundados, beira de estradas, borda de baías, brejos e pastagens cultivadas (Gwynne *et al.* 2010). Realiza movimentos migratórios para o sul do Brasil em novembro para reproduzir. Retorna antes da chegada do frio (final de fevereiro a início de abril) às áreas de invernada, ainda não totalmente conhecidas, mas possivelmente situadas no Brasil Central, incluindo o Pantanal (Cestari 2006b, Areta 2012, Dornas *et al.* 2013, Franz & Fontana 2013, Franz *et al.* 2014). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (VU - ICMBio 2024).



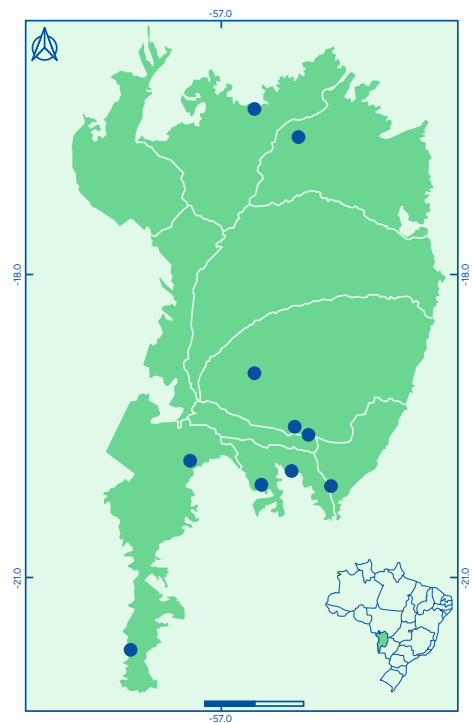
Macho adulto de caboclinho-de-barriga-vermelha (*Sporophila hypoxantha*). Foto: Simone Mamede.
Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Caboclinho-de-papo-escuro

Dark-throated Seedeater

Sporophila ruficollis (Cabanis, 1851)

Raro, com ocorrência pontual no Pantanal, Poconé, MT, bem como Corumbá, Aquidauana, Miranda e Porto Murtinho, todas no MS (Nunes 2011a). Aparece em campos secos, campos inundados, bordas de baías e brejos (Gwynne *et al.* 2010). A principal área de reprodução situa-se na região Entre Ríos, nos campos hidromórficos do Uruguai e Argentina (Areta 2012, Bencke & Dias 2014, Dornas *et al.* 2014). Durante o inverno no Hemisfério Sul, migra para Bolívia, bem como várias regiões do Brasil, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Goiás, Minas Gerais, Tocantins, Pará e as savanas da Amazônia, passando pelo Pantanal (Areta 2012, Dornas *et al.* 2013, Severo-Neto *et al.* 2015). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (NT - IUCN 2025), nacional (VU - ICMBio 2024).



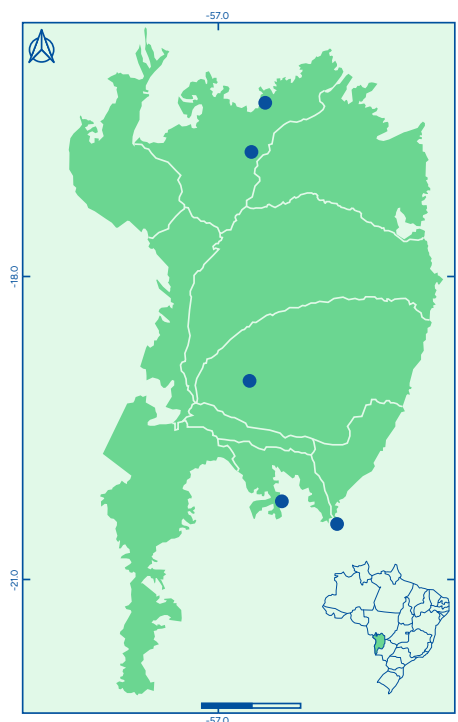
Adulto de caboclinho-de-papo-escuro (*Sporophila ruficollis*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Caboclinho-do-pantanal

Ibera Seedeater

Sporophila iberaensis (Di Giacomo & Kopuchian, 2016)

Espécie recém-descrita pela ciência, sendo considerada rara, com ocorrência pontual na planície do Pantanal, Poconé, MT, bem como Corumbá, Miranda, Aquidauana e Terenos, todas no MS (Nunes *et al.* 2021). Aparece em campos úmidos e inundados, com predominância de capim *Andropogon*. Ocorre principalmente nos Esteros de Iberá, parte do Paraguai (departamentos de Itapuã, Presidente Hayes e Cordilheira), onde se reproduz. Migra para o Brasil após o período reprodutivo. Desaparece dos Esteros de Iberá em outubro e março, seguindo rotas que os levam ao Pantanal e planaltos do entorno (Di Giacomo & Kopuchian 2016, Nunes *et al.* 2021). Migração: Rota Oeste. Status: global (EN - IUCN 2025), nacional (DD - ICMBio 2024).



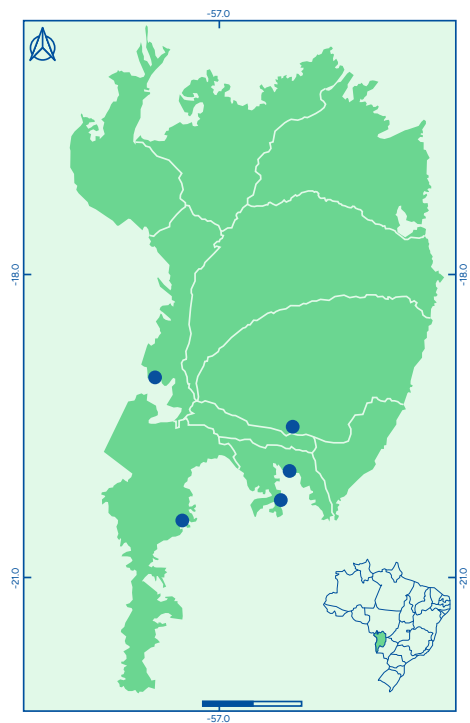
Macho adulto de caboclinho-do-pantanal (*Sporophila iberaensis*) macho. Foto: Augusto Potter. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Caboclinho-de-papo-branco

Marsh Seedeater

Sporophila palustris (Barrows, 1883)

Pouco comum no Pantanal (Nunes 2011a). Habita banhados com densa vegetação emergente e capinzais sobre solos úmidos, saturados ou com lâmina d'água de pouca profundidade (Gwynne *et al.* 2010). Se reproduz de maio a outubro no sul do Rio Grande do Sul e parte do Uruguai, Argentina e sul do Paraguai, no final da primavera e verão (Vizentin-Bugoni *et al.* 2013, Maurício *et al.* 2014). Após o período reprodutivo se desloca até as porções mais setentrionais do continente sul-americano como o Cerrado e Pantanal, chegando até o sul do Pará e norte de Tocantins, onde se reúne em grandes bandos mistos com outras espécies do gênero (Dornas *et al.* 2013). No Pantanal aparece em novembro (Cestari 2006b). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (EN - IUCN 2025), nacional (VU - ICMBio 2024).



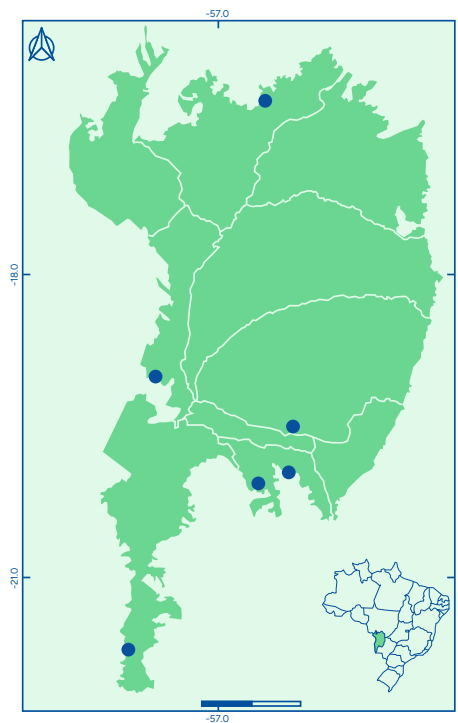
Macho adulto de caboclinho-de-papo-branco (*Sporophila palustris*). Foto: Maristela Benites. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Caboclinho-de-sobre-ferrugem

Rufous-rumped Seedeater

Sporophila hypochroma (Todd, 1915)

Rara e incomum no Pantanal, como na região do Rio Negro (Cestari 2006b). Habita campos limpos e campos sujos, nas proximidades de áreas úmidas ou banhados (Dornas *et al.* 2013). Se reproduz nos campos do oeste do Uruguai e nordeste da Argentina. Após o período reprodutivo empreende migrações em direção às áreas de invernada que incluem o centro-oeste da Bolívia até Rondônia, bem como parte do Sul, Sudeste e todo o Centro-Oeste do Brasil até o norte de Tocantins (Areta 2012, Dornas *et al.* 2013). Na planície do Pantanal aparece a partir de novembro, quando se junta a bandos mistos com outras espécies do gênero aproveitando-se da abundância de alimento proporcionado pela maturação das sementes do capim *Andropogon bicornis* (Cestari 2006b). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (NT - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



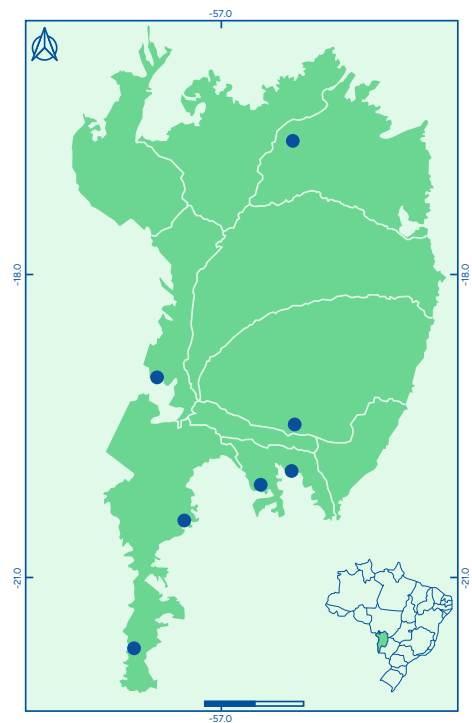
Macho adulto de caboclinho-de-sobre-ferrugem (*Sporophila hypochroma*). Foto: Fábio Olmos. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Caboclinho-de-chapéu-cinzento

Chestnut Seedeater

Sporophila cinnamomea (Lafresnaye, 1839)

Rara e de ocorrência pontual no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Habita campo cerrado, campos secos e inundáveis (Gwynne *et al.* 2010). Se reproduz nos campos do nordeste da Argentina, oeste e sudeste do Uruguai, sudeste do Paraguai e região dos Pampas no Brasil durante a primavera e verão (novembro a abril). Após o período reprodutivo, migra para o Cerrado do Centro-Oeste do Brasil onde passa o período de invernada (Rosoni *et al.* 2023). Possivelmente seus deslocamentos migratórios estejam em sincronia com o período de maturação das sementes de gramíneas ao longo de suas rotas (Krügel *et al.* 2013). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (VU - IUCN 2025), nacional (NT - ICMBio 2024).



Macho adulto de caboclinho-de-chapéu-cinzento (*Sporophila cinnamomea*). Foto: Maristela Benites. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

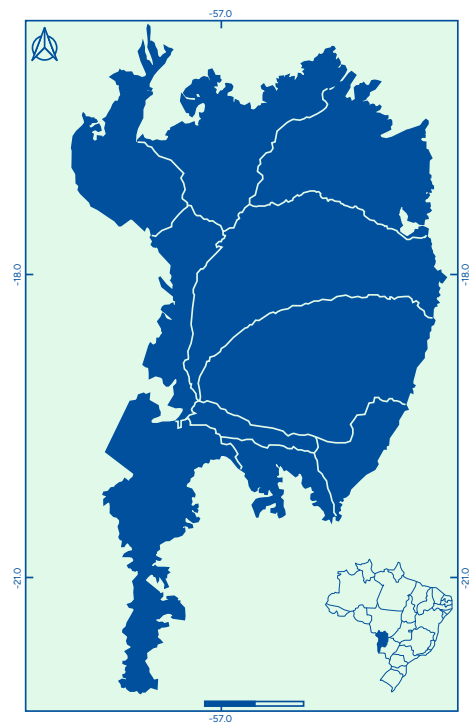
Thraupidae

Saí-canário

Orange-headed Tanager

Thlypopsis sordida (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Relativamente comum e de ampla distribuição no Pantanal. Ocorre em matas, cerradão, capoeiras e matas ciliares (Gwynne *et al.* 2010). Entre os meses de agosto e setembro podem ser avistados agrupamentos no Pantanal, tratando-se possivelmente de migrantes vindos do norte do Brasil, rumo ao sul do país (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota norte da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



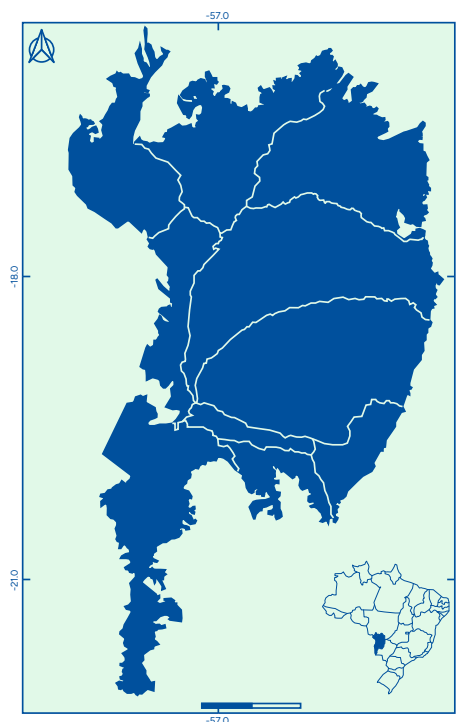
Adulto de saí-canário (*Thlypopsis sordida*). Foto: Gabriel Oliveira de Freitas. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Figuiinha-de-rabo-castanho

Chestnut-vented Conebill

Conirostrum speciosum (Temminck, 1824)

Relativamente comum e de ampla distribuição no Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em matas, cerrado, capoeiras e matas ciliares (Gwynne *et al.* 2010). Em determinadas regiões do Pantanal aparece em outubro, sugerindo deslocamento migratório. Em outras partes do Brasil também possui comportamento transitório. No sul do Brasil desaparece a partir de abril, retornando no final do ano. Um movimento amplo faria com que essas aves passassem pelo Pantanal durante seus deslocamentos migratórios (Antas & Palo Júnior 2004). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



Macho adulto de figuiinha-de-rabo-castanho (*Conirostrum speciosum*). Foto: Renato Sproesser. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

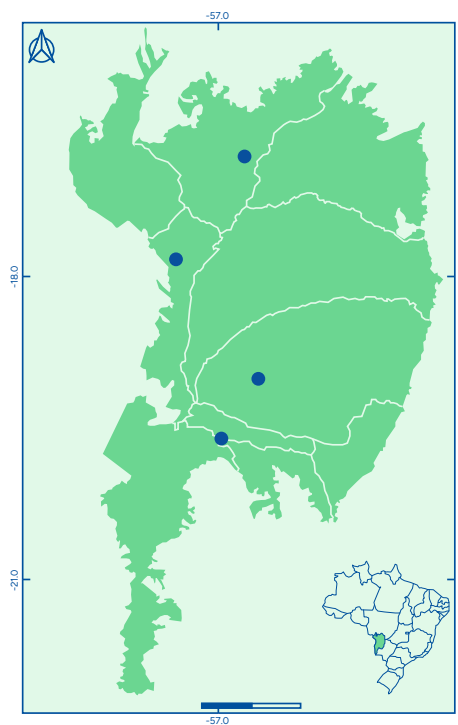
Thraupidae

Canário-rasteiro

Stripe-tailed Yellow-Finch

Sicalis citrina (Pelzeln, 1870)

Rara, com ocorrência pontual na planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Frequenta campos limpos, campos cerrados e cerrados ralos (Gwynne *et al.* 2010). Desaparece periodicamente em determinados locais, sugerindo deslocamentos migratórios ainda pouco compreendidos e estudados (Sigrist 2009). No Brasil, a maioria dos registros está concentrada no Sudeste, especialmente São Paulo e Minas Gerais. Em Poconé, MT aparece no inverno, possivelmente vindos do sul. Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



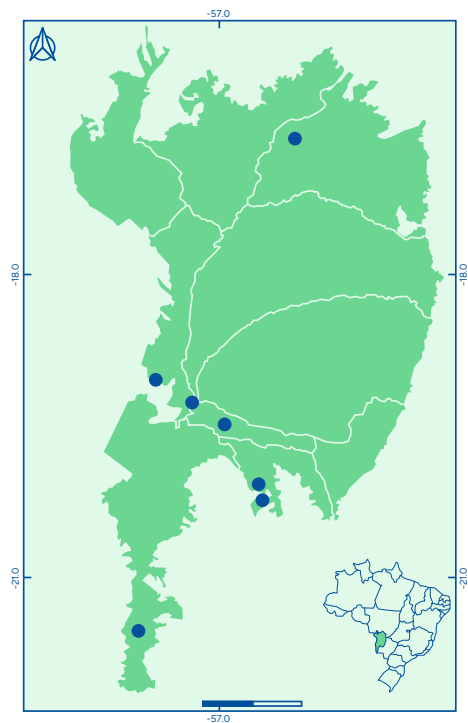
Macho adulto de canário-rasteiro (*Sicalis citrina*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.

Tipio

Grassland Yellow-Finch

Sicalis luteola (Sparrman, 1789)

Incomum, com ocorrência pontual na planície do Pantanal (Tubelis & Tomas 2003). Ocorre em grandes bandos em áreas abertas como campos secos, brejos e pastagens cultivadas (Gwynne *et al.* 2010). Se reproduz principalmente no norte da Argentina. A região Centro-Oeste é um dos principais sítios de invernada para essa espécie que aparece, sobretudo no mês de maio, onde permanece até outubro (Nunes & Tomas 2008). Na planície do Pantanal essa espécie chega a partir de abril em grandes bandos com centenas de indivíduos (Antas & Palo Júnior 2004). Em algumas regiões do Pantanal, como em Miranda, MS ocorre apenas na estação seca, abril a setembro (Ilha 2017). Migração: Rota sul da América do Sul. Status: global (LC - IUCN 2025), nacional (LC - ICMBio 2024).



Macho adulto de tipio (*Sicalis luteola*). Foto: Simone Mamede. Mapa: Luiz Alberto Pellegrin.



Conservação

A conservação de aves migratórias requer uma abordagem baseada no ciclo anual completo, uma vez que variações na sobrevivência e no sucesso populacional podem ser determinadas por condições enfrentadas em diferentes etapas da migração, incluindo o período reprodutivo, a preparação para o deslocamento, o trajeto migratório e a ocupação de sítios de parada (Gwinner 1990). Nesse sentido, a efetividade de ações de conservação em escala local está diretamente condicionada à manutenção de habitats-chave em níveis regional e internacional, especialmente para espécies altamente dependentes de sítios específicos de descanso e reabastecimento energético ao longo de suas rotas migratórias (Newton 2007). Inserido nesse contexto, o Pantanal destaca-se como uma área estratégica para populações migratórias, ao oferecer uma ampla diversidade de habitats aquáticos e campestres moldados pelo pulso de inundação sazonal, capazes de atender às necessidades dessas espécies ao longo do ciclo migratório.

Uma questão alarmante emerge ao reconhecer que 21 espécies migratórias ocorrentes no Pantanal se enquadram em alguma categoria de ameaça, seja em âmbito global segundo a *IUCN Red List of Threatened Species* (IUCN 2025), seja em âmbito nacional conforme a Portaria MMA nº 148, de 7 de junho de 2022 (Tabela 3). Dentre essas espécies, onze são consideradas globalmente ameaçadas (IUCN 2025). Nesse conjunto, predominam espécies classificadas como “Vulneráveis”, como batuiuçu-de-axila-preta (*Pluvialis squatarola*), os maçaricos *Limosa haemastica*, *Calidris fuscicollis*, *Calidris subruficollis* e *Tringa flavipes*, os tiranídeos *Alectrurus tricolor* e *Alectrurus risora*, além dos caboclinhos *Sporophila nigrorufa* e *Sporophila cinnamomea*. Em condição de maior risco, *Sporophila palustris* encontra-se classificada como “Em Perigo” e *Numenius borealis* como “ criticamente em Perigo” em âmbito global. Outras espécies migratórias associadas ao Pantanal apresentam classificação de risco menos severa, enquadrando-se na categoria “Quase Ameaçada”, o que reflete situações de declínio populacional ou vulnerabilidade que merecem atenção. Entre elas destacam-se o vira-pedras (*Arenaria interpres*), os maçaricos *Calidris canutus*, *C. himantopus*, *C. minutilla*, *C. pusilla* e *Tringa melanoleuca*, o papa-moscas-canela (*Polystictus pectoralis*) e os caboclinhos *Sporophila ruficollis*, *S. iberensis* e *S. hypochroma*.

Em âmbito nacional o maçarico-esquimó (*Numenius borealis*) encontra-se na condição mais crítica, sendo considerado “Regionalmente Extinto”, seguido pelo maçarico-rasteirinho (*Calidris pusilla*) que está na categoria “Em Perigo” de extinção. Ainda no contexto da avaliação nacional, oito espécies migratórias que utilizam ambientes do Pantanal são classificadas como “Vulneráveis”, entre elas *Numenius hudsonicus*, *Calidris canutus*, *Calidris subruficollis*, *Alectrurus tricolor*, *Sporophila nigrorufa*, *S. hypoxantha*, *S. ruficollis* e *S. palustris*. Ainda de acordo com a Portaria MMA nº 148, de 7 de junho de 2022, quatorze espécies e ou subespécies estão inclusas na categoria “Não Aplicável” devido à ocorrência marginal ao território nacional (ICMBio 2024). Nesses categoria enquadram-se *Spatula platalea*, *Mareca sibilatrix*, *Oxyura vittata*, *Calidris pugnax*, *Calidris bairdii*, *Calidris minutilla*, *Xema sabini*, *Leucophaeus pipixcan*, *Chlidonias niger*, *Serpophaga subcristata munda*, *Alectrurus risora*, *Knipolegus striaticeps*, *Knipolegus hudsoni* e *Asemospiza obscura*.

A maioria das espécies migratórias incluídas nas listas global e nacional de aves ameaçadas está relacionada a ambientes aquáticos, com destaque para baías e salinas, além de campos nativos. As salinas são habitats altamente produtivos, com alta diversidade de macroinvertebrados e desempenham papel fundamental na manutenção de populações de aves limícolas migratórias no Pantanal, especialmente as de origem setentrional. Intervenções humanas no entorno das salinas, como o desmatamento de cordilheiras e o sobrepastoreio, podem alterar a dinâmica hidrossedimentológica local e a concentração de sais, inclusive pelo incremento de sedimentos e matéria orgânica associados à presença de bovinos. Essas mudanças tendem a reduzir a produtividade e a qualidade do habitat para espécies limícolas migratórias (Nunes *et al.* 2013a).



Tabela 3. Espécies de aves migratórias ocorrentes no Pantanal, Brasil. **Rota:** ME (meridional), OE (oeste), DE (desconhecida), NAS (norte da América do Sul), SE (setentrional), LIT (litoral). **População:** MP (parcialmente migratória), MT (totalmente migratória). **Habitat:** RI (rio), PR (praia arenosa de rio), LA (salina, lagoa e baía), CO (corixo), CP (campo limpo natural não inundável), CI (campo limpo natural inundável), CS (campo sujo), CC (campo cerrado), CE (cerrado), FL (floresta semidecídua), MC (mata ciliar), AA (ambiente urbano). **Status:** Lc (menos preocupante), NT (quase ameaçada), CR (criticamente em perigo), VU (vulnerável), EN (em perigo), RE (regionalmente extinta), NA (não aplicável), DD (dados deficientes). **IPA** (índice pontual de abundância).

Família/Espécie	Nome comum	Migração			Habitat	Status		IPA
		Rota	Pop.			GL	BR	
<i>Pluvialis squatarola</i>	batuiraçu-de-axila-preta	SE	MT	CI		VU	LC	0,01
<i>Numenius borealis</i>	maçarico-esquimó	SE	MT	PR, LA, CI		CR	RE	0,01
<i>Numenius hudsonicus</i>	maçarico-de-bico-torto	SE	MT	PR, LA, CI		LC	VU	0,01
<i>Limosa haemastica</i>	maçarico-de-bico-virado	SE	MT	LA		VU	LC	0,05
<i>Arenaria interpres</i>	vira-pedras	SE	MT	LA, CI		NT	LC	0,01
<i>Calidris canutus</i>	maçarico-de-papo-vermelho	SE	MT	LA, CI		NT	VU	0,01
<i>Calidris himantopus</i>	maçarico-pernilongo	SE	MT	PR, LA, CI		NT	LC	0,06
<i>Calidris minutilla</i>	maçariquinho	SE	MT	LA, CI		NT	NA	0,01
<i>Calidris fuscicollis</i>	maçarico-de-sobre-branco	SE	MT	PR, LA, CI		VU	LC	0,11
<i>Calidris subruficollis</i>	maçarico-acanelado	SE	MT	PR, LA, CI		VU	VU	0,06
<i>Calidris pusilla</i>	maçarico-rasteirinho	SE	MT	LC, CI		NT	EN	0,01
<i>Tringa melanoleuca</i>	maçarico-grande-de-perna-amarela	SE	MT	PR, LA, CO, CI		NT	LC	0,12
<i>Tringa flavipes</i>	maçarico-de-perna-amarela	SE	MT	PR, LA, CO, CI		VU	LC	0,23
<i>Polystictus pectoralis</i>	papa-moscas-canela	ME	MP	CS, CE		NT	LC	0,06
<i>Alectrurus tricolor</i>	galito	OE	MP	CP, CS, CI		VU	VU	0,02
<i>Alectrurus risora</i>	tesoura-do-campo	OE	MT	CP, CS, CI		VU	LC	0,01
<i>Sporophila nigrorufa</i>	caboclinho-do-sertão	OE	MT	CP, CS, CI		VU	VU	0,03
<i>Sporophila hypoxantha</i>	caboclinho-de-barriga-vermelha	ME	MT	CP, CS, CI		LC	VU	0,16
<i>Sporophila ruficollis</i>	caboclinho-de-papo-escuro	ME	MT	CP, CS, CI		NT	VU	0,11
<i>Sporophila iberaensis</i>	caboclinho-do-pantanal	OE	MT	CP, CS, CI		NT	LC	0,03
<i>Sporophila palustris</i>	caboclinho-de-papo-branco	ME	MT	CP, CS, CI		EN	VU	0,05
<i>Sporophila hypochroma</i>	caboclinho-de-sobre-ferrugem	ME	MT	CP, CS, CI		NT	LC	0,03
<i>Sporophila cinnamomea</i>	caboclinho-de-chapéu-cinzento	ME	MT	CP, CS, CI		VU	LC	0,03



O Decreto No 9.080, de 16 de junho de 2017, promulga no Brasil a Convenção sobre a Conservação das Espécies Migratórias de Animais Silvestres, firmada em 23 de junho de 1979. Esse instrumento internacional tem como objetivo promover a manutenção de populações saudáveis de espécies migratórias ao longo de todo o seu ciclo anual, incluindo aves migratórias de ocorrência neotropical (ICMBio 2024). No entanto, sem a conservação efetiva dos sítios de invernada e de parada, as ações de conservação dessas espécies tornam-se limitadas ou ineficazes. Entre os grupos mais afetados por esse cenário estão as aves limícolas, cujas populações vêm apresentando acentuado declínio desde 1970 (Santos *et al.* 2022). Esse padrão está associado à elevada dependência de múltiplos sítios de parada ao longo das rotas migratórias; a indisponibilidade de apenas um desses locais, em decorrência de modificações no ambiente, pode comprometer a conclusão da migração, interrompendo seu ciclo de vida e resultando em perdas populacionais significativas. Adicionalmente, sítios de grande importância localizam-se em diferentes países, e estão sujeitos a contextos sociopolíticos, práticas de manejo e prioridades de conservação distintas, o que dificulta a implementação de estratégias integradas e efetivas de conservação (Valente *et al.* 2011, ICMBio 2024).

Projeções baseadas em modelos de Damasceno (2021) apontam para uma tendência de perda de habitat no Pantanal para várias espécies limícolas neárticas, como *Actitis macularia*, *Bartramia longicauda*, *Calidris bairdii*, *C. fuscicollis*, *C. himantopus*, *C. melanotos*, *Limosa haemastica*, *Phalaropus tricolor*, *Pluvialis dominica*, *Tringa flavipes*, *T. melanoleuca* e *T. solitaria*. Como consequência direta das mudanças climáticas, as populações migrantes da maioria dessas espécies tendem a apresentar reduções ao longo das próximas décadas, inclusive com potencial para extinções locais. A redução das populações e até mesmo a extinção local das limícolas neárticas no Pantanal poderá afetar a dinâmica de vários processos ecológicos, principalmente o fluxo de nutrientes entre os hemisférios Norte e Sul, além de influenciar a ecologia de agentes zoonóticos relevantes para a Saúde Única (Nunes *et al.* 2013a).

Os migrantes relacionados a habitats campestres nativos, como campos inundáveis, campos sujos e campos cerrados, somam 42 espécies no Pantanal, com destaque para os caboclinhos, do gênero *Sporophila*, representados por 12 espécies. A maioria dessas espécies encontra-se atualmente enquadrada em alguma categoria de ameaça de extinção em âmbito global e ou nacional, um cenário diretamente relacionado à elevada



sensibilidade do grupo às alterações ambientais. Nesse contexto, mudanças recentes no uso do solo, como a substituição de pastagens nativas por gramíneas exóticas cultivadas e o uso inadequado do fogo, têm contribuído de forma significativa para o declínio dessas populações (Dornas *et al.*, 2013). O maçarico-acanelado (*Calidris subruficollis*) também está associado a esse tipo de ambiente e destaca-se por ser um migrante neártico que ocorre exclusivamente em campos nativos de capim baixo, evidenciando a importância da conservação desses habitats para manutenção de populações migratórias (Isacch & Cardoni 2011).

O manejo tradicional do gado bovino promoveu poucas alterações nos padrões ecológicos da paisagem pantaneira, entretanto, a substituição dos modelos tradicionais de pecuária por sistemas de exploração intensiva, frequentemente associada ao desmatamento e à substituição da vegetação nativa por pastagens exóticas cultivadas, tem promovido drástica redução e alteração dos habitats naturais (Harris *et al.* 2005, Tomas *et al.* 2009, Eaton *et al.* 2011, Chiaravalloti *et al.* 2025). As fazendas de gado ocupam cerca de 90% da área do Pantanal (Chiaravalloti *et al.* 2025), abrigando um rebanho bovino estimado em aproximadamente 3,8 milhões de cabeças (Tomas *et al.* 2019). Dados disponíveis apontam que, nas últimas décadas, mais de 13% das paisagens naturais do Pantanal sofreram impactos decorrentes de intervenções humanas, incluindo o desmatamento e substituição de áreas florestadas por pastagens cultivadas (SOS Pantanal *et al.* 2009). Projeções feitas por Padovani (2017) indicam que, se os fatores condicionantes associados à conversão de paisagens naturais em pastagens cultivadas no período de 1976 a 2017 permanecerem, até 2050 o Pantanal poderá perder aproximadamente 30% de sua cobertura natural. Com o objetivo de aumentar a capacidade de suporte das áreas destinadas à pecuária, muitos proprietários têm optado pela substituição das pastagens nativas por espécies exóticas cultivadas (Santos *et al.* 2002, Eaton *et al.* 2011), uma prática que, embora funcional sob a ótica produtiva, acarreta implicações ecológicas relevantes para a conservação da biodiversidade e dos habitats utilizados por aves migratórias.

Além da simplificação da paisagem, esse tipo de intervenção resulta em alterações expressivas na abundância e na diversidade da avifauna de campos nativos (Tizianel 2008). O aumento do rebanho bovino nas fazendas pode intensificar a pressão sobre outros tipos de habitat naturais e unidades da paisagem aos quais o gado tem acesso, como matas ciliares, cerradões e florestas semidecíduas associadas (Tomas *et al.* 2009).

A implantação de extensas pastagens cultivadas tende a elevar a densidade do rebanho bovino, ampliando o potencial de impacto e degradação da estrutura dos habitats naturais remanescentes, com efeitos cumulativos sobre a integridade da paisagem e a biodiversidade associada (Tomas *et al.* 2009; Nunes *et al.* 2008b; Nunes 2009, 2015).

A abundância de água, no contexto do pulso de inundação, é a característica mais marcante do Pantanal, sendo também o principal referencial da percepção coletiva. Contudo, o relatório do MapBiomias (2025a) apontou que o Pantanal foi o bioma que apresentou menor superfície hídrica, com 366 mil hectares, o que corresponde a cerca de 2% de sua extensão territorial no Brasil. Também, é o bioma que mais perdeu superfície de água em relação à média histórica (1985-2024), com uma redução de 61%, permanecendo abaixo dessa média ao longo de todo o ano de 2024. Análises climáticas do período de 1979 a 2024 revelaram que, do ponto de vista climático, o Pantanal é o bioma brasileiro mais vulnerável, registrando o declínio mais acentuado de chuva (-10,45 mm por década) e um forte aquecimento (+0,51 °C por década) (Rozante *et al.* 2025). Enquanto no Brasil, como um todo, a temperatura tem aumentado a uma taxa média de 0,29 °C/década, no Pantanal essa taxa sobe em 0,47 °C/década, valor significativamente superior ao de outros biomas (MapBiomias 2025b). Esta tendência climática progressivamente mais quente e seca impacta diretamente processos sociais e ecológicos sensíveis, como o fenômeno migratório das aves, que depende fundamentalmente da previsibilidade e regularidade dos ciclos hidrológicos.



Os incêndios descontrolados ocorridos nos últimos anos no Pantanal configuram um dos eventos ambientais mais severos já registrados na região, resultando na destruição de quase 30% da cobertura vegetal da planície, dos quais mais de 4% corresponderam a áreas inseridas em unidades de conservação. Estima-se que aproximadamente quatro milhões de hectares de florestas, formações de cerrado e campos tenham sido afetados (Libonati *et al.* 2020), além da mortalidade direta de mais de 17 milhões de vertebrados (Tomas *et al.* 2021). Para além dessas perdas imediatas, incêndios de grande magnitude geram alterações profundas e duradouras na estrutura da vegetação e na funcionalidade dos habitats, com efeitos indiretos relevantes sobre a fauna associada. A degradação de campos, áreas úmidas rasas e faixas de vegetação reduz a disponibilidade de abrigo, áreas de descanso e recursos alimentares, comprometendo a qualidade de sítios de parada tradicionalmente utilizados por aves migratórias ao longo de seu ciclo anual (Libonati *et al.* 2022, Corral Anjos 2022). Considerando que muitas espécies dependem de uma rede de locais para reabastecimento energético durante a migração, a perda ou alteração persistente desses ambientes pode elevar o custo energético do deslocamento, reduzir a condição corporal dos indivíduos e afetar a sobrevivência, com efeitos cumulativos em escala populacional (Tomas *et al.* 2021). Ademais, estudos indicam que os incêndios extremos de 2020 estiveram associados à ocorrência simultânea de secas severas e ondas de calor, o que aumentou a extensão, a intensidade e a severidade das queimadas, potencializando seus impactos ecológicos e dificultando a recuperação dos habitats afetados (Schuchmann *et al.* 2024). Nesse contexto, a degradação recorrente de sítios-chave de parada no Pantanal representa um fator adicional de risco à conectividade migratória e à persistência de populações de aves migratórias em escala regional e hemisférica.

Grandes obras de infraestrutura também são ameaças vigentes e de significativo impacto aos animais migrantes. As Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) alteram significativamente o regime hidrológico dos rios, bloqueiam a migração de peixes, retêm sedimentos e nutrientes e reduzem a disponibilidade de habitat para várias espécies de aves migrantes, sobretudo as dependentes de ambientes úmidos, como as aquáticas e limícolas. O efeito cumulativo de múltiplas barragens compromete a conectividade hídrica e a biodiversidade geral (Alho *et al.* 2019).

Objetivando melhorar a navegabilidade e a infraestrutura e, assim, viabilizando o transporte de *commodities* em comboios de barcas (reboques) durante todo o ano, o projeto da Hidrovia Paraguai-Paraná (HPP) se estende desde o alto curso do rio Paraguai em Cáceres (Brasil), seguindo pelo rio Paraná, até o rio da Prata no Uruguai e na Argentina. Seu objetivo é viabilizar o escoamento de soja e outros produtos agrícolas produzidos no Brasil, Paraguai e Bolívia para portos marítimos destinados à exportação para a América do Norte, Europa e Ásia (Wantzen *et al.* 2024). O aprofundamento do leito do rio resultaria em níveis de água mais baixos e na redução do ecossistema de planície de inundação. Modelos baseados em imagens de satélite mostram que os níveis mais baixos do rio Paraguai reduziriam a extensão e a duração da inundação da planície de inundação (Hamilton 2002, Wantzen *et al.* 2024). A redução da extensão e duração das inundações no Pantanal vai alterar e reduzir drasticamente a quantidade e a qualidade dos sítios de invernada para as espécies migratórias, especialmente aquelas dependentes de ambientes aquáticos. A pluviosidade afeta significativamente a abundância e a composição quantitativa e qualitativa da comunidade de aves aquáticas, principalmente as piscívoras, sugerindo que essas aves podem ser afetadas por variações climáticas e alterações nos pulsos de inundação no Pantanal (Oliveira 2006).

A expectativa econômica de ligar os oceanos Atlântico e Pacífico por meio de corredores logísticos e de infraestrutura na América do Sul, tal como a Rota Bioceânica de Capricórnio que atravessa o Pantanal em Mato Grosso do Sul, tem acelerado não apenas as obras de logística, mas também a conversão de habitat em áreas de produção de *commodities* com vistas ao mercado asiático. Esse processo, sem planejamento em

sustentabilidade, tende a gerar pressões diretas e indiretas sobre o Pantanal com consequências graves, incluindo fragmentação de habitats, perda de conectividade ecológica, poluição, contaminação, colisão com a fauna, dentre outras transformações drásticas que resultam na perda de qualidade de vida de toda a biodiversidade, na qual se inclui a espécie humana (Mamede *et al.* 2019).

Nesse contexto, estratégias de conservação que conciliem a proteção da biodiversidade com a valorização socioeconômica do território assumem papel central para a manutenção dos habitats utilizados por aves migratórias no Pantanal. Como o funcionamento desse sistema depende da integração entre áreas produtivas, zonas de transição e ambientes naturais, abordagens baseadas na conservação em escala de paisagem mostram-se particularmente adequadas em um ambiente dinâmico como o Pantanal. A partir dessa perspectiva, iniciativas como o ecoturismo de natureza, com destaque para a observação de aves, e mecanismos econômicos associados a serviços ecossistêmicos, incluindo projetos de crédito de carbono e pagamentos por serviços ambientais, podem contribuir para a conservação de áreas úmidas e campos nativos, ao mesmo tempo em que fortalecem economias locais. Ao favorecer a manutenção desses ambientes, tais estratégias também reforçam processos ecológicos essenciais sob a ótica da Saúde Única, como a regulação hidrológica, o fluxo de nutrientes e o equilíbrio entre fauna silvestre, animais domésticos e populações humanas. Nesse encadernamento, o envolvimento das comunidades tradicionais pantaneiras emerge como elemento-chave, uma vez que seus modos de vida e práticas de manejo historicamente contribuíram para a integridade da paisagem, fortalecendo modelos de conservação participativa e ampliando a sustentabilidade das ações em longo prazo.



A análise das espécies migratórias associadas ao Pantanal evidencia que a conservação desse bioma não pode ser dissociada da manutenção de seus processos ecológicos fundamentais, em especial aqueles relacionados à dinâmica hidrológica e à integridade dos habitats utilizados ao longo do ciclo migratório. Alterações na estrutura da paisagem, na frequência e intensidade de distúrbios e na conectividade entre áreas úmidas e campos nativos afetam diretamente a funcionalidade do Pantanal como área de invernada e sítio de parada, com repercussões que ultrapassam a escala local. Nesse sentido, a persistência das populações migratórias depende menos de ações pontuais e mais da capacidade de preservar a continuidade espacial e temporal dos ambientes que sustentam a migração. Reconhecer o Pantanal como um componente estratégico das rotas migratórias continentais implica adotar abordagens de conservação integradas, capazes de conciliar usos produtivos, gestão de distúrbios e proteção de habitats críticos, assegurando a permanência desse sistema como suporte essencial à migração de aves em escala hemisférica.

Além do valor intrínseco da biodiversidade que assegura, em termos civilizatórios, a existência das espécies em seu habitat natural enquanto patrimônio ambiental, assume-se que é possível haver no âmbito da sociedade contemporânea formas de uso sustentável da fauna. Uma das alternativas é o turismo de observação de vida silvestre, no qual se inscreve o turismo de observação de aves. Esta atividade propõe-se a conciliar a conservação da biodiversidade com a geração de benefícios socioeconômicos para as populações locais e melhoria na gestão territorial (Mamede *et al.* 2019). Aves migratórias estão entre os principais atrativos desse tipo de turismo, que, por ser de baixo impacto e não massificado, promove a valorização da sociobiodiversidade.





Referências Bibliográficas

- Ab'Saber, A. 1983. O domínio dos cerrados: introdução ao conhecimento. *Revista do Serv. Público, Brasília*, 111: 41-55.
- Adámoli, J. 1982. O Pantanal e suas relações fitogeográficas com os cerrados. Discussão sobre o conceito de "Complexo do Pantanal". P. 109-119. *In: Anais 32º Congresso Nacional de Botânica*, Teresina. Teresina, Universidade Federal do Piauí.
- Airola, D. A.; Estep, J. A.; Krolick, D. R.; Anderson, R. L. & Peters, J. R. 2010. Wintering areas and migration characteristics of the Swainson's Hawks that breed in the Central Valley of California. *Journal of Raptor Research*, 53(3): 237-252.
- Alerstan, T.; Hedenström, A. & Åkesson, S. 2003. Long-distance migration: evolution and determinants. *Oikos*, 103 (2): 247-260.
- Alho, C. J. R. 2008. Biodiversity of the Pantanal: response to seasonal flooding regime and to environmental degradation. *Brazilian Journal of Biology*, 68(4): 957-966.
- Alho, C. J., Mamede, S. B., Benites, M., Andrade, B. S. & Sepúlveda, J. J. 2019. Ameaças à biodiversidade do Pantanal Brasileiro pelo uso e ocupação da terra. *Ambiente & Sociedade*, 22, e01891.
- Almeida, J. B. 2009. *Wintering ecology of Buff-breasted Sandpipers (Tryngites subruficollis) in Southern Brazil*. Tese de Doutorado. Reno, University of Nevada.
- Almeida, T. I. R.; Sígolo, J. B.; Fernandes, E.; Queiroz Neto, J. P.; Barbiero, L. & Sakamoto, A. Y. 2003. Proposta de classificação e gênese das lagoas da Baixa Nhecolândia – MS com base em sensoriamento remoto e dados de campo. *Revista Brasileira de Geociências*, 33(2): 83-90.
- Alvarenga, S. M.; Brasil, A. E.; Pinheiro, R. & Kux, H. J. H. 1984. Estudo geomorfológico aplicado à Bacia do alto Rio Paraguai e Pantanaís Matogrossenses. *Boletim Técnico Projeto RADAM/BRASIL, série Geomorfologia*, 187: 89-183.
- Alves, M. A. S. 2007. Sistemas de migração de aves em ambientes terrestres no Brasil: exemplos, lacunas e propostas para o avanço do conhecimento. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 15(2): 231-238.
- Andrade, M. A. 1997. *A vida das aves: introdução à biologia e conservação*. Belo Horizonte, Fundação Acangáú.
- Anjos, A. C. 2022. *Efeito do fogo sobre a diversidade funcional de aves do ecótono Cerrado-Pantanal*. Dissertação de Mestrado. Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- Antas, P. T. Z. 1983. Migration of nearctic shorebirds (Charadriidae and Scolopacidae) in Brazil: flyways and their different seasonal use. *Wader study Group Bulletin*, 39(1): 52-56.
- Antas, P. T. Z. 1986. Migração de aves no Brasil. p. 153-187. *In: Anais do II Encontro Nacional de Anilhadores de Aves*. Rio de Janeiro, Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Antas, P. T. Z. 1994. Migration and other movements among the lower Paraná River valley wetlands, Argentina, and the south Brazil/Pantanal wetlands. *Bird Conservation International*, 4(2): 181-190.

Antas, P. T. Z.; Yamashita, C.; Valle, M. P. 1986. First Record of the Purple Martin (*Progne subis*) in the Mato Grosso State, Brazil. *Journal Field Ornithology*, 57: 171-172.

Antas, P. T. Z.; Nascimento, I. L. S.; Filippini, A. 1993. Censos aéreos e terrestres de tuiuiús *Jabiru mycteria* no Pantanal de Mato Grosso do Sul. p.36. In: Anais 3º Congresso Brasileiro de Ornitologia. Pelotas, Universidade Católica de Pelotas.

Antas, P. T. Z. & Nascimento, I. L. S. 1996. *Sob os céus do Pantanal: biologia e conservação do tuiuiú Jabiru mycteria*. São Paulo, Empresa das Artes.

Antas, P. T. Z. & Palo Júnior, H. 2004. *Guia de aves: espécies da reserva particular do patrimônio natural do SESC Pantanal*. 1ª. ed. Rio de Janeiro, SESC Departamento Nacional.

Antas, P. T. Z.; Carrara, L. A.; Ubaid, F. K.; Oliveira Júnior, S. B.; Ferreira, L. P. 2016. *Aves coloniais da Reserva Particular do Patrimônio Natural Sesc Pantanal*. Rio de Janeiro, Sesc, Departamento Nacional.

Areta, J. I. 2012. Winter songs reveal geographic origin of three migratory seedeaters (*Sporophila* spp.) in southern neotropical grasslands. *The Wilson Journal of Ornithology*, 124(4): 688-697.

Azevedo Júnior, S. M.; Dias, M. M.; Larrazábal, M.; Telino Júnior., W. R.; Lyra-neves, R. M.; Fernandes, C. J. G. 2001a. Recapturas e recuperações de aves migratórias no litoral de Pernambuco, Brasil. *Ararajuba*, 9(1): 33-42.

Azevedo Júnior., S. M.; Dias, M. M.; Larrazábal, M. E. 2001b. Plumagens e mudas de Charadriiformes (Aves) no litoral de Pernambuco, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 18(3): 657-672.

Azevedo, M. A. G.; Piacentini, V. Q.; Ghizoni-Jr, I. R.; Albuquerque, J. L. B.; Silva, E. S.; Joenck, C. M.; Mendonça-Lima, A. & Zilio, F. 2006. Biologia do gavião-bombachinha, *Harpagus diodon*, no estado de Santa Catarina, sul do Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 14(4): 351-357.

Azócar, M. I. & Pinto, C. 2014. La Tenca de las Asas Blancas (*Mimus triurus*) en Chile. *Boletín Chileno de Ornitología*, 20(1-2): 44-47.

Barbieri, E. & Pinna, F. V. 2005. Distribuição da batuira (*Charadrius collaris*) durante o período de 1999 a 2001 na praia da Ilha Comprida. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 13(2): 161-167.

Barbieri, E. 2007. Variação sazonal e abundância de *Rynchops niger* no estuário de Cananéia-Iguape-Ilha Comprida, São Paulo. *Biota Neotropical*, 7(2): 21-26.

Bates, J. M. 1997. Distribution and geographic variation in three South american grassquits (Emberizidae, *Tiaris*). *Ornithological Monographs*, 48: 91-110.

Bazzo, J. C.; Freitas, D. A. F.; Silva, M. L. N.; Cardoso, E. L. & Santos, S. A. 2012. Aspectos geofísicos e ambientais do Pantanal da Nhecolândia. *Revista de Geografia (UFPE)*, 29(1): 141-161.

Bencke, G. A. & Dias, R. A. 2014. *Sporophila ruficollis*. p. 94-97. In: Serafini, P. P. (Org.). *Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho. Série Espécies Ameaçadas, 31*. Brasília-DF, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

Benites, M.; Mamede, S.; Carvalho, G. & Alho-Jr., C. 2017. Assessment of avian occurrence in the Brazilian chaco. *International Journal of Avian & Wildlife Biology*, 2(4): 99-113.

Benites, M.; Mamede, S. 2021. Avifauna do Chaco de Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul, Brasil: implicações à conservação. In: Sartori, A.L.B.; Souza, P.R.; Arruda, R.C.O. *Chaco: caracterização, riqueza, diversidade, recursos e interações*. Campo Grande, Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Berthold, P. 2002. Bird Migration: A General Survey, 2nd Edition. *Auk*, 119(3): 874-875.

Blanco, D.; Fletcher, A.; Lesterhuis, A. & Petracci, P. 2020. *Corredor de aves migratorias del sistema Paraguay-Paraná*. Buenos Aires, Argentina, Programa Corredor Azul/Fundación Humedales/Wetlands International.

Bencke, G. A. & Dias, R. A. 2014. *Sporophila ruficollis*. p. 94-97. In: Serafini, P. P. (Org.). *Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho. Série Espécies Ameaçadas, 31*. Brasília-DF, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

Bodrati, A. 2004. Aportes al conocimiento de la distribución, abundancia y habitat del Piojito Picudo (*Inezia inornata*) en la región chaqueña. *Revista Nuestras Aves*, 48: 10-11.

Boere, G. C. & Stroud, D. A. 2006. The flyway concept: what is it and what it isn't. p. 40-47. In: Boere, G. C.; Galbraith, C. A.; Stroud, D. A. (Ed.). *Waterbirds around the world*. Edinburgh, The Stationery Office.

Boggiani, P. C.; Coimbra, A. M.; Riccomini, C. & Gesicki, A. L. D. 1998. Recursos minerais não-metálicos do Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Revista do Instituto de Geologia*, 19(1/2): 31-41.

Bordignon, L.; Moreira, D.; Chupel, T. F. & Brazão, C. M. S. C. 2007. Ilhas vegetacionais no Pantanal Matogrossense: um teste da Teoria de Biogeografia de Ilhas. *Revista Brasileira de Biociências*, 5(1): 387-389.

Bostwick, K. S. 2004. Subtropical Doradito *Pseudocolaptes acutipennis*. p. 289. In: del Hoyo, J.; Elliott, A.; Christie, D. A. (Ed.). *Handbook of the birds of the world*. Barcelona, Lynx Edicions.

Brandão, L.C.; Antas, P.T.Z.; Oliveira, L.F.B.; Pádua, M.T.J.; Pereira, N.C. & Valutky, W.W. 2011. *Plano de Manejo da Reserva Particular de Patrimônio Natural do SESC Pantanal*. Rio de Janeiro, SESC Departamento Nacional.

Canevari, P.; Castro, G.; Sallaberry, M. & Naranjo, L. G. 2001. *Guía de los chorlos y playeros de la región neotropical*. Colômba, American Bird Conservancy/WWF-US/Humedales para las Américas y Manomet Conservation/Science/Asociación Calidris.

Capllonch, P. 2007. Migrações de espécies de Tyrannidae da Argentina: Parte 1. *Acta Zoológica Lilloana*, 51(2): 151-160.

Capllonch, P. 2020. As temperaturas mínimas como modeladores de los patrones migratonios en un caso de estudio: *Spinus magellanicus tucumana*. *Historia Natural*, 10(2): 81-94.

Capllonch, P. & Allende, R. L. 2005. Contribución al conocimiento de la migración de tres especies de *Elaenia* de Argentina. *Ornitología Neotropical*, 16: 145-161.

Capllonch, P.; Ortiz, D.; Soria, K. 2008. Migración del Zorzal común *Turdus amaurochalinus* (Turdidae) en Argentina. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 16(1): 12-22.

Capllonch, P.; Ortiz, D. & Soria, K. 2009. Migraciones de especies de Tyrannidae de la Argentina: Parte 2. *Acta Zoológica Lilloana*, 53(1-2): 77-97.

Capllonch, P. & Zelaya, P. 2006. Sobre la Distribucion y Migracion de la Mosqueta Parda (*Lathrotriccus euleri argentinus*) En Sudamerica. *Ornitología Neotropical*, 17(4): 501-513.

Capllonch, P. & Wagner, E. M. 2009. *Vireo olivaceus chivi* y *V. o. diversus* (Vireonidae): distribución y migración. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 17(3/4): 204-209.

Carbonell, M.; Kriese, K. & Alexander, K. 2007. *Anátidas de la región Neotropical/Waterfowl of the Neotropical Region*. Memphis, Ducks Unlimited Inc.

Caverzere, V.; Del-Rio, G. C.; Shunck, F.; Piacentini, V. Q.; Rêgo, M. A.; Somenzari, M.; Silveira, L. F.; 2015. Wintering *Sporophila* seedeaters in an Amazonian-Cerrado ecotone in Central Brazil. *Cotinga*, 37: 57-58.

Careau, V.; Therrien, J-F.; Porras, P.; Thomas, D. & Bildstein, K. 2006. Soaring and gliding flight of migrating Broad-winged Hawks: behavior in the Neartic and Neotropics compared. *Wilson Journal of Ornithology*, 118 (4): 471-477.

Castro, C. & Myers, J. P. 1987. Ecología y conservación del playero blanco (*Calidris alba*) en el Peru. *Boletín Lima*, 52: 47-61.

CEMAVE – Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres. 2000. 100 anos do anilhamento no mundo: por que anilhar aves? *O Migrante*, 1(2): 1-16.

Cestari, C. 2006a. Primeiro registro documentado de *Alectrurus tricolor* para o Pantanal, Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 14(2): 155-156.

Cestari, C. 2006b. Novos registros de aves do gênero *Sporophila* para o Pantanal. *Atualidades Ornitológicas*, 129: 7.

Cestari, C. 2011. Fazenda Rio Negro, Pantanal. p. 205-209. In: Valente, R. M.; Silva, J. M. C.; Straube, F. C. & Nascimento, J. L. X. (Ed.). *Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil*. Belém, Conservação Internacional.

Chesser, R. T. Migration in South America, an overview of the austral system. *Bird Conservation International*, v. 4, p. 91-107, 1994.

Chiaravalloti, R. M.; Tomas, W. M.; Leimgruber, P. & Giordano, A. J. 2025. Conservation Science and Practice in the Pantanal: From crisis to hope. *Conservation Science and Practice*, 7:e70107. DOI: 10.1111/csp2.70107.

Cintra, R. 2011. Pantanal de Poconé. p.193-198. In: Valente, R. M.; Silva, J. M. C.; Straube, F. C. & Nascimento, J. L. X. (Ed.). *Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil*. Belém, Conservação Internacional.

Cintra, R. & Yamashita, C. 1990. Habitats, abundância e ocorrência de aves do Pantanal de Poconé, Mato Grosso, Brasil. *Papéis Avulsos de Zoologia*, 37(1): 1-21.

CMS - Convention on Migratory Species. 2014. Appendix I and II of the Convention on the Conservation of Migratory Species of Wild Animals. Disponível em: < <http://www.cms.int/en/page/appendix-i-ii-cms>>. Acesso em: 10 de fevereiro 2014.

Cockle, K. L.; Villalba, O.; Fariña, Bodrati, A.; Pagano, P. G.; Stein, E. D. & Noris, A. R. 2023. Non-breeding ecology of a Neotropical-Nearctic migrant, the Common Nighthawk (*Chordeiles minor*): habitat, activity patterns, molt, and migration. *Field Ornithology*, 94(3): 8. doi.org/10.5751/JFO-00293-940308.

Curson, J.; Quinn, D. & Beadle, D. 1994. *Warblers of the Americas: an identification guide*. Boston, Houghton Mifflin Company.

Cueto V. R. & Jahn A. E. 2008. Sobre la necesidad de tener un nombre estandarizado para las aves que migran dentro de América del Sur. *Hornero*, 23: 1–4.

Cueto, V. R.; Sagario, M. C. & Lopez de Casenave, J. 2016. Do migrating White-crested Elaenia (*Elaenia albiceps chilensis*) use stopover sites en route to their breeding areas? Evidence from the central Monte desert, Argentina. *Emu*, 116(3): 301-304.

Damasceno, G. A.; Bezerra, M. A. O.; Bortolotto, I. M. & Pott, A. 1999. Aspectos florísticos e fitofisionômicos dos capões do Pantanal do Abobral. p. 203-214. In: Anais 2º. Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócioeconômicos do Pantanal. Corumbá: Embrapa Pantanal.

Damasceno Júnior, G. A.; Nakajima, J. N. & Rezende, U. M. 2000. Levantamento florístico das cabeceiras dos rios Negro, Aquidauana, Taquari e Miranda no Pantanal, Mato Grosso do Sul, Brasil, p. 152-162. In: Willink, P. W.; Chernoff, B.; Alonso, L. E.; Montambault, J. R. & Lourival, R. (Eds.). *Uma avaliação biológica dos ecossistemas aquáticos do Pantanal, Mato Grosso do Sul, Brasil. RAP Boletim de Avaliação Biológica 18*. Washington, Conservation International.

Damasceno, J. P. T. 2021. *Conservação de aves limícolas no brasil: padrões de distribuição e riqueza no presente e no futuro*. Tese de Doutorado. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Davenport, L. C.; Bazán, I. N. & Erazo, N. C. 2012. East with the Night: Longitudinal Migration of the Orinoco Goose (*Neochen jubata*) between Manú National Park, Peru and the Llanos de Moxos, Bolivia. *Plos One*, 7(10): 1-6.

Davis, S. D.; Heywood, V. H.; Herrera-MacBryde, O.; Villa-Lobos, J. & Hamilton, A. C. 1997. *Centres of plant diversity: a guide and strategy for their conservation*. Oxford, Information Press.

D'Angelo Neto, S. & Vasconcelos, M. F. 2007. Distribuição geográfica de duas populações migratórias de bigodinho, *Sporophila lineola* (Linnaeus, 1758), em Minas Gerais, Brasil. *Ornithologia*, 2(1): 25-27.

Del Barco, O. D. & Beltzer, A. H. 2002. Dieta de *Pardirallus maculatus* (Aves: Ral- lidae) en el Paraná medio (Santa Fé, Argentina). *Revista FAVE, Ciências Veterinarias*, 1(2): 51-58.

Del Lama, S. N.; Avelar, L. H. S. & Nascimento, J. L. X. 2015. Post-breeding movements of Wood Stork in Brazil and Argentina. *Journal of Field Ornithology*, 86(4): 283-287.

Dias, R. A.; Agne, C. E.; Gianuca, D.; Gianuca, A.; Barcellos-Silveira, A. & Bugoni, L. 2010. New records, distribution and status of six seabird species in Brazil. *Iheringia. Série Zoologia*, 100(4): 379-390.

Di Giacomo, A. S.; Di Giacomo, A. G. & Contreras, J. R. 2005. Status and conservation of the Bobolink (*Dolichonyx oryzivorus*) in Argentina. p. 519-524. In: Ralph, C. J. & Terrel, D. (Ed.). *Bird Conservation Implementation and Integration in the Americas: Proceedings of the Third International Partners in Flight Conference. 2002*. Asilomar, California, Gen. Tech. Rep. PSW-GTR-191/Dept. of Agriculture, Forest Service, Pacific Southwest Research Station.

Di Giacomo, A. S. & Kopuchian, C. 2016. Uma nueva especie de capuchino (*Sporophila*: Thraupidae) de los Esteros del Iberá, Corrientes, Argentina. *Nuestras Aves*, 61: 3-5.

Diniz, F. C.; Wolfe, J. D.; Anciães, M. & Stouffer, P. C. 2014. New record of the Connecticut Warbler (*Oporornis agilis*) in central Amazonian Brazil. *Cotinga*, 36: 127-128.

Dodge, S.; Bohrer, G.; Bildstein, K.; Davidson, S. C.; Weinzierl, R.; Bechard, M. J.; Barber, D.; Kavs, R.; Brandes, D.; Wei Han, J. & Wikelski, M. 2014. Environmental drivers of variability in the movement ecology of turkey vultures (*Cathartes aura*) in North and South America. *Philosophical Transaction of the Royal Society*, 369: 20130195. <http://dx.doi.org/10.1098/rstb.2013.0195>.

Donatelli, R. 2005. Birds and dynamics habitat mosaics in the Pantanal. p. 50-69. In: Chandler, M.; Wang, E. & Johansson, P. (Eds.). The Pantanal conservation research initiative. Annual report. Boston, Earthwatch Institute.

Donatelli, R. J.; Posso, S. R. & Toledo, M. C. B. 2014. Distribution, composition and seasonality of aquatic birds in the Nhecolândia sub-region of South Pantanal, Brazil. *Brazilian Journal of Biology*, 74(4): 844-853.

Donatelli, R. J.; Vianna, R.; Martins, R. M.; Whitacker, R.; Eaton, D. P.; Cardoso, G. S. & Rodrigues, F. G. 2017. Temporal and spatial variation of richness and abundance of the community of birds in the Pantanal wetlands of Nhecolândia (Mato Grosso do Sul, Brazil). *Revista de Biologia Tropical*, 65(4): 1358-2017.

Dornas, T.; Pacheco, J. F. & Olmos, F. 2013. Ocorrência de caboclinhos austrais (Emberizidae, *Sporophila* sp.) no Cerrado norte, Brasil: extensão da distribuição geográfica e implicações para conservação. *Atualidades Ornitológicas*, 176: 58-63.

Eaton, D. P.; Santos, S. A.; Santos, M. C. A.; Lima, J. V. B. & Keuroghlian, A. 2011. Rotational grazing of native pasturelands in the Pantanal: an effective conservation tool. *Tropical Conservation Science*, 4(1): 29-52.

Endo, W.; Hugaasen, T. & Peres, C. A. 2014. Seasonal abundance and breeding habitat occupancy of Orinoco Goose (*Neochen jubata*) in western Brazilian Amazonia. *Bird Conservation International*, 24(4): 518-529.

Eisenmann, E. 1959. South American migrant swallows of the genus *Progne* in Panama and northern South America, with comments on their identification and molt. *Auk*, 76: 528-532.

Farias, F. B. 2016. Primeiro registro de alegrinho-trinador (*Serpophaga griseicapilla*) e gaivota-de-franklin (*Leucophaeus pipixcan*) em Santa Catarina, Sul do Brasil. *Ornithologia*, 9(2): 110-113.

Faxina, C.; Fischer, E. & Benites, M. 2010. O rei-do-bosque vai além do Pantanal: registros de *Pheucticus aureoventris* (Cardinalidae) na bacia do Paraná. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 18(4): 349-351.

Fedrizzi, C. E.; Azevedo Júnior., S. M. & Larazzábal, M. E. L. 2004. Body mass and acquisition of breeding plumage of wintering *Calidris pusilla* (Linnaeus) (Aves, Scolopacidae) in the coast of Pernambuco, north-eastern Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 21(2): 249-256.

Fitzpatrick, J. W. 2004. Family Tyrannidae (Tyrant-flycatchers). p. 170-462. In: del Hoyo, J., Elliott, A., Christie, D. A. (Eds.). *Handbook of the Birds of the World, Volume 9: Cotingas to Pipits and Wagtails*. Barcelona, Spain, Lynx Edicions.

- Franz, I. & Fontana, C. S. 2013. Breeding Biology of the Tawny-bellied Seedeater (*Sporophila hypoxantha*) in South Brazilian Upland Grasslands. *Wilson Journal of Ornithology*, 125(2): 280-292.
- Franz, I.; Repenning, M. & Fontana, C. S. 2014. *Sporophila hypoxantha*. p.89-93. In: Serafini, P. P. (Org.). *Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho. Série Espécies Ameaçadas n.º 31*. Brasília-DF, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.
- Frota, A. V. B.; Vitorino, B. D.; da Silva, C. J.; Ikeda-Castrillon, S. K. & Nunes, J. R. S. 2020a. Birds of the Ramsar site Estação Ecológica de Taiaimã and buffer zone, Pantanal wetlands, Brazil. *Check List*, 16(2): 401-422.
- Frota, A. V. B.; Vitorino, B. D.; Nunes, J. R. S. & da Silva, C. J. 2020b. Main trends and gaps in studies for bird conservation in the Pantanal wetland. *Neotropical Biology and Conservation*, 15(4): 427-445.
- Frota, A. V. B.; Vitorino, B. D.; da Silva, C. J.; Ikeda-Castrillon, S. K. & Nunes, J. R. S. 2020c. Bird community structure in macrohabitats of the aquatic terrestrial transition zone in the Pantanal wetland, Brazil. *Oecologia Australis*, 24(3): 615-634.
- Gatgens García, J.; Chaves Sánchez, A. & Sandoval Vargas, L. A. 2022. Primeiro registro do caboclinho-de-lição *Sporophila bouvronides* na Costa Rica. *Boletim do Clube Britânico de Ornitólogos*, 142(4): 525-528.
- GROMS – Global Register of Migratory Species. Summarising Knowledge about Migratory Species for Conservation. Disponível em: <www.groms.de>. Acesso em: 01 de janeiro 2014.
- Ghizoni-Jr., I. R.; Franz, I.; Albuquerque, J. L. B.; Barcelos, A.; Hassdenteufel, C. B.; Arend, F. L. & Martins-Ferreira, C. 2009. Registro da pomba-do-orvalho *Patagioenas maculosa* (Aves: Columbidae) no estado de Santa Catarina, sul do Brasil. *Biotemas*, 22(2): 195-197.
- Gorosito, C. A.; Tuero, D. T. & Cueto, V. R. 2022. Breeding biology of the Chilean *Elaenia chilensis*, a long-distance migratory passerine in South America. *Ardea*, 110(2): 227-238. Doi:10.5253/arde.2022.a8.
- Gwynne, J. A.; Ridgely, R. S.; Tudor, G. & Argel, M. 2010. *Aves do Brasil: Pantanal & Cerrado*. São Paulo, Editora Horizonte.
- Gwinner, E. 1990. *Bird migration: physiology and ecophysiology*. Berlin, Springer-Verlag. DOI: 10.1007/978-3-642-74542-3.
- Hamilton, S. K. 2002. Human impacts on hydrology in the pantanal wetland of South America. *Water Science & Technology*, 45(11): 35-44.
- Hamilton, S. K.; Sippel, S. J. & Melack, J. M. 1996. Inundation patterns in the Pantanal wetland of South America determined from passive microwave remote sensing. *Archives für Hydrobiologie, Stuttgart*, 137: 1-23.
- Harris, M. B.; Tomas, W. M.; Mourão, G.; Silva, C. J.; Guimarães, E.; Sonoda, F. & Fachim, E. 2005. Desafios para proteger o Pantanal brasileiro: ameaças e iniciativas em conservação. *Megadiversidade*, 1(1): 156-164.
- Hayman, P.; Marchant, J. & Pranter, T. 1986. *Shorebirds: an identification guide*. Boston, Houghton Mifflin Co.

- Hayes, F. E.; Scharf, P. A. & Ridgely, R. S. 1994. Austral bird migrants in Paraguay. *Condor*, 96: 83-97.
- Hays, H.; Di Cosstano, J.; Cormons, G.; Antas, P. T. Z.; Nascimento, J. L. X.; Nascimento, I. L. S. & Bremer, R. E. 1997. Recoveries of roseate and common terns in South America. *Journal Field Ornithology*, 68(1): 79-90.
- Heckscher, C. M.; Halley, M. R. & Stampul, P. M. 2015. Intratropical migration of a Nearctic-Neotropical migratory songbird (*Catharus fuscescens*) in South America with implications for migration theory. *Journal of Tropical Ecology*, 31(3): 285-289. doi:10.1017/S0266467415000024.
- Herzog, S. K. 2001. A re-evaluation of Straneck's (1993) data on the taxonomic status of *Serpophaga subcristata* and *S. munda* (Passeiformes: Tyrannidae): conspecifics or semispecies? *Bulletin of British Ornithologist's Club*, 121(4): 273-277.
- Holmes, R. T. & Sherry, T. W. 1992. Site fidelity of migratory warblers in temperate breeding and Neotropical wintering areas: implications for population dynamics, habitat selection and conservation. p. 563-575. In: Hagan III, J. M. & Johnston, D. W. (Eds.). *Ecology and conservation of neotropical migrant landbirds*. Washington: Smithsonian Institution Press.
- ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade 2022. *Relatório de áreas de concentração de aves migratórias no Brasil*. 4ª edição. Cabelo, PB, CEMAVE/ICMBio.
- ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade 2024. Espécies Ameaçadas – Lista 2024. Available: <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/lista-de-especies.html>. Access: 28/09/2025.
- Ilha, I. M. N. 2017. *Variação na comunidade de aves em campos alagáveis e ambientes associados ao longo de três ciclos estacionais, no Pantanal do Miranda, MS*. Tese de Doutorado. Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- Imlay, T. L.; Saldanha, S. & Taylor, P. D. 2020. The fall migratory movements of Bank Swallows, *Riparia riparia*: fly-and-forage migration? *Avian Conservation & Ecology*, 15(1): 2. Doi:10.5751/ACE-01463-150102.
- Isacch, J. P. & Cardoni, D. C. 2011. Different grazing strategies are necessary to conserve endangered grassland birds in short and tall salty grassland of the flooding pampas. *Condor*, 113 (4): 724-734.
- IUCN. International Union for Conservation of Nature and Natural Resources. The IUCN Red List of Threatened Species. Red List 2025. Disponível em: <<http://www.redlist.org>>. Acesso em 23 outubro 2025.
- Jacobs, F. & Fenalti, P. 2025. *Guia de Identificação: Aves do Paraná*. Pelotas, Editora Aratinga.
- Jahn, A. E.; Levey, D. J.; Cueto, V. R.; Ledezma, J. P.; Tuero, D. T.; Fox, J. W. & Masson, D. 2013. Long-distance bird migration within South America is revealed by light-level geolocators. *Auk*, 130(2): 223-229.
- Jahn, A. E.; Seavy, N. E.; Bejarano, V.; Guzmán, M. B.; Provinciato, I. C. C.; Pizo, M. A. & Macpherson, M. 2016. Intra-tropical migration and wintering areas of Fork-tailed Flycatchers (*Tyrannus savana*) breeding in São Paulo, Brazil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 42(2): 116-121.

Jahn, A. E.; Buechley, E.; Bugoni, L.; Cereghetti, J.; Repenning, M.; Marra, P. P. & Ryder, T. B. 2021. Dinâmica de movimento sazonal variável entre indivíduos de gaviões-caramujeiros (*Rostrhamus sociabilis*) na América do Sul. *Revista de Pesquisa de Raptos*, 55(2): 151-168. <https://doi.org/10.3356/0892-1016-55.2.151>.

Jesus, F. & Lima, S. F. 2003. *Plano de Manejo do Parque Nacional do Pantanal*. Brasília, DF, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis/The Nature Conservancy.

Junk, W. J.; Barley, P. B. & Sparks, R. S. 1989. The flood pulse concept in river-floodplain systems. *Canadian Journal of Fisheries and Aquatic Sciences*, 106: 110-127.

Junk, W. J.; Cunha, C. N.; Wantzen, K. M.; Petermann, P.; Strüssmann, C; Marques, M. I. & Adis, J. 2006. Biodiversity and its conservation in the Pantanal of Mato Grosso, Brazil. *Aquatic Science*, 68: 1-32.

Kerlinger, P. & Gauthreaux Junior, S. A. 1985. Seasonal timing, geographic distribution, and flight behavior of Broad-winged Hawks during spring migration in South Texas: a radar and visual study. *Auk*, 102(4): 735-743.

Kirkwan, G. M. & Areta, J. I. 2009. Black-and-tawny Seedeater *Sporophila nigrorufa* in the cerrados of western Mato Grosso, Brazil. *Neotropical Birding*, 4: 69-72.

Kantek, D. L. Z. & Onuma, S. S. M. 2013. Primeiro registro documentado da Gaivota-de-Franklin *Leucophaeus pipixcan* Wagler, 1831 para o bioma Pantanal, Brasil. *Ornithologia*, 6(1): 106-108.

Kim, D. H.; Redmond, L. J.; Fox, J. R. & Murphy, M. T. 2021. Inter- and intracontinental migration by Eastern Kingbird (*Tyrannus tyrannus*). *The Wilson Journal of Ornithology*, 133(2): 202-214.

Krügel, M. M.; Dias, R. A.; Bencke, G. A. & Repenning, M. 2014. *Sporophila cinnamomea*. p. 103-107. In: Serafini, P. P. (Org.). *Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho. Série Espécies Ameaçadas n.º 31*. Brasília-DF, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

Lancot, R. B.; Blanco, D. E.; Dias, R. A.; Isacch, J. P.; Gill, V. A.; Almeida, J. B.; Delhey, K.; Petracci, P. F.; Bencke, G. A. & Balbuena R. A. 2002. Conservation status of the Buff-breasted Sandpiper: Historic and contemporary distribution and abundance in South America. *Wilson Bulletin*, 114(1): 44-72.

Lancot, R. B.; Blanco, D. E.; Oesterheld, M.; Balbuena, R. A.; Guerschman, J.; Piñeiro, G. 2004. Assessing habitat availability and use by Buff-breasted Sandpipers (*Tringites subruficollis*) wintering in South America. *Ornithologia Neotropical*, 15: 367-376.

Lanyon, W. E. 1982. Evidence for wintering and resident populations of swainson's flycatcher (*Myiarchus swainsoni*) in Northern Suriname. *Auk*, 9: 581-582.

Lara-Resende, S. M. 1988. *Nonbreeding strategies of migratory birds at Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul, Brazil*. Tese de Doutorado. Ithaca, Cornell University.

Leal, S.; Serapião, L. C. H. & Pereira, G. A. 2013. Registros documentados da gaivota-de-franklin *Leucophaeus pipixcan* (Wagler, 1831) no Nordeste do Brasil e da gaivota-de-cabeça-cinza *Chroicocephalus cirrocephalus* (Vieillot, 1817) nos Estados de Alagoas e Pernambuco. *Revista Brasileira de Ornithologia*, 21(1): 105-108.

Lees, A. C.; Távora, A. F.; Tavares, M.; Távora, A. & Coutinho, D. A. 2014. Second Sabine's Gull *Xema sabini* in Brazil. *Bulletim of the British Ornithologists' Club*, 134(2): 163-164.

Leite, G. F. M.; Santos, E. G. & Marini, M. A. 2025. New records of the *Neocrex erythrops* (Sclater, 1867) (Bird, Rallidae) in Brasília, Federal District, Brazil. *Journal of Neotropical Biology*, 22(1): 9-14.

Libonati, R.; DaCamara, C. C.; Peres, L. F.; Carvalho, S. & Garcia, L. C. 2020. Rescue Brazil's burning Pantanal wetlands. *Nature*, 588: 217-219.

Libonati, R.; Geirinhas, J. L.; Silva, P. S.; Russo, A.; Rodrigues, J. A.; Belém, L. B. C.; Nogueira, J.; Roque, F. O.; Dacamara, C. C.; Nunes, A. M. B.; Marengo, J. A.; Trigo, R. M. 2022. Assessing the role of compound drought and heatwave events on unprecedented 2020 wildfires in the Pantanal. *Environmental Research Letters*, 17(1): 015005. DOI: 10.1088/1748-9326/ac462e.

Lima, L. M.; Schunck, F.; Siciliano, S.; Calos, C. J.; Rennó, B.; Fonseca-Neto, F. P.; Fedrizzi, C. E.; Albano, C. & Moura, J. F. 2010. Distribuição, abundância e sazonalidade de *Leucophaeus atricilla* (Charadriiformes, Laridae) no Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 18(3): 199-206.

Lima, N. & Barbosa, K. 2005. *Aves Migratórias no Brasil*. São Paulo, Editora Laranja Original.

Lima, L. M.; Schunck, F.; Siciliano, S.; Carlos, C.; Rennó, B.; Fonseca-Neto, F. P.; Fedrizz, C. e.; Albano, C. & Moura, J. F. 2010. Distribuição, abundância e sazonalidade de gaivotas-risqueiras, *Leucophaeus atricilla* (Charadriiformes: Laridae) no Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 18(3): 199-206.

Lopes, L. E.; Pinho, J. B.; Bernardon, B.; Oliveira, F. F.; Bernardon, G.; Ferreira, L. P.; Vasconcelos, M. F.; Maldonado-Coelho, M.; Nóbrega, P. F. A. & Rubio, T. C. 2009. Aves da Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, Brasil: uma síntese histórica do conhecimento. *Papéis Avulsos de Zoologia*, 49(2): 9-47.

Lopes, L. E.; Pinho, J. B.; Ortiz, A.; Evangelista, M. M.; Silveira, L. F.; Schunck, F. & Develey, P. F. 2016. Birds from Cáceres, Mato Grosso: the highest species richness ever recorded in a Brazilian non-forest region. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 24(2): 137-167.

Lorenzón, R. E.; Aantoniazzi, C. E.; Fabre, F. N.; Quiroga, V. M.; Regner, S. A.; Ronchi-Virgolini, A. L.; Olguin, P. F.; Leon, E. J. & Beltzer, A. H. 2019. Diet of the Bobolink (*Dolichonyx oryzivorus*) in the rice fields on its wintering grounds in Argentina. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 21(1): 10-16.

Luna, E. J. A.; Pereira, L. E. & Souza, R. P. I. 2003. Encefalite do Nilo Ocidental, nossa próxima epidemia? *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 12(1): 7-19.

Machado, E. & Silveira, L. F. 2010. Geographical and seasonal distributions of the seedeaters *Sporophila bouvreuil* and *Sporophila pileata* (Aves: Emberizidae). *Papéis Avulsos de Zoologia*, 50(32): 517-533.

Mamede, S.; Benites, M.; Esquivel, A.; Clay, R.; Merighi, G. D. L. & Alho, C. J. R. 2019. Turismo de observação de aves no Chaco: oportunidades e desafios ao Corredor Bioceânico, segmento Brasil/Paraguai. *Interações (Campo Grande)*, 20 (sep). <https://doi.org/10.20435/inter.v20iespecial.2386>.

MapBiomias. 2025a. Pantanal é o bioma que mais perdeu superfície de água em relação à média histórica: 61%. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/2025/03/21/pantanal-e-o-bioma-que-mais-perdeu-superficie-de-agua-em-relacao-a-media-historica-61/>. Acesso em: 09 fev. 2026.

MapBiomias. 2025b. O clima no Brasil - temperatura e precipitação nos biomas. Disponível em: https://brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2025/11/Factsheet_Atmosfera_03.11.pdf. Acesso em: 09 fev. 2026.

Marini, M. A. & Cavalcanti, R. B. 1990. Migrações de *Elaenia albiceps chilensis* e *Elaenia chiriquensis albivertex* (Aves: Tyrannidae). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Série Zoologia*, 6(1): 59-67.

Marini, M. A.; Barnet-Massin, M.; Lopes, L. E. & Jiguet, F. 2013. Geographic and seasonal distribution of the Cock-tailed Tyrant (*Alectrurus tricolor*) inferred from niche modeling. *Journal of Ornithology*, 154: 393-402.

Marín-Espinoza, G.; Ouellet, H. & Navarro-Rodríguez, R. 2010. ¿Es el complejo *Sporophila lineola/bouvronides/restricta* (Aves: Emberizidae) um caso de especulación em anillo?: uma aproximación teórica. *The Biologist (Lima)*, 8(2): 212-234.

Marques, E. L. & Guilherme, E. 2014. Primeiro registro de *Geothlypis agilis* (Passeriformes: Parulidae) no Estado do Acre, Brasil. *Atualidades Ornitológicas*, 178: 26.

Maurício, G. N.; Dias, R. A.; Repenning, M.; Vizenin-Bugoni, J. *Sporophila palustris*. p. 98-102. In: Serafini, P. P. (Org.). *Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho. Série Espécies Ameaçadas n.º 31*. Brasília-DF, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

Cuadros, R.; McCabe, R. A.; Goodrich, L. J. & Barber, D. R. 2021. Broad-winged Hawks overwintering in the neotropics: landscape composition and threats in wintering áreas of a long distance migrant. *Journal of Raptor Research*, 55(2): 139-150.

McCracken, J. D.; Reid, R. A.; Renfrew, R. B.; Frei, B.; Jalava, J. V.; Cowie, A. & Couturier, A. R. 2013. *Recovery Strategy for the Bobolink (Dolichonyx oryzivorus) and Eastern Meadowlark (Sturnella magna) in Ontario*. Peterborough-Ontario, Ontario Recovery Strategy Series/Ontario Ministry of Natural Resources.

Medeiros, R. C. S. & Marini, M. Â. 2007. Biologia reprodutiva de *Elaenia chiriquensis* (Lawrence) (Aves, Tyrannidae) em Cerrado do Brasil Central. *Revista Brasileira de Zoologia*, 24(1): 12-20.

Melo, A. V.; Nascimento, V.; Bovo, A. A. A. & Phalan, B. 2021. Rediscovery and historical records of the Strange-tailed Tyrant *Alectrurus risora* (Passeriformes: Tyrannidae) in Brazil. *Ornithology Research*, 29: 56-60. <https://doi.org/10.1007/s43388-021-00041-6>.

Meller, D. A. & Bencke, G. A. 2012. First record of the Broad-winged Hawk *Buteo platypterus* in southern Brazil, with a compilation of published records for the country. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 20(1): 75-80.

Mestre, L. A. M. 2007a. Registros de migrações de trinta-réis-boreal *Sterna hirundo*: análise das recuperações de indivíduos marcados na América do Norte (1928 – 2005) e Brasil (1983 – 2005). *Ornitologia*, 2(2): 81-87.

Mestre, L. A. M. 2007b. Recuperações no Brasil de Falcões-peregrinos (*Falco peregrinus*) anilhados na América do Norte entre 1967 e 2001. *Ornitologia*, 2(2): 72-80.

Mestre, L. A. M.; Roos, A. L. & Nunes, M. F. 2010. Análise das recuperações não Brasil de aves anilhadas não exterior entre 1927 e 2006. *Ornitologia*, 4: 15-35.

Morrison, R. I. G. & Ross, R. K. 1989. *Atlas of nearctic shorebirds on the coast of South America*. Ottawa, Canadian Wildlife Service.

Morrison, R. I. G.; Serrano, I. L.; Antas, P. T. & Ross, R. K. 2008. *Aves migratórias no Pantanal: distribuição de aves limícolas neárticas e outras espécies aquáticas no Pantanal*. Brasília, WWF-Brasil.

Mourão, C. 2004. *Ecologia de movimento e comportamento de vôo de urubus na Caatinga*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo.

Murphy, R. C. 1936. Oceanic birds of South America. *American Museum of Natural History*, 2: 1243.

Myers, J. P.; Maron, J. & Sallaberry, M. 1985. Going to the extremes: why do sanderlings migrate to the neotropics. *Neotropical Ornithology, Ornithological Monographs*, 36: 520-535.

Nascimento, I. L. S. 1995. *As Aves do Parque Nacional da Lagoa do Peixe*. Brasília, DF, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis.

Nascimento, J. L. X.; Antas, P. T. Z.; Silva, F. M. B. V.; Scherer, S. B. 2000. Migração e dados demográficos do marrecão *Netta peposaca* (Anseriformes, Anatidae), no sul do Brasil, Uruguai, Paraguai e norte da Argentina. *Melopsittacus*, 3(4): 143-158.

Naumburg, E. M. B. 1930. The birds of Matto Grosso, Brazil: a report on the birds secured by the Roosevelt-Rondon Expedition. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, 60(1): 1-432.

Navas, J. R. 2002. La distribución geográfica de *Pseudocolopteryx acutipennis* (Tyrannidae) en la Argentina. *Hornero*, 17(1): 45-48.

Newton, I. 2007. *The Migration Ecology of Birds*. 1. Ed. San Diego, Academic Press. DOI: 10.1016/B978-0-12-517367-4.X5000-1.

Ng, J. W.; Knight, E. C.; Scarpignato, A. L.; Harrison, A.-L.; Bayne, E. M. & Marra, P. P. 2018. First full annual cycle tracking of a declining aerial insectivorous bird, the Common Nighthawk (*Chordeiles minor*), identifies migration routes, nonbreeding habitat, and breeding site fidelity. *Canadian Journal of Zoology*, 96(8): 869-875. doi.org/10.1139/cjz-2017-0098.

Niles, L. J.; Sitters, H. P.; Dey, A. D.; Atkinson, P. W.; Baker, A. J.; Bennet, K. A.; Carmona, R.; Clark, K. E.; Clark, N. A.; Espoz, C.; González, P. M.; Harrington, B. A.; Hernández, D. E.; Kalas, K. E.; Lathrop, R. G.; Matus, R. N.; Minton, C. D. T.; Morrison, R. I. G.; Peck, M. P.; Pitts, W.; Robinson, R. A. & Serrano, I. L. 2008. Status of the Red Knot (*Calidris canutus rufa*) in the Western Hemisphere. *Studies in Avian Biology*, 36: 1-185.

Niles, L. J.; Burger, J.; Porter, R. R.; Dey, A. D.; Minton, C. D. T.; Gonzalez, P. M.; Baker, A. J.; Fox, J. W. & Gordon, C. 2010. First results using light level geolocators to track Red Knots in the Western Hemisphere show rapid and long intercontinental flights and new details of migration pathways. *Wader Study Group Bulletin*, 117(2): 123-130.

Novitch, N. R.; Westberg, M. & Zink, R. M. 2015. Migration of Alder Flycatchers (*Empidonax alnorum*) and Willow Flycatchers (*Empidonax traillii*) through the Tuxtla Mountains, Veracruz, Mexico, and the identification of migration in collections. *Wilson Journal of Ornithology*, 127(1): 142-145.

Nunes, A. P. & Tomas, W. M. 2004. Aves migratórias ocorrentes no Pantanal: caracterização e conservação. *EMBRPA CPAP, Série Documentos*, 62:1-29.

Nunes, A. P. 2008. Distribuição de rei-do-bosque (*Pheucticus aureoventris*, Cardinalidae) no Brasil: revisão dos registros históricos e recentes. *Atualidades Ornitológicas*, 142: 10-12.

Nunes, A. P. 2009. *Ocupação de manchas florestais por três espécies de aves insetívoras do sub-bosque no Pantanal da Nhecolândia, Corumbá, Mato Grosso do Sul*. Dissertação de Mestrado. Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Nunes, A. P. 2010. Estado de conservação da avifauna ameaçada de extinção ocorrente no Pantanal, Brasil. *Atualidades Ornitológicas*, 157: 85-98.

Nunes, A. P. 2011a. Quantas espécies de aves ocorrem no Pantanal brasileiro? *Atualidades Ornitológicas*, 160: 45-54.

Nunes, A. P. 2011b. Registros Ornitológicos na região alagada pelo Rio Taquari, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Atualidades Ornitológicas*, 160: 38-44.

Nunes, A. P. 2015. *Efeito da heterogeneidade da paisagem e do habitat na comunidade de aves no oeste do Pantanal da Nhecolândia, Mato Grosso do Sul*. Tese de Doutorado. Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação.

Nunes, A. P. & Tomas, W. M. 2008. *Aves migratórias e nômades ocorrentes no Pantanal*. Corumbá, EMBRAPA-CPAP.

Nunes, A. P.; Silva, P. A. & Tomas, W. M. 2008a. Novos registros de aves para o Pantanal, Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 16(2): 160-164.

Nunes, A. P.; Tomas, W. M. & Ragusa-Netto, J. 2008b. Estrutura do sub-bosque em manchas florestais no Pantanal da Nhecolândia: efeitos da presença de gado. *Comunicado Técnico, EMBRAPA-CPAP*, 74: 1-4.

Nunes, A. P.; Tizianeli, F. A. T.; Tomas & W. M.; Lupinetti, C. 2009. Aves da fazenda Nhumirim e seus arredores: Lista 2008. *Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, EMBRAPA-CPAP*, 89: 1-44.

Nunes, A. P.; Tizianel, F. A. T.; Melo, A. V.; Nascimento, V. & Machado, N. 2010. Aves da Estrada Parque Pantanal, Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Atualidades Ornitológicas*, 156: 33-47.

Nunes, A. P.; Tizianel, F. A. T. & Tomas, W. M. 2011a. Pantanal sul: sub-regiões Nhecolândia e Paiaguás. p. 199-209. *In: Valente, R. M.; Silva, J. M. C.; Straube, F. C.; Nascimento, J. L. X. (Orgs.). Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil*. Belém, Conservação Internacional.

Nunes, A. P.; Tizianel, F. A. T.; Leuchtenberger, C.; Navarro, T. A. M.; Melo, A. V. & Campis, M. C. 2011b. Registros documentados da ocorrência de saracura-carijó (*Pardirallus maculatus*, Rallidae) no Pantanal e estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Atualidades Ornitológicas*, 164: 8-10.

Nunes, A. P.; Disconzi, G.; Laps, R. R. & Tomas, W. M. 2013a. Distribuição e conservação de aves limícolas migratórias no Pantanal. p. 1-5. *In: Anais 6º. Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócioeconômicos do Pantanal*. Corumbá, Embrapa Pantanal, UFMS.

Nunes, A. P.; Godoi, M. N.; Pivatto, M. A. C.; Morante-Filho, J. C.; Patrial, E. W.; Silva, P. A.; Stavis, V. K.; Manço, D. D. G.; Costacurta, M. B.; Leuchtenberger, C. & Lehn, C. R. 2013b. Aves da Serra de Maracaju, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 21(1): 75-100.

Nunes, A. P.; Vasconcelos, M. F.; Hoffmann, D.; Souza, L. N.; Gomes, C. R. G.; Epifânio, A. D.; Godoi, M. N.; Tambelini, F. A. T.; Straube, F. C.; Silva, P. A.; Posso, S. R.; Laps, R. R.; Faria, S. P. & Tomas, W. M. 2018. Aves da borda oeste do Pantanal, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Atualidades Ornitológicas*, 206: 47-69.

Nunes, A. P.; Posso, S. R.; Frota, A. V. B.; Vitorino, B. D.; Laps, R. R.; Donatelli, R. J.; Straube, F. C.; Pivatto, M. A. C.; Oliveira, D. M. M.; Carlos, B.; Melo, A. V.; Tomas, W. M.; Freitas, G. O.; Souza, R. A. D.; Benites, M.; Mamede, S. e Moreira, R. S. 2021. Birds of the Pantanal floodplains, Brazil: historical data, diversity, and conservation. *Papéis Avulsos de Zoologia*, 61: e20216182.

Nunes, J. R. S. 2010. *Avifauna do Rio Paraguai, Pantanal de Cáceres, Mato Grosso*. Tese de Doutorado. São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós Graduação em Ecologia e Recursos Naturais.

Nuss, A. 2014. *Estrutura populacional de Freagata magnificens (Aves, Suliformes)*. Dissertação de Mestrado em Genética e Biologia Molecular. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Okida, R. & Anjos, C. E. 2000. Geomorfologia. p. 69-81. In: *Zoneamento ambiental da Borda Oeste do Pantanal: Maciço do Urucum e adjacências*. Silva, J.S.V. (Org.). Brasília, Embrapa Comunicação e Transferência de Tecnologia.

Oliveira, A. P. G.; Ribeiro, A. A.; Wassouf Junior, E. R.; Souza, G. F.; Bernadi, I.; Penatti, N. C.; Almeida, T. I. R.; Paranhos Filho, A. C. 2001. Uso de sensoriamento remoto na quantificação das lagoas do Pantanal da Nhecolândia, Mato Grosso do Sul. p. 3695-3702. In: *Anais 15º. Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto*. Curitiba, Sociedade Brasileira de Sensoriamento Remoto/Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

Oliveira, A. C.; Barbosa, A. E. A.; Souza A. E. B. A.; Paludo, D.; Lima, D. M.; Nascimento, J. L. X.; Souza, M. A.; Arantes, M. S.; Serafini, P. P.; Amaral, P. P.; Rossato, R. M.; Medeiros, R. C. S. 2014. *Relatório anual de rotas e áreas de concentração de aves migratórias no Brasil*. Cabedelo, CEMAVE/ ICMBio.

Oliveira, D. M. M. 2006. *Efeitos bióticos e abióticos de ambientes alagáveis nas assembleias de aves aquáticas e piscívoras no Pantanal, Brasil*. Tese de Doutorado. Manaus, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

Ortiz, D. & Capllonch, P. 2007. Distribución y migración de *Sporophila c. caerulescens* em Sudamérica. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 15(3): 377-385.

Padovani, C. 2017. Conversão da vegetação natural do Pantanal para uso antrópico de 1976 até 2017 e projeção para 2050. *Comunicado Técnico, EMBRAPA-CPAP*, 109: 1-5.

Pacheco, J. F.; Silveira, L. F.; Aleixo, A.; Agne, C. A.; Bencke, G. A.; Bravo, G. A.; Brito, G. R. R.; Cohn-Haft, M.; Maurício, G. N.; Naka, L. N.; Olmos, F.; Posso, S. R.; Lees, A. C.; Figueiredo, L. F. A.; Carrano, E.; Guedes, R. C.; Cesari, E.; Franz, I.; Schunck, F. & Piacentini, V. Q. 2021. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee - second edition. *Ornithology Research*, 29: 94-105.

Pennyquick, C. J. 1983. Thermal soaring compared in three dissimilar tropical bird species, *Fregata magnificens*, *Pelecanus occidentalis* and *Coragyps atratus*. *Journal of Experimental Biology*, 102(1): 307-325.

Pessoa, D. M. A. 1998. Sistema de navegação em aves: mecanismos e aplicações. *Ararajuba*, 6(2): 123-132.

Pinheiro, R. T.; Carrara, L. A.; Faria, L. C. P.; Uhlmann, L. A. C.; Antas, P. T. Z.; Terborgh, J. W. & Davenport, L. C. 2021. Conservation of the Orinoco Goose (*Neochen jubata*) in the middle Araguaia River, Tocantins, Brazil. *Ornitología Neotropical*, 32: 79-88.

Pinho, J. B. 2005. *Riqueza de espécies, padrão de migração e biologia reprodutiva de aves em quatro ambientes florestais do Pantanal de Poconé, MT*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

Pivatto, M. A. C.; Manço, D. D. G.; Straube, F. C.; Urban-Filho, A. & Milano, M. 2006. Aves do Planalto da Bodoquena, Estado do Mato Grosso do Sul (Brasil). *Atualidades Ornitológicas*, 129: 1-26.

Pivatto, M. A. C.; Donatelli, R. J. & Manço, D. D. M. 2008. Aves da fazenda Santa Emília, Aquidauana, Mato Grosso do Sul. *Atualidades Ornitológicas*, 143: 33-37.

Ponce, V. M. & Cunha, C. N. 1993. Vegetated earthmounds in tropical savannas of Central Brazil: A synthesis. *Journal of Biogeography*, 20(2): 219-225.

Pott, A. & Adámoli, J. 1996. Unidades de vegetação do Pantanal dos Paiaguás. p. 183-201. In: *Anais II Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal: manejo e conservação*. Corumbá, EMBRAPA-CPAP.

Prado, D. E.; Gibbs, P. E.; Pott, A. & Pott, V. J. 1992. The Chaco-Pantanal transition in southern Mato Grosso, Brazil. p. 451-470. In: Furley, P. A.; Proctor, J. & Ratter, J. A. (Eds.). *Nature and Dynamics of Forest-Savanna Boundaries*. London, Chapman & Hall.

Prado, J. H. F.; Canani, G.; Castilho, P. V. & Daudt, N. W. 2021. Sabine's Gulls *Xema sabini* outside of their main wintering areas are not necessarily vagrants. *Marine Ornithology*, 49: 349-357.

Ratter, J. A.; Pott, A.; Pott, V. J.; Cunha, C. N. & Haridasan, M. 1988. Observations on woody vegetation types in the Pantanal and at Corumbá, Brazil. *Notes RBG Edingurgh*, 45(3): 503-525.

Remsen Junior, J. V. 2001. True winter range of the veery (*Catharus fuscescens*): lessons for the determining winter ranges of species that winter in the tropics. *Auk*, 118(4): 838-848.

Remsen Junior, J. V. & Parker III, T. A. 1990. Seasonal Distribution of the Azure Gallinule (*Porphyryla flavirostris*), with Comments on Vagrancy in Rails and Gallinules. *Willson Bulletin*, 102(3): 380-399.

Renfrew, R.; Kim, D. H.; Perlut, N.; Fox, J. & Smith, J. 2013. Phenological matching across hemispheres in a long-distance migratory bird. *Diversity and Distributions*, 19(8): 1008-1019. doi.org/10.1111/ddi.12080.

Repenning, M. 2012. História natural, com ênfase na biologia reprodutiva, de uma população migratória de *Sporophila* aff. *plumbea* (AVES, EMBERIZIDAE) do sul do Brasil. Tese de Doutorado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Repenning, M. & Fontana, C. S. 2009. Estatus de ocorrência del Doradito Común (*Pseudocoloeryx flaviventris*) en Rio Grande do Sul, Brasil. *Ornitología Neotropical*, 20: 131-135.

Repenning, M.; Fontana, C. S. & Krügel, M. M. P. 2014. *Polystictus pectoralis*. p. 81-88. In: Serafini, P. P. (Org.). *Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho. Série Espécies Ameaçadas n.º 31*. Brasília-DF, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

Repenning, M. & Fontana, C. S. 2014. *Sporophila plumbea*. p. 63-67. In: Serafini, P. P. (Org.). *Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho. Série Espécies Ameaçadas n.º 31*. Brasília-DF, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

Resende, E. K. 2004. Os controles geológicos e os pulsos de inundação no Pantanal. *Artigo de Divulgação na Mídia, EMBRAPA CPAP*, 63: 1-2.

Ribas, C.; Manço, D. D. G.; Pivatto, M. A. C.; Copetti, M.; Copetti, L.; Zapparoli, C. & Melo, F. 2001. *Bird Watching – Refúgio da Ilha Pousada e Ecologia*. Miranda, Refúgio da Ilha Pousada e Ecologia.

Ridgely, R. S. & Tudor, G. 1989. *The birds of South America: the oscines passerines. Vol.1*. Austin, University of Texas Press.

Ridgely, R. S. & Tudor, G. 1994. *The birds of South America: the suboscines passerines. Vol. 2*. Austin, University of Texas Press.

Rodrigues, R. C. 2009. *Movimentação sazonal de Arenaria interpres (Linnaeus, 1758) (Aves: Scolopacidae) na costa do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.

Roesler, I. 2009. El Doradito Oliváceo *Pseudocolopteryx acutipennis* en las pampas Argentinas: nuevos registros y comentarios sobre su historia natural. *Cotinga*, 31: 1-4.

Ruschi, A. *Aves do Brasil. Vol. 4 e 5*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura.

Rozante, J. R., Rozante, G., & Cavalcanti, I. F. D. A. 2025. Long-Term Temperature and Precipitation Trends Across South America, Urban Centers, and Brazilian Biomes. *Atmosphere*, 16(12): 1332.

Salvador, S. A.; Salvador, L. A.; Gandoy, F. A. & Areta, J. I. 2016. La Golondrina Rabadilla Canela (*Petrochelidon pyrrhonota*) cria en Sudamérica. *Ornitología Neotropical*, 27: 163-168.

Santos, M. C.; Fialho, M. S.; Roos, A. L.; Barbosa, A. E. A.; Souza, A. E. B. A.; Filho, A. G.; Gomes, C. G.; Lima, D. M.; Souza, E. A.; Lima, E. M. C.; Dias, F. F.; Braga, I. C.; Souza, M. A.; Somenzari, M.; Luchetti, N. M.; Serafini, P. P.; Amaral, P. P.; Oliveira, R. D. A.; Rossato, R. M. & Filho, C. B. 2022. Áreas de concentração de aves migratórias no Brasil. p. 79-136. In: Fialho, M. S. & Filho, A. G. (Orgs.). *Relatório de Áreas de Concentração de Aves Migratórias no Brasil. 4ª. Edição*. Cabedelo, CEMAVE/ICMBio.

Santos, S. A.; Costa, C.; Crispim, S. M. A.; Pellegrin, A. L. & Ravaglia, E. 2002. Estimativa da capacidade de suporte das pastagens nativas do Pantanal, sub-região da Nhecolândia. *Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, EMBRAPA-CPAP*, 27: 1-31.

Serrano, I. L. 2010. *Distribuição e conservação de aves migratórias neárticas da Ordem Charadriiformes (famílias Charadriidae e Scolopacidae) no Brasil*. Tese de Doutorado. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, Universidade Federal do Pará.

Serpa, G. A; Mallaco, G. B.; Aleixo, A.; Darski-Silva, B. & Madeira, S. 2014. Range extension of the known distribution of the Black-backed Grosbeak, *Pheucticus aureoventris* (Passeriformes: Cardinalidae) in Brazil, with the first records for the states of Rondônia, Amazonas and Goiás. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 22(1): 38-41.

Severo-Neto, F.; Melo, A.V. & Souza, F.L. 2015. New records of *Sporophila nigrorufa* (D'Orbigny & Lafresnaye, 1837) in Brazilian Cerrado and Pantanal. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 23(3): 357-359.

Severo-Neto, F.; Leuzinger, L. & FARIA, S. P. 2017. *Oxyura vittata* (Philippi, 1860) (Aves, Anatidae): range extension and first record from the Upper Paraguay basin, Brazil. *Check List*, 13(4): 285-287.

Schuchmann, K-L.; Burs, K.; De Deus, F.; Fieker, C. Z.; Tissiani, A. S. & Marques, M. I. 2024. Bird community traits in recently burned and unburned parts of the northeastern Pantanal, Brazil: a preliminary approach. *Sustainability*, 16(6): 2321. DOI: 10.3390/su16062321.

Sick, H. 1983. *Migrações de aves na América do Sul continental*. Brasília, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal.

Sick, H. 1997. *Ornitologia Brasileira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

Signor, C.A. & Pinho, J.B. 2010. Aves. p. 137-154. In: Fernandes, I. M.; Signor, C. A. & Penha, J. (Orgs.). *Biodiversidade no Pantanal de Poconé*. Cuiabá, Centro de Pesquisas do Pantanal.

Sigrist, T. 2009. *Guia de campo Avis Brasilis – Avifauna Brasileira: Descrição das espécies*. São Paulo, Avis Brasilis.

Silva e Silva, R. 1997. Ecology and behavior of wintering *Falco peregrinus* (Falconiformes, Falconidae) in southeastern Brazil. *Ararajuba*, 5(2): 203-208.

Silva, J. M. C. 1995. Seasonal distribution of the Lined Seedeater *Sporophila lineola*. *Bulletin of British Ornithologists' Club*, 115(1): 14-21.

Silva, F. & Fallavena, M. A. S. 1995. Movimentos de dispersão de *Platalea ajaja* (Aves, Threskiornithidae) detectados através do anilhamento. *Revista Ecología Latino América*, 2(1-3): 19-21.

Silva, M. P.; Mauro, R.; Mourão, G. & Coutinho, M. 2000. Distribuição e quantificação de classes de vegetação do Pantanal através de levantamento aéreo. *Revista Brasileira de Botânica*, 23(2): 143-152.

Silva, G. A.; Alexandrino, E. R.; Baptista, M. N. M. & Chaves, F. G. 2021. New records of *Neocrex erythrops* (Sclater, 1867) (Aves, Rallidae) from Espírito Santo state, Brazil. *Check List*, 17(5): 1439-1442. DOI: <https://doi.org/10.15560/17.5.1439>

Silveira, L. F. & D'Horta, F. M. 2002. A avifauna da região de Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso. *Papéis Avulsos de Zoologia, São Paulo*, 42(10): 265-286.

SISSGeo – Sistema de Informação em Saúde Silvestre. 2025. Disponível em: <https://sissgeo.lncc.br/apresentacao.xhtml>. Acesso em: 10 de março de 2025.

Smith, P.; Lesterhuis, A. & Clay, R. P. 2014. Status and distribution of the doraditos (Tyrannidae: Pseudocolopteryx) in Paraguay, including a new country record. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 22(2): 180-188.

SOS Pantanal, WWF – World Wide Fund for Nature Brasil & EMBRAPA Pantanal. 2009. *Monitoramento das alterações da cobertura vegetal e uso do Solo na Bacia do Alto Paraguai - Porção Brasileira - Período de Análise: 2002-2008*. Brasília, CI - Conservação Internacional/ECOIA - Ecologia e Ação/Fundación AVINA/Instituto SOS Pantanal/WWF Brasil.

Souza, N. O. M. 2022. *A migração de aves na América do Sul: fatores ecológicos que determinam a distribuição e a reprodução de tiramídeos migratórios na região*. Tese de Doutorado. Brasília, Universidade de Brasília.

Somenzari, M.; Amaral, P. P.; Cueto, V. R.; Guaraldo, A. C.; Jahn, A. E.; Lima, D. M.; Lima, P. C.; Lugarini, C.; Machado, C. G.; Martínez, J.; Nascimento, J. L. X.; Pacheco, J. F.; Paludo, D.; Prestes, N. P.; Serafini, P. P.; Silveira, L. F.; Sousa, A. E. B. A.; Souza, N. A.; Souza, M. A.; Telino-Júnior, W. R. & Whitney, B. M. 2018. An overview of migratory birds in Brazil. *Papéis Avulsos de Zoologia*, 58:e20185803. Doi: <https://doi.org/10.11606/1807-0205/2018.58.03>.

Soriano, B. M. A. & Alves, M. J. M. 2005. Boletim Agrometeorológico ano 2002 para a sub-região da Nhecolândia, Pantanal, Mato Grosso do Sul, Brasil. *EMBRAPA-CPAP, Série Documentos*, 76: 1-26.

Stenhouse, I. J.; Egevang, C. & Phillips, R. A. 2012. Trans-equatorial migration, staging sites and wintering area of Sabine's Gulls *Larus sabini* in the Atlantic Ocean. *Ibis*, 154: 42-51.

Stotz, D. F.; Bierregaard, R. O.; Cohn-Haft, M.; Petermann, P.; Smith, J.; Whittaker, A. & Wilson, S. V. 1992. The status of North American migrants in Central Amazonian Brazil. *Condor*, 94(3): 609-621.

Straube, F.C.; Urben-Filho, A.; Pivatto, M.A.C.; Nunes, A.P. & Tomas, W.M. 2006a. Nova contribuição à ornitologia do Chaco Brasileiro (Mato Grosso do Sul, Brasil). *Atualidades Ornitológicas*, 134: 1-27.

Straube, F. C.; Urben-Filho, A.; Nunes, A. P. & Tomas, W. M. 2006b. Avifauna do Pantanal de Nabileque (Mato Grosso do Sul, Brasil). *Atualidades Ornitológicas*, 134: 1-22.

Straube, F. C. & Melo, F. 2011. Refúgio Ecológico Caiman. p. 210-214. In: Valente, R. M.; Silva, J. M. C.; Straube, F. C. & Nascimento, J. L. X. (Ed.). *Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil*. Belém, Conservação Internacional.

Tavares, D. C.; Moura, J. F.; Amorim, C. E.; Siciliano, S. 2013. Distribution and abundance of the Grey-headed Gull *Chroicocephalus cirrocephalus* (Vieillot, 1818) in Rio de Janeiro, Southeastern Brazilian coast. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 21(3): 168-175.

Telino JÚNIOR, W. R.; Azevedo JÚNIOR, S. M. & Lyra-Neves, R. M. 2003. Censos de aves migratórias (Charadriidae, Scolopacidae e Laridae na Coroa do Avião, Igarassu, Pernambuco, Brazil). *Revista Brasileira de Zoologia*, 20(3): 451-456.

Tizianel, F. A. T. 2008. *Efeito da complexidade da vegetação de fitofisionomias naturais e pastagens cultivadas sobre a comunidade de aves em duas fazendas no Pantanal da Nhecolândia, Corumbá, Mato Grosso do Sul*. Dissertação de Mestrado. Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Tomas, W. M.; Mourão, G.; Campos, Z.; Salis, S. M. & Santos, S.A. 2009. *Intervenções humanas na paisagem e nos habitats do Pantanal*. Corumbá, EMBRAPA CPAP.

Tomas, W. M.; Berlinck, C. N.; Chiaravalloti, R. M.; Faggioni, G. P.; Strüssmann, C.; Libonati, R.; Abrahão, C. R.; Alvarenga, G. V.; Bacellar, A. E. F.; Batista, F. R. Q.; Bornato, T. S.; Camilo, A. R.; Castedo, J.; Fernando, A. M. E.; Freitas, G. O.; Garcia, C. M.; Gonçalves, H. S.; Guilherme, M. B. F.; Layme, V. M. G.; Lustosa, A. P. G.; Oliveira, A. C.; Oliveira, M. R.; Pereira, A. M. M.; Rodrigues, J. A.; Semedo, T. B. F.; Souza, R. A. D.; Tortato, F. R.; Viana, D. F. P.; Vicente-Silva, L. & Morato, R. 2021. Counting the Dead: 17 million vertebrates directly killed by the 2020's wildfires in the Pantanal wetland, Brazil. *Research Square*, DOI: <https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-859794/v1>.

- Tubelis, D. P. & Tomas, W. M. 2003. Bird species of the wetland, Brazil. *Ararajuba*, 11(1): 5-37.
- Ubaid, F. K. & Antas, P. T. Z. 2013. Novos registros de aves para a Reserva Particular do Patrimônio Natural SESC Pantanal, Barão de Melgaço, MT. *Ornithologia*, 5(2): 122-130.
- Valente, R. M.; Silva, J. M. C.; Straube, F. C. & Nascimento, J. L. X. 2011. *Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil*. Belém, Conservação Internacional.
- Valle, M. P. & Yamashita, C. 1986. Migração de *Columba picazuro*. p. 201. In: *Anais II Encontro Nacional de Anilhadores de Aves*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Vasconcelos, M. F. & Hoffmann, D. 2006. Os Bosques Secos Chiquitanos também são nossos! *Atualidades Ornitológicas*, 130: 10-11.
- Vasconcelos, M. F.; Lopes, L. S.; Hoffmann, D.; Silveira, L. F. & Schunck, F. 2008. Noteworthy records of birds from the Pantanal, Chiquitano dry forest and Cerrado of south-western Brazil. *Bulletin of British Ornithologist' Club*, 128(1): 57-67.
- Vitorino, B. D.; Frota, A. V. B.; Castrillon, S. K. I. & Nunes, J. R. S. 2018. Birds of the Estação Ecológica Serra das Araras, state of the Mato Grosso, Brazil: additions and review. *Check List*, 14(5): 893-922. Doi: <https://doi.org/10.15560/14.5.893>.
- Vitorino, B. D.; Frota, A. V. B.; Ângelo, M. & Nunes, J. R. S. 2017. Avifauna associada a duas áreas de nascentes no Assentamento Laranjeira I, Província Serrana, Cáceres, MT. p. 153-167. In: Castrillon, S. I.; Puhl, J. I.; Morais, F. F. & Lopes, A. A. E. T. M. (Orgs.). *Escassez hídrica e restauração ecológica no Pantanal: recuperação das nascentes e fragmentos de mata ciliar do córrego no Assentamento Laranjeira I e mobilização para conservação dos recursos hídricos no Pantanal mato-grossense*. Cuiabá, Carlini & Caniato Editorial.
- Wantzen, K. M.; Assine, M. L.; Bortolotto, I. M.; Calheiros, D. F.; Campos, Z.; Catella, A. C.; Chiaravalotti, R. M.; Collischonn, W.; Couto, E. G.; Cunha, C. N.; Damasceno-Junior, G. A.; Silva, C. J.; Eberhard, A.; Ebert, A.; Figueiredo, D. M.; Friedlander, M.; Garcia, L. C.; Girard, P.; Hamilton, S. K.; Ikeda-Castrillon, S.; Libonati, R.; Lourival, R.; Macedo, H. A.; Marcato Junior, J.; Mateus, L.; Morato, R. G.; Mourão, G.; Muniz, C. C.; Nunes, A. V.; Oliveira, M. D.; Oliveria, M. R.; Oliveira Junior, E. S.; Padovani, C. R.; Penha, J.; Ribeiro, D. B.; Roque, F. O.; Silva, A.; Soriano, B. M. A.; Sousa Junior, W. C.; Tomas, W. M.; Tortato, F. R. & Urbanetz, C. 2024. The end of an entire biome? World's largest wetland, the Pantanal, is menaced by the Hidrovia project which is uncertain to sustainably support large-scale navigation. *Science of the Total Environment*, 908, <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2023.167751>.
- Whittaker, A.; Zimmer, K. J. & Braulio, C. 2007. The status of Mississippi Kite *Ictinia mississippiensis* in Brazil, including further documented records for the country. *Cotinga*, 29: 139-143.
- Williams, T. C. & Webb III, T. 1996. Neotropical bird migration during the ice ages: orientation and ecology. *Auk*, 113(1): 105-118.
- WikiAves – A Enciclopédia das Aves do Brasil. 2025. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br>. Acesso em 10 de março de 2025.
- Yabe, R.S.; Marques, E.J. & Marini, M.Â. 2010. Movements of birds among natural vegetation patches in the Pantanal, Brazil. *Bird Conservation International*, 20: 400-409.

Yamashita, C. & Valle, M. P. 1986. Sobre migração e anilhamento de *Mycteria americana* no Pantanal. p.196-197. In: Anais II Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Vizentin-Bugoni, J.; Areta, J. I.; Di Giacomo, A. G.; Di Goacomo, A. S.; Jacobs, F.; Coimbra, M. A. A. & Dias, R. A. 2013. Breeding biology and conservation of the Marsh Seedeater *Sporophila palustris*. *Bird Conservation International*, 23: 147-158.

Vooren, C. M. & Brusque, L. F. 1999. *As aves do ambiente costeiro do Brasil: biodiversidade e conservação*. Rio Grande, Fundação Universidade Federal de Rio Grande. Disponível em: <http://www.anp.gov.br/brnd/round6/guias/PERFURACAO/PERFURACAO_R6/refere/Aves.pdf>. Acesso em 12 março 2012.

Índice de nomes comuns

marreca-caneleira.....	39
irerê	40
marreca-cabocla.....	41
capororoca	42
pato-corredor	43
pato-de-crista.....	44
marreca-de-coleira	45
marreca-cricri	46
marreca-colhereira.....	47
marreca-oveira	48
marreca-toicinho.....	49
marrecão	50
marreca-caucau	51
marreca-rabo-de-espinho.....	52
mergulhão-de-orelha-branca.....	53
mergulhão-pequeno.....	54
mergulhão-caçador	55
mergulhão-grande.....	56
pomba-asa-branca	57
pomba-do-orvalho.....	58
pararu-azul.....	59
papa-lagarta-cinzeno	60
papa-lagarta-acanelado.....	61
papa-lagarta-de-asa-vermelha	62
papa-lagarta-de-euler.....	63
joão-corta-pau	64
tuju.....	65
bacurau-chintã.....	66
bacurau-tesoura.....	67
bacurauzinho	68
corucão.....	69
bacurau-norte-americano	70
bacurau-de-asa-fina	71
andorinhão-do-temporal.....	72
andorinhão-do-buriti	73
beija-flor-vermelho.....	74
beija-flor-de-veste-preta	75
bico-reto-azul	76
frango-d'água-azul	77
frango-d'água-pequeno.....	78
turu-turu	79

saracura-carijó	80
carqueja-de-bico-amarelo.....	81
batuiruçu	82
batuiruçu-de-axila-preta.....	83
batuíra-de-bando.....	84
batuíra-de-colar.....	85
pernilongo-de-costas-negras	86
pernilongo-de-costas-brancas.....	87
maçarico-do-campo	88
maçarico-esquimó	89
maçarico-de-bico-torto	90
maçarico-de-bico-virado	91
vira-pedra.....	92
maçarico-de-papo-vermelho	93
combatente.....	94
maçarico-pernilongo	95
maçarico-branco.....	96
maçarico-de-bico-fino	97
maçariquinho.....	98
maçarico-de-sobre-branco	99
maçarico-acanelado.....	100
maçarico-de-colete.....	101
maçarico-rasteirinho.....	102
narcejão	103
narceja	104
pisa-n'água	105
maçarico-pintado	106
maçarico-solitário	107
maçarico-grande-de-perna-amarela.....	108
maçarico-de-perna-amarela	109
gaivota-de-sabine	110
gaivota-maria-velha.....	111
gaivota-de-cabeça-cinza	112
gaivota-alegre	113
gaivota-de-franklin	114
talha-mar.....	115
trinta-réis-pequeno.....	116
trinta-réis-grande.....	117
trinta-réis-negro	118
trinta-réis-boreal.....	119
trinta-réis-de-coroa-branca	120
maguari	121
tuiuiú	122
cabeça-seca.....	123
fragata.....	124

biguatinga	125
biguá	126
socozinho	127
garça-vaqueira	128
garça-branca-grande	129
garça-azul	130
caraúna	131
tapicuru	132
colhereiro	133
urubu-de-cabeça-vermelha	134
águia-pescadora	135
gavião-peneira	136
gavião-tesoura	137
gavião-caramujeiro	138
gavião-bombachinha	139
sovi-do-norte	140
sovi	141
gavião-de-asa-larga	142
gavião-papa-gafanhoto	143
falcão-peregrino	144
caneleiro-preto	145
caneleiro-de-chapéu-preto	146
gibão-de-couro	147
alegrinho-do-chaco	148
guaracava-grande	149
guaracava-de-crista-branca	150
tuque-pium	151
chibum	152
guaracava-de-crista-alaranjada	153
bagageiro	154
papa-moscas-canela	155
tricolino	156
tricolino-oliváceo	157
amarelinho-do-junco	158
alegrinho	159
alegrinho-trinador	160
capitão-castanho	161
bem-te-vi-pirata	162
irré	163
bem-te-vi	164
bem-te-vi-rajado	165
bentevizinho-de-penacho-vermelho	166
suiriri-de-garganta-branca	167
suiriri	168
tesourinha	169

suiriri-valente	170
peítica-de-chapéu-preto	171
peítica	172
guaracava-modesta.....	173
freirinha	174
lavadeira-de-cara-branca.....	175
príncipe	176
galito.....	177
tesoura-do-campo	178
filipe.....	179
enferrujado.....	180
papa-moscas-de-alder	181
papa-moscas-de-cinzentos.....	182
suiriri-pequeno.....	183
viuvinha-de-óculos	184
maria-preta-acinzentada.....	185
maria-preta-do-sul.....	186
noivinha	187
noivinha-branca	188
primavera	189
juruvicara-boreal.....	190
juruvicara	191
andorinha-pequena-de-casa.....	192
andorinha-morena	193
andorinha-serradora	194
andorinha-do-campo	195
andorinha-azul	196
andorinha-grande	197
andorinha-do-sul	198
andorinha-do-rio	199
andorinha-de-sobre-branco	200
andorinha-do-barranco	201
andorinha-de-bando	202
andorinha-de-dorso-acanelado	203
sabiazinho-norte-americano	204
sabiá-poca	205
sabiá-ferreiro	206
calhandra-de-três-rabos	207
pintassilgo	208
triste-pia	209
mariquita-de-connecticut	210
rei-do-bosque	211
saí-andorinha	212
cigarra-parda	213
tiziu.....	214

bigodinho	215
patativa	216
estrela-do-norte	217
coleirinho	218
caboclinho-do-sertão	219
caboclinho	220
caboclinho-de-barriga-vermelha	221
caboclinho-de-papo-escuro	222
caboclinho-do-pantanal	223
caboclinho-de-papo-branco	224
caboclinho-de-sobre-ferrugem	225
caboclinho-de-chapéu-cinzento	226
saí-canário	227
figuinha-de-rabo-castanho	228
canário-rasteiro	229
tipio	230

Índice de nomes científicos

Anatidae

<i>Dendrocygna bicolor</i>	39
<i>Dendrocygna viduata</i>	40
<i>Dendrocygna autumnalis</i>	41
<i>Coscoroba coscoroba</i>	42
<i>Neochen jubata</i>	43
<i>Sarkidiornis sylvicola</i>	44
<i>Callonetta leucophrys</i>	45
<i>Spatula versicolor</i>	46
<i>Spatula platalea</i>	47
<i>Mareca sibilatrix</i>	48
<i>Anas bahamensis</i>	49
<i>Netta peposaca</i>	50
<i>Nomonyx dominicus</i>	51
<i>Oxyura vittata</i>	52

Podicipedidae

<i>Rollandia rolland</i>	53
<i>Tachybaptus dominicus</i>	54
<i>Podilymbus podiceps</i>	55
<i>Podicepsorus major</i>	56

Columbidae	
<i>Patagioenas picazuro</i>	57
<i>Patagioenas maculosa</i>	58
<i>Claravis pretiosa</i>	59
Cuculidae	
<i>Micrococcyx cinereus</i>	60
<i>Coccyzus melacoryphus</i>	61
<i>Coccyzus americanus</i>	62
<i>Coccyzus euleri</i>	63
Caprimulgidae	
<i>Antrostomus rufus</i>	64
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	65
<i>Hydropsalis parvula</i>	66
<i>Hydropsalis torquata</i>	67
<i>Nannochordeiles pusillus</i>	68
<i>Podager nacunda</i>	69
<i>Chordeiles minor</i>	70
<i>Chordeiles acutipennis</i>	71
Apodidae	
<i>Chaetura meridionalis</i>	72
<i>Tachornis squamata</i>	73
Trochilidae	
<i>Chrysolampis mosquitus</i>	74
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	75
<i>Heliomaster furcifer</i>	76
Rallidae	
<i>Porphyrio martinica</i>	77
<i>Porphyrio flavirostris</i>	78
<i>Neocrex erythrops</i>	79
<i>Pardirallus maculatus</i>	80
<i>Fulica leucoptera</i>	81
Charadriidae	
<i>Pluvialis dominica</i>	82
<i>Pluvialis squatarola</i>	83
<i>Charadrius semipalmatus</i>	84
<i>Charadrius collaris</i>	85
Recurvirostridae	
<i>Himantopus mexicanus</i>	86
<i>Himantopus melanurus</i>	87
Scolopacidae	
<i>Bartramia longicauda</i>	88
<i>Numenius borealis</i>	89
<i>Numenius hudsonicus</i>	90
<i>Limosa haemastica</i>	91
<i>Arenaria interpres</i>	92

<i>Calidris canutus</i>	93
<i>Calidris pugnax</i>	94
<i>Calidris himantopus</i>	95
<i>Calidris alba</i>	96
<i>Calidris bairdii</i>	97
<i>Calidris minutilla</i>	98
<i>Calidris fuscicollis</i>	99
<i>Calidris subruficollis</i>	100
<i>Calidris melanotos</i>	101
<i>Calidris pusilla</i>	102
<i>Gallinago undulata</i>	103
<i>Gallinago paraguaiiae</i>	104
<i>Phalaropus tricolor</i>	105
<i>Actitis macularius</i>	106
<i>Tringa solitaria</i>	107
<i>Tringa melanoleuca</i>	108
<i>Tringa flavipes</i>	109
Laridae	
<i>Xema sabini</i>	110
<i>Chroicocephalus maculipennis</i>	111
<i>Chroicocephalus cirrocephalus</i>	112
<i>Leucophaeus atricilla</i>	113
<i>Leucophaeus pipixcan</i>	114
<i>Rynchops niger</i>	115
<i>Sternula superciliaris</i>	116
<i>Phaetusa simplex</i>	117
<i>Chlidonias niger</i>	118
<i>Sterna hirundo</i>	119
<i>Sterna trudeaui</i>	120
Ciconidae	
<i>Ciconia maguari</i>	121
<i>Jabiru mycteria</i>	122
<i>Mycteria americana</i>	123
Fregatidae	
<i>Fregata magnificens</i>	124
Anhingidae	
<i>Anhinga anhinga</i>	125
Phalacrocoracidae	
<i>Nannopterum brasilianum</i>	126
Ardeidae	
<i>Butorides striata</i>	127
<i>Bubulcus ibis</i>	128
<i>Ardea alba</i>	129
<i>Egretta caerulea</i>	130
Threskiornithidae	

<i>Plegadis chihi</i>	131
<i>Phimosus infuscatus</i>	132
<i>Platalea ajaja</i>	133
Cathartidae	
<i>Cathartes aura</i>	134
Pandionidae	
<i>Pandion haliaetus</i>	135
Accipitridae	
<i>Elanus leucurus</i>	136
<i>Elanoides forficatus</i>	137
<i>Rostrhamus sociabilis</i>	138
<i>Harpagus diodon</i>	139
<i>Ictinia mississippiensis</i>	140
<i>Ictinia plumbea</i>	141
<i>Buteo platypterus</i>	142
<i>Buteo swainsoni</i>	143
Falconidae	
<i>Falco peregrinus</i>	144
Tityridae	
<i>Pachyramphus polychopterus</i>	145
<i>Pachyramphus validus</i>	146
Tyrannidae	
<i>Hirundinea ferruginea</i>	147
<i>Inezia inornata</i>	148
<i>Elaenia spectabilis</i>	149
<i>Elaenia chilensis</i>	150
<i>Elaenia parvirostris</i>	151
<i>Elaenia chiriquensis</i>	152
<i>Myiopagis viridicata</i>	153
<i>Phaeomyias murina</i>	154
<i>Polystictus pectoralis</i>	155
<i>Pseudocolopteryx sclateri</i>	156
<i>Pseudocolopteryx acutipennis</i>	157
<i>Pseudocolopteryx flaviventris</i>	158
<i>Serpophaga subcristata munda</i>	159
<i>Serpophaga griseicapilla</i>	160
<i>Attila phoenicurus</i>	161
<i>Legatus leucophaeus</i>	162
<i>Myiarchus swainsoni</i>	163
<i>Pitangus sulphuratus</i>	164
<i>Myiodynastes maculatus</i>	165
<i>Myiozetetes similis</i>	166
<i>Tyrannus albogularis</i>	167
<i>Tyrannus melancholicus</i>	168
<i>Tyrannus savana</i>	169

<i>Tyrannus tyrannus</i>	170
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i>	171
<i>Empidonomus varius</i>	172
<i>Sublegatus modestus</i>	173
<i>Arundinicola leucocephala</i>	174
<i>Fluvicola albiventer</i>	175
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	176
<i>Alectrurus tricolor</i>	177
<i>Alectrurus risora</i>	178
<i>Myiophobus fasciatus</i>	179
<i>Lathrotriccus euleri</i>	180
<i>Empidonax alnorum</i>	181
<i>Contopus cinereus</i>	182
<i>Satrapa icterophrys</i>	183
<i>Hymenops perspicillatus</i>	184
<i>Knipolegus striaticeps</i>	185
<i>Knipolegus hudsoni</i>	186
<i>Xolmis irupero</i>	187
<i>Xolmis velatus</i>	188
<i>Nengetus cinereus</i>	189
Vireonidae	
<i>Vireo olivaceus</i>	190
<i>Vireo chivi</i>	191
Hirundinidae	
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	192
<i>Alopocheilidon fucata</i>	193
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	194
<i>Progne tapera</i>	195
<i>Progne subis</i>	196
<i>Progne chalybea</i>	197
<i>Progne elegans</i>	198
<i>Tachycineta albiventer</i>	199
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	200
<i>Riparia riparia</i>	201
<i>Hirundo rustica</i>	202
<i>Petrochelidon pyrrhonota</i>	203
Turdidae	
<i>Catharus fuscescens</i>	204
<i>Turdus amaurochalinus</i>	205
<i>Turdus subalaris</i>	206
Mimidae	
<i>Mimus triurus</i>	207
Fringillidae	
<i>Spinus magellanicus</i>	208
Icteridae	

<i>Dolichonyx oryzivorus</i>	209
Parulidae	
<i>Oporornis agilis</i>	210
Cardinalidae	
<i>Pheucticus aureoventris</i>	211
Thraupidae	
<i>Tersina viridis</i>	212
<i>Asemospiza obscura</i>	213
<i>Volatinia jacarina</i>	214
<i>Sporophila lineola</i>	215
<i>Sporophila plumbea</i>	216
<i>Sporophila bouvronides</i>	217
<i>Sporophila caerulescens</i>	218
<i>Sporophila nigrorufa</i>	219
<i>Sporophila bouvreuil</i>	220
<i>Sporophila hypoxantha</i>	221
<i>Sporophila ruficollis</i>	222
<i>Sporophila iberaensis</i>	223
<i>Sporophila palustris</i>	224
<i>Sporophila hypochroma</i>	225
<i>Sporophila cinnamomea</i>	226
<i>Thlypopsis sordida</i>	227
<i>Conirostrum speciosum</i>	228
<i>Sicalis citrina</i>	229
<i>Sicalis luteola</i>	230

Índice de nomes em Inglês

Fulvous Whistling-Duck.....	39
White-faced Whistling-Duck.....	40
Black-bellied Whistling-Duck.....	41
Coscoroba Swan.....	42
Orinoco Goose.....	43
Comb Duck.....	44
Ringed Teal.....	45
Silver Teal.....	46
Red Shoveler.....	47
Chiloe Wigeon.....	48
White-cheeked Pintail.....	49
Rosy-billed Pochard.....	50
Masked Duck.....	51

Lake Duck	52
White-tufted Grebe	53
Least Grebe	54
Pied-billed Grebe.....	55
Great Grebe	56
Picazuro Pigeon	57
Spot-winged Pigeon.....	58
Blue Ground-Dove	59
Ash-colored Cuckoo	60
Dark-billed Cuckoo.....	61
Yellow-billed Cuckoo	62
Pearly-breasted Cuckoo.....	63
Rufous Nightjar	64
Short-tailed Nighthawk.....	65
Little Nightjar	66
Scissor-tailed Nightjar	67
Least Nighthawk	68
Nacunda Nighthawk	69
Common Nighthawk	70
Lesser Nighthawk	71
Sick's Swift	72
Fork-tailed Palm-Swift.....	73
Ruby-topaz Hummingbird.....	74
Black-throated Mango.....	75
Blue-tufted Starthroat.....	76
Purple Gallinule.....	77
Azure Gallinule	78
Paint-billed Crake	79
Spotted Rail.....	80
White-winged Coot.....	81
American Golden-Plover	82
Black-bellied Plover	83
Semipalmated Plover	84
Collared Plover.....	85
Black-necked Stilt.....	86
White-backed Stilt.....	87
Upland Sandpiper.....	88
Eskimo Curlew	89
American Whimbrel	90
Hudsonian Godwit.....	91
Ruddy Turnstone	92
Red Knot.....	93
Ruf	94
Stilt Sandpiper	95
Sanderling	96

Baird's Sandpiper.....	97
Least Sandpiper	98
White-rumped Sandpiper	99
Buff-breasted Sandpiper	100
Pectoral Sandpiper	101
Semipalmated Sandpiper	102
Giant Snipe	103
South American Snipe.....	104
Wilson's Phalarope	105
Spotted Sandpiper	106
Solitary Sandpiper	107
Greater Yellowleg	108
Lesser Yellowlegs	109
Sabine's Gull	110
Brown-hooded Gull.....	111
Gray-hooded Gull	112
Laughing Gull.....	113
Franklin's Gull.....	114
Black Skimmer.....	115
Yellow-billed Tern.....	116
Large-billed Tern	117
Black Tern.....	118
Common Tern	119
Snowy-crowned Tern.....	120
Maguari Stork	121
Jabiru	122
Wood Stork	123
Magnificent Frigatebird	124
Anhinga.....	125
Neotropic Cormorant.....	126
Striated Heron	127
Cattle Egret.....	128
Great Egret.....	129
Little Blue Heron.....	130
White-faced Ibis.....	131
Bare-faced Ibis	132
Roseate Spoonbill.....	133
Turkey Vulture.....	134
Osprey	135
White-tailed Kit.....	136
Swallow-tailed Kite.....	137
Snail Kite.....	138
Rufous-thighed Kite	139
Mississippi Kite	140
Plumbeous Kite	141

Broad-winged Hawk.....	142
Swainson's Hawk.....	143
Peregrine Falcon	144
White-winged Becard	145
Crested Becard.....	146
Cliff Flycatcher	147
Plain Tyrannulet	148
Large Elaenia	149
Chilean Elaenia.....	150
Small-billed Elaenia.....	151
Lesser Elaenia	152
Greenish Elaenia	153
Mouse-colored Tyrannulet.....	154
Bearded Tachuri.....	155
Crested Doradito.....	156
Subtropical Doradito	157
Warbling Doradito	158
White-crested Tyrannulet	159
Straneck's Tyrannulet.....	160
Rufous-tailed Attila.....	161
Piratic Flycatcher.....	162
Swainson's Flycatcher	163
Great Kiskadee	164
Streaked Flycatcher.....	165
Social Flycatcher.....	166
White-throated Kingbird.....	167
Tropical Kingbird	168
Fork-tailed Flycatcher	169
Eastern Kingbird.....	170
Crowned Slaty Flycatcher	171
Variegated Flycatcher	172
Southern Scrub-Flycatcher	173
White-headed Marsh Tyrant.....	174
Black-backed Water-Tyrant.....	175
Vermilion Flycatcher.....	176
Cock-tailed Tyrant.....	177
Strange-tailed Tyrant.....	178
Bran-colored Flycatcher	179
Euler's Flycatcher	180
Alder Flycatcher	181
Tropical Pewee.....	182
Yellow-browed Tyrant.....	183
Spectacled Tyrant.....	184
Cinereous Tyrant	185
Hudson's Black-Tyrant.....	186

White-rumped Monjita	187
White Monjita.....	188
Gray Monjita	189
Red-eyed Vireo.....	190
Chivi Vireo	191
Blue-and-white Swallow	192
Tawny-headed Swallow	193
Southern Rough-winged Swallow	194
Brown-chested Martin	195
Purple Martin	196
Gray-breasted Martin	197
Southern Martin	198
White-winged Swallow	199
White-rumped Swallow.....	200
Bank Swallow	201
Barn Swallow.....	202
Cliff Swallow	203
Veery	204
Creamy-bellied Thrush	205
Eastern Slaty Thrush.....	206
White-banded Mockingbird.....	207
Hooded Siskin.....	208
Bobolink.....	209
Connecticut Warbler.....	210
Black-backed Grosbeak	211
Swallow Tanager.....	212
Dull-colored Grassquit	213
Blue-black Grassqui	214
Lined Seedeater	215
Plumbeous Seedeater	216
Lesson's Seedeater	217
Double-collared Seedeater	218
Black-and-tawny Seedeater.....	219
Copper Seedeater	220
Tawny-bellied Seedeater	221
Dark-throated Seedeater	222
Ibera Seedeater	223
Marsh Seedeater	224
Rufous-rumped Seedeater.....	225
Chestnut Seedeater	226
Orange-headed Tanager.....	227
Chestnut-vented Conebill.....	228
Stripe-tailed Yellow-Finch.....	229
Grassland Yellow-Finch	230



PRODESENVOLVE
MATO GROSSO DO SUL

SEMADESC
Secretaria de Estado
de Meio Ambiente,
Desenvolvimento, Ciência,
Tecnologia e Inovação



GOVERNO DE
**Mato
Grosso
do Sul**

ISBN: 978-65-01-98123-9

CBL



9 786501 981239